

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação:
Conhecimento e Inclusão Social

Cleideni Alves do Nascimento Acco

LETRAMENTO LITERÁRIO E EXPERIÊNCIAS SOCIOCULTURAIS: memórias e narrativas compartilhadas entre alunas da Universidade Aberta à Terceira Idade

BELO HORIZONTE
2024

Cleideni Alves do Nascimento Acco

LETRAMENTO LITERÁRIO E EXPERIÊNCIAS SOCIOCULTURAIS: memórias e narrativas compartilhadas entre alunas da Universidade Aberta à Terceira Idade

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Zélia Versiani Machado

Linha de pesquisa: Educação e Linguagem.

A172l
T

Acco, Cleideni Alves do Nascimento, 1979-

Letramento literário e experiências socioculturais [manuscrito] :
memórias e narrativas compartilhadas entre alunas da Universidade Aberta à
Terceira Idade / Cleideni Alves do Nascimento Acco. -- Belo Horizonte, 2024.
232 f. : enc, il., color.

Tese -- (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação.

Orientadora: Maria Zélia Versiani Machado.

Bibliografia: f. 210-214.

Apêndices: f. 215-230.

Anexos: f. 231-232.

1. Universidade do Estado da Bahia -- Universidade Aberta para a
Terceira Idade -- Teses. 2. Educação -- Teses. 3. Idosos -- Educação --
Teses. 4. Literatura -- Estudo e ensino -- Teses. 5. Idosos -- Ensino superior -
- Teses. 6. Idosos -- Aspectos sociais -- Teses. 7. Ensino superior -- Bahia --
Teses.

I. Título. II. Machado, Maria Zélia Versiani, 1958-. III. Universidade
Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 374.00846

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ATA

**DEFESA DE TESE DA ALUNA
CLEIDENI ALVES DO NASCIMENTO ACCO**

Realizou-se, no dia 13 de maio de 2024, às 14:00 horas, em plataforma virtual, a 969ª defesa de tese, intitulada *LETRAMENTO LITERÁRIO E EXPERIÊNCIAS SOCIOCULTURAIS: memórias e narrativas compartilhadas entre alunas da Universidade Aberta à Terceira Idade*, apresentada por CLEIDENI ALVES DO NASCIMENTO ACCO, número de registro 2020651321, graduada no curso de LETRAS, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Maria Zélia Versiani Machado - Orientador (UFMG), Prof(a). Francisca Izabel Pereira Maciel (UFMG), Prof(a). Telma Borges da Silva (UFMG), Prof(a). Gean Paulo Gonçalves Santana (UNEB), Prof(a). Marta Passos Pinheiro (CEFET/MG).

A comissão considerou a tese: aprovada, destacando a relevância e originalidade da temática, a qualidade teórica e metodológica da pesquisa em diálogo com as análises e as significativas contribuições para o campo de estudos do letramento literário.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 13 de maio de 2024.

Prof(a). Maria Zélia Versiani Machado (Doutor)

Prof(a). Francisca Izabel Pereira Maciel (Doutor)

Prof(a). Telma Borges da Silva (Doutora)

Prof(a). Gean Paulo Gonçalves Santana (Doutor)

Prof(a). Marta Passos Pinheiro (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Francisca Izabel Pereira Maciel, Professora do Magistério Superior**, em 14/05/2024, às 11:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Zelia Versiani Machado, Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 14/05/2024, às 19:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Telma Borges da Silva, Professora do Magistério Superior**, em 14/05/2024, às 19:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gean Paulo Gonçalves Santana, Usuário Externo**, em 14/05/2024, às 22:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marta Passos Pinheiro, Usuária Externa**, em 03/06/2024, às 20:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3239934** e o código CRC **BC0DB409**.

Ao meu divino e amado mestre Jesus Cristo,
sem o seu amparo, verdadeiramente, este
trabalho não teria sido possível.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte primeira de vida, que alimenta a minha alma e sustenta o meu existir.

À Maria Santíssima, pelo constante amor e cuidado com os quais me envolve e me protege.

À minha amada e saudosa mãe, Valdivina Rosa de Jesus, que sempre acreditou em mim e me ensinou a acreditar em mim mesma.

Aos meus queridos irmãos, Tércio, Cleide e Dércio, que participaram efetivamente da minha trajetória e sempre me apoiaram a ir mais longe.

Ao meu amado esposo, André Luiz, e à minha amada filha, Maria Beatriz, pela compreensão, pelo apoio, pela paciência e por estarem ao meu lado alegrando a minha vida.

Às minhas preciosas amigas, Vanuza Grigoletto e Lucélia Matos, pelas diversas formas com que me ajudaram, desde o suporte familiar até o apoio emocional.

À minha querida orientadora, Maria Zélia Versiani Machado, que conquistou a minha admiração como profissional e o meu sincero afeto como pessoa.

Aos professores da Faculdade de Educação, Gilcinei Carvalho, Célia Abicalil, Francisca Maciel e Telma Borges, que contribuíram grandemente para a minha formação no doutorado.

Às professoras Aline Brito e Francisca Maciel, pelas ricas contribuições apontadas na qualificação deste trabalho.

Aos professores da banca de defesa, Marta Passos, Gean Paulo Gonçalves, Francisca Maciel e Telma Borges, que solicitamente aceitaram ler e avaliar este trabalho final.

A todos os colegas da pós-graduação que fizeram parte deste percurso, em especial Luciana Buccini e Regina Corrêa, que, mesmo à distância, estiveram sempre muito próximas, compartilhando dúvidas, ideias e também os bons êxitos dessa caminhada.

À Universidade do Estado da Bahia, na pessoa de Ariosvaldo Gomes, diretor do Departamento de Educação do *Campus X* na ocasião da pesquisa de campo, que me ofereceu todas as condições favoráveis para a realização da pesquisa.

Aos colegas do Colegiado de Letras Inglês, Jacqueline Marcelino, Vagno Vales, Marcelle Donato, Igor Mascarenhas e Ana Carolina Brito, pelo suporte profissional que me deram.

Ao professor Gean Paulo Gonçalves Santana, coordenador do projeto de extensão UATI/CEVITI, sempre muito acolhedor e solícito, colaborando no que fosse necessário para o bom êxito da pesquisa.

Às senhoras, voluntárias da pesquisa, que muito gentilmente aceitaram o meu convite e compartilharam de maneira muito generosa seus valiosos saberes.

Às minhas generosas colegas de trabalho, Ivana Gund e Crysna Bonjardim, que me ajudaram com ideias, sugestões e indicações de leitura. E um agradecimento especial à minha colega Karina Sales, pela valiosa leitura do meu texto.

À discente Acsa Rodrigues, pelo suporte técnico durante a coleta de dados e pela colaboração na revisão das transcrições.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), pelo financiamento deste estudo.

Vivelhecer

Existimos somente agora
e tudo o que há em nós já é história...

... gravada no corpo,
... gravada na mente,
... gravada na alma.

E entre lembranças, esquecimentos e novos acontecimentos,
vivemos e envelhecemos a cada momento. (Cleideni Acco)

RESUMO

Partindo do pressuposto de que experiência, memória e identidade estão interligadas, compondo as narrativas humanas, e que somos seres narrativos por natureza, mantendo constante contato com narrativas que atravessam nossas existências, esta pesquisa buscou compreender como as experiências socioculturais envolvendo as mais diversas expressões artísticas podem influenciar a constituição da identidade de um indivíduo no decorrer da sua história de vida, configurando-se como um processo natural de letramento literário a partir das suas vivências. Com esse intuito, delimitou-se como sujeitos da pesquisa um grupo de pessoas idosas que participam de um projeto de extensão universitária. O recorte desse grupo da terceira idade, ativo e participante de atividades artísticas, lúdicas, físicas e cognitivas, visou conhecer e compreender a importância das experiências socioculturais ao longo de suas trajetórias, com ênfase na fase da vida na qual essas pessoas se encontram, a velhice. Assim, este estudo investigou o processo de letramento literário através das experiências socioculturais simbólicas entre as participantes do projeto de extensão *Campus X – Educação – Vida – Terceira Idade* (CEVITI), desenvolvido no Departamento de Educação (*Campus X*), que faz parte do programa Universidade Aberta para a Terceira Idade (UATI), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na cidade de Teixeira de Freitas. Para isso, foi analisada a relação entre experiências socioculturais, repertório cultural gerado através dessas experiências, bem como aspectos subjetivos e intersubjetivos envolvidos no processo de letramento literário das pessoas idosas participantes do projeto de extensão UATI/CEVITI (UNEB). Trata-se de uma pesquisa qualitativa de perspectiva etnográfica aliada a uma estratégia de pesquisa-ação. A fase da coleta de dados aconteceu entre março e agosto de 2022 e foi dividida em três etapas. Durante esse período, foram realizadas entrevistas iniciais, encontros do grupo focal e entrevistas finais. O conceito de letramento literário que embasa este estudo compreende o letramento como uma prática social que não se restringe somente ao âmbito escolar. Nessa perspectiva, cada pessoa formaria um repertório cultural ao longo da vida através de suas experiências artístico-culturais. Assim, tal repertório abrangeria como literários todos os gêneros narrativos de natureza ficcional e poética. Para análise dos dados, as experiências artístico-culturais vivenciadas pelos sujeitos de pesquisa foram divididas entre memórias das experiências de infância e juventude, e memórias de experiências vivenciadas na terceira idade, no projeto de extensão UATI/CEVITI. Os resultados revelaram que, na infância e na juventude, as participantes tiveram experiências predominantemente de natureza oral e coletiva, vinculadas ao âmbito familiar e a círculos de amizades. Suas memórias dessas vivências expressam sentimentos de alegria, pertencimento e saudosismo, e em seus repertórios culturais há ainda muitas lembranças de histórias, cantigas, brincadeiras e datas comemorativas. Já as experiências socioculturais vivenciadas no projeto de extensão apontam para o caráter integrador, renovador e inclusivo dessas atividades na terceira idade. Através dessas novas experiências vivenciadas coletivamente, as senhoras participantes do projeto criam novos referenciais sociais que as ajudam a se manter física e intelectualmente ativas, assim como a manter o equilíbrio psicoemocional na velhice.

Palavras-chave: Letramento literário; Experiências socioculturais; Memórias; Narrativas; Terceira idade.

ABSTRACT

Based on the assumption that experience, memory and identity are interconnected, composing human narratives, and that we are narrative beings by nature, maintaining constant contact with narratives that permeate our existence, this research sought to understand how sociocultural experiences involving the most diverse artistic expressions can have influence on the constitution of an individual's identity throughout his/her life history, configuring themselves as a natural process of literary literacy based on their experiences. For this purpose, it was defined as research subjects a group of elderly people who participate in a university extension project. The selection of this third age group, active and participating in artistic, recreational, physical and cognitive activities, aimed to know and understand the importance of sociocultural experiences throughout their trajectories, with emphasis on their current stage of life, the old age. Thus, this study investigated the process of literary literacy through symbolic sociocultural experiences among participants in the extension project Campus X – Education – Life – Third Age (CEVITI), developed in the Department of Education (Campus X), which is part of the program Third Age Open University (UATI), at the State University of Bahia (UNEB), in the city of Teixeira de Freitas. With this aim, the research analyzed the relationship between sociocultural experiences, cultural repertoire generated through these experiences, as well as subjective and intersubjective aspects involved in the literary literacy process of elderly women participating in the UATI/CEVITI (UNEB) extension project. This is qualitative research from an ethnographic perspective combined with an action research strategy. The data collection phase took place between March and August 2022 and was divided into three stages. During this time period, initial interviews, focus group meetings and final interviews were carried out. The concept of literary literacy which underpins this study understands literacy as a social practice that is not restricted to the school environment. From this perspective, each person would form a cultural repertoire throughout their life through their artistic-cultural experiences. Thus, such a repertoire would encompass all narrative genres of a fictional and poetic nature as literary ones. For data analysis, the artistic-cultural experiences of the research subjects were divided between memories of experiences from childhood and youth, and memories of experiences lived in old age in the UATI/CEVITI extension project. The results revealed that, in childhood and youth, the participants had experiences predominantly of an oral and collective nature, linked to the family environment and friendship circles. Their memories of these experiences express feelings of joy, belonging and nostalgia, and in their cultural repertoires there are still many memories of stories, songs, games and commemorative dates. The sociocultural experiences lived in the extension project point to the integrative, renewing and inclusive nature of these activities in old age. Through these new experiences lived collectively, the women who participated in the project create new social references that help them to remain physically and intellectually active, as well as to maintain psycho-emotional balance in old age.

Keywords: Literary literacy; Sociocultural experiences; Memories; Narratives; Third age.

RESUMEN

Partiendo del supuesto de que la experiencia, la memoria y la identidad están interconectadas, componiendo las narrativas humanas y que somos seres narrativos por naturaleza, manteniendo contacto constante con las narrativas que permean nuestra existencia, esta investigación buscó comprender cómo las experiencias socioculturales, involucrando las más diversas expresiones artísticas, pueden influir en la constitución de la identidad de un individuo a lo largo de su historia de vida, configurándose como un proceso natural de alfabetización literaria a partir de sus experiencias. Para ello, se definió como sujetos de investigación a un grupo de personas mayores que participan en un proyecto de extensión universitaria. La selección de este grupo de tercera edad, activo y participante de actividades artísticas, recreativas, físicas y cognitivas, tuvo como objetivo conocer y comprender la importancia de las experiencias socioculturales a lo largo de sus trayectorias, con énfasis en la etapa de la vida en la que se encuentran, la vejez. Así, este estudio investigó el proceso de alfabetización literaria a través de experiencias socioculturales simbólicas entre participantes del proyecto de extensión Campus Universitario Abierto para la Tercera Edad (UATI), de la Universidad Estadual de Bahía (UNEB), en la ciudad de Teixeira de Freitas. De esta manera, se analizó la relación entre experiencias socioculturales, así como el repertorio cultural generado a través de estas experiencias, así como aspectos subjetivos e intersubjetivos involucrados en el proceso de alfabetización literaria de mujeres adultas mayores participantes del proyecto de extensión UATI/CEVITI (UNEB). Se trata de una investigación cualitativa desde una perspectiva etnográfica combinada con una estrategia de investigación acción. La fase de recolección de datos se desarrolló entre marzo y agosto de 2022 y se dividió en tres etapas. Durante este período se realizaron entrevistas iniciales, reuniones de grupos focales y entrevistas finales. El concepto de alfabetización literaria, que sustenta este estudio, entiende la alfabetización como una práctica social que no se restringe al ámbito escolar. Desde esta perspectiva, cada persona formaría un repertorio cultural a lo largo de su vida a través de sus experiencias artístico-culturales. Así, tal repertorio abarcaría todos los géneros narrativos de carácter ficticio y poético como literario. Para el análisis de los datos, las experiencias artístico-culturales vividas por los participantes se dividieron entre recuerdos de experiencias de la niñez y juventud, y recuerdos de experiencias vividas en la vejez en el proyecto de extensión UATI/CEVITI. Los resultados revelaron que, en la infancia y la juventud, los participantes vivieron experiencias predominantemente de carácter oral y colectivo, vinculadas al entorno familiar y a los círculos de amistad. Sus recuerdos de estas experiencias expresan sentimientos de alegría, pertenencia y nostalgia y en sus repertorios culturales aún quedan muchos recuerdos de cuentos, canciones, juegos y fechas conmemorativas. Las experiencias socioculturales vividas en el proyecto apuntan al carácter integrador, renovador e inclusivo de estas actividades en la vejez. A través de estas nuevas experiencias vividas colectivamente, las mujeres participantes en el proyecto crean nuevos referentes sociales que les ayudan a mantenerse activas física e intelectualmente, así como a mantener el equilibrio psicoemocional en la vejez.

Palabras clave: Alfabetización literaria; Experiencias socioculturales; Memorias; Narrativas; Tercera edad.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Poema da infância lembrado por dona Maria do Carmo.....	93
Quadro 2 – Impactos do isolamento social na vida das voluntárias durante a pandemia de Covid-19.....	109
Quadro 3 – Objetos de recordação de eventos do projeto CEVITI.....	114
Quadro 4 – Objetos de recordação de trabalhos manuais do projeto CEVITI.....	117
Quadro 5 – Objetos de recordação de textos vinculados ao projeto CEVITI.....	120
Quadro 6 – Experiência de leitura do livro de imagens.....	131
Quadro 7 – Diálogo entre a obra e a experiência pessoal.....	135
Quadro 8 – Impressões das participantes sobre a leitura do conto.....	141
Quadro 9 – Impressões das participantes sobre a leitura do conto.....	142
Quadro 10 – Impressões das participantes sobre a leitura do cordel audiovisual.....	144
Quadro 11 – Reflexões sobre o potencial da pessoa idosa.....	147
Quadro 12 – Comparação das mudanças de geração familiar de dona Lurdes.....	189
Quadro 13 – Comparação das mudanças de geração familiar de dona Lau.....	191
Quadro 14 – Comparação das mudanças de geração familiar de dona Elisabete.....	193
Quadro 15 – Comparação das mudanças de geração familiar de dona Maria do Carmo.....	195

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
CEVITI – *Campus X* – Educação – Vida – Terceira Idade
Covid-19 – Doença do Coronavírus 2019
FaE – Faculdade de Educação
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
LICEEI – Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena
OMS – Organização Mundial de Saúde
ONU – Organização das Nações Unidas
PIEEI – Pedagogia Intercultural em Educação Escolar Indígena
SESC – Serviço Social do Comércio
UATI – Universidade Aberta à Terceira Idade
UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UNEB – Universidade do Estado da Bahia
Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

FIOS INICIAIS.....	15
1 CONTEXTO HISTÓRICO DA UATI E DO PROJETO CEVITI: CONTRIBUIÇÕES PARA A TERCEIRA IDADE	24
1.1 Universidade Aberta para a Terceira Idade: uma bela história de inclusão das pessoas idosas	26
1.2 Projeto de extensão UATI/CEVITI: ressignificando a velhice	30
2 DIÁLOGOS TEÓRICOS QUE SUSTENTAM A PESQUISA	33
2.1 Letramento literário como prática sociocultural.....	33
2.2 Experiências socioculturais mediadas pela arte.....	38
2.3 Experiência e memória narrando a vida	43
3 A TRAJETÓRIA DA PESQUISA	48
3.1 Da natureza da pesquisa	48
3.2 Descrição da coleta de dados.....	54
3.3 Descrição dos instrumentos utilizados	54
3.3.1 Roteiro da entrevista inicial.....	55
3.3.2 Roteiros dos encontros do grupo focal.....	56
3.3.3 Roteiro de entrevista final	65
3.4 Uma breve apresentação das participantes	66
3.4.1 Dona Elisabete.....	66
3.4.2 Dona Clemência	67
3.4.3 Dona Bela.....	68
3.4.4 Dona Lau	69
3.4.5 Dona Lurdes	69
3.4.6 Dona Maria do Carmo.....	70
3.4.7 Dona Neiva.....	71
4 MEMÓRIAS DAS EXPERIÊNCIAS SOCIOCULTURAIS: NARRANDO SUAS VIVÊNCIAS.....	74
4.1 Experiências narrativas: memórias de suas vivências socioculturais literárias.....	75
4.2 Experiências literárias: entre versos e cantigas	91
4.3 Experiências socioculturais de letramento literário no CEVITI.....	96
4.4 Refletindo sobre os dados levantados.....	100
5 UATI/CEVITI: O IMPACTO DO ISOLAMENTO SOCIAL E A IMPORTÂNCIA DAS EXPERIÊNCIAS SOCIOCULTURAIS COMPARTILHADAS.....	102

5.1 Relatos das experiências de isolamento social das participantes do projeto UATI/CEVITI	102
5.2 Recordações do projeto UATI/CEVITI: rememorando acontecimentos significativos...	111
6 EXPERIÊNCIAS SOCIOCULTURAIS SIMBÓLICAS: CONSTRUINDO REPRESENTAÇÕES ENTRE A ARTE E A VIDA.....	125
6.1 Imagens em ação: leituras em conexão	127
6.2 O amor e o humor: desconstruindo estereótipos	137
7 CULTURA, MEMÓRIA E TRADIÇÃO TECENDO A ARTE DE VIVER.....	150
7.1 Sabores da infância: doces recordações e pitadas de afeto.....	150
7.2 Cantando a cultura de um povo	169
7.2.1 A aridez do Sertão: vidas em retirada	171
7.2.2 A magia das festas juninas	175
7.2.3 As vivências da feira na cultura nordestina.....	178
7.2.4 Histórias embaladas por canções.....	180
7.3 Laços familiares: desconstruindo velhos modelos de convivência	184
ARREMATES DESTA TECITURA	200
REFERÊNCIAS	210
APÊNDICE A – Roteiro da entrevista inicial.....	215
APÊNDICE B – Roteiros dos encontros do grupo focal do 3º ao 7º encontro	218
APÊNDICE C – Roteiro da entrevista final.....	226
APÊNDICE D – Termo de autorização de uso de imagem.....	227
APÊNDICE E – Termo de consentimento livre e esclarecido	228
ANEXO A – Imagem da folha de recordação de dona Elisabete.....	231
ANEXO B – Acróstico do livro “Trovas e rimas” escrito por dona Clemência	232

FIOS INICIAIS

Para começar, apresento um sucinto histórico dos caminhos que convergiram para a realização desta pesquisa; explico meu lugar de fala enquanto pesquisadora; menciono quais foram as questões norteadoras deste estudo; e discorro sobre algumas escolhas de nomenclatura dos sujeitos e da variedade de vozes que compõem a tecitura desta tese. A seguir, abordo o tema e os objetivos da pesquisa, seguidos pela justificativa que aponta para a relevância do estudo. Na continuidade, apresento uma revisão de literatura que dialoga com o tema pesquisado. Por fim, descrevo a organização estrutural desta tese, sua divisão em capítulos e o assunto de que trata cada um deles.

Antes de mais nada, considerando que esta pesquisa envolve pessoas, é importante esclarecer que foi seguido todo o trâmite legal para avaliação dos instrumentos de coleta de dados e da metodologia que seria utilizada para a sua aplicação. A proposta da pesquisa passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob o nº 4.805.187, e, na sequência, pelo Comitê de ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sob o nº 5.011.134, sendo aprovada pelos dois comitês respectivamente em junho e outubro de 2021.

A elaboração de uma proposta de pesquisa costuma ser fruto de um processo de construção acadêmica e/ou profissional, que surge a partir de experiências, inquietações e indagações pertinentes à nossa área de formação. Minha afeição pelos estudos literários começou ainda na minha graduação, cursando a Licenciatura em Letras Português/Inglês na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no Paraná. Assim, como parte integrante de um processo, a ideia para a realização desta pesquisa de doutorado tem sido pensada desde os meus estudos do mestrado (UEPG, 2012), quando eu me propus a analisar a construção da voz autoral na primeira obra das escritoras Carolina Maria de Jesus e Toni Morrison, buscando compreender a relação existente entre a trajetória de vida e a literatura, bem como o desenvolvimento de uma voz autoral autônoma, que resultaria em uma escrita identitária autêntica.

Igualmente importante para o amadurecimento da ideia desta pesquisa tem sido a minha trajetória como professora de estudos literários em um curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Inglesa, no Departamento de Educação da UNEB, em Teixeira de Freitas, desde 2012. É nesse cotidiano da sala de aula, assim como nos demais espaços de geração de conhecimento e partilha de saberes, que eu venho adquirindo experiência e ressignificando o meu modo de ser professora. É também nesse universo de trabalho que está

inserida esta pesquisa, dentro de um projeto de extensão universitária que atende ao público idoso desde 1997. Embora eu não tivesse atuado diretamente no projeto antes da realização desta pesquisa, falo do lugar de professora dessa instituição. Logo, essa relação professora-pesquisadora não é separável e, em muitas passagens desta tese, o leitor identificará a presença da professora juntamente com a da pesquisadora.

Ao longo da minha trajetória acadêmica e profissional, a questão da recepção da obra por parte do leitor sempre me instigou à curiosidade, levando-me a formular alguns questionamentos sobre a relação do leitor real com a literatura e a experiência sociocultural simbólica experimentada através da recepção de uma obra. Nessa perspectiva, eu desejava fazer uma pesquisa que envolvesse pessoas em espaços não formais de ensino e que evitasse focar apenas em análise de obras literárias. Foi no programa de doutorado em Educação (UFMG), na linha Educação e Linguagem, que encontrei uma proposta de pesquisa que estava em consonância direta com o tipo de estudo que eu pretendia desenvolver. Também no programa aprofundei e expandi meus conhecimentos sobre letramento, direcionando meu olhar para a vertente do letramento literário.

Dessa forma, a fim de buscar compreender se existiria um processo contínuo de aquisição de um repertório artístico-cultural, o qual se caracterizaria como uma forma de letramento literário extraescolar, constituído a partir das experiências socioculturais vivenciadas ao longo da vida, levantei os seguintes questionamentos para dar início à investigação: as experiências socioculturais, vivenciadas ou experimentadas simbolicamente através das expressões artísticas, gerariam memórias que formariam um repertório cultural pessoal? Que aspectos subjetivos e intersubjetivos estariam envolvidos nessas experiências? Qual a relevância de novas experiências socioculturais na velhice? Foram esses os questionamentos iniciais que direcionaram o desenvolvimento de toda a pesquisa.

No que diz respeito à escolha das formas de referir-me à faixa etária das participantes, explico o uso dos dois principais termos adotados ao longo desta pesquisa. Primeiro, o termo “terceira idade”, que é o mais recorrente em toda a tese. Trata-se de um termo histórico, que não só remete à origem dos programas de extensão universitária voltados para o público idoso, como nomeia a maior parte desses programas, inclusive aqui no Brasil. Além disso, esse termo faz uma distinção conceitual em oposição ao termo “velhice”, que é explicado no primeiro capítulo. O outro termo adotado é “pessoa idosa” ou “pessoas idosas” em substituição ao termo “idoso(a)” ou “idosos(as)”, com base na proposta do Projeto de Lei nº 3.646, de 2019, que altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, do Estatuto do Idoso. A alteração, sancionada em julho de 2022, defende que o acréscimo do termo “pessoa” lembra a necessidade de combate à

desumanização do envelhecimento, refletindo a luta dessas pessoas pelo direito à dignidade e à autonomia (BRASIL, 2022).

E, por fim, falo sobre a oscilação entre a primeira pessoa do singular e a primeira do plural ao longo do texto. Não seria possível padronizar e reduzir à escolha de apenas uma voz, considerando que há partes, como esta apresentação, em que se faz necessário expressar a subjetividade da pesquisadora, pois há uma história pessoal e profissional anterior a esta pesquisa, a qual implica diretamente os caminhos que foram trilhados. Nos momentos de contato com as senhoras, colaboradoras da pesquisa, utilizou-se tanto a primeira pessoa do singular para descrever, relatar ou explicar partes da abordagem metodológica para a coleta de dados, quanto a primeira pessoa do plural para relatar os momentos de interação entre a pesquisadora e as participantes da pesquisa. Além disso, a primeira pessoa do plural se refere a todos que participam do processo de construção de sentido, considerando que o estudo é plural e atravessado por diversas vozes, entre elas a voz imprescindível da minha orientadora, as vozes das participantes da pesquisa e todas as outras vozes que serviram de subsídio para construir e sustentar os argumentos defendidos nesta tese.

Passando para a descrição do trabalho, pontuo agora aspectos concernentes à natureza da pesquisa acadêmica e à organização estrutural da tese. O tema central deste estudo aborda as experiências socioculturais vivenciadas e/ou experimentadas simbolicamente através das relações mediadas pela arte, com ênfase no público da terceira idade, a fim de compreender a relevância da continuidade dessas experiências para manter a qualidade de vida da pessoa idosa, principalmente considerando os espaços de acolhida e interação ofertados pelos projetos do programa Universidade Aberta para a Terceira Idade (UATI). Dentro desse contexto mais amplo, insere-se o *locus* desta pesquisa, o projeto de extensão universitária CEVITI, que vem sendo desenvolvido no Departamento de Educação da UNEB, em Teixeira de Freitas, Bahia, desde 1997.

Em relação aos objetivos que norteiam esta pesquisa, partimos do objetivo principal de analisar a relação entre experiência sociocultural simbólica e repertório cultural, bem como aspectos subjetivos e intersubjetivos envolvidos no processo de letramento literário das idosas participantes do projeto de extensão UATI/CEVITI. A fim de conhecer parte das experiências socioculturais vivenciadas pelas voluntárias desde a infância e identificar o repertório cultural de cada uma, optamos por fazer uma entrevista inicial individual. A partir dessa primeira etapa, analisamos os tipos de associações que as senhoras estabelecem entre essas experiências e os objetos artístico-literários recordados ao longo da vida. A segunda etapa, que corresponde aos encontros do grupo focal, teve como objetivo avaliar como novas práticas de natureza artístico-

literárias, compartilhadas coletivamente, podem contribuir para o processo de letramento literário enquanto experiência sociocultural na terceira idade. Ao final dessa etapa, foi realizada uma entrevista final individual com as voluntárias que conseguiram permanecer por mais tempo nos encontros do grupo focal. O objetivo dessa entrevista final foi complementar os dados levantados no grupo focal, mas com um viés mais particular, considerando a avaliação de cada participante individualmente.

Na sequência, destaco alguns aspectos que apontam para a relevância desta pesquisa. O primeiro diz respeito à relevância acadêmico-científica da pesquisa no âmbito da universidade onde eu leciono, considerando o importante papel social que a instituição desenvolve no extremo sul da Bahia. A UNEB, com sede na cidade de Salvador, foi criada no ano de 1983, vinculada à Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia. Dentro de seu propósito de interiorização da Educação Superior, a UNEB, atualmente, possui 26 *campi* e 31 departamentos. O Departamento de Educação – *Campus X* – da UNEB, localizado no município de Teixeira de Freitas, situado a 918 quilômetros da capital do estado, tem forte tradição na formação de professores e vem licenciando docentes em diferentes áreas desde o ano de 1981. Atualmente, o Departamento de Educação dispõe dos seguintes cursos de graduação: Licenciatura em Pedagogia; Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas; Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Inglesa e Literaturas; Licenciatura em Matemática; Licenciatura em História; Licenciatura em Ciências Biológicas; Licenciatura em Educação Física; Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena (LICEEI); e a Pedagogia Intercultural em Educação Escolar Indígena (PIEEI), além de cursos de pós-graduação *latu sensu* e um programa de mestrado na área de Letras.

O segundo aspecto se refere à valorização do projeto de extensão universitária CEVITI, desenvolvido no Departamento de Educação (*Campus X*) da UNEB, que há mais 25 anos vem colaborando com a (re)inserção social da pessoa idosa, estimulando e desenvolvendo atividades de educação, cultura e lazer para pessoas de ambos os sexos, de qualquer nível socioeducacional, cuja faixa etária seja igual ou superior a 55 anos, quando o projeto começou em 1997. Nessa época, ainda não havia o estatuto do idoso que considera como idoso a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos. O referido projeto de extensão universitária tem uma grande relevância social no município, pois ao promover a (re)inserção da pessoa idosa através de diversas atividades educativas, artístico-culturais e de lazer, tem colaborado para a melhoria da qualidade de vida de centenas de idosos. Assim, esta pesquisa de doutorado pode contribuir também para ampliar os estudos no âmbito desse importante projeto.

O terceiro aspecto diz respeito à relevância do público participante da pesquisa, considerando que a expectativa de vida vem aumentando, logo o número de pessoas na terceira idade também vem crescendo. No Brasil, estima-se que, em 2025, “esse número chegará a 32 milhões, passando a ocupar o 6º lugar no mundo em número de idosos; e, em 2050, provavelmente, o número de pessoas idosas será maior ou igual ao de crianças e jovens de 0 a 15 anos” (BRASIL, 2003, p. 05). Dessa forma, faz-se necessário que a sociedade como um todo volte sua atenção para essa considerável parcela da população. Considera-se idoso, para fins de formalidade, a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos, conforme a Lei nº 10.747, de 1º de outubro de 2003, artigo 1º, que institui o Estatuto do Idoso como documento que regulamenta os direitos do cidadão idoso.

O quarto e último aspecto diz respeito à relevância das experiências socioculturais como forma de letramento literário para as pessoas idosas. Compreendemos a importância social deste estudo, pois o letramento literário é discutido em diferentes fases da vida, como a infância, a adolescência e a vida adulta, mas ainda é muito pouco relacionado à velhice. Relembrando que somos seres narrativos e que nos constituímos através de histórias, pode-se pressupor que as pessoas idosas, por trazerem uma respeitável bagagem de vivências ao longo da vida, teriam ricas memórias das suas experiências socioculturais para compartilhar.

Nas últimas décadas, têm surgido numerosas pesquisas voltadas para o público da terceira idade. No entanto, a grande maioria desses trabalhos é direcionada para a área de saúde, seguida pela área de educação formal. Como esta proposta de pesquisa não se insere na área da educação formal, busquei pesquisas que tratassem sobre as relações artístico-culturais na terceira idade. Assim, ao buscar, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), palavras-chave como “letramento literário na terceira idade”, “letramento literário para idosos” e “letramento literário para velhos”, “leitura literária na terceira idade”, “leitura literária para idosos” e “leitura literária para velhos”, nenhum trabalho diretamente relacionado ao tema desta pesquisa foi encontrado.

Também foi realizada uma pesquisa no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em busca de pesquisas cujo tema dialogasse com a nossa proposta de estudo, mas do mesmo modo não foi encontrado nenhum trabalho com tema em comum. Ao buscar no BDTD pelos termos “ensino de literatura para a terceira idade”, apenas duas pesquisas correlatas foram encontradas. A primeira (PRIETO, 2013) é uma pesquisa de doutorado que trata das convergências entre o cânone *shakespeariano* e a telenovela na formação crítica do leitor da terceira idade via tradução intersemiótica. A

segunda (MIGUEL, 2015) é uma pesquisa de mestrado que analisou a prática teatral como uma estratégia de emancipação da velhice.

A tese da pesquisadora Líliam Cristina Marins Prieto, intitulada *Multiletramentos e (re)inclusão social: convergências entre o cânone shakespeariano e a telenovela na formação crítica do leitor da terceira idade via tradução* (2013), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, defende que é possível formar leitores críticos na terceira idade por meio da aplicabilidade da tríade multiletramentos/agência/(re)inclusão social via tradução. Para tanto, a pesquisadora propôs uma disciplina intitulada “Literatura em língua inglesa e multimodalidades: Shakespeare e a telenovela”, a fim de discutir e de questionar a circulação de um texto literário canônico (a peça *A megera domada*, de William Shakespeare, na tradução de Alex Marins para a língua portuguesa) na indústria de massa (a telenovela *O Cravo e a Rosa*, da Rede Globo).

De forma específica, o estudo teve por foco verificar como se deu a recepção dessa circulação pelos alunos da terceira idade. Como um desdobramento da pesquisa, um *blog* criado na disciplina funcionou como um mediador da agência discente e da participação em sala de aula, pois foi um meio no qual os alunos divulgaram suas experiências pessoais com o texto literário *shakespeariano* e com a disciplina. De acordo com Prieto (2013), as hipóteses levantadas na pesquisa se confirmaram: 1) é possível formar leitores críticos na terceira idade; 2) os alunos da terceira idade têm uma posição favorável à tradução intersemiótica da literatura para a telenovela; 3) os alunos da terceira idade podem tornar-se agentes.

Os resultados apresentados pela pesquisadora mostram que os alunos passaram a ser agentes nas aulas de literatura, a partir das discussões proporcionadas pelo contato com modos diferentes de circulação do texto literário. Além disso, essa experiência revelou que os multiletramentos são um veículo valioso para o grupo social da terceira idade ao permitirem o exercício de sua agência tanto na comunidade virtual quanto na sociedade de modo geral. Nesse sentido, a formação crítica pela tradução e a (re)inclusão digital no contexto de convergência entre meios também desempenham um papel importante para o acesso desse público às artes e à cultura.

A dissertação de mestrado do pesquisador Diego Félix Miguel, intitulada *Processo artístico e terceira idade: oficinas de teatro como estratégia de emancipação da velhice* (2015), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Universidade de São Paulo, defende o envolvimento dos idosos em uma prática teatral como atividade que pode contribuir para a inclusão do idoso na vida social e, desse modo, favorecer sua emancipação, entendida como autonomia e independência na velhice.

O pesquisador buscou, com esse estudo, promover uma reflexão sobre a contribuição das oficinas de teatro para idosos e para a velhice enquanto construção sociocultural, possibilitando outra percepção a respeito de como as práticas teatrais promovidas em oficinas e cursos podem favorecer a articulação do idoso na vida social, assim como buscou verificar sua relação com diferentes faixas etárias, na desmitificação e na emancipação de idosos, e, desse modo, contribuir para o enriquecimento dos conceitos culturais de velhice.

Como resultado peculiar ao estudo, através do contato estabelecido com os idosos do grupo de teatro “Art&fato da Idade”, o pesquisador percebeu, através dos encontros realizados tanto no grupo focal como na oficina de teatro, que os três aspectos que emergiram intensamente foram família, convenções sociais e sexualidade, e que estes relacionam-se entre si e estão diretamente associados à emancipação. O processo artístico que é permeado por reflexões favorece a independência e a autonomia do idoso, produzindo a crítica necessária para a desmitificação da velhice. Miguel (2015) defende ainda que as atividades artísticas realizadas em grupo possibilitam maiores oportunidades de trocas entre os sujeitos que envelhecem, potencializando-os por meio da valorização de suas experiências e de seus repertórios pessoais, aspectos importantes para conhecer outras realidades.

Ao se atentar para os resultados das duas pesquisas, é possível observar que ambas contribuíram de modo muito efetivo para a valorização da pessoa idosa, permitindo que os participantes pudessem se sentir inseridos ativamente na vida sociocultural a partir das atividades realizadas. Além disso, trazem contribuições valiosas para os estudos que envolvem as experiências artísticas no desenvolvimento humano. Do mesmo modo, acreditamos que esta pesquisa tenha uma importante contribuição a trazer tanto na área de estudo dos letramentos, quanto para a inserção da pessoa idosa em contextos socioculturais que visem promover a valorização das memórias, da bagagem cultural e das experiências compartilhadas.

Quanto à organização desta tese, ela está dividida em sete capítulos. O primeiro deles traz um panorama histórico da UATI, desde o seu surgimento na França na década de 1970 até sua expansão no Brasil, assim como a história do projeto de extensão CEVITI, abordando os princípios que regem o seu funcionamento e o alcance da sua atuação. No segundo capítulo, são abordados os principais fundamentos teóricos que sustentam este estudo, tecendo um diálogo com as descobertas reveladas pela pesquisa. No terceiro capítulo, é apresentada a trajetória metodológica da pesquisa, descrevendo a sua natureza, assim como os instrumentos de coleta de dados e cada etapa do processo. Ao final desse capítulo, foi incluída também a apresentação das senhoras participantes da pesquisa, contando sucintamente a história de vida de cada uma delas.

No quarto capítulo, com foco nas análises das entrevistas iniciais, verificamos as trajetórias das experiências socioculturais das participantes desde a infância até a atualidade, observando quão significativas foram para elas essas vivências através dos relatos de suas memórias, assim como avaliando o papel do contexto sócio-histórico em cada fase de suas vidas. No quinto capítulo, analisamos o primeiro e o segundo encontro do grupo focal. No primeiro, a fim de fazer um contraponto para destacar a importância dos espaços de convivência social na terceira idade, solicitei às colaboradoras da pesquisa que falassem como foi para cada uma a experiência do isolamento social durante a pandemia de Covid-19, já que elas ficaram dois anos completos sem participar das atividades da UATI/CEVITI. No segundo encontro, pedi que escolhessem e levassem um objeto que fosse significativo para elas em relação a alguma experiência vivenciada ao longo do tempo de participação nesse projeto de extensão.

No sexto capítulo, analisamos a participação das voluntárias no terceiro e no quarto encontro do grupo focal. Nesses encontros, a partir de gêneros variados, elas tiveram contato com narrativas de imagens, verbais e audiovisuais, e interagiram entre si e com a pesquisadora, com base nessas obras. No sétimo e último capítulo, reunimos as análises do quinto, sexto e sétimo encontros, nos quais foram trabalhados poemas narrativos, músicas e narrativa audiovisual. Como já foi dito anteriormente, o objetivo desses encontros foi avaliar como novas práticas artístico-literárias, compartilhadas coletivamente, poderiam contribuir para o processo de letramento literário enquanto experiência sociocultural na terceira idade.

Para concluir, com base nos dados analisados, apresentamos os resultados revelados a partir das análises da trajetória de vida das participantes, no que diz respeito: às experiências socioculturais vivenciadas desde a infância; à participação de cada uma delas no projeto de extensão UATI/CEVITI; e à influência dessa vivência sobre a qualidade de vida da pessoa idosa. Por fim, a partir da proposta de compartilhar obras artístico-literárias em um grupo focal, observamos as interações e relações que elas conseguiram estabelecer entre as representações da arte e suas experiências de vida.

Ao abordar as experiências socioculturais mediadas pela arte e a sua importância no desenvolvimento identitário das senhoras voluntárias da pesquisa, o tema, ainda que restrito a um grupo da terceira idade, diz respeito a todas as pessoas, independentemente da idade. Como pesquisadora, quero declarar que tive uma grande satisfação com o desenvolvimento desta pesquisa, tanto pelo seu valor acadêmico quanto pelo seu valor humano. O contato com essas senhoras, sempre cheio de alegria e afeto, foi uma aprendizagem para mim. Suas histórias também evocaram as minhas memórias pessoais. Nos seus relatos, identifiquei parte da história dos meus pais, aspectos que remetiam às narrativas de vida que a minha saudosa mãe costumava

contar. Enfim, fios de muitas narrativas que tecem nossas vidas e nos distinguem como seres humanos. Talvez, os leitores desta tese também possam encontrar alguns fios de suas histórias na tecitura dos relatos dessas senhoras.

1 CONTEXTO HISTÓRICO DA UATI E DO PROJETO CEVITI: CONTRIBUIÇÕES PARA A TERCEIRA IDADE

É notório que a população mundial vem envelhecendo. O nível de natalidade tem caído, e a expectativa de vida tem aumentado nas últimas décadas, tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento, nestes de maneira ainda mais acentuada. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), conforme mostra o gráfico da evolução dos grupos etários (2010-2060), em meados de 2040 estima-se que o número de pessoas idosas com 65 anos ou mais ultrapasse o número de jovens até 14 anos de idade. O índice de envelhecimento deve chegar a 118,63 idosos para cada 100 adolescentes em 2044.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o aumento da expectativa de vida é uma das maiores conquistas coletivas, considerando que ele reflete os avanços no desenvolvimento social e econômico, assim como na saúde. Por trás dessa conquista há toda uma rede que abrange desde o saneamento básico e oferta de água potável até campanhas de vacinação, redução da mortalidade infantil e materna, acesso à educação, políticas de redistribuição de renda, avanços na medicina e demais áreas da ciência.

Diante desse cenário de crescimento da esperança de vida no mundo todo, incluindo o Brasil, faz-se necessário discutir e propor políticas públicas, programas e projetos que tenham como objetivo oferecer melhores condições de vida, saúde e bem-estar para as pessoas idosas. O Estado brasileiro precisa se organizar para atender às novas demandas do sistema de saúde e do sistema previdenciário, assim como propor ações preventivas que objetivem o bem-estar social que esse público demanda. Do mesmo modo, faz-se necessário que a sociedade civil se mobilize para atender às necessidades do público idoso, considerando que dentro de 30 anos ele deve corresponder a 30.30% da população total do país (OMS, 2022).

Tal contexto de envelhecimento crescente da população deve levar as pessoas a reverem sua ideia de velhice e o papel da pessoa idosa na sociedade. Não é mais aceitável pensar que a velhice é uma fase de ociosidade, de incapacidade, de limitação e restrição. As pessoas idosas têm contribuído ativamente para o desenvolvimento do país, seja através do seu próprio trabalho, seja dando suporte doméstico e/ou financeiro para que seus familiares possam estudar e/ou trabalhar.

Além disso, elas são extremamente capazes e, muitas delas, estão dispostas a aprender coisas novas. Considerando que há uma grande parcela da população idosa que já não está mais no mercado de trabalho formal e que, por isso, não tem que cumprir uma jornada diária de trabalho, muitos podem dedicar parte do seu tempo para buscar novas aprendizagens que os

ajudem a manter-se física e intelectualmente ativos. Nesse sentido, o fomento de programas e projetos que visem oferecer ao público idoso um espaço de novas aprendizagens e experiências socioculturais, com atividades que desenvolvam o intelecto, as habilidades corporais e os trabalhos manuais, é de suma importância para levar qualidade de vida às pessoas idosas.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) adotou o termo “envelhecimento ativo” para expressar o processo de conquista de uma vida mais longa acompanhada de contínuas oportunidades de saúde, participação e segurança. “A palavra ‘ativo’ refere-se à participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho” (OMS, 2005, p. 13). A luta pela participação ativa das pessoas idosas nos diversos âmbitos da sociedade deve ser uma constante, pois ainda há muitos direitos que precisam ser conquistados, principalmente quando se trata de países com maior disparidade de distribuição de renda.

Segundo a OMS (2005), o envelhecimento ativo seria influenciado por uma gama de determinantes, entre eles: determinantes econômicos; serviços sociais e de saúde; determinantes comportamentais; determinantes pessoais; ambiente físico; determinantes sociais. Além desses determinantes, a cultura e o gênero atuam como determinantes transversais dentro dessa estrutura. “A cultura, que abrange todas as pessoas e populações, modela nossa forma de envelhecer, pois influencia todos os outros fatores determinantes do envelhecimento ativo” (OMS, 2005, p. 20). Sua ação incide sobre o modo como uma determinada sociedade trata as pessoas idosas e encara o processo de envelhecimento; influencia na convivência entre as pessoas idosas e as gerações mais novas; e atua na busca por comportamentos de vida mais saudáveis.

Quanto ao fator gênero, ele também incide diretamente sobre o envelhecimento. Em todo o mundo, as estatísticas revelam que a expectativa de vida é maior entre as mulheres. No Brasil, o último censo (IBGE, 2022) apontou que a expectativa de vida, para quem nasceu em 2021, é de 73,6 anos para os homens e 80,5 anos para as mulheres. No projeto UATI/CEVITI, pelo menos 95% das pessoas atendidas são mulheres. Inclusive, o grupo de participantes desta pesquisa é composto integralmente de mulheres e, dentre as sete voluntárias, seis já são viúvas.

A diferença de estilo de vida entre homens e mulheres contribui para um maior tempo de vida para elas. A OMS (2005) aponta que os homens jovens e adultos estão mais sujeitos a lesões incapacitantes ou morte devido à violência, aos riscos ocupacionais e ao suicídio. Também assumem comportamentos de maior risco, como fumar, consumir bebidas alcoólicas e drogas, além de se expor desnecessariamente ao risco de lesões.

Diante do desafio de garantir um envelhecimento ativo à população de um modo geral, faz-se necessário um trabalho em conjunto, que não envolva somente o poder público, mas diversas outras instâncias da sociedade, que também poderiam desenvolver ações voltadas para atender o público da terceira idade, tais como: associações de moradores de bairros; associações de condomínios; igrejas e demais espaços de manifestações religiosas; escolas, faculdades e universidades; empresas privadas. Enfim, há uma gama de possibilidades. No entanto, é necessário que haja iniciativa e mobilização coletiva para que nesses espaços sejam oferecidas atividades e cursos que incluam as pessoas idosas, valorizando os seus saberes e lhes propondo novos desafios de aprendizagem.

Vale lembrar que, a partir de uma iniciativa como as mencionadas, teve início um dos mais difundidos e relevantes programas de atenção às pessoas idosas do país. Sem sombra de dúvida, a Universidade Aberta para a Terceira Idade (UATI) se caracteriza como um dos mais importantes programas em atividade no Brasil desde a década de 1980. Na sequência, tratamos sobre o surgimento da Universidade para a Terceira Idade na França, sobre a história do programa UATI no Brasil e, na sequência, sobre a história do projeto de extensão UATI/CEVITI (Campus X – Educação - Vida - Terceira Idade), desenvolvido no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na cidade de Teixeira de Freitas (BA).

1.1 Universidade Aberta para a Terceira Idade: uma bela história de inclusão das pessoas idosas

Todas as boas ideias que visem ao desenvolvimento humano e ao bem-comum deveriam ser rapidamente replicadas para que pudessem beneficiar o maior número possível de pessoas. Poderíamos dizer que, felizmente, foi isso o que aconteceu a partir da ideia de abrir espaço para as pessoas idosas nas universidades e centros de ensino. Desde a origem da ideia até a execução, a divulgação, a propagação e as novas execuções, o programa UATI tem construído uma história de muito sucesso ao longo do tempo, chegando a diversos países ao redor do mundo.

Originalmente, a ideia de incluir as pessoas idosas no espaço da universidade e oferecer a elas oportunidades de aperfeiçoamento pessoal e profissional, assim como atividades para ocupar o tempo ocioso, surgiu na França, na década de 1960, com o nome Universidade do Tempo Livre (CACHIONI, 2012). Esse programa foi precursor da Universidade da Terceira Idade que viria a surgir no início da década de 1970 em Toulouse, idealizada pelo professor de Direito Internacional da Faculdade de Ciências Sociais, Pierre Vellas (CACHIONI et al., 2015).

Vellas enxergava a sua proposição da Universidade da Terceira Idade como algo inovador e promissor, e já de início ele idealizava um programa para todas as pessoas idosas, sem restrição de nível de escolaridade ou renda. Na sua visão, os programas deveriam oferecer atividades intelectuais, de lazer, artísticas e atividades físicas (CACHIONI; NERI, 2004). Esses princípios defendidos por ele permanecem até a atualidade nos diversos programas da UATI que são desenvolvidos mundo afora.

Antes de tratarmos um pouco mais sobre a origem da Universidade da Terceira Idade, vale abrir um parêntese para explicar o surgimento do termo “terceira idade” e a diferença conceitual que há entre esse termo e o termo “velhice”. O sociólogo francês Caradec (2016), importante referência no campo de estudo sobre o envelhecimento, explica que o termo “terceira idade” surgiu na França, na década de 1970, para nomear um espaço temporal entre a idade adulta e a real velhice. Mas não se trata apenas de uma questão de nomenclatura. Há por trás disso um contexto de evolução socioeconômica, proporcionado pelo sistema de aposentadoria, que permitiu aos aposentados “desfrutar de dupla independência: em relação ao mercado de trabalho e frente à família, particularmente aos filhos” (CARADEC, 2016, p.13). O autor aponta que, para além dessa independência socioeconômica, teve início um novo modelo cultural para essa fase da vida, que passou a ser associada ao lazer e ao cuidado pessoal. De acordo com Caradec,

A terceira idade veio então a ser definida como um tempo de liberdade, inaugurado pelo desaparecimento das obrigações profissionais, e como uma “nova juventude” que todos devem aproveitar. Foi associada à possibilidade de descobrir novos horizontes e considerada um tempo de realização e desabrochar pessoal, propício à realização de projetos que não puderam ser concretizados até então e à exploração de aspectos inexplorados da personalidade (2016, p.16).

Já o termo “velhice” continuava a possuir um teor negativo, associado ao declínio físico e moral do indivíduo, o qual poderia levá-lo à dependência física de outras pessoas. Assim, fica claro que existe mais que uma distinção de nomenclatura entre os termos “terceira idade” e “velhice”, há uma diferença conceitual, que dissocia os primeiros anos da aposentadoria (terceira idade) da velhice. Porém, com o passar do tempo e com o aumento da expectativa de vida, esse período da idade avançada, no qual os sujeitos octogenários e nonagenários conseguem ainda ter autonomia física e capacidade de discernimento e decisão, também passou a ser visto com um novo olhar, menos preconceituoso. Assim como na França, aqui no Brasil

também foi adotado o termo “terceira idade” para os programas universitários que atendem ao público idoso.

É importante ressaltar que o contexto sócio-histórico no qual se começa a pensar em iniciativas sociais que valorizem as pessoas idosas como sujeitos autônomos e ativos é antecedido pela identificação de uma questão que começa a incomodar a sociedade como um todo, desde as suas famílias até os sistemas previdenciários de seus países. O índice de longevidade começa a aumentar e o número crescente de pessoas idosas passa a ser visto como um risco potencial para o futuro econômico desses países. Segundo Cachioni e Neri,

Quando eles ganharam maior visibilidade por causa do envelhecimento populacional e por causa do aumento da longevidade, várias sociedades passaram a tomar providências práticas para garantir o que passou a ser reconhecido como direito desse grupo etário e como necessidade social. Foi exatamente nesse contexto que apareceram as primeiras iniciativas de proporcionar educação aos mais velhos (2004, p.30).

No final da década de 1970, o envelhecimento populacional surge pela primeira vez como uma pauta importante a ser debatida na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Mas o tema só se torna agenda específica de discussão na Assembleia Geral de 1982, realizada na cidade de Viena. Conforme relata Silva (2008, p. 03), “dela saíram algumas diretrizes para elaboração de um plano de ação que pensasse a questão do envelhecimento, pois já havia a preocupação com os sistemas previdenciários e os sistemas de saúde de muitos países”. Não demorou muito para que demais universidades europeias e americanas comesçassem a seguir o pioneirismo francês na criação das Universidades da Terceira Idade.

Já na década de 1970, começaram a surgir as primeiras iniciativas brasileiras para oferecer atividades de ensino e recreação às pessoas idosas. A proposta inicial, implementada pelo Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo abre as primeiras Escolas Abertas para a Terceira Idade (CACHIONI et al., 2015). No que diz respeito às universidades brasileiras, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi a primeira instituição de ensino superior a propor atividades de extensão universitária na área de Gerontologia, no início da década de 1980. Em 1982, a UFSC funda o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) com os objetivos de formar recursos humanos em todos os níveis e promover o cidadão idoso (CACHIONI; NERI, 2004). Nos anos seguintes, diversos novos projetos extensionistas voltados para atender ao público idoso foram surgindo em todo o país, buscando seguir os mesmos princípios básicos

que fundamentaram a Universidade da Terceira Idade idealizada por Vellas na França, na década de 1970. Segundo Cachioni e Neri,

Foi na década de 1990 que a extensão universitária voltada para a terceira idade conheceu o seu apogeu com a multiplicação dos programas voltados para adultos maduros e idosos nas universidades brasileiras. Com denominações e formas de organização diversas, mas com propósitos comuns – como o de rever os estereótipos e preconceitos em relação à velhice, promover a autoestima e o resgate da cidadania, incentivar a autonomia, a integração e a autoexpressão, além de promover uma velhice bem-sucedida –, essas instituições hoje se espalham por todo o país (2004, p. 40).

Em levantamento realizado em 2004, Cachioni e outros localizaram cerca de 200 programas voltados para o público idoso nas instituições de ensino superior brasileiras (CACHIONI et al., 2015). Enquanto modelo de projeto de extensão, certamente, esse é o de maior alcance, tanto em número de localidades onde é desenvolvido, quanto em número de pessoas beneficiadas pelo programa. Vejamos o exemplo do programa Universidade da Terceira Idade da Universidade de São Paulo (USP), o qual, em um período de 21 anos de existência, havia realizado mais de 100 mil matrículas, tendo como função acadêmica aproximar o idoso da comunidade (BOSI, 2014). Outra característica do programa UATI é a longevidade dos projetos em execução. Muitos deles estão em andamento desde que foram iniciados, como é o caso do programa da USP, criado em 1993 pela professora e pesquisadora na área de Psicologia Social, Ecléa Bosi.

No entanto, Cachioni (2012) chama a atenção para o fato de que no Brasil, embora os programas voltados para a pessoa idosa estejam inseridos dentro do contexto das instituições de ensino superior, eles abrangem predominantemente os projetos de extensão, funcionando como equipamento educativo e social. As pesquisas, que poderiam gerar mais conhecimento e elevar a qualidade dos trabalhos desenvolvidos com as pessoas idosas, são escassas, pois faltam investimentos na área. Certamente, as UATI se configuram em um campo riquíssimo de estudo na área de Gerontologia e o fomento a pesquisas direcionadas ao público idoso não é apenas importante como necessário, considerando que, dentro de três décadas, estima-se que um terço da população brasileira será de pessoas idosas.

Ao longo de quase quatro décadas de atuação, as UATI vêm colaborando para desconstruir velhos preconceitos e vêm construindo um novo paradigma sobre a velhice, mostrando que o lugar de “gente velha” é também na universidade. As Universidades da Terceira Idade expressam na prática o potencial da educação e do desenvolvimento humano ao longo de toda a vida (CACHIONI, 2012). Felizmente, o alcance do programa UATI não se

limitou apenas aos grandes centros urbanos, a ideia também se propagou e foi colocada em execução em cidades do interior, como é o caso do projeto de extensão UATI/CEVITI, desenvolvido no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na cidade de Teixeira de Freitas, no extremo sul da Bahia. Esse projeto também tem uma longa e bem-sucedida história de existência. Na sequência, tratamos sobre a trajetória e a relevância desse projeto para a sociedade local e regional.

1.2 Projeto de extensão UATI/CEVITI: ressignificando a velhice

Esse curso de extensão tem origem em uma pesquisa interdisciplinar realizada pelos professores: Wander Augusto Policário (*in memoriam*), responsável pela disciplina Estatística; Maria Adelaide Zanotelli Nonato, na disciplina Educação Física; e Marinêz José de Souza França (*in memoriam*), na disciplina Filosofia da Educação. O objetivo inicial era investigar o processo de envelhecimento da população de Teixeira de Freitas (BA) e região. Após observar os resultados encontrados e constatar um número expressivo de pessoas idosas no município, as professoras Maria Adelaide e Marinêz decidiram dar início a um projeto de extensão que fosse exclusivamente voltado para o público idoso. A proposta do projeto com vistas a estabelecer relações entre a educação e a velhice foi bem recebida pelo Departamento de Educação (Campus X – UNEB), compreendendo que é também papel da universidade, por meio de pesquisa, ensino e extensão, desenvolver ações efetivas que contemplem as várias minorias marginalizadas.

De acordo com França (2018, p.24), “o programa se caracteriza por um conjunto de ações de educação não formal, que atende a pessoas de ambos os sexos, de qualquer nível sociocultural, sem nenhum sectarismo religioso, cuja faixa etária seja igual ou superior aos 55 anos”. Desde 1997, o projeto CEVITI vem desenvolvendo, de segunda a sexta-feira, no turno vespertino, nas dependências do *campus X* da UNEB, atividades diversas como educação de adultos, oficinas artesanais, canto e expressão, teatro, ginástica, palestras, seminários, dinâmicas e vivências, atividades de inclusão digital, sessões de arteterapia e de vídeo, passeios e viagens e participação em manifestações culturais e regionais. O projeto se configura como um espaço de educação permanente e de atualização do idoso nas diversas áreas do conhecimento, ampliando sua cidadania e melhorando a sua qualidade de vida.

Desenvolvido no Departamento de Educação (*Campus X*) da UNEB, o projeto de extensão universitária CEVITI vem colaborando para a (re)inserção social do idoso, estimulando e desenvolvendo atividades de educação, cultura e lazer para pessoas de ambos os

sexos, de qualquer nível socioeducacional. O referido projeto tem uma grande relevância social no município, pois ao promover a (re)inserção da pessoa idosa através de diversas atividades educativas, artístico-culturais e de lazer, tem colaborado para a melhoria da qualidade de vida de centenas de idosos. Ao longo da sua existência, o CEVITI já foi *locus* de diversas pesquisas, resultando em trabalhos de conclusão de curso, monografias, dissertações e teses.

Segundo França (2018), em julho de 2011, o projeto CEVITI assume o *status* de Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), com a criação do Núcleo da Universidade Aberta à Terceira Idade, vinculado à Pró-reitoria de Extensão da UNEB, com a finalidade de institucionalizar os diversos programas/projetos desenvolvidos com pessoas da terceira idade na universidade; estabelecer os princípios, as diretrizes, as normas e os objetivos que norteariam o programa em consonância com a Política Nacional do Estatuto do Idoso; e proporcionar ainda condições necessárias ao seu funcionamento e expansão, a partir das diversas realidades e experiências que estavam sendo vivenciadas nos diversos *campi* em que o programa já tinha sido implantado. Vale destacar o pioneirismo do projeto de extensão CEVITI da UNEB (*Campus X*). Iniciado em 1997, ele antecede a criação do programa UATI. Certamente, ele está entre os projetos de extensão de maior tempo de vigência no país.

No que concerne à concepção político-pedagógica do projeto UATI/CEVITI, França (2018) esclarece que o programa se fundamenta na concepção de educação defendida por Freire, que a considera como um instrumento de transformação social, uma forma de intervenção no mundo, e não como uma mera capacitação técnica. Já a concepção de velhice se baseia na ideia defendida por Beauvoir, que compreende essa fase da vida não como um fato estático, mas como resultado de múltiplos processos. A velhice deveria ser compreendida não apenas como um fato biológico, mas também como um fato cultural. Com base nesses fundamentos, as ações desenvolvidas visam a um processo de formação recíproco, no qual acontecem trocas de experiências e saberes acumulados (FRANÇA, 2018).

No que concerne aos fundamentos que sustentam o projeto, é possível observar que há um cuidado em posicionar a pessoa idosa como sujeito ativo do processo de formação, e essa perspectiva é primordial para que o público idoso desenvolva o sentimento de pertença e de integração ao projeto. Para Cachioni e outros (2015, p. 84), “[...] o que caracteriza a busca desses cursos pelos adultos maduros e idosos é a fruição, o gosto por aprender, a realização de sonhos e projetos de vida adiados, a necessidade de se sentir vivo, ativo, atualizado e inserido na sua comunidade”.

De acordo com França (2018), a partir da institucionalização do programa UATI em 2011, o Projeto Político-Pedagógico ficou constituído por três núcleos, são eles: núcleo teórico,

núcleo de vivências corporais e núcleo de trabalhos manuais. Trata-se de uma orientação geral para toda a universidade, porém cada departamento deveria cuidar de suas especificidades em relação às mudanças necessárias. Desde que teve início, em 1997, o projeto CEVITI vem ofertando cursos e atividades que atendem a esses três núcleos. A nomenclatura veio como uma forma de dividir e organizar as ações de acordo com a sua natureza. A relevância social de tal projeto de extensão é indiscutível, considerando que ele atua diretamente na inclusão das pessoas idosas, promovendo a valorização dos sujeitos e destacando as suas qualidades e potencialidades.

2 DIÁLOGOS TEÓRICOS QUE SUSTENTAM A PESQUISA

A fim de buscar compreender se existe um processo de letramento literário que seria construído ao longo da vida através de experiências socioculturais simbólicas envolvendo a interação com as mais diversas expressões artísticas, assim como analisar os aspectos subjetivos e intersubjetivos envolvidos em tal processo, fundamentamos este estudo nos pressupostos teóricos da experiência enquanto prática social e de sua relação com a formação de memórias na constituição da identidade de cada sujeito. E, levando em consideração o público-alvo desta pesquisa, analisamos de que forma as experiências socioculturais na terceira idade podem contribuir para um envelhecimento mais ativo e significativo.

2.1 Letramento literário como prática sociocultural

A história de vida de cada pessoa se constrói na relação com o outro, nas trocas de experiências, afetos, ensinamentos, estranhamentos, enfim, nas mais diversas formas de contato interpessoal. Contudo, há um macrocontexto histórico no qual estamos inseridos que também nos molda enquanto sujeitos. Existimos em um determinado tempo e espaço que, pela sua própria especificidade, nos influencia e de cuja influência não se pode escapar quando se vive em sociedade. Assim, compreendemos que somos seres constituídos social e historicamente. Por essa razão, consideramos que seja imprescindível avaliar os contextos sócio-histórico e cultural que perpassam as vidas das participantes desta pesquisa, a fim de buscar compreender como suas experiências socioculturais influenciaram o processo de formação identitária de cada uma delas.

Em geral, quando se pensa em letramento, inevitavelmente vem à mente a relação com a escola, pois essa instituição, enquanto agência formadora de discursos, seria o espaço social que legitima o letramento formal. No entanto, há diversas outras formas de letramento cujas práticas ocorrem cotidianamente em vários espaços sociais. Street (2012) ressalta a importância de se compreenderem as práticas de letramento como plurais, pois não existe uma única forma de letramento. “As práticas de letramento referem-se a essa concepção cultural mais ampla de modos particulares de pensar sobre a leitura e a escrita e de realizá-las em contextos culturais” (STREET, 2012, p. 77).

Ao contrapor o modelo autônomo e o modelo ideológico de letramento, Street (2014) chama a atenção para a descontextualização do modelo autônomo, que isola o letramento como

uma variedade independente e então alega ser capaz de estudar suas consequências. O modelo ideológico, por sua vez,

[...] ressalta a importância do processo de socialização na construção do significado do letramento para os participantes e, portanto, se preocupa com as instituições sociais gerais por meio das quais esse processo se dá, e não somente com as instituições pedagógicas. Ele distingue as alegadas consequências do letramento de sua real importância para grupos sociais (STREET, 2014, p. 44).

É importante salientar que nessa perspectiva o letramento “concentra-se na sobreposição e na interação das modalidades oral e letrada, em vez de enfatizar uma ‘grande divisão’”. Desse modo, Street (2014, p. 44) argumenta que a investigação de práticas letradas nessa perspectiva exige necessariamente uma abordagem etnográfica, que ofereça relatos minuciosamente detalhados de todo o contexto social em que tais práticas fazem sentido. Seguindo essa linha de pensamento, que considera o letramento em seus diversos contextos sociais, buscamos conhecer as práticas das voluntárias da pesquisa com foco nas experiências socioculturais, mais especificamente considerando as relações mediadas pelas diversas formas de expressões artísticas, visando assim buscar responder ao seguinte questionamento: existiria um processo de letramento literário extraescolar, constituído pelas experiências socioculturais que uma pessoa teve ao longo da vida?

Dentro desses modos particulares de pensar e utilizar a leitura e a escrita em contextos culturais, evidencia-se também a modalidade oral da língua e admite-se a existência de uma relação de interdependência entre ela e a modalidade escrita. No entanto, a oralidade prevalece na maior parte das experiências vivenciadas ao longo dos dias, desde negociar a compra de um produto até pedir uma informação, passar um recado, entre outras. “O mundo que se traduz pela e para a escrita tem a sua fonte e seu contexto de realização na experiência vivida, nas práticas culturais, atravessadas por múltiplas linguagens” (MARINHO, 2010, p. 92). Logo, o letramento não pode ter um fim em si mesmo, reduzido a uma habilidade técnica e neutra. Ele é, primordialmente, uma prática social situada historicamente.

Desse modo, compreendemos que seja importante conhecer também o contexto sócio-histórico no qual as participantes deste estudo vivenciaram muitas das suas experiências socioculturais ao longo de suas vidas. Nascidas no século XX, entre os anos de 1939 e 1949, as senhoras voluntárias passaram por períodos históricos de muitas transformações nos meios de comunicação, no acesso à informação e à educação, e na área tecnológica de modo geral. Curiosamente, elas vieram de realidades de um estilo de vida rural ou bem interiorano, quando

ainda não havia chegado até suas casas a energia elétrica e estas dependiam de lamparinas a querosene ou de geradores de energia. Algumas delas contam que, nas suas infâncias, o único meio de comunicação que havia era o rádio a bateria.

Na maioria das realidades vivenciadas na infância, a alfabetização das voluntárias foi realizada em fazendas ou em comunidades distritais com turmas multisseriadas, nas quais um único professor ensinava crianças de idades diferentes. A TV só passou a fazer parte do cotidiano delas na juventude, quando já tinham se casado ou então se mudado para a cidade. Da falta de energia elétrica até a revolução digital, passando ainda por uma pandemia que durou mais de dois anos, as voluntárias testemunharam momentos diversos da história mundial, os quais impactaram diretamente as suas biografias.

Ao se defender o letramento como uma prática social, é preciso considerar que tal prática é sócio-historicamente situada e que deve se ajustar às necessidades de cada época. Nesse sentido, em suas entrevistas, ficam evidentes as transformações do contexto histórico que fizeram parte das experiências pessoais de cada uma delas. Inclusive, algumas experiências socioculturais da infância e juventude estão diretamente ligadas às condições de realização desses eventos sociais naquele momento histórico em que viviam, quando as formas de distração e passatempo eram fortemente marcadas pela interação e uma exploração maior da criatividade.

Certamente, o crescimento do uso de telas e os avanços da tecnologia digital têm modificado nossa maneira de viver e nos comunicar. Em meio à pandemia de Covid-19, quando o isolamento social se tornou uma exigência mundial, muitos foram os usos e funções das práticas de leitura e de escrita através dos meios digitais, que não só nos permitem realizar atividades relativas ao trabalho, ao estudo, ao lazer, entre outras atividades, como também nos possibilitam nos “aproximar” de nossos afetos, mesmo que distantes. Concordamos com Gee (2008), quando ressalta que as práticas dos grupos sociais nunca são apenas práticas de letramento, pois também envolvem modos de falar, interagir, pensar, valorar e acreditar. Na continuidade, tratamos sobre o recorte específico da pesquisa que envolve o letramento literário em uma perspectiva sociocultural.

Para tratar sobre letramento literário no Brasil, inicialmente, recorreremos ao texto fundante, de Paulino (1999), apresentado durante a 22^a reunião anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Paulino compreende o letramento literário como práticas sociais cujas ocorrências perpassam outros espaços sociais, além da escola. Em consonância com a perspectiva mais ampla dos estudos dos letramentos, Paulino (1999, p.16) argumenta que “o letramento literário, como outros tipos de letramento, continua

sendo uma apropriação pessoal de práticas sociais de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela”.

No trabalho citado anteriormente, Paulino problematiza a questão do conflito entre o cânone estético e o escolar, apontando algumas das principais deficiências presentes no processo de escolarização da literatura. De acordo com Paulino (1999, p.11), “os modos escolares de ler literatura nada têm a ver com a experiência estética, mas com objetivos práticos, que passam da morfologia à ortografia sem qualquer mal-estar”. Tal modelo de ensino da literatura não colabora para a formação do leitor literário, que, na visão da autora, deve ser aquele que “[...] saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações estéticas, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres” (PAULINO, 1999, p. 12). Esta deveria ser, portanto, a função do letramento literário escolar: formar leitores autônomos que pudessem escolher e apreciar esteticamente suas leituras.

No entanto, conceituar letramento literário não seria algo simples, pois envolve explicitar o que se compreende por letramento e delimitar a noção que se tem do adjetivo “literário”, que, por sua vez, envolveria mais uma questão complexa, a de buscar uma definição para literatura.

Em face dessa dificuldade, Cosson (2015) aponta que seria possível localizar letramento literário em três diferentes concepções com sentidos distintos. A primeira dessas concepções seria “[...] uma concepção essencialmente escolar não só do letramento, pensado como a aquisição da escrita ou seu domínio, como também do literário, que é identificado com o cânone ou os textos rotulados pela escola como literários” (COSSON, 2015, p. 181). Segundo o autor, o grande problema dessa concepção é que ela submete os textos literários ao ensino da escrita, menosprezando seu valor enquanto composição artística. Assim como apontado por Paulino anteriormente, a literatura, de acordo com tal concepção, seria utilizada para fins predominantemente linguísticos.

A segunda concepção de letramento literário é subdividida em duas outras. A primeira delas, ainda que amplie a compreensão de letramento para além do espaço escolar e reconheça a importância da leitura efetiva dos textos literários, é limitadora, no sentido de que restringe o adjetivo “literário” à modalidade escrita da língua apenas. Já a segunda concepção, que é aquela adotada por Paulino e Cosson, compreende o letramento literário como um processo de construção de sentidos que se efetiva individual e socialmente e não se restringe à modalidade escrita da língua. O adjetivo “literário” passa a ser “[...] reconhecido como um repertório cultural constituído por uma grande variedade de textos e atividades que proporcionam uma forma muito singular – literária – de construção de sentidos” (COSSON, 2015, p. 182). Essa

visão ampla do que se caracteriza como literário envolve pensar inclusive os novos meios e mecanismos de expressão e interação social.

Por fim, Cosson apresenta a terceira concepção de letramento literário, aquela que recebe a influência dos estudos culturais e busca verificar questões ideológicas ou relativas às identidades de gênero, etnia/raça, sexo, entre outras identificações sociais. Essa vertente, utilizada com menos frequência do que as duas anteriores, defende uma perspectiva crítica de letramento literário, levantando discussões que ultrapassam os aspectos linguísticos e literários. Cosson (2015) conclui dizendo que, seja qual for a concepção que um pesquisador ou estudioso escolha seguir, ela precisa ser muito bem delimitada e discutida, assim como deve estar em consonância com os objetivos da pesquisa.

No que se refere à concepção de letramento literário defendida neste estudo, compartilhamos da mesma vertente de Paulino (1999) e Cosson (2015), pois ao propormos um estudo de letramento literário moldado por meio de experiências socioculturais, é coerente conceber letramento como práticas sociais que ultrapassam os limites da escola e que implicam a apropriação da literatura enquanto linguagem. Nessa perspectiva, cada pessoa formaria um repertório cultural ao longo da vida através de suas experiências socioculturais, ainda que não tenha sido alfabetizada. Assim, tal repertório abrangeria como literários todos os gêneros de natureza narrativa e poética, seja da cultura oral, seja da cultura escrita. Estamos assim de acordo com Paulino, quando afirma que, na literatura popular, os cânones de significação – oralidade – prevalecem em relação aos cânones de construção – escrita:

Na literatura popular, os cânones de significação dominam os de construção, pois seu caráter oral e coletivo não permite preocupações com a fidelidade no modo de contar, o que torna as versões infinitas, cada uma valendo em sua diferença, em sua recursividade e em seu sucesso ao prender a atenção dos ouvintes (PAULINO, 1999, p.4).

Esse repertório cultural proveniente da oralidade também deve ser reconhecido e valorizado. Entre as participantes do projeto de extensão UATI/CEVITI, há uma grande diversidade de níveis educacionais que abrange desde pessoas não alfabetizadas até pessoas com formação superior, todas convivendo e compartilhando suas experiências de vida em atividades conjuntas. Em virtude de a nossa concepção de letramento literário compreender uma visão mais ampla do processo, incluindo outras modalidades de linguagem além da escrita, a pesquisa não apresentou, *a priori*, qualquer critério que restringisse um perfil para as participantes, exceto que elas fizessem parte do projeto de extensão.

2.2 Experiências socioculturais mediadas pela arte

Para tratar do conceito de experiência, partimos de uma visão social mais ampla para, na sequência, delimitarmos o recorte desta pesquisa, cujo foco é a experiência sociocultural mediada pelas diversas formas de expressão artística. O senso comum costuma inferir que as pessoas idosas seriam mais experientes, ou seja, elas teriam mais experiência de vida. No entanto, o acúmulo de anos vividos nem sempre está em uma relação direta de proporcionalidade com a experiência, pois esta não se caracteriza simplesmente por uma bagagem de conhecimento e informação acumulada ao longo dos anos. Ela seria primordialmente uma vivência de natureza pessoal, única, intransferível e significativa para quem a experimenta. Ao construir sentido e narrar os acontecimentos vividos, a pessoa o faz por meio de palavras. Bondia aponta para uma relação intrínseca entre o ser humano e a palavra. Para ele, a palavra é nosso meio de existir e é através dela que construímos sentido:

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (BONDIA, 2002, p. 21).

A experiência seria esse dar sentido ao que somos e ao que nos acontece ao longo da vida. Mas, conforme alertou Benjamin (1994) ainda na primeira metade do século XX, o mundo moderno está pobre de experiência. Passado um pouco mais de um século da sua declaração, em plena era digital, ainda é possível constatar que a escassez de experiência continua avançando. O ser humano atual está submerso em um turbilhão de exigências sociais que o impede de que algo o aconteça. Bondia (2002) vai dizer que nunca se passaram tantas coisas, mas paradoxalmente a experiência é cada vez mais rara, e ele aponta quatro aspectos que atuam diretamente sobre a escassez de experiência, são eles: o excesso de informação; o excesso de opinião; o excesso de pressa em um estilo de vida cada vez mais corrido; e o excesso de trabalho. Esse estilo de vida altamente acelerado e sobrecarregado de atribuições seria inimigo da experiência, pois para que algo nos aconteça precisamos parar e silenciar. “O sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (BONDIA, 2002, p. 24).

Porém, não se trata de uma passividade no sentido oposto à atividade. Segundo o autor, seria uma exposição ao risco, à paixão, ao padecimento. Seria uma abertura para experimentar

aquilo que foge aos limites do nosso conhecimento. Mas para que isso aconteça é necessário um gesto de interrupção, uma pausa, que segundo Bondia é quase impossível nos dias atuais:

[...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDIA, 2002, p. 24).

A sociedade do imediatismo enxerga esse desacelerar como perda de tempo. É curioso o modo como as pessoas lutam para vencer o tempo, como se ele fosse um adversário a ser combatido. Muitas pessoas se sentem culpadas quando dão uma pausa do trabalho e das suas obrigações rotineiras para terem alguns momentos de ócio. Outras planejam desacelerar quando chegarem à velhice. Essa fase da vida, que pressupõe uma redução da jornada de trabalho e uma liberação de muitas obrigações relacionadas à família, seria o tempo propício para diminuir o ritmo de vida frenético no qual estamos imersos. Contudo, quando uma vida é pobre em experiência, ela será também pobre em memórias a serem narradas na velhice, pois a história de vida de uma pessoa é composta das experiências marcantes que formaram e transformaram a sua identidade. Assim, diferente do saber comum, o saber adquirido pela experiência é sempre pessoal. Para Bondia,

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna (2002, p. 27).

Com base nesse fundamento de que o saber da experiência está imbricado na formação do sujeito, é imprescindível conhecer as experiências socioculturais que as participantes da pesquisa tiveram ao longo da vida, inclusive porque as experiências passadas refletem, dialogam e se misturam com as vivenciadas durante a velhice. Para Bondia (2002), a experiência seria aquilo que nos acontece ou que nos toca. Logo, quando se pensa em experiência sociocultural mediada pela arte, compreendemos que tal interação também nos move. Ler uma narrativa de ficção, assistir a um filme ou a uma peça, ouvir uma canção, enfim, a arte teria um potencial intrínseco de nos comunicar a natureza humana e assim nos tocar através de uma experiência sensível, que denominamos de experiência sociocultural simbólica.

Simbólica por sua natureza metafórica, alegórica, ficcional, mas também porque pode se tornar significativa para aquele que a experimenta.

O conceito de experiência adotado neste estudo refere-se à relação simbólica que ocorre entre uma obra artístico-literária e aquele indivíduo que com ela interage e dela se apropria enquanto linguagem. Inicialmente, apoiamos-nos na obra *Arte como experiência*, de Dewey (2010), originalmente publicada no ano de 1934, para construir nosso argumento sobre a experiência sociocultural mediada pela arte e de que maneira ela contribuiria para o processo de formação das memórias ao longo da vida e, por consequência, da identidade. Vale destacar que a concepção de experiência defendida por Dewey em relação à arte se difere da concepção empírica defendida por ele em relação à educação. A maneira como nos relacionamos com a arte se distingue dessa noção empírica de experiência. Experimentamos a arte simbolicamente, pois se trata de um processo pessoal e único que envolve nossa subjetividade. Contudo, ainda que seja pessoal, a experiência artística não acontece passivamente, ela se dá a partir de uma interação. Segundo Dewey (2010, p. 83), “[...], significa uma troca ativa e alerta com o mundo; em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos”.

Dewey faz uma distinção entre duas formas de experimentar a arte. Uma seria a experiência vivida de modo incipiente. Nela as coisas seriam experimentadas, mas não de modo a se comporem em uma experiência singular. De acordo com o autor, “há distração e dispersão; o que observamos e o que pensamos; o que desejamos e o que obtemos, discordam entre si” (DEWEY, 2010, p. 109). Contrastando com essa forma de experiência, o autor apresenta a experiência singular que se realizaria quando o material vivenciado faz o percurso até sua consecução. Somente nesse caso, ela seria integrada e demarcada no fluxo geral da experiência proveniente de outras experiências. A forma de se experimentar a arte teria relação com a subjetividade e com a própria “bagagem” de vida de cada pessoa: “Porque a vida não é uma marcha ou um fluxo uniforme e ininterrupto. É feita de histórias, cada qual com seu enredo, seu início e movimento para seu fim, cada qual com seu movimento rítmico particular, cada qual com sua qualidade não repetida, que a perpassa por inteiro” (DEWEY, 2010, p. 110).

Ainda que sejamos seres narrativos que constroem um repertório cultural a partir de suas vivências, sejam elas em práticas socioculturais em contextos formais ou informais, isso não nos permite experiências integrais em relação ao que vivemos. Conhecemos a realidade sempre parcialmente, mesmo que ela diga respeito a nós mesmos. A arte teria a capacidade de nos oferecer experiências completas através de um objeto artístico acabado enquanto forma e conteúdo, mas ainda assim aberto para a exploração dos significados. De acordo com Dewey

(2010, p. 134), “toda obra de arte segue o plano e o padrão de uma experiência completa, fazendo que ela seja sentida de maneira mais intensa e concentrada”.

Partindo dessa compreensão de que a arte pode nos proporcionar experiências completas através do encontro com a obra artístico-literária, observamos como, ao desenvolver um trabalho que oferece novas experiências socioculturais às idosas do projeto de extensão UATI/CEVITI (UNEB), elas responderam ao compartilhamento dessas obras e como construíram sentido a partir dessas interações. Para Dewey, a experiência artística singular pode nos deslocar de nós mesmos, e ao voltarmos, certamente, voltaremos diferentes. “Somos como que apresentados a um mundo além deste mundo, o qual, não obstante, é a realidade mais profunda do mundo em que vivemos em nossas experiências comuns. Somos levados para além de nós mesmos, a fim de encontrarmos a nós mesmos” (DEWEY, 2010, p. 351).

No entanto, como dito anteriormente, nem sempre acontece uma experiência singular que possa mover o sujeito de si mesmo. Dewey (2010) estabelece uma diferença entre reconhecimento e percepção da arte. O teórico argumenta que o simples reconhecimento de uma obra de arte nos faz recair em um esquema previamente formado, tal como um estereótipo. Por outro lado, a percepção seria um ato de reconstrução que torna a consciência nova e viva. Em se tratando da experiência literária, há obras que reconhecemos como objeto artístico, mas que nem sempre passam pelo nível da percepção, despertando nossas emoções. Também Jouve aponta que a emoção seria um índice que nos permitiria entender como a obra literária significa:

Em literatura, todo o conteúdo está associado a um colorido emocional, que faz parte da informação transmitida pela obra. Podemos até mesmo afirmar que, diferentemente do que ocorre nas ciências, a principal informação de um texto literário é esse colorido emocional: um romance nos ensina muito pouco sobre o amor ou sobre a morte, mas infinitamente mais sobre a relação com o amor ou com a morte (JOUVE, 2012, p. 101).

Ainda que a literatura tenha a capacidade de nos ensinar sobre esse colorido emocional característico da obra, nem sempre será fácil chegar a esse nível de experiência. Por essa razão, é muito importante o papel de um mediador de leitura, que seria aquele que ajudaria o leitor a desvelar o conjunto da obra. Esse mediador pode ser desde um familiar, que começa a ler ou contar histórias para a criança na infância, como observamos em vários depoimentos das participantes da pesquisa, até o professor de língua materna e literatura na educação básica. Espera-se que um mediador de leitura também transmita seu encantamento e entusiasmo em relação à obra para seus ouvintes. Falando especificamente sobre a área de educação, Rosenblatt acredita que,

[...] ao menos que o próprio professor tenha um intenso amor pela literatura, tudo o mais que possamos dizer em relação aos seus objetivos e métodos será inútil. Ele não pode esperar transmitir ou desenvolver em seus alunos habilidades de fruição e apreciação que ele mesmo não possui¹ (ROSENBLATT, 1937, p. 79, tradução nossa).

Mais do que ser professor, é preciso ser leitor de literatura para proporcionar aos alunos experiências literárias e não apenas ensinar sobre literatura. É necessário compreender que forma e conteúdo em literatura atuam conjuntamente para a construção do sentido da obra. Assim como em todo objeto de arte, a forma não pode ser isolada do conteúdo. Contudo, a experiência literária também pode acontecer em outros espaços sociais que não a escola, mesmo sem mediação. Jouve (2012) argumenta que a informação transmitida pela literatura tem uma força de impacto que o discurso racional não pode ter: ela seria “sentida” antes de ser entendida, portanto, sem ser compreendida. Mas ele aponta o inconveniente de a informação em questão ser assimilada de modo não consciente e assim ser “gravada” passivamente.

Dessa forma, tal experiência não se tornaria memória, pois ela ficaria no nível da inconsciência. Talvez, isso aconteça, justamente, por envolver as emoções, pois poderia se tornar difícil explicar o que sentimos. “Uma vida inteira seria curta demais para reproduzir em palavras uma única emoção” (DEWEY, 2010, p. 157). Qual de nós poderia explicar, em palavras, sentimentos como a angústia e a saudade, por exemplo? No entanto, a literatura pode nos apresentar modelos concretos, ainda que ficcionais, de como um personagem se sente.

No conto “Angústia”, por exemplo, do escritor russo Anton Tchekhov, o autor nos apresenta a dimensão do sentimento experimentado pelo protagonista da história. “Mas a multidão corre, sem reparar nele, nem na sua angústia... Uma angústia imensa, que não conhece fronteiras. Dá a impressão de que, se o peito de Yona estourasse e dele fluísse para fora aquela angústia, daria para inundar o mundo e, no entanto, não se pode vê-la” (TCHEKHOV, 1999, p. 137). Não se poderia explicar tal sentimento de maneira abstrata e universal, mas através da experiência do personagem é possível compreendê-lo. Dewey argumenta que o poeta e o romancista levam vantagem em relação até mesmo aos psicólogos especializados, ao lidarem com a emoção. “É que os primeiros constroem uma situação concreta e permitem que *ela* evoque a resposta emocional. Em vez da descrição de uma emoção em termos intelectuais ou simbólicos, o artista ‘pratica o ato que gera’ a emoção” (DEWEY, 2010, p. 157).

¹ “We can assume that unless the teacher himself has an intense love of literature, anything else that we may say concerning his aims or his methods will be useless. He cannot hope to transmit or develop in his students powers of enjoyment and appreciation which he himself does not possess.”

A emoção gerada pela obra teria o potencial de envolver o leitor/ouvinte através de processos de identificação e empatia, fazendo com que ele experimente vivências e emoções que em sua própria vida não tenha vivenciado, ou então que tenha passado por algo muito parecido. A experiência vivida através da obra literária pode ajudá-lo a compreender os seus próprios sentimentos. Rosenblatt (1937, p. 35, tradução nossa) defende que “[...] qualquer coisa que chamemos experiência literária ganha significância e força a partir da forma pela qual os estímulos presentes na obra literária interagem com a mente e as emoções de um leitor em particular²”. Considerando que a interação que ocorre entre o sujeito e a obra artístico-literária é sempre única, buscamos analisar os processos de letramento enquanto experiência sociocultural levando em conta a individualidade de cada participante, valorizando sua trajetória narrativa e suas vivências anteriores.

2.3 Experiência e memória narrando a vida

Nossa condição humana está inexoravelmente submetida à ação do tempo, “vivelhecemos”³ diariamente na desafiadora travessia da vida. Envelhecer é um processo contínuo da nossa existência. Desse modo, talvez seja limitador classificar a velhice como uma fase da vida, considerando-a somente uma degradação da vitalidade física e/ou psíquica de uma pessoa. Para além do decaimento físico provocado pela ação do tempo, há por outro lado a ação da experiência social que faz com que sejamos hoje uma pessoa diferente do que éramos ontem. Existiria uma relação intrínseca entre a passagem cronológica do tempo e o acúmulo de experiências em uma lógica inversamente proporcional, pois ainda que pereçamos fisicamente ao tempo, nós nos renovamos através das experiências vividas a cada dia.

Nesse contínuo e ininterrupto processo de transformação, a memória tem um papel central. Talvez, para algumas pessoas, tratar sobre a memória possa remeter à velhice. Contudo, ela começa a agir desde o ventre materno. É através da percepção, do reconhecimento, do experimento e da repetição que cada ser humano vai se constituindo enquanto sujeito histórico. E justamente pela capacidade humana de lembrar e registrar suas memórias é que o mundo vem evoluindo em diversas áreas do conhecimento. Uma existência sem memória é uma vida sem

² “[...] anything we call a literary experience gains its significance and force from the way in which the stimuli present in the literary work interact with the mind and emotions of a particular reader.”

³ Neologismo cunhado pela própria pesquisadora, fazendo uma combinação entre os verbos “viver” e “envelhecer”, a fim de expressar a ideia de que vivemos em constante processo de envelhecimento.

história. Mas como se formam as memórias? Por que alguns fatos se tornam memoráveis e outros são esquecidos? Qual a importância da experiência na geração de memórias?

Ainda que a neurociência consiga explicar como se formam as memórias através de processos neurofisiológicos, em que partes do nosso cérebro as memórias são armazenadas e que tipo de memórias existem, muitas são as incógnitas sobre essa capacidade humana. Por exemplo, a ciência ainda não consegue explicar as razões que levam algumas memórias a serem preservadas por mais tempo que outras. Seria isso uma escolha consciente ou inconsciente? Por mais que duas pessoas tenham vivenciado uma mesma experiência juntas, as memórias que cada uma guarda sobre tal episódio nunca serão iguais, ainda que o processo neurofisiológico que forma a memória seja o mesmo.

De acordo com Bergson (2010), o passado sobreviveria de duas formas distintas: em mecanismos motores e em lembranças independentes. A primeira forma seria aquela que pode armazenar a ação do passado somente através de dispositivos motores. A segunda implicaria um trabalho do espírito que, recorrendo às imagens-lembranças, busca no passado as representações mais capazes de se inserirem na situação atual. A memória motora seria aquela que “repete”, ligada aos movimentos, e a memória imagética seria aquela que “imagina”. Esta última, conhecida também como memória episódica, seria responsável por lembrar os acontecimentos passados.

Já Candau (2012, p. 23) classifica a memória em três níveis distintos: protomemória ou memória de baixo nível, memória de alto nível e metamemória. A protomemória remete a uma experiência incorporada, gravada em nosso corpo, fazendo-nos agir pela repetição sem a tomada de consciência de como proceder. A memória de alto nível se constitui por recordação, reconhecimento e esquecimento, podendo ser evocada deliberadamente ou invocada involuntariamente através de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica que recorre a saberes, crenças, sensações, sentimentos etc. E, para finalizar, há a metamemória, que é a representação que cada indivíduo faz da sua própria memória.

A protomemória, também conhecida como memória procedural, é aquela que nos permite memorizar procedimentos, movimentos e sequências de como fazer algo; por exemplo, cozinhar, dirigir, dançar, escrever etc. Depois de gravados em nossos corpos, esses procedimentos se tornam automáticos. É possível observar que muitas das atividades oferecidas pelo projeto UATI/CEVITI ensinam atividades que exigem o desenvolvimento dessa memória corporal, do movimento, da coordenação motora, como a ginástica, a dança, a pintura, entre outras. Isso é muito importante para quebrar o tabu de que a pessoa idosa, por ter os movimentos mais lentos e enrijecidos, não conseguiria aprender atividades que exijam esforço físico.

A memória de alto nível seria a nossa capacidade de lembrar, de recorrer ao arquivo de recordações formado pelas vivências do passado. E somente a partir dos dados que compõem esse arquivo é que podemos saber quem somos no presente. Logo, é acionando tal memória que conseguimos narrar nossas histórias de vida. Já as lembranças que selecionamos, a forma como as enxergamos e a forma como narramos essas histórias seriam o que Candau classifica como metamemória, pois fazemos uma representação daquilo que lembramos. Possivelmente, as narrativas de vida contadas pelas participantes da pesquisa passam por esse nível de memória. Essa característica da memória, como uma representação, revela também a impossibilidade de se reconstituir integralmente o que experimentamos.

Bergson é criticado justamente por defender que exista uma memória pura, à qual o indivíduo possa recorrer integralmente. Para o autor, “[...] ela não negligenciaria nenhum detalhe; atribuiria a cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data. Sem segunda intenção de utilidade ou aplicação prática, armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural” (BERGSON, 2010, p. 88). Contudo, sabemos que a memória não funciona de tal maneira. Não é possível reproduzi-la tal qual a experiência que foi vivenciada, mesmo porque é salutar para o nosso equilíbrio psíquico o caráter seletivo da memória, assim como a função do esquecimento.

Candau, por sua vez, argumenta que a memória não é sempre a mesma. Ela seria também modificada pelos sujeitos ao longo da vida:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (CANDAU, 2012, p. 16).

Nessa trajetória de vida, o sujeito não se autoconstrói isoladamente. Ele está socialmente inserido em um tempo e um espaço delimitados, nos quais interage com outras pessoas. Assim, a memória se forma dentro desses espaços sociais. Bosi (1994) estuda as memórias de velhos a partir de “quadros sociais” (Halbwachs), buscando analisar seus registros empíricos. “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994, p. 54). Embora a memória seja individual, ela é construída coletivamente, considerando-se os diversos espaços sociais nos quais o sujeito vive.

No que se refere ao passado e à maneira de narrá-lo, observa-se que há diferença no modo de uma pessoa idosa representar seu passado em relação a uma pessoa adulta que ainda está com uma agenda ativa de trabalho e de compromissos sociais. Bosi (1994) argumenta que, nas lembranças das pessoas idosas, é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis; enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a requisita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade.

Realmente, nas narrativas das participantes da pesquisa, é possível observar que elas viveram em um determinado tipo de sociedade diferente da atual. Inclusive, as experiências socioculturais que elas vivenciaram na infância e adolescência são bem características de uma época específica. Ao conhecermos suas trajetórias de vida, conhecemos também as mudanças históricas que foram acontecendo ao longo do tempo. Nesse fluxo contínuo de experiências situadas historicamente é que a memória vai construindo o repertório de experiências socioculturais de cada pessoa. Logo, experiência, memória e identidade se inter-relacionam.

Benjamin (1994) já chamava a atenção sobre a influência das mudanças do mundo moderno na relação entre a experiência, os trabalhos artesanais e a narrativa oral. O autor apontava para o risco que a narrativa da tradição oral corria nos tempos modernos, a partir da mecanização do trabalho, e também com o advento do romance. “A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 1994, p. 205). A partir dessa forma artesanal de comunicação, os narradores do povo compartilhavam suas experiências, fossem elas de origem local – camponês sedentário – ou vindas de fora – marinheiro. Também os trabalhos artesanais, que exigiam um ritmo mais lento para a produção dos objetos, era um momento propício para tecer histórias. Mas Benjamin (1994) alerta que, com a aceleração dos modos de produção e do estilo de vida, teria havido um empobrecimento das experiências comunicáveis, ou seja, aquelas que podem ser narradas sem evocar sentimentos que causam sofrimento psicoemocional.

Em povos de tradição exclusivamente oral, suas histórias se perpetuam através das vozes narrativas responsáveis por formar uma memória coletiva. Zumthor (1993, p. 139) relaciona o que ele denomina voz poética à memória dos grupos sociais: “A voz poética assume a função coesiva e estabilizante sem a qual o grupo social não poderia sobreviver”. Seja nas culturas de

tradição oral, seja nas de tradição escrita, as memórias são resgatadas e compartilhadas, predominantemente, por meio da linguagem. É ela o canal socializador da memória. Na visão de Manguel (2017, p. 140), “somos criaturas leitoras, ingerimos palavras, somos feitos de palavras, sabemos que palavras são nosso meio de estar no mundo, e é através das palavras que identificamos nossa realidade e por meio de palavras somos, nós mesmos, identificados”.

Compreendendo que somos seres narrativos constituídos pela linguagem e pela nossa capacidade de lembrar, buscamos conhecer as experiências socioculturais vivenciadas pelas senhoras participantes da pesquisa, analisando os aspectos subjetivos e intersubjetivos envolvidos nessas experiências. Acreditamos que nos formamos e nos transformamos enquanto sujeitos através das experiências vivenciadas pessoalmente e também daquelas experimentadas indiretamente. Nossas histórias de vida seriam construídas a partir dessas experiências e das memórias geradas por meio delas.

Langer compreende a experiência literária como sendo de valor único, considerando que cada leitor constrói representações próprias. “A representação engloba o que o indivíduo pensa, sente e percebe – algumas vezes conscientemente, com frequência implicitamente, à medida que forma uma compreensão” (LANGER, 2005, p.30). Trata-se de um processo dinâmico e acumulativo, no qual as representações estariam abertas a mudanças, assim como estariam em constante desenvolvimento. Segundo a autora,

Uma representação está sempre num estado de mudança ou disponível e aberta a mudanças. Esse ato de mudar é o que se chama “construção de representações”. A construção de representações não é apenas uma atividade literária; nós construímos representações sempre que damos sentido a nós mesmos, aos outros e ao mundo (LANGER, 2005, p. 23).

Assim como ocorre nas experiências artísticas, também na vida real as representações são construídas continuamente. Em ambos os casos, o propósito é o mesmo, buscamos atribuir sentido à vida e ao mundo que nos rodeia. Logo, considerando a ampla bagagem de saberes das participantes da pesquisa, acreditamos que, ao construírem representações entre a vida e suas experiências socioculturais, elas atribuiriam diferentes sentidos às suas existências e vivências. Quando uma pessoa recebe (lê/vê/ouve) um texto artístico-literário, independentemente do seu suporte, ela não se restringe somente à obra. A construção de sentido envolveria um intercâmbio contínuo entre a vida e a obra experimentada. A seguir, apresentamos a metodologia de pesquisa desenvolvida.

3 A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Neste capítulo, discorreremos sobre a perspectiva teórica que delineia o percurso traçado para a realização desta pesquisa, assim como descrevemos os instrumentos e a abordagem desenvolvida para a coleta de dados. Para finalizar, apresentamos um sucinto perfil pessoal de cada uma das colaboradoras do estudo.

3.1 Da natureza da pesquisa

A definição de uma metodologia que responda de forma clara e organizada à expectativa criada pelos objetivos é primordial para o sucesso de qualquer pesquisa. Por essa razão, é importante que a perspectiva teórica esteja em consonância com a metodologia para que haja coerência entre a teoria e os procedimentos para levantamento e análise dos dados. Desse modo, ao optarmos por trabalhar através de um contato direto com pessoas, procuramos utilizar uma abordagem que favorecesse a interação entre a pesquisadora e as participantes, assim como valorizasse a perspectiva das colaboradoras da pesquisa. Nesse sentido, a alternativa que melhor corresponde ao nosso propósito é a da pesquisa qualitativa. Com base nessa abordagem, recorreremos a um percurso metodológico de natureza etnográfica, assim como a algumas estratégias da pesquisa-ação, conforme é explicado na sequência.

No que concerne à natureza etnográfica, a pesquisa se insere no contexto de um projeto de extensão em curso de uma instituição de ensino superior. As voluntárias da pesquisa, cuja faixa etária varia entre 73 e 83 anos, participam das atividades desenvolvidas no contexto do projeto de extensão UATI/CEVITI já existente. Esse requisito foi crucial para avaliar a relevância de tal espaço de socialização na vida da pessoa idosa. É importante pontuar que o público idoso que busca novos aprendizados na universidade ou em outras instituições faz um movimento que geralmente não é o que a sociedade espera de idosos. Logo, é relevante investigar o que isso significa para essas participantes idosas em termos culturais, assim como as mudanças que essa busca realizou em suas histórias pessoais.

Para além de observar as trajetórias de experiências socioculturais que as senhoras tiveram ao longo da vida, assim como a relação que elas criaram com tal projeto de extensão, buscamos avaliar se novas atividades mediadas por obras artístico-literárias poderiam se tornar significativas para as voluntárias e se elas associam as experiências vivenciadas através dessas obras às suas memórias socioculturais passadas. Denominamos obra artístico-literária toda

produção de teor artístico e ficcional proveniente da tradição oral, da tradição escrita e também dos recursos audiovisuais.

Para a Antropologia, a etnografia pressupõe a imersão por longo tempo na investigação das culturas em diferentes sociedades. No entanto, o olhar etnográfico foi apropriado por outras áreas e, assim, ganhou novas formas, sem se afastar do preceito de observar para compreender. No caso da educação, segundo esse olhar, é possível compreender o que acontece nas escolas, nas salas de aula, nas comunidades escolares. Em Antropologia, porém, ela é compreendida não somente como um método, pois envolve um nível maior de complexidade. De acordo com Uriarte,

A teoria e a prática são inseparáveis: o fazer etnográfico é perpassado o tempo todo pela teoria. Antes de ir a campo, para nos informarmos de todo o conhecimento produzido sobre a temática e o grupo a ser pesquisado; no campo, ao ser o nosso olhar e nosso escutar guiado, moldado e disciplinado pela teoria; ao voltar e escrever, pondo em ordem os fatos, isto é, traduzindo os fatos e emoldurando-os numa teoria interpretativa (2012, p. 02).

Ao pesquisador cabe o cuidado de atentar para essa relação constante que deve ser estabelecida entre teoria e prática quando pretende fazer um estudo etnográfico ou de natureza etnográfica. Esse cuidado é importante para que o pesquisador não incorra no erro de enxergar o campo de pesquisa apenas como um espaço de coleta de dados, os quais, muitas vezes, podem ser reduzidos a uma simples descrição ao invés de uma interpretação fundamentada teoricamente. Contudo, Uriarte alerta que o fato de o campo de pesquisa dever ser perpassado pela teoria não significa que ele esteja submetido a ela, pois “a realidade superará sempre a teoria” (URIARTE, 2012, p. 02). Espera-se que o campo sempre surpreenda o pesquisador.

Desse modo, o pesquisador não deve ter a pretensão de ir a campo com a ideia de confirmar suas hipóteses predefinidas. Ao contrário, é necessário fazer um esforço de deslocamento e distanciamento do contexto sociocultural pesquisado, ainda que inserido nele, para deixar emergir características, informações e marcas identitárias de tal cultura. Segundo Mattos, a etnografia na contemporaneidade adota “um recurso metodológico de estranhar, distanciar-se das regras, da visão de mundo e das atitudes legitimadas pela sociedade e por suas instituições, tirando estas da opacidade em que a cultura as coloca” (MATTOS, 2011, p. 30).

Feitas essas considerações iniciais sobre a etnografia, consideramos acertada a identificação da nossa pesquisa com essa perspectiva em sentido amplo, pelo fato de termos como foco um contexto cultural que nos era estranho – um grupo de idosas inseridas em um projeto de extensão universitária –, que demandaria um olhar indagativo e distanciado para a

compreensão dos significados que circulavam naquele grupo. O projeto existe há mais de 25 anos e tem atendido um grande número de pessoas idosas ao longo desses anos. Algumas delas têm participado das atividades desde os anos iniciais do projeto.

Em se tratando, especificamente, desta pesquisa, quando falamos de um processo de letramento, que se constrói ao longo da vida por meio de experiências socioculturais simbólicas, compreendemos por simbólica a experiência que se torna de algum modo significativa para aquele que a vivencia, ou então a experimenta indiretamente através da arte. Na verdade, dificilmente nos detemos para refletir sobre nossas experiências socioculturais. Elas passam a fazer parte da nossa narrativa pessoal de maneira naturalizada. Então, o papel da pesquisadora enquanto participante da pesquisa foi buscar recursos metodológicos que contribuíssem para resgatar e tirar da opacidade algumas experiências socioculturais que compõem suas narrativas pessoais.

De acordo com Mattos (2011), a pesquisa etnográfica pode incluir todos os instrumentos utilizados nas pesquisas qualitativa e reflexiva, além dos seus componentes peculiares, que são: “[...], a observação participante, o participante como protagonista da pesquisa, a imersão na cultura local por prolongado período de tempo, a busca por eventos típicos e atípicos e a análise por processos indutivos” (MATTOS, 2011, p. 35). Utilizamos, em nossa pesquisa, a entrevista oral, a técnica do grupo focal e, dentro do grupo, propusemos uma ação mediada por obras artístico-literárias, todos eles instrumentos da pesquisa qualitativa.

Inicialmente, entrevistei oralmente cada participante da pesquisa, com a intenção de conhecer um pouco sua trajetória de vida e sua relação com as experiências socioculturais vivenciadas. De acordo com Lüdke e André,

[...] na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente, nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista (1986, p. 33-34).

Esse primeiro contato aconteceu individualmente e foi de suma importância para que eu, enquanto pesquisadora, pudesse começar a construir um relacionamento de confiança e empatia com junto às senhoras. Além disso, as informações coletadas nessa conversa inicial colaboraram para as escolhas do repertório artístico-literário que foi compartilhado nos encontros do grupo focal.

Na sequência, a pesquisa passou para a fase do grupo focal, cujas sessões se estenderam por três meses. Durante esse período, eu compartilhei com as participantes obras artístico-literárias diversas, buscando observar como elas reagiriam e interagiriam através das temáticas apresentadas por essas obras. De acordo com Gatti (2005, p. 09), “o grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a capacitação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar”.

Nossa estratégia de trabalho propunha uma metodologia interacional que se difere da abordagem costumeiramente utilizada nos encontros de grupos focais. Na verdade, foi proposta às participantes uma ação que mediava cada encontro através de alguma obra artístico-literária, visando fazer com que memórias e processos emocionais emergissem a partir desses momentos de interação que envolviam as obras, as participantes e a pesquisadora. Nesse sentido, consideramos que há no estudo uma perspectiva de pesquisa-ação, embora não o seja em *stricto sensu*. No caso desta pesquisa, devemos considerar a pesquisa-ação como uma estratégia de pesquisa e não como uma metodologia propriamente dita. De acordo com Thiollent (1988, p. 26), “como estratégia de pesquisa, a pesquisa-ação pode ser vista como modo de conceber e de organizar uma pesquisa social de finalidade prática e que esteja de acordo com as exigências próprias da ação e da participação dos atores da situação observada”.

Passando para a composição do grupo focal, discorremos sobre o processo de recrutamento das voluntárias na sequência. Em uma situação de normalidade, na qual o projeto de extensão estivesse acontecendo presencialmente, eu teria feito o convite pessoalmente às senhoras, pois o recomendável seria que elas se dispusessem a colaborar voluntariamente com a pesquisa. De acordo com Gatti,

O convite deve ser motivador, de modo que os que aderirem ao trabalho estejam sensibilizados tanto para o processo como para o tema geral a ser tratado, ou seja, a atividade no grupo focal deve ser atraente para os participantes, por isso, preservar sua liberdade de adesão é fundamental (2005, p. 13).

No entanto, como as atividades presenciais do projeto estavam temporariamente suspensas em decorrência da pandemia de Covid-19, contamos com a colaboração do atual coordenador, professor Gean Paulo Gonçalves Santana, que fez contato com algumas participantes do projeto, convidando-as a participar da pesquisa.

Pensando na funcionalidade de um grupo focal, ele não deve ser muito grande, para se garantir a participação efetiva de todos os integrantes. Mas também não deve ser muito

pequeno, considerando-se que os participantes podem desistir de colaborar em qualquer momento da pesquisa. A fim de abordar questões em maior profundidade, pela interação grupal, Gatti (2005) recomenda que o número de participantes fique entre seis e doze pessoas. Dessa forma, optamos por formar somente um grupo focal com sete participantes. Os encontros aconteceram quinzenalmente e tiveram duração entre 1h e 1h15min, perfazendo o total de sete encontros, realizados entre abril e julho de 2022.

Quanto às formas de registro escolhidas, adotamos a gravação de áudio através de um gravador portátil e a gravação de imagem de alguns encontros através de uma filmadora (termo de autorização de uso de imagem em anexo), e também um diário de campo para que a pesquisadora fizesse as anotações pertinentes. Segundo Gatti (2005), a gravação é o meio mais usado para se registrar o trabalho com um grupo focal. No entanto, a autora alerta para a importância de se apoiar em mais de uma forma de registro: “mesmo com as gravações, recomenda-se que se façam anotações escritas, que se mostram essenciais para auxiliar as análises. Essas anotações podem ser feitas pelo moderador, mas é preferível que seja realizada por um assistente, ou por ambos” (GATTI, 2005, p. 27). O conteúdo das gravações de todos os encontros foi transcrito utilizando o *software* de transcrição *Transkriptor*. Essa é uma ferramenta de última geração que se utiliza da Inteligência Artificial (IA) e que alcança um alto nível de precisão nas transcrições. Contudo, foi imprescindível uma atenta revisão com o olhar humano, principalmente, para garantir que as falas das senhoras fossem preservadas na autenticidade do modo de falar de cada umas delas. Assim, optamos por manter as marcas da oralidade em todos os excertos selecionados para compor o *corpus* deste estudo.

Ressaltamos ainda que tomamos todas as providências formais para garantir que a pesquisa fosse conduzida dentro de princípios éticos e para que fosse preservada a integridade moral de cada participante. Embora o risco ou a possibilidade de afetar qualquer participante fosse mínimo, poderia ocorrer algum constrangimento ou desconforto em razão da presença da pesquisadora. A fim de minimizar tais riscos, procurei agir de maneira respeitosa e ética, me isentando de interferir nas opiniões ou nos posicionamentos das colaboradoras. Além disso, todas as ações da pesquisa foram comunicadas com antecedência para que as participantes autorizassem sua realização ou tivessem a opção de não autorizar ou de interromper sua participação. Ainda assim, caso houvesse danos decorrentes da pesquisa, eu assumiria a responsabilidade por eles.

Em relação à participação do pesquisador, recomenda-se que este, em um grupo focal, atue mais como um moderador, buscando reduzir ao máximo possível suas intervenções nas discussões. De acordo com Gatti (2005, p. 29-30), “o moderador deve explicar seu papel, que é

o de introduzir o assunto, propor algumas questões, ouvir, procurando garantir, de um lado, que os participantes não se afastem muito do tema e, de outro, que todos tenham a oportunidade de se expressar, de participar”. Após introduzir o assunto e propor questões, o pesquisador se posiciona como um observador. E essa função é de extrema importância, pois a partir de uma observação minuciosa é possível fazer ricas descobertas. Para Gatti,

[...], é importante observar detalhada e cautelosamente o que os participantes contam uns aos outros, fatos, histórias e situações, porque esses relatos permitem ao pesquisador ter pistas de como eles se ancoram em um dado contexto social, de como estão mobilizados e em que sistema representacional se apoiam (2005, p. 40).

Nosso intuito foi proporcionar uma atmosfera de proximidade entre as participantes e a pesquisadora, permitindo que elas se sentissem mais à vontade para relatar memórias de suas experiências socioculturais passadas. Durante os encontros do grupo focal, a(s) obra(s) artístico-literária(s) selecionada(s) previamente era(m) apresentada(s) ao grupo. As escolhas dessas obras foram baseadas em temas que pudessem ser familiares às participantes, principalmente através das temáticas abordadas, com o objetivo de evocar memórias. Na sequência, eu propunha algumas questões voltadas para a compreensão dessas obras inicialmente e, em seguida, incentivava as participantes a relacionar tais obras com suas experiências socioculturais passadas. Adotando essa metodologia, acreditávamos que esses momentos de troca de vivências seriam prazerosos tanto para as participantes quanto para a pesquisadora, o que se confirmou no decorrer das sessões.

De acordo com Uriarte (2012), a etnografia se divide em três momentos: a formação, o trabalho de campo e a escrita. A formação seria a bagagem indispensável para ir a campo. É essa bagagem, juntamente com um período de tempo relevante entre os participantes, que ajudará o pesquisador a chegar a “sacadas” etnográficas. A escrita, fase conclusiva da pesquisa, seria o momento no qual o pesquisador interpreta e ordena os dados. Na visão de Uriarte,

[...] fazer etnografia supõe uma vocação de desenraizamento, uma formação para ver o mundo de maneira descentrada, uma preparação teórica para entender o “campo” que queremos pesquisar, um “se jogar de cabeça” no mundo que pretendemos desvendar, um tempo prolongado dialogando com as pessoas que pretendemos entender, um “levar a sério” a sua palavra, um encontrar uma ordem nas coisas e, depois, um colocar as coisas em ordem mediante uma escrita realista, polifônica e intersubjetiva (2012, p. 09).

Certamente, é preciso levar a sério cada etapa da pesquisa para obter resultados relevantes baseados no compromisso ético e social do pesquisador, garantindo o protagonismo das diversas vozes envolvidas no estudo.

3.2 Descrição da coleta de dados

O processo de seleção das participantes aconteceu em fevereiro de 2022. Foi realizada uma reunião com o coordenador do projeto de extensão UATI/CEVITI, professor Gean Paulo Gonçalves Santana, no dia 15 de fevereiro daquele ano. A sua colaboração nessa etapa foi primordial, pois devido ao período de isolamento social em decorrência da pandemia de Covid-19, todas as atividades presenciais da universidade haviam sido suspensas e a pesquisadora não poderia fazer o convite pessoalmente. O coordenador sugeriu que fossem convidadas as senhoras que tivessem uma longa trajetória de participação no projeto. Então, à medida que foi se lembrando de alguns nomes, ele mesmo fez o contato telefônico para fazer o convite. Antes disso, ele havia feito o convite no grupo virtual do CEVITI, mas não houve respostas. A abordagem por telefone foi mais bem-sucedida. Todas as senhoras com as quais ele conseguiu falar gentilmente aceitaram participar da pesquisa.

Após essa primeira abordagem, eu entrei em contato com as voluntárias via telefone para agendar as entrevistas individuais. Como a segunda etapa da pesquisa seria realizada em um grupo focal, optamos por delimitar o número máximo de sete participantes a fim de que todas, considerando-se o tempo para realização de cada encontro, pudessem se expressar e participar igualmente. Vale lembrar que as participantes do projeto UATI/CEVITI são predominantemente mulheres, e mulheres idosas. Por essa razão, as voluntárias da pesquisa são todas do sexo feminino.

3.3 Descrição dos instrumentos utilizados

O período de levantamento dos dados aconteceu entre março e agosto de 2022. Durante esse tempo, eu mantive contato com as participantes presencialmente e também virtualmente através de um grupo criado no aplicativo *WhatsApp*. Esse canal de comunicação serviu para agendar as sessões e lembrar as senhoras das datas dos encontros; para justificar as ausências daquelas que não poderiam estar presentes; para a pesquisadora reforçar a instrução de alguma atividade que ficou como tarefa; e para compartilhar algum material. Além disso, algumas delas enviaram suas participações (áudios/fotos) através desse canal, pois não conseguiram estar

presentes pessoalmente em alguns encontros, em decorrência de problemas de saúde. A coleta de dados foi dividida em três etapas: entrevista inicial, grupo focal com proposta de experiências socioculturais e entrevista final.

3.3.1 Roteiro da entrevista inicial

Primeiramente, foi realizada a entrevista individual com as sete voluntárias entre 15 de março e 07 de abril de 2022. A pesquisadora apresentou como alternativa fazer a entrevista no departamento da universidade ou então ir até as casas das participantes. Apenas uma delas optou por ir à universidade, as demais foram entrevistadas em suas casas. Para a entrevista inicial, elaboramos um roteiro semiestruturado (Apêndice A) composto das seguintes partes: dados pessoais; experiências narrativas: memórias de suas vivências literárias; experiências literárias poéticas, entre outras; experiências socioculturais de letramento literário no CEVITI.

A parte introdutória do roteiro traz doze perguntas diretas ligadas a informações pessoais com o intuito de traçar um perfil das participantes. Buscamos saber sobre suas origens, escolaridade, ocupação, motivos que as levaram a participar do projeto de extensão, entre outros aspectos. Na sequência, passamos para questões que abordam especificamente as experiências socioculturais das voluntárias, percorrendo a infância, a juventude e a vida adulta até chegar à relação delas com o CEVITI.

O bloco 1 é formado por sete questões que visam conhecer a trajetória das participantes no que diz respeito às suas experiências narrativas, seja como ouvintes, seja como leitoras, contadoras, espectadoras e intérpretes de histórias. Através das memórias evocadas, buscamos observar o repertório cultural que elas possuem, assim como avaliar as associações que elas estabelecem entre essas histórias e seus relacionamentos interpessoais.

O bloco 2 é formado por quatro questões com foco nas experiências literárias e poéticas, entre outras ligadas à formação cultural das participantes. Nessa parte, nosso objetivo foi verificar se elas recordavam os objetos literários como: cantigas de roda, brincadeiras, canções, poemas, charadas, piadas, entre outros. Além disso, observamos se tal repertório estaria ligado a uma tradição popular oral ou escolar e qual o significado dessas experiências socioculturais para elas.

O último bloco é constituído de três questões compostas direcionadas às experiências socioculturais que as senhoras vivenciaram no CEVITI e de uma questão que se configura mais como um convite, perguntando se elas gostariam de participar da etapa seguinte da pesquisa, que seria o grupo focal. Conhecer as experiências socioculturais que elas têm experimentado

ao longo da participação no projeto foi importantíssimo para avaliarmos de que formas os espaços de convivência social e de partilha de conhecimentos como esse podem afetar/transformar as vidas das pessoas idosas.

3.3.2 Roteiros dos encontros do grupo focal

Dando continuidade à descrição dos instrumentos utilizados para a coleta de dados, descrevemos a seguir a metodologia de trabalho desenvolvida nos encontros do grupo focal, apresentando as obras artístico-literárias utilizadas, assim como justificando as escolhas desse repertório. Tivemos no total sete encontros quinzenais de 1h15min que aconteceram entre abril e julho de 2022. Definimos essa quantidade de encontros acreditando que esse período de contato direto com as participantes seria suficiente para realizar um levantamento satisfatório de dados.

Antes de tratarmos sobre as escolhas de cada obra utilizada nos encontros do grupo focal, falaremos sobre a natureza constitutiva dessas obras. Trata-se do princípio da narratividade; seja nas canções, seja nas poesias, nos vídeos, no livro de imagens, a narrativa constitui cada uma dessas obras selecionadas para os encontros. Acreditamos que, pela própria capacidade humana de narrar e de se constituir narrativamente enquanto sujeito, seja mais fácil compreender textos narrativos e se identificar com eles.

Desde nossa tenra infância, em contato com narrativas ficcionais ou com a poesia, começamos a construir sentidos através de universos fabulados repletos de fantasia, mediados pela linguagem. Quando crianças, podemos, por exemplo, nos tornar personagens com superpoderes ou trazê-los para o nosso cotidiano como se fizessem parte de nossas vidas. Esse jogo de imaginação que se estabelece com o mundo real é importantíssimo para a nossa construção identitária, pois aprendemos a nos enxergar e a nos compreender enquanto sujeitos primeiramente através do outro. Seria já na primeira infância, a partir do desenvolvimento da linguagem, que começaríamos a formular um mundo inter-relacional entre os objetos internos e externos, contribuindo para o estabelecimento do sentido de “Si, do Si narrativo” (COHEN-SOLAL; GOLSE, 1999).

Com o passar do tempo, ainda na infância, começamos a compreender e distinguir os limites entre o mundo real e o imaginário. Já na vida adulta, pelo poder das circunstâncias, grande parte das pessoas se distancia um pouco mais do universo ficcional, mas ainda assim ele não deixa de fazer parte das nossas vivências. Seria o “Si narrativo”, que começamos a compreender na nossa primeira infância, responsável por construir nossa identidade ao longo

da vida. De acordo com Bruner (2014, p. 97), “a construção da identidade, ao que parece, não consegue ir adiante se não há capacidade de narrar”. Dessa forma, compreendemos a narrativa como mais do que uma necessidade antropológica, pois ela seria a própria constituição do humano.

Da oralidade até o registro escrito, as narrativas compõem a constituição histórica dos povos, e é através delas que o homem busca explicar fenômenos naturais, sociais e sua própria existência. De acordo com Benjamin (1994, p.198), “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”. O autor defende uma relação entre experiência, memória e oralidade como fundamentos da narrativa oral. Também Lejeune (2008, p. 104) defende que somos seres narrativos: “[...] Todos os homens que andam na rua são homens-narrativas, é por isso que conseguem parar em pé”. Em outras palavras, sem uma narrativa pessoal, sem uma história de vida, não conseguiríamos nos sustentar enquanto sujeitos. Cada ser humano se caracteriza por uma trajetória que é única e responsável pela constituição da sua identidade.

Partindo da premissa de que a narrativa é constituinte da vida humana, acreditamos que exista um processo de letramento literário contínuo, que antecederia o letramento escolar e percorreria toda a existência de uma vida. De acordo com Paulino e Rosa,

O letramento literário, como outros tipos de letramento, continua sendo uma apropriação pessoal de práticas sociais de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela. A experiência estética, dentre as quais se inclui a leitura literária, está sendo mais valorizada agora, como modo de reumanizar as relações enrijecidas pela absolutização das mercadorias (2010, p. 165).

Nesse sentido, considerando a experiência estética como algo mais abrangente que envolveria a arte em toda a sua diversidade, ampliamos nosso conceito do que seja literário em consonância com o que propõe Candido: “[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (CANDIDO, 2004, p. 174). Nessa perspectiva, amplia-se também a concepção de leitor e leitura, abrangendo outras materialidades narrativas que vão além do texto escrito.

Ainda que o conceito de literatura proposto por Candido (2004) se interesse sobretudo por textos verbais, estendemos nossa percepção a toda produção de teor artístico envolvendo a linguagem verbal, pictórica e audiovisual, considerando que as experiências socioculturais são mediadas por objetos artístico-literários diversos. O contato com tal objeto pode acontecer

através de uma leitura solitária, de uma leitura compartilhada na escola ou em uma roda de leitura, ou de experiências sociais que envolvam a oralidade, a música, a dança e as artes visuais. No entanto, de acordo com Rosenblatt (1937) e Cosson (2015), o simples contato com tal objeto não é uma garantia de que uma experiência simbólica realmente se efetive, considerando que é preciso que o sujeito compreenda e se aproprie desse objeto enquanto linguagem. Esse processo pode ser consciente ou inconsciente, mas somente as experiências significativas a nível de consciência se tornariam memória e passariam a fazer parte do repertório cultural do sujeito.

Nossa concepção compreende a experiência sociocultural como um processo de natureza sociocultural simbólica, pois produzimos sentidos a partir do tempo e do espaço em que estamos inseridos. Sobre isso, Bruner argumenta que

[...] as narrativas que contamos a nós mesmos, que constroem e reconstróem o nosso eu, são atinentes às culturas em que vivemos. Por mais que confiemos em um cérebro em funcionamento para alcançar nossa individualidade, somos praticamente desde sempre expressões da cultura que nos nutre (2014, p. 97).

Considerando-se que guardamos em nós aquilo que nos afeta, que nos move, que nos comove e que, mesmo com o passar do tempo, nos diz algo, o repertório cultural de cada pessoa seria relativo à sua própria trajetória de vida imersa em uma determinada cultura. Assim compreendemos o que denominamos experiências socioculturais. Nesse repertório caberiam diversas formas de gêneros narrativos e poéticos, entre eles: cantigas populares, lendas, chistes, histórias de vida, histórias de folclore, poemas, contos, romances, provérbios, ditados etc. Em outras palavras, tal repertório seria a bagagem cultural que cada sujeito vai construindo em suas vivências e experiências cotidianas ao longo da vida. A seguir descrevemos cada um dos encontros do grupo focal.

3.3.2.1 Primeiro Encontro – Um feliz reencontro

Realizado no dia 12 de abril de 2022, o primeiro encontro entre a pesquisadora e as participantes da pesquisa aconteceu em um contexto diferenciado, pois havia mais de dois anos que as senhoras não se encontravam presencialmente no departamento da universidade, em decorrência da pandemia de Covid-19. Para começar, fiz um agradecimento às participantes e uma breve explanação sobre o objetivo, a metodologia de trabalho, a quantidade e a periodicidade dos encontros. Nesse dia, das sete participantes da pesquisa, apenas uma se ausentou. No entanto, ela justificou sua ausência e respondeu via *WhatsApp* às questões

propostas. Na sequência, solicitando que cada uma falasse por vez, apresentei algumas questões relacionadas ao contexto atípico da pandemia, a fim de conhecer um pouco como foi para essas senhoras a experiência de dois anos de isolamento social, especialmente no que diz respeito à suspensão das atividades do projeto de extensão UATI/CEVITI.

Embora não tenha sido planejado fazer um intervalo para tomar um cafezinho, justamente pensando em manter um protocolo de segurança contra a Covid-19, uma das senhoras levou um pote de biscoitos e o coordenador do projeto levou um cafezinho. Então, fizemos um intervalo e elas puderam conversar um pouco mais entre si e matar a saudade. Ao final do encontro, deixei uma tarefa para o encontro seguinte. Elas deveriam escolher e levar um objeto que fosse uma recordação de algum evento ou experiência sociocultural significativa que vivenciaram ao longo do tempo no CEVITI.

Esse primeiro encontro foi muito bom para reavivar os laços de amizade entre as senhoras, pois todas elas já se conheciam e haviam participado de atividades e/ou oficinas juntas dentro do projeto de extensão em outras ocasiões. Também foi importante para que o grupo se familiarizasse mais com a pesquisadora e conhecesse melhor os propósitos da pesquisa.

3.3.2.2 Segundo Encontro – Objetos memoráveis: o valor de uma recordação

O segundo encontro com o grupo focal aconteceu no dia 25 de abril de 2022. Nesse dia, as senhoras deveriam levar um objeto que representasse lembranças significativas de alguma experiência sociocultural que elas vivenciaram em algum momento das suas trajetórias no projeto CEVITI. Apenas uma das senhoras se ausentou desse encontro. No entanto, espontaneamente, ela enviou a sua participação através do grupo virtual por meio de áudios e fotos do objeto escolhido.

Para iniciar nossa conversa, eu fiz a leitura oral do livro ilustrado *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* (1995), escrito por Mem Fox e ilustrado por Julie Vivas. A narrativa aborda de maneira divertida o tema da memória na perspectiva de um menino que busca descobrir o seu significado. Curioso para saber o que é uma memória, ele vai perguntando aos velhinhos de um asilo e cada um deles lhe dá um sentido diferente a partir das sensações e emoções que são evocadas neles. O garoto vai associando essas sensações e emoções a objetos reais que as representem e presenteia com esses objetos uma das velhinhas que havia perdido a memória. Em contato com cada objeto levado pelo menino, a senhora passa a se lembrar de episódios de sua vida. Consideramos a história muito propícia para refletir a relação entre a memória e a materialidade dos objetos, simbolicamente transformados pelos sentidos que lhes atribuímos

por meio das vivências de nossas histórias pessoais. As senhoras apreciaram e até se divertiram ouvindo a história. Na sequência, fizemos uma breve interpretação do livro e, logo após, passamos para os depoimentos de cada uma delas.

As memórias representadas pelos objetos se dividiram entre lembranças relacionadas às oficinas realizadas no projeto ou recordações que remetiam a algum evento ou momento marcante que elas vivenciaram nele. Dentre os objetos destacam-se: pintura em tela, pintura em tecido, confecção de uma saia de retalhos, publicação de um livro de trovas, roteiro de uma peça de teatro, fotos de um desfile de *miss* terceira idade e de uma apresentação de dança, uma mensagem motivacional e uma boneca usada em uma apresentação de dança. Na análise dos dados, discorreremos mais detalhadamente sobre o valor simbólico desses objetos para cada uma das senhoras.

Ao solicitar às participantes da pesquisa que escolhessem um objeto que estivesse ligado a alguma experiência sociocultural vivenciada por elas, o objetivo foi justamente conseguir que elas revelassem, sem muita interferência da minha parte, uma experiência que tenha sido positivamente marcante para elas. Ao final desse encontro, entreguei um livro exclusivamente de imagens para cada uma das senhoras. Elas deveriam lê-lo como atividade de casa e preparação para o encontro seguinte.

3.3.2.3 Terceiro Encontro – Leitura de imagens: ressignificando os modos de ler

Realizado no dia 02 de maio de 2022, o terceiro encontro propôs uma experiência diferente de leitura. As senhoras deveriam ler o livro de imagens *Vazio* (2014), de Catarina Sobral, que levaram para casa no encontro anterior. O livro narra, através do contraste das imagens coloridas e da brancura total do personagem principal, a travessia de um homem que se sente vazio e que está à procura de algo que possa dar sentido à sua existência. Esse contraste entre as cores e a ausência de cor do personagem tem a função de reforçar o quão vazio ele se sente. Ao escolher essa obra, busquei levar para as senhoras uma experiência de leitura diferenciada daquelas que elas já tinham experimentado ao longo da vida. Outro aspecto que motivou essa escolha foi o caráter universal da temática abordada pelo livro, pois ao tocar no tema do vazio existencial, ele tem algo a dizer para leitores de diferentes épocas e idades.

Comecei a conversa perguntando às senhoras as palavras às quais elas associavam o sentido da palavra “vazio”, que dá título ao livro, fazendo uma espécie de *brainstorm*. Em seguida, falei sobre os significados do título da obra e, logo após, perguntei como foi a

experiência de ler um livro composto exclusivamente de imagens. Nesse dia, todas as participantes da pesquisa estiveram presentes no encontro do grupo focal.

Na sequência, pedi às senhoras que fizessem uma leitura descritiva do livro, contando o que percebiam na história, sugerindo que elas ficassem atentas às mudanças das cores, às sequências das imagens no desenvolvimento da narrativa. Cada uma delas deveria descrever duas páginas do livro. Essa atividade inicial foi importante para identificar o nível de entendimento que elas tiveram da história.

Passando para uma leitura interpretativa da obra, apresentei questões que levassem as senhoras a refletir sobre a motivação das ações dos personagens, os significados das variações de cores, a sequência das imagens e os diferentes ambientes/espacos/situações em que a história se desenrola. Em seguida, considerando que a história deixa o final em aberto, desafiei as participantes a darem uma continuidade à narrativa usando a imaginação e, para finalizar, perguntei a elas se o livro trouxe alguma reflexão sobre a vida e o que pode dar sentido a ela.

A leitura de um livro exclusivamente de imagens foi uma experiência nova e desafiadora para todas as participantes. Elas disseram que nunca haviam lido um livro como aquele antes e, embora a experiência tenha causado um certo estranhamento inicial, todas conseguiram expressar suas opiniões e formas de compreensão da história. Ao final, deixei um conto para que as participantes lessem para o encontro seguinte.

3.3.2.4 Quarto Encontro – Narrativas de humor: histórias enredadas entre ficção e memória

No dia 23 de maio de 2022, realizamos o quarto encontro compartilhando o conto “Quase ela deu o ‘sim’; mas...”, de Lima Barreto, e a animação em cordel de Rui Henrique, intitulada *A história do irmão João*, inspirada na canção homônima composta por Toinho de Aripibu. Com um tom de humor, ambas as histórias trazem uma interessante temática que pode suscitar uma profícua reflexão. O conto de Lima Barreto retrata um relacionamento amoroso entre uma jovem viúva e um homem descompromissado com o trabalho. A viúva era para ele uma ótima oportunidade para garantir a continuidade do seu estilo de vida descansado. A história do irmão João narra o desejo de um solteirão que invoca a intervenção divina para ajudá-lo a encontrar uma companheira bem mais jovem do que ele, embora já fosse um homem de meia idade. Optamos por essas duas narrativas pensando em propor uma discussão sobre os comportamentos dos protagonistas a fim de conseguirem uma companheira que correspondesse aos seus interesses pessoais. Além disso, outro objetivo foi refletir sobre a posição social do homem, da mulher e da mulher idosa no que diz respeito à busca por um cônjuge.

Comecei por recapitular o que havia sido trabalhado no encontro anterior e relembrar às senhoras os propósitos da pesquisa e o motivo de estar trabalhando com essas obras artístico-literárias. Pensamos ser importante situá-las novamente sobre os objetivos da pesquisa para que elas pudessem compreender melhor a metodologia dos encontros. Na sequência, falei brevemente sobre a vida e a obra de Lima Barreto e fiz a leitura oral do conto, que havia ficado como leitura de casa para elas. A fim de interpretar as histórias em conjunto, exibi o vídeo da animação em cordel logo após a leitura do conto. Na sequência, dei início à conversa sobre as histórias apresentadas.

As participantes começaram dizendo que gostaram das histórias, principalmente dos finais, que elas acharam engraçados. Eu fiz, inicialmente, perguntas a nível de compreensão para depois passar para a interpretação, a fim de verificar o entendimento que elas tiveram das narrativas. Após conversarmos sobre a caracterização das personagens, os enredos e os desfechos das histórias, passamos a discutir a relação das narrativas com as experiências pessoais das participantes, perguntando se elas tinham lembranças de situações semelhantes que tivessem acontecido com elas ou com alguém conhecido. É importante esclarecer que o objetivo não era analisar literariamente as narrativas, mas sim explorar seu conteúdo simbólico estabelecendo uma relação entre as experiências literárias e as memórias de vida das participantes. Ao encerrar esse encontro, entreguei um poema para que as senhoras lessem para o encontro seguinte.

3.3.2.5 Quinto Encontro – Lembranças degustativas: a comida como um evento social

O quinto encontro aconteceu no dia 06 de junho de 2022. Contei com a presença de cinco senhoras. Duas se ausentaram em decorrência de problemas de saúde. Nesse dia, compartilhamos as experiências de leitura de dois poemas da poetisa Cora Coralina. Um dos poemas, “Antiguidades”, havia ficado para leitura de casa e, com base nele, eu solicitei às senhoras que buscassem em suas memórias do passado algum prato preparado na sua infância e/ou juventude que se caracterizasse como um evento social, que envolvesse a família e/ou amigos. O outro poema escolhido foi “O prato azul-pombinho”. Ambos os textos tratam de memórias de infância relacionadas a costumes familiares envolvendo o preparo de um alimento e um utensílio de valor sentimental usado em ocasiões especiais.

Optamos por esses poemas pela sua natureza memorialística, considerando que as memórias presentes nos textos poderiam suscitar lembranças nas participantes por um processo de identificação. Outro aspecto motivador é a própria história de vida da autora Cora Coralina,

que conseguiu publicar seu primeiro livro de poesia já na sua velhice, aos 74 anos de idade. Iniciei o encontro falando brevemente sobre a biografia da poetisa e, em seguida, passei um vídeo de uma interpretação do poema “Antiguidades” encenada pelo grupo Cia Lázara de teatro e audiovisual. Logo após, falei resumidamente sobre a história “O prato azul-pombinho” e apresentei as ilustrações do livro, feitas por Lúcia Hiratsuka, em *PowerPoint*.

Em seguida, comecei uma conversa sobre as duas histórias, trazendo alguns questionamentos para que as senhoras falassem sobre o entendimento que tiveram das narrativas. O interessante foi que houve uma identificação tão direta das participantes com os textos, que elas responderam falando de suas próprias experiências de vida e não dos textos propriamente ditos. Vieram à tona memórias de suas travessuras da infância e elas ficaram felizes em compartilhar tais lembranças.

Por fim, foi solicitado às participantes que contassem a história de algum prato tradicional de família, o qual envolvesse suas memórias afetivas de todo o evento social desde os preparativos até a degustação dos pratos. Algumas delas, inclusive, recordaram o mesmo prato que Cora Coralina descreve no poema “Antiguidades”. Esse momento de trocas dessas memórias degustativas foi muito prazeroso para todas. Parecia que elas haviam voltado no tempo, e comentavam que foi uma época muito boa.

3.3.2.6 Sexto encontro – Canções: os versos e ritmos que marcaram suas histórias

O sexto encontro foi realizado no dia 20 de junho de 2022. A proposta para esse dia era compartilharmos algumas músicas que abordassem aspectos marcantes da vida e da cultura nordestina. Com esse intuito, selecionei as canções “Asa Branca”, “Festa do Interior” e “Feira de Mangaio”. Ao final do encontro anterior, eu havia pedido que as senhoras pensassem em uma música que marcou de alguma forma o seu passado, e que elas falassem nesse sexto encontro sobre essa música e sua relação com algum acontecimento ou experiência vivida. Estiveram presentes nesse dia quatro das sete senhoras. As demais justificaram suas ausências devido a questões de saúde.

Iniciei o encontro falando sobre o papel da música como experiência sociocultural, como ela nos ajuda a recordar momentos significativos ao longo da vida e de como as letras das músicas podem também retratar contextos históricos e regionais. Na sequência, assistimos aos vídeos das canções selecionadas, um de cada vez, seguidos por algumas questões interpretativas, assim como questões voltadas para as experiências de vida das participantes.

Começando por “Asa Branca”, interpretada por Luiz Gonzaga, busquei abordar a questão das longas estiagens que por décadas afligiram o povo do Sertão nordestino, fazendo com que milhares de pessoas migrassem para outras regiões do país. Por outro lado, a canção também expressa uma característica bem presente em muitos desses nordestinos que, embora saíssem de sua terra natal para buscar melhores condições de vida, mantinham um forte senso de pertencimento ao seu lugar de origem e muitos alimentavam o sonho de retornar.

A seguir, assistimos ao vídeo da música “Festa no Interior”, interpretada por Gal Costa. Essa canção traz o tema das festas juninas, uma expressão cultural bem marcante para o povo nordestino de modo geral. Originariamente, essas festas estavam ligadas a uma tradição religiosa que visava celebrar os santos do mês de junho. Mas, com o passar do tempo, as festas foram se tornando grandes manifestações culturais que envolvem vestuário, comidas e bebidas típicas, danças, shows, canções etc.

A última música foi “Feira de Mangaio”, interpretada por Clara Nunes. Certamente, as feiras populares se caracterizam como um importante espaço de interação sociocultural para os nordestinos. Elas vão muito além do objetivo comercial. As feiras são também espaços de construção de novos vínculos de amizade, de expressão artística, de trocas de experiências etc.

Assim que as senhoras escutavam cada uma dessas músicas, elas iam recordando fatos passados e iam compartilhando com o grupo. E, para encerrar esse encontro, pedi que as senhoras falassem sobre a música que cada uma delas escolheu e que evocava lembranças de algum evento do passado.

3.3.2.7 Sétimo Encontro – Em família: relacionamentos, sentimentos e ensinamentos

Nosso último encontro aconteceu no dia 04 de julho de 2022. Nesse dia, contei com a presença das mesmas quatro participantes do encontro anterior. As demais continuavam impossibilitadas de participar devido a problemas de saúde. A temática proposta para esse encontro abordou relacionamentos conjugais e familiares, assim como a divisão das tarefas domésticas e responsabilidades familiares.

Comecei compartilhando dois poemas da poetisa Adélia Prado, “Ensino” e “Casamento”. Esses dois poemas haviam ficado para leitura e reflexão ao final do encontro anterior. Em seguida, ouvimos a música “Valsinha”, de Chico Buarque e Vinicius de Moraes. Por último, assistimos ao curta-metragem de animação *O sonho impossível?* (1983), uma coprodução da Organização das Nações Unidas (ONU) e do Studio J. Trnka Kratky Films – República Tcheca. O vídeo, com roteiro de Tina Jorgenson e desenho e direção de Dagmar

Doubkova, retrata a desigual realidade da maioria das mulheres, que cumprem jornada de trabalho dupla, recebem salários menores que os dos homens e colaboram para manter o modelo patriarcal de sociedade ao reproduzir com os filhos a mesma educação que receberam. No entanto, sonham com a colaboração da família nas tarefas domésticas.

Iniciei o encontro falando brevemente sobre a biografia de Adélia Prado. Introduzi os seus poemas através da leitura oralizada feita por duas participantes voluntárias. Na sequência, propus algumas questões para que as senhoras falassem sobre o entendimento que tiveram dos poemas. Depois passamos à canção “Valsinha” e conversamos sobre a história narrada em sua letra. Encerramos com o curta-metragem *O Sonho Impossível?* e, em seguida, conversamos sobre o vídeo. Logo após, pedi às senhoras que apontassem semelhanças e diferenças entre as obras artístico-literárias que havíamos acabado de apreciar, estabelecendo um diálogo entre elas.

Para finalizar o encontro, pedi que elas falassem sobre as mudanças observadas nos comportamentos conjugais e familiares ao longo do tempo, pensando especificamente na geração dos seus pais, na delas e na geração dos seus filhos. Ao final, fiz meus agradecimentos a cada uma das voluntárias, assim como recebi alguns agradecimentos por parte delas. Depois fizemos um lanche celebrativo ainda em ritmo de festa junina.

3.3.3 Roteiro de entrevista final

Inicialmente, não havíamos previsto uma entrevista final. Contudo, ao longo dos encontros do grupo focal, percebemos que seria importante investigar, individualmente, o que essas experiências socioculturais compartilhadas em grupo representaram para cada uma das participantes da pesquisa. Nessa etapa, optamos por delimitar a coleta considerando as senhoras que conseguiram ter maior frequência e que chegaram até o final dos encontros. Foram entrevistadas quatro participantes. Para tanto, elaboramos um roteiro formado por cinco questões compostas.

Por meio das questões propostas, buscamos conhecer alguns aspectos, a saber: as principais memórias que elas guardaram ao longo dos encontros e as razões que motivaram tais lembranças; com quais das obras artístico-literárias exploradas elas mais se identificaram e menos se identificaram; se elas aprenderam algo novo através das experiências socioculturais experimentadas nos encontros; como foi a experiência de relembrar o passado através dessas obras e de compartilhar suas reminiscências com as colegas; qual dessas memórias elas mais gostaram de relembrar e por qual razão.

Após a conclusão da fase de coleta, passamos para organização, seleção e análise dos dados. Em consonância com a perspectiva teórica adotada na pesquisa, observamos o que os dados nos apontavam. Desse modo, não nos detemos em uma teoria específica de análise, mas buscamos, nas áreas de educação, sociologia, filosofia e linguagens, teorias que ajudassem a compreender os dados gerados através desta pesquisa. Apresentamos na sequência um pouco da história de cada uma das participantes da pesquisa.

3.4 Uma breve apresentação das participantes

Com o intuito de traçar um perfil pessoal para cada voluntária, nós nos baseamos nos dados pessoais que foram solicitados no roteiro de entrevista inicial. A partir das questões propostas, redigimos uma breve apresentação de cada uma delas, revelando um pouco das suas origens, sua escolaridade, sua formação profissional e/ou ocupação, as razões que as levaram a participar desse projeto de extensão, entre outros. Os nomes das participantes apresentados neste trabalho são pseudônimos⁴. Cada pseudônimo foi escolhido por elas mesmas na ocasião da primeira entrevista. A ordem dos perfis das voluntárias segue a mesma ordem das entrevistas iniciais, conforme disponibilidade de cada uma delas na época.

3.4.1 Dona Elisabete

No dia 15 de março de 2022, quando gentilmente me recebeu em sua casa, dona Elisabete estava com 73 anos de idade. Esse foi nosso primeiro contato pessoalmente. Assim que eu cheguei, ela revelou uma certa preocupação se saberia responder às minhas perguntas.

Eu agradei sua disposição em me receber e participar da pesquisa, assim como a tranquilizei dizendo que tudo o que eu perguntaria tinha relação com suas experiências de vida e que ela poderia ficar muito à vontade para me responder alguma questão, ou não, caso não soubesse ou não quisesse.

Dona Elisabete nasceu e passou a infância e parte da adolescência em Cassilândia, um pequeno município da região de Vitória da Conquista, na Bahia. Ela estudou até a antiga sétima série. Já moça, sua família se mudou para o extremo sul da Bahia e passaram a morar em Santo Antônio, um distrito de Teixeira de Freitas. Lá, então, ela se casou e teve três filhos, duas

⁴ Utilizados a fim de preservar a identidade das participantes da pesquisa, seguindo orientações do Comitê de Ética.

meninas e um menino. Quando as crianças estavam na idade de começar a frequentar a escola, ela se mudou com sua família para Teixeira de Freitas, onde vivia até o momento em que concedeu a entrevista. Ela sempre foi do lar, mas também ajudava o seu marido em uma mercearia que tinham quando moravam em Santo Antônio. Viúva já há vinte e dois anos, ela passou a morar sozinha depois que seus filhos se casaram, ou melhor, “sozinha mais Deus”, como ela mesma conta.

Dona Elisabete começou a frequentar o projeto CEVITI por intermédio de uma de suas filhas que estudava na UNEB e que buscou uma vaga no projeto, pensando em ajudar sua mãe, que se encontrava em um quadro depressivo, após a morte do seu esposo. A primeira oficina da qual ela participou foi a de arteterapia e, daquela época em diante, ela já passou por várias atividades do projeto. Dentre todas as oficinas, ela se identificou mais com o coral e com a oficina de pintura em tecido.

Para dona Elisabete, o coral parece ir além das técnicas de canto. Ele se tornou um espaço de encontro, de interação social mediada pela música. “E é divertido e o grupo animado que eu gostava muito, né?! E muitas amigas nesse grupo que já entrou na... no coral e aí eu gostava do coral, mas nem tanto que eu sei cantar”. Já a pintura em tecido parece ter se tornado um agradável passatempo para ela, inclusive considerando-se que é uma atividade que ela pode fazer em casa. “Eu fico aqui em casa assim, às vezes só e esse quartinho ali é minha costura, né?! Ali eu sento ali a tarde todinha, tem hora pela manhã, à tarde e faço minhas pintura”.

3.4.2 Dona Clemência

Meu segundo encontro foi com dona Clemência, no dia 16 de março de 2022, no *campus* da UNEB. Aos 76 anos de idade, ela frequenta o projeto UATI/CEVITI já há vinte anos. Preciso destacar a emoção que tomou conta de dona Clemência quando ela retornou à universidade, depois de dois anos de isolamento social. Ela contou que seu coração acelerou de alegria por estar novamente naquele espaço que lhe era tão importante. Desde o primeiro encontro, ela sempre se mostrou muito disposta a colaborar para a pesquisa.

Nascida e criada na zona rural do município de Nanuque, em Minas Gerais, ela frequentou a escola rural dos sete aos dez anos de idade, mas disse que não conseguiu aprender a escrever, pois tinha que trabalhar na roça desde bem pequena. Assim que voltava da escola, almoçava e já saía para trabalhar. Contudo, ela aprendeu a ler, e disse que gostava muito de ler as histórias de cordel que sua irmã comprava. Aos treze anos, seu pai se mudou com a família

para a Bahia. Foram morar em uma fazenda em um distrito de Caravelas, Santo Antônio de Barcelona, mas que se localiza próximo à cidade de Teixeira de Freitas. Dona Clemência se casou ainda na adolescência e continuou vivendo e trabalhando na roça. Sua rotina se dividia entre cuidar da casa e da família e labutar na lavoura. Ela tem quatro filhos, três mulheres e um homem. Na ocasião da entrevista, ela morava com o esposo, com quem é casada há sessenta anos, e com uma filha.

A descoberta do projeto CEVITI aconteceu a partir de um encontro no mercado com uma conhecida sua, que estava com um caderno debaixo do braço. Dona Clemência brincou com essa colega perguntando se ela estava vindo da escola, e ela lhe contou sobre as atividades na UNEB e a convidou para ir também. Ela aceitou o convite de imediato, como ela mesma conta: “isso foi uma terça-feira, na quarta eu já vim com ela. Cheguei aqui, fiz a matrícula e fiquei. Isso foi no dois mil e dois, começo de dois mil e dois. Tô até hoje [...]”

Dona Clemência tem construído uma bela história dentro da UATI/CEVITI. Ela ingressou na turma de alfabetização para aprender a escrever. Como sempre gostou de fazer trovas, começou a escrever os versos que surgiam na sua cabeça. Incentivada pela coordenadora do projeto na época, ela publicou o livro *Trovas e Rimas* (2013), um sonho que ela alimentava desde a juventude.

3.4.3 Dona Bela

No dia 17 de março de 2022, eu me encontrei pela primeira vez com dona Bela em sua casa e fui gentilmente recebida por ela. Aos 79 anos de idade, ela ainda demonstra ser uma mulher muito ativa e me mostrou alguns objetos de decoração feitos por ela mesma. Dona Bela nasceu na zona rural de Carlos Chagas (MG). Aos cinco anos de idade se mudou com a família para um vilarejo chamado Vila Pereira, que pertence ao município de Nanuque. Concluiu a educação básica se formando em Magistério. Trabalhou como professora primária por 27 anos e, depois que se aposentou, mudou-se com seu esposo e os quatro filhos para o extremo sul da Bahia. Dona Bela é viúva e, na ocasião da entrevista, um dos filhos morava com ela.

Começou a frequentar a UATI/CEVITI a convite de uma amiga, oito anos antes da coleta de dados desta pesquisa, conforme ela mesma conta. “Eu tinha uma amiga que participava. Então ela veio e falou comigo, oh vamo participar também, Bela? Vamos. Aí eu fui e gostei demais, né?! E fiquei. O tempo todo lá.” Uma das suas atividades preferidas no projeto é participar do coral. Além disso, uma outra habilidade que ela descobriu ali foi a pintura

em tecido. No ano da entrevista, ela estava participando desses dois grupos. Dona Bela também participa ativamente da vida da igreja em sua comunidade e gosta muito de viajar com a família.

3.4.4 Dona Lau

No dia 21 de março de 2022, estive pela primeira vez com dona Lau. Fui até sua casa para conhecê-la e saber mais sobre a sua história de vida. Ela foi muito gentil e atenciosa. Aos 73 anos de idade, ela se mostrou muito ativa e disposta. Dona Lau nasceu no município de Medeiros Neto (BA), mas durante toda a sua infância viveu em fazenda. Estudou até a antiga quarta série. Casou-se aos 17 anos e tem duas filhas e um filho. Logo que se casou, mudaram-se para o vilarejo de Duque de Caxias. Em seguida, veio com a família para Teixeira de Freitas, onde permanecia até o momento da entrevista.

Dona Lau é viúva e mora sozinha. Embora já seja aposentada, ela continua trabalhando com confecção de roupas. Quando seus filhos já estavam crescidos, ela voltou a estudar, mas teve que interromper para trabalhar, pois precisava ajudar a custear as faculdades das filhas. Depois que suas filhas se formaram, ela retornou à escola e concluiu o Ensino Médio. Sua participação na UATI/CEVITI começou por um exemplo em família, a sua mãe frequentava o projeto e ela já admirava o trabalho realizado pelo programa. “[...] aí mãe que foi primeiro. Eu achava muito bonitinha a mãe indo pra lá, né?! [...] Aí quando eu completei a idade, aí eu entrei. [...] depois que eu entrei eu parei só um ano que eu fiz o a cirurgia de catarata. O resto foi a vida toda.” As atividades que mais atraíram dona Lau no CEVITI foram as oficinas de dança, o Rodopiando na Cultura Popular Brasileira e também o curso de informática, que segundo ela a ajudou a aprender a mexer no celular.

3.4.5 Dona Lurdes

Encontrei dona Lurdes em sua casa, no dia 28 de março de 2022, e fui amavelmente recebida por ela. Aos 75 anos de idade, ela transparece muita disposição e alegria de viver. Nascida no município de Alcobaça, região litorânea do extremo sul da Bahia, ela cresceu e passou boa parte da sua vida no povoado de Massaranduba, pertencente ao município vizinho de Vereda (BA). Depois ela se mudou para Teixeira de Freitas (BA), onde vive há mais de quarenta anos.

Na infância, ela estudou até a terceira série, mas quando adulta voltou a estudar e concluiu o Ensino Médio. Bordadeira por profissão, ela conta que aprendeu o seu ofício aos 14

anos de idade no período de duas semanas. Especializada em enxovais de bebê, ela me mostrou um pouco do seu belo trabalho. Dona Lurdes tem cinco filhos, três mulheres e dois homens. Viúva já há alguns anos, ela mora com dois filhos.

Ela conta que já conhecia o trabalho da UATI/CEVITI e tinha muita vontade de participar. Após a morte do seu esposo, ela decidiu entrar.

É porque assim eu gostava muito, eu via Neide falar, né? Lá do CEVITI e aquilo ali me encantava. Aí uma vez eu queria entrar. “Ah, mas você não tem idade [...]” que só podia depois dos cinquenta e cinco anos, né?! Aí depois quando meu marido morreu eu falei: ah, eu vou pra lá, né?! Aí eu fui.
(Depoimento de dona Lurdes)

Ao entrar no programa, dona Lurdes começou a fazer aula de canto, dança e pintura. Dentre todos os cursos e oficinas dos quais participou, o que mais lhe agradou foram as oficinas de teatro e música.

3.4.6 Dona Maria do Carmo

No dia 31 de março de 2022, eu me encontrei com dona Maria do Carmo pessoalmente pela primeira vez. Fui até a sua casa, onde ela me recebeu com muito carinho e atenção, apesar de estar com seu esposo adoentado. Aos 83 anos de idade, ela apresentou um espírito jovial e uma memória admirável ao narrar fatos da sua infância com riqueza de detalhes. Nascida em Vitória da Conquista (BA), Dona Maria do Carmo estudou até a antiga oitava série. Depois de se casar, ela se mudou com o esposo para Nanuque (MG). Ela sempre trabalhou como comerciante, primeiro ajudando o seu pai e depois junto com seu esposo. De Nanuque se mudaram para Colatina (ES), depois para Vitória (ES) e, por fim, vieram para Teixeira de Freitas (BA), onde moram há mais de 50 anos.

Dona Maria do Carmo tem um casal de filhos. Na ocasião da entrevista, ela morava com o esposo, mas contava com a assistência da filha que morava na casa ao lado. Ela conta que começou a frequentar a UATI/CEVITI quando parou de trabalhar. Ela e o esposo estavam cansados e decidiram fechar o negócio que tinham, pois já haviam conquistado uma certa segurança econômica. Quando parou, ela pensou o que faria, pois sempre gostou muito de estar em contato com as pessoas e de conversar. Ao se matricular no projeto, ela optou pelas oficinas que trabalhavam com música, dança e movimento, pois gosta muito de dançar e de brincar, conforme revelam as suas escolhas. “Hoje eu toco pandeiro, eu faço parte do reizado, né?! É

hoje eu faço parte do rodopiando, né?! E daí também teve o teatro eu fiz faço parte do teatro, né?! E da aula de canto. É, é coral, né?! Essa eu não abro mão”.

Após quase dez anos de participação no CEVITI, dona Maria do Carmo diz que não quer parar e recomenda o projeto para quem ela conhece: “E num pretendo sair não, que ele faz muito bem à saúde. A gente fala assim, vai no psicólogo. Não, vai pra UNEB. Vai pra UNEB.”

3.4.7 Dona Neiva

Conheci dona Neiva pessoalmente no dia 07 de abril de 2022. Fui até a sua casa, onde ela me recebeu com muita gentileza e atenção, contando-me um pouco sobre a sua trajetória de vida e sua participação no projeto UATI/CEVITI. Ela é uma narradora nata, seu modo de contar os fatos é muito envolvente. Aos 83 anos de idade, ela foi uma das pioneiras do projeto e inclusive participou de uma ação para levantar fundos para dar início às atividades em 1997. Ao longo de todo esse tempo, ela conta que só parou durante os dois anos de pandemia de Covid-19.

Dona Neiva nasceu no município de Brumado (BA), mas foi criada em Vitória da Conquista (BA). Entre doze e treze anos de idade, mudou-se com a família para Teófilo Otoni (MG). Segundo ela, seu pai viajava muito. Então, eles se mudavam com frequência. De Teófilo Otoni eles foram para Caravelas (BA), onde ela ficou e lá se casou. Depois de casada, ela se mudou para um povoado chamado Duque de Caxias, pertencente a Teixeira de Freitas (BA), e, em seguida, mudou-se para essa cidade, onde vive até o momento.

Dona Neiva estudou até a quarta série do antigo primário e sempre se ocupou com as atividades do lar. Casada há sessenta e sete anos, ela criou dez filhos, sete biológicos e três adotivos. Na ocasião da entrevista, ela morava com o marido e com uma de suas filhas. Ao pensar nas suas atividades favoritas ao longo da sua participação no projeto, ela teve dificuldades para escolher, pois foram ofertadas diversas oficinas nesses 25 anos. “Passei por várias, passei por embalagem, né?! Fazer embalagens, ou artesanatos e aprendia muitas coisas interessante. Passamos por várias oficinas já. Se eu for escrever, já nem me lembro mais quantas.” Dentre as que mais lhe agradaram, destacam-se as de pintura em tecido e em tela. Inclusive, ela me mostrou algumas das telas que pintou.

Ela também cita o Rodopiando, que é um grupo que atrai muita gente. “E depois ficamos no Rodopiando na cultura popular. Que essa nós já temos bastante tempo. A gente gosta muito dessa Rodopiando porque a gente vai aprendendo coisa, aprendendo coisa e não quer mais fazer bordado essas coisas, né?” Parece haver um movimento, uma dinâmica nas oficinas do Rodopiando na Cultura Popular Brasileira. Isso envolve tanto as participantes, que se apaixonam por esse ritmo,

como a própria dona Neiva que diz que, “[...] não quer mais fazer bordado, essas coisas, né?!”. Implícitas em “essas coisas” podem estar as atividades que exigem menos movimento e que são realizadas mais individualmente.

Através desse perfil pessoal, observamos alguns aspectos em comum entre as participantes da pesquisa. Considerando que as idades das senhoras têm uma variação de, no máximo, dez anos, podemos afirmar que elas fazem parte de uma mesma geração. Esse recorte temporal similar, assim como um espaço geográfico em comum, favorece para que haja muitos pontos semelhantes em suas trajetórias de vida. No que se refere ao local de origem, por exemplo, todas vivenciaram o estilo de vida rural ou então de comunidades distritais. Dona Maria do Carmo, embora tenha nascido e vivido sua infância e juventude em Vitória da Conquista, uma cidade baiana de médio porte, experimentou a vida do campo nas temporadas de férias que passava na fazenda dos seus pais.

Quanta à escolaridade, somente dona Bela concluiu um curso de formação que correspondia ao Ensino Médio, o curso de Magistério. As demais estudaram até o Ensino Fundamental, a maioria incompleto. Depois, já na vida adulta, dona Lau e dona Lurdes concluíram o Ensino Médio. Em relação à família, todas elas se casaram bem jovens. Todas tiveram filhos, uma média de três para cada, com exceção de dona Neiva, que teve dez filhos. No período das entrevistas iniciais, quatro delas já são viúvas. Inclusive, esse foi um dos motivos que levaram algumas delas a buscar o projeto UATI/CEVITI. Dona Elisabete, por exemplo, procurou o projeto logo após as perdas do esposo e da mãe, a fim de superar um quadro depressivo.

Além desses motivos, elas procuraram o projeto por meio de convite de amigas ou familiares que já participavam, como são os casos de dona Clemência, dona Bela e dona Lau. As duas primeiras receberam convites de amigas e a última foi incentivada pelo exemplo da sua mãe, que havia frequentado o programa UATI/CEVITI anteriormente. Isso revela a importância da propaganda pessoal em relação ao projeto, pois suas participantes conseguem atrair novas integrantes a partir dos relatos positivos das vivências e experiências experimentadas naquele contexto.

O tempo de permanência no projeto também é outro índice de suma relevância. Das sete participantes da pesquisa, três estão no projeto há mais de 20 anos. As demais estão há aproximadamente 10 anos. Esse dado mostra que as participantes, de modo geral, constroem laços duradouros com o projeto, possivelmente porque as atividades são atrativas, elas são bem acolhidas, têm autonomia para escolher as oficinas e cursos com os quais mais se identificam. E, além disso, as participantes tecem firmes vínculos de amizade entre si ao longo do tempo.

Na sequência, apresentamos a análise dos dados selecionados nas entrevistas, a etapa inicial da pesquisa, que teve como objetivo fazer um levantamento do repertório cultural das participantes

a partir das experiências socioculturais por elas narradas, assim como verificar os sentidos que elas atribuem a tais experiências.

4 MEMÓRIAS DAS EXPERIÊNCIAS SOCIOCULTURAIS: NARRANDO SUAS VIVÊNCIAS

A velhice é uma fase da vida que vai se constituindo através da somatória dos anos vividos. Ninguém se torna velho de um dia para o outro. Somos hoje o acumulado de todos os dias anteriores e das experiências que tivemos. Quando alguém conta sobre si mesmo, sempre fala a partir dessas experiências que compõem a sua história de vida e que foram significativas para ela. Há nesse exercício de revelar-se para o outro uma reconstrução representacional de si mesmo, baseada na recordação desses fatos passados. De acordo com Candau (2012), há um consenso entre os pesquisadores que estudam a memória e a identidade em admitir que esta seja uma construção social que acontece em uma relação dialógica com o *Outro*. Também no que concerne à memória, existe igualmente um consenso em reconhecer que ela seria, antes de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel dele.

Outro aspecto que se admite é o fato de haver uma relação indissociável entre memória e identidade, pois toda e qualquer definição de sujeito passa pela reconstituição da sua história de vida, uma história que está ainda em construção, influenciando diretamente na formação da identidade. De acordo com Hall (2006), seria mais apropriado utilizar o termo *identificação* e não *identidade*, considerando que se trata de um processo em andamento.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre a sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada (HALL, 2006, p. 38).

Esse conceito de identidade como um processo que se realiza continuamente ao longo da vida, defendido por Hall, dialoga diretamente com a noção de experiência proposta neste estudo. As experiências socioculturais variam de acordo com o período histórico e com o contexto cultural em que estamos inseridos, logo influenciam diferentemente nossas identidades, que estão em constante processo de formação. Assim, experiência, memória e identidade estão diretamente interligadas e compõem nossas narrativas de vida. Seguindo essa linha de pensamento, embora recorramos à história de vida, nosso foco recai sobre uma área específica que diz respeito às experiências de natureza sociocultural envolvendo a interação com a arte de modo geral.

Essas experiências se relacionam a eventos sociais que envolvam o universo ficcional, artístico, artesanal, lúdico, representacional e interacional, visando analisar como essas experiências

foram vivenciadas, sentidas e ainda lembradas pelas participantes da pesquisa. Nesse sentido, seguimos a perspectiva da Antropologia da memória e identidade proposta por Candau (2012), na qual ele busca elucidar, com rigor, as modalidades de acesso do homem ao seu estatuto de ser social e cultural, procurando compreender como os indivíduos chegam a práticas, representações, crenças, lembranças, produzindo, assim, em uma determinada sociedade, aquilo que chamamos de cultura. Também nós buscamos compreender como essas vivências culturais foram construídas pelas idosas participantes da pesquisa ao longo de suas vidas.

Conforme já foi dito anteriormente, a pesquisa foi dividida em três etapas: entrevista oral inicial, grupo focal e entrevista oral final. Neste capítulo, analisamos os dados referentes à entrevista oral inicial, realizada individualmente a fim de conhecer como foi construída a trajetória de experiências socioculturais de cada uma das sete participantes apresentadas no capítulo anterior. Vale também recordar que essa entrevista foi orientada por um roteiro semiestruturado subdividido em três partes, além dos dados pessoais. São elas: experiências narrativas, memórias de suas vivências literárias, experiências literárias poéticas, entre outras experiências socioculturais vivenciadas na UATI/CEVITI.

Os dados coletados nessa primeira fase foram analisados a fim de responder aos dois primeiros objetivos específicos desta pesquisa, quais sejam: identificar os objetos artístico-literários que compõem o repertório cultural das participantes em experiências passadas e presentes; verificar que tipos de associações elas estabelecem entre essas experiências socioculturais e as obras recordadas. Na sequência, analisamos esses dados referentes a cada uma dessas partes do roteiro da entrevista inicial com base em uma questão que perpassa todo o capítulo: como é construída a relação das participantes da pesquisa com as experiências socioculturais envolvendo as expressões artísticas, situadas em diferentes contextos sócio-históricos ao longo de suas vidas?

4.1 Experiências narrativas: memórias de suas vivências socioculturais literárias

Inicialmente, é importante reforçar que estamos tratando de experiências socioculturais, mais especificamente experiências que envolvem a dimensão artístico-ficcional. Assim, nessa dimensão, interessa-nos explorar as vivências narrativas das colaboradoras, seja como ouvintes, seja como leitoras, contadoras, espectadoras e/ou intérpretes. Considerando que as participantes da pesquisa já têm uma longa jornada de vida e, com isso, provavelmente, levam consigo uma bagagem relevante, observamos como suas trajetórias foram marcadas por essas vivências e quais são as memórias e os sentimentos evocados por elas. Conhecer essas trajetórias é importante para compreender com maior profundidade as interações do grupo focal, etapa que vem na sequência,

construídas a partir do envolvimento com narrativas diversas, escolhidas com a finalidade de oferecer às participantes novas experiências socioculturais.

Compreendendo a narrativa como uma necessidade antropológica e matéria constituinte da identidade humana (CANDIDO, 2004; PETIT, 2009; BRUNER, 2014), desde o início até o fim da vida, pensamos ser imprescindível conhecer as experiências narrativas das participantes da pesquisa desde os primeiros anos de suas vidas. Para começar, buscamos saber se alguém contava e/ou lia histórias para elas na infância, que tipo de histórias, se ainda se recordam e que lembranças são evocadas a partir delas ou do contexto no qual eram contadas.

Todas as senhoras responderam afirmativamente que alguém contava histórias para elas na infância. Em geral, essas histórias eram contadas predominantemente por familiares próximos, como pais, irmãos mais velhos, tios e tias, ou então pessoas mais velhas conhecidas da família. Essas pessoas tiveram pouca escolaridade, algumas estudaram somente o suficiente para assinar seus nomes, fazer cálculos básicos e ler. Conforme informação passada pelas participantes, seus pais tiveram pouquíssimo estudo, alguns deles nenhum. Esse fator não impedia que eles compartilhassem histórias com seus filhos oralmente. Observa-se que o contar histórias era na época uma prática social coletiva que envolvia muitas pessoas, fosse ele restrito ao âmbito familiar ou a encontros entre vizinhos e conhecidos. Naquele tempo, as famílias costumavam ser mais numerosas e não era difícil formar uma roda de crianças para ouvir histórias.

As histórias lembradas pelas participantes da pesquisa são provenientes, em sua maioria, dos contos da tradição oral. Alguns deles, de natureza universal, como: *Branca de Neve e os Sete Anões*, *João e Maria* e *A Gata Borralheira*. Outros, de natureza regional, como: *histórias de Lampião* e *histórias de cordel* (como algumas denominavam genericamente). Além destas, também foram citadas as histórias de Pedro Malasartes, um tradicional personagem da literatura portuguesa, os romances de cordel dos personagens *Alonso e Marina*⁵, histórias em quadrinhos e também algumas histórias cujos nomes elas não se recordavam. Algumas senhoras contaram as histórias na íntegra, do modo como elas se lembravam.

Embora haja muitas semelhanças em suas trajetórias de infância no que diz respeito à prática de compartilhar histórias oralmente, destacamos alguns diferenciais revelados nos seus depoimentos. Na sequência, analisamos alguns aspectos que chamaram nossa atenção nas falas de quatro das participantes. Usamos como critério para selecionar essas falas o fato de as participantes não somente mencionarem a contação de histórias, como também contextualizarem a ocorrência

⁵ Conhecidos personagens das histórias de cordel de Leandro Gomes de Barros (1865-1918).

dessa prática coletiva vivenciada por elas. Esse contexto de compartilhamento das experiências socioculturais é muito importante para buscar compreender as relações subjetivas e interpessoais envolvidas nessa prática.

Começamos por dona Lau relatando que seu pai contava muitas histórias, mas o que se destaca em seu depoimento é que ele lia para seus filhos. Essas histórias, que ela chama de romances, parecem ser narrativas de amor dos cordéis do romancelheiro popular nordestino originários dos romances medievais da Península Ibérica. Naquela época, não era tão comum as famílias adquirirem livros, ainda mais para fazer leituras oralizadas em grupo, mas folhetos de cordel eram amplamente divulgados em feiras, nas ruas das pequenas comunidades, e comprados por preços acessíveis. E o mais curioso é que ela conta, com muito orgulho e admiração, que seu pai não frequentou a escola, não sabia nem assinar o nome, mas, nas suas lembranças, conseguia ler muito bem. Além disso, ela conta que ele entendia de política e estava sempre ouvindo a rádio para se informar. “Aí eu falo assim, que meu pai, ele era uma pessoa muito, muito inteligente. Meu pai, ele entendia de política, ele fazia as quatro operações [...]. Quem soubesse fazer as quatro operações, estava bom, só que ele não assinava, e lia que era uma beleza⁶” (Depoimento de dona Lau).

No caso desse relato, o leitor das histórias era alguém muito peculiar, pois ele não sabia escrever. Seria este um caso de um autodidata cujo repertório escrito e oral se entrecruzavam? Seria uma imagem construída por uma criança de um pai que encenava uma leitura conhecida de memória, decorada, ouvida e cantada no romancelheiro dos cordéis de sua época?

Sim, demais história. Ah, meu pai contava história. A gente reunia pra contá história, né?! História de Lampião, história de não sei de quê. E a gente brincava muito, né?! E nas brincadeiras saía umas historiazinha também, né?! Meu pai lia muito romance. Lia pra nós romances. Ah, eu gostava de ouvir muito romance, era Marina e Alonso. Eu acho que eu acho que falava de muito de amor que os dois era apaixonado e coisa e tal. Eu nem lembro mais do final, mas eu acho que foi um final feliz porque a gente gostava disso, né?! Mas eu até assim, depois de casada eu ainda pegava aquele romance velho enfumaçado e lia e recordava, né?! (Depoimento de dona Lau – grifos nossos)

Quando ela fala sobre aquela época com ternura, pelo tom e expressividade de sua voz, parecem ser lembranças muito agradáveis. Ela deixa transparecer que compartilhar histórias oralmente era um evento social repleto de afetividade, de divertimento, de interação entre ela e sua família. Ao contar que, até mesmo depois de casada, ela pegava “aquele romance velho

⁶ O foco de nossa análise é o conteúdo dos depoimentos das participantes da pesquisa. No entanto, optamos por manter a marca da oralidade, característica de cada uma delas, a fim de preservar a autenticidade de suas falas.

enfumaçado” para ler e recordar, fica implícito na sua fala o quanto aquela experiência foi marcante, pois, provavelmente, sua recordação não se restringe somente ao enredo da história, mas a todo o contexto sócio-histórico no qual ela era compartilhada.

Nas lembranças de dona Maria do Carmo também há um pai contador de histórias, mas nesse caso ele só contava, não lia. É interessante observar que ela descreve com riqueza de detalhes todo o entorno desse evento social que acontecia durante as noites na casa da fazenda, no período de férias escolares. Na frase “Parece que eu vejo o lugar”, dona Maria do Carmo deixa transparecer sua ligação afetiva não apenas com o lugar em si, mas com todo o cenário que ela descreve, envolvendo o pai, seus irmãos, a fogueira, enfim, todo um ambiente muito especial no qual as histórias eram contadas. Ela fala duas vezes “Então essa lembrança ficou (muito)”, reforçando na segunda vez com o advérbio de intensidade “muito”. Para ela, relembrar aquela época parece evocar sentimentos de alegria, ternura e saudade.

Contava meu pai. Ele não era de ler não, ele era de contar história. Por exemplo, Pedro Malasarte. História de Branca de Neve, essas coisas assim que ele contava pra gente, né?! Meu pai era muito de contar história e falar adivinhada⁷, né?! [...] essas história era na fazenda, então essa lembrança ficou. Parece que eu vejo o lugar. Então essa lembrança ficou muito. Então era três mês de férias que a gente tinha. Ele tinha fazenda [...] Aí levava nós pra lá. E aí ele ia lá nas roça, ver os camarada que ele tinha. Aí ele ia cuidar dos rapazes, né, que estava na roça. Aí quando ele chegava de noite ele tomava um banho, aí deitava no meio da sala, né?! E a gente deitava em volta. Aí ele começava a contar essas história pra gente, né?! E era graça, a gente sorria. Porque em fazenda não tem nada. Naquele tempo não tinha televisão, não tinha rádio, não tinha nada em fazenda, né?! Não tinha energia. A energia era acendia uma fogueira na porta da casa pra queimar, né?! Pra poder clarear. (Depoimento de dona Maria do Carmo – grifos nossos)

O anoitecer, quando o pai retornava do trabalho, era um momento de expectativa para as crianças, pois como ela mesma contou, não havia energia elétrica na fazenda e, por essa razão, a prática de contar histórias era a única distração que eles tinham ali. Chama a atenção a disposição da roda: o pai se deitava no meio da sala, provavelmente no chão para poder descansar, e as crianças se deitavam ao seu redor. Era uma roda de contação de histórias em que as crianças ficavam deitadas para ouvir. Dona Maria do Carmo se recordou de algumas das histórias contadas pelo pai e me contou duas delas, ambas do tradicional personagem da literatura portuguesa, Pedro Malasartes. Como essas anedotas eram engraçadas, as crianças se divertiam, como ela mesma fala: “E era graça, a gente sorria”. Nesse caso, é possível observar que há uma transmissão de histórias somente através

⁷ O termo “adivinhada” refere-se às adivinhas, à prática oral de fazer charadas.

da oralidade. O pai de dona Maria do Carmo, possivelmente, ouvia essas histórias de algum familiar na sua infância. Ela, mesmo aos 83 anos de idade, ainda consegue se lembrar e contar as histórias que ouvia do seu pai.

Nesse universo interiorano da primeira metade do século passado, compartilhar histórias oralmente era uma prática muito usual. Em uma pesquisa, que teve como objetivo (re)construir o público leitor/ouvinte e os modos de ler/ouvir literatura de cordel entre 1930 e 1950 em Pernambuco, Galvão analisa como a prática comunitária de compartilhar histórias de cordel oralmente influenciou nos processos de letramento de um grupo de pessoas. De acordo com a pesquisadora,

[...] mesmo entre as camadas pouco escolarizadas e associadas ao mundo da oralidade, práticas de *letramento* eram vivenciadas, independentemente da escola, dos intelectuais, dos movimentos sociais organizados. A pesquisa mostra, ainda, como vários estudos têm buscado discutir, que são pouco complexas as análises que tendem a dicotomizar o oral e o escrito, atribuindo a essas duas dimensões constitutivas da cultura características que lhes seriam naturalmente inerentes. O que parece ocorrer, para usar a expressão de Bakhtin (1993), é uma circularidade entre os dois aspectos em uma mesma cultura, em uma mesma época, não parecendo existir nem um contínuo, nem uma progressão, nem uma hierarquização entre eles (GALVÃO, 2002, p. 137).

De maneira semelhante, essa relação de circularidade entre o oral e o escrito pareceu ser muito presente, principalmente na infância e na juventude das participantes desta pesquisa. Elas transitavam entre as experiências da oralidade com familiares e amigos e as experiências com a escrita na escola.

Já dona Lurdes ia atrás das histórias na vizinhança. Segundo ela, seus pais não contavam histórias, mas sua mãe recitava poesias lindas. Ela conta de uma senhora, chamada dona Rosa, de quem ela adorava ouvir histórias. Parece ser uma realidade bem peculiar da época à qual ela remete. Em vilarejos pequenos, onde as pessoas se conheciam e ainda não havia chegado a televisão, era bastante comum umas visitarem as outras sem maiores cerimônias ou aviso prévio. Realmente, dona Rosa deve ter sido uma exímia contadora de histórias, porque os olhos de dona Lurdes brilhavam com essa recordação. Além disso, neste pequeno excerto, a palavra “adorava”, que é pronunciada três vezes, parecia ecoar cheia de ternura e saudades na voz de dona Lurdes.

Muita, tinha uma amiga minha, a senhorinha acabou de falecer agora há pouco tempo. Dona chamava Rosa. Ai, eu adorava. Ficava lá, precisava minha mãe me buscar de noite. Ela contando história, adorava. Mas era muita história, né?! Que ela que ela contava. Ah, mas tinha umas assim que criança, já viu, né, adorava. [...] Morava assim, nós morava numa praça, numa esquina. Passava acho que um umas duas rua pra poder ir pra casa dela. (Depoimento de dona Lurdes – grifos nossos)

Dona Lurdes contou uma das histórias que ela ouvia de dona Rosa, uma senhora amiga desde sua infância. Ela não se lembrou do nome da história, mas o caso fala sobre o boi do vigário, inclusive ela conta que um dos motivos para se lembrar dessa história é que ela a achava muito engraçada. O humor se revela como um elemento recorrente nessas histórias que eram compartilhadas oralmente.

Nas memórias de dona Elisabete, além das irmãs mais velhas que contavam histórias, o diferencial era que as crianças buscavam pessoas para contar histórias na rua. Mais uma vez se apresenta um contexto de cidade do interior, ainda sem energia elétrica, no qual a vizinhança saía para sentar-se nas calçadas à noite para conversar e se distrair um pouco.

História a gente sempre ouvia, né?! Assim, as minhas irmãs mais velhas tinha as história, só que eu lembro de poucas. [...] É as história de antigamente. É, vai passando pro outro e contava. [...] Eu lembro mais assim que só me chamava atenção mesmo porque a gente andava. Era aquele grupo de meninas. Como lá na cidade que eu morava não tinha energia, depois de eu já grande foi que colocaram o motorzinho. E a gente ficava na rua, né?! Ali sentada e pra gente divertir ficava pedindo as pessoas: conta história pra nós. (Depoimento de dona Elisabete – grifos nossos)

As práticas de compartilhamento de histórias orais nessa época iam além do ambiente familiar, eram práticas cotidianas de sociabilidade cultural entre os moradores dos vilarejos. Galvão aponta que a popularidade das narrativas orais tinha uma relação com padrões similares de composição dessas narrativas, os quais ajudavam as pessoas a memorizarem as histórias e contá-las oralmente. De acordo com a autora,

As narrativas orais obedecem, como têm demonstrado estudos que se detêm sobre as relações entre oralidade e *letramento*, a certos padrões de composição que auxiliam na *performance* dos poetas, na memorização e na incorporação de temas e valores por parte da audiência. O esquema narrativo é, na maior parte das vezes, mais importante que os detalhes do conteúdo das narrativas. As fórmulas – grupo de palavras nas mesmas condições métricas e que obedecem a um mesmo padrão sintático –, o ritmo e a estabilidade de certos temas e ideias facilitam a tarefa do poeta e auxiliam a audiência na memorização (GALVÃO, 2002, p.131).

No relato de dona Elisabete, observa-se que tal cenário de sociabilidade cultural parece ser uma recordação muito agradável para ela. Ao se referir à “história de antigamente”, que uma pessoa vai passando para outra, ela remete às histórias da tradição oral. E, além da característica de um padrão de composição apontada por Galvão, possivelmente, essas histórias eram contadas com muita frequência, o que também facilitava a tarefa de memorização e propagação.

Nas memórias de infância das participantes da pesquisa, é possível observar que as experiências socioculturais ligadas a narrativas ficcionais predominam no contexto familiar e social mais do que no contexto escolar. E, de acordo com essas memórias, nessa fase da vida, elas foram bem mais ouvintes do que leitoras de histórias. Há uma estreita relação entre essas experiências socioculturais e o contexto histórico da época. Vale lembrar que estamos falando de meados do século XX, quando o modo de vida rural e interiorana se configurava como o estilo mais vivenciado pelas famílias dessas mulheres. Em vários depoimentos, é possível constatar a centralidade da oralidade no acesso a narrativas que compõem a bagagem cultural das participantes da pesquisa, algumas delas mediadas por impressos, e que engendram práticas culturais que compõem camadas de suas vidas.

Quando passamos para as experiências socioculturais com narrativas ficcionais envolvendo a escola, verifica-se que, nas memórias das participantes, sobressai o seu papel, naquela época, restrito à alfabetização com objetivos bem limitados de ensinar a ler, escrever e fazer as quatro operações matemáticas. As participantes mencionam que usavam apenas as cartilhas e os livros de conteúdos específicos (livros didáticos) no ambiente escolar. Não havia, naquela época, livros de histórias de ficção e/ou poesia disponibilizados pelas escolas.

Por outro lado, quando perguntadas se costumavam ler histórias de ficção na infância e na juventude, a maioria delas respondeu que sim, mas os livros eram adquiridos, quase sempre, por alguém da família ou então por elas mesmas. Dona Bela e dona Maria do Carmo, por exemplo, contam que suas leituras preferidas eram das histórias em quadrinhos. No caso delas, os livros e as revistinhas de histórias em quadrinhos eram adquiridos pelos pais:

História em quadrinho que eu gostava mais, viu?! [...] é acho que todo mundo, né?! Toda criança mais gosta de história em quadrinho, né?! Quer dizer, as figurinhas porque a gente via as figurinhas e tal, né?! Acho que era por isso, né?! (Depoimento de dona Bela – grifos nossos).

Aqueles livros de quadrinhos. Vixe Maria, eu faltava comer aquilo! Até hoje eu ainda tenho guardado uns. Eu acho que era por causa das figuras, da maneira de ler que a história ficava muito nítida na cabeça, né?! (Depoimento de dona Maria do Carmo – grifos nossos).

É perceptível em suas palavras o gosto pelas histórias em quadrinhos, e ambas destacam as “figurinhas” como um elemento de atração para as crianças. Dona Maria do Carmo conta que ainda mantém guardadas algumas revistas (que para a leitora assumiam *status* de “livros”) de histórias em quadrinhos. Isso também revela o valor simbólico que essas experiências de leitura do passado tiveram para ela. A frase “Vixe Maria, eu faltava comer aquilo!”, em tom enfático, mostra a grande satisfação que a leitura de histórias em quadrinhos lhe proporcionava.

Dona Lurdes conta que gostava de ler romances e fotonovela⁸, e que tem até hoje alguns livros daquele tempo e ainda gosta de lê-los antes de dormir. Interessante ver o gênero fotonovela associado à escola. Possivelmente essa associação se deve às condições para a leitura dessas revistas – saber ler – e não à sua circulação ou ao seu acesso. Dona Neiva conta que também gostava de ler romances, histórias de fantasia, mas que, por causa de um problema na visão, já não consegue ler como antes. Já dona Clemência gostava de ler histórias de cordel e lendas. Dona Lau e dona Elisabete não citam nenhum gênero específico de história, elas contam que havia somente os livros de estudar na escola, as cartilhas.

Sobre as leituras rememoradas, verificamos que as voluntárias tiveram acesso a livros ficcionais de maneira bem modesta, até porque ter uma biblioteca em casa era acessível somente para as famílias mais abastadas. Nem mesmo na escola elas tiveram contato significativo com esses materiais, como mostram os depoimentos. As políticas públicas do livro e da leitura escolar, tal qual as conhecemos atualmente, não existiam ainda naquela época. Logo, não havia circulação de livros literários na escola, e, na maioria dos relatos, nem mesmo biblioteca escolar. O material utilizado se limitava aos livros didáticos ou, em muitos casos, somente à cartilha de alfabetização.

Ao analisarmos os perfis das participantes da pesquisa no que diz respeito a ouvir e ler histórias, parece haver, nos exemplos observados, mais aproximações do que diferenças quanto às práticas que envolviam narrativas literárias na infância. Existia entre as famílias o costume de transmitir as histórias oralmente de uma geração a outra e, dessa forma, o uso da voz como o único “suporte” na difusão das histórias era predominante. Esse modo característico de contar e ouvir histórias é reflexo das condições de possibilidades (materiais e tecnológicas) do contexto histórico da época, na qual predominavam modos de compartilhamento cultural de contação de histórias provenientes da tradição oral. Partimos do pressuposto de que essas

⁸ Considerada um subgênero da literatura, a fotonovela é uma narrativa mais ou menos longa que conjuga texto verbal e fotografia. A história é narrada numa sequência de quadradinhos (como a banda desenhada) e a cada quadradinho corresponde uma fotografia acompanhada por uma mensagem textual.

experiências passadas, constitutivas das identidades dessas senhoras, são fundamentais para a compreensão de como essas pessoas se relacionam na atualidade com narrativas ficcionais construídas por diferentes linguagens.

As famílias das colaboradoras, por serem numerosas, se constituíam como núcleos de experiências socioculturais nos quais as brincadeiras e as rodas de contação de histórias ainda se conservam de modo muito vivo em suas memórias. As lembranças desses momentos parecem trazer memórias felizes para todas elas. Para essas mulheres, a interação familiar, em momentos lúdicos ou de lazer, revela, nos discursos das entrevistadas, um forte envolvimento com o mundo ficcional em práticas culturais possíveis naqueles contextos e que, embora simples, eram permeadas por muita afetividade e forte sentimento de pertencimento ao grupo social familiar e comunitário.

Uma característica interessante das memórias que foram por elas evocadas é o humor. Parece haver um caráter seletivo na rememoração do passado que seleciona histórias que despertam o riso. O passado é, assim, lembrado como uma fonte de prazer. Dona Maria do Carmo, por exemplo, destaca as histórias do cômico personagem Pedro Malasartes, representado pela voz do seu pai. Essas memórias divertidas parecem trazer à tona sentimentos de alegria, saudade e satisfação. São lembranças que podem ter se tornado memoráveis, justamente, pelas relações afetivas e pelos bons sentimentos por elas despertados, que, a cada lembrança, reforçam e renovam os vínculos de afeto. Ao longo da pesquisa, é possível observar que as voluntárias relacionam essas memórias do passado a outras experiências socioculturais que elas vivenciaram em outras fases da vida.

Em relação ao papel da televisão no processo de letramento sociocultural das participantes, observamos que elas tiveram um contato tardio com esse canal de comunicação, considerando-se suas origens e os lugares onde moravam. Sendo a televisão um meio de informação, instrução e entretenimento, pode-se considerá-la também um veículo de letramento literário, pois através dela os espectadores têm acesso a diversas narrativas ficcionais que passam a fazer parte do seu universo de experiências socioculturais. No caso das voluntárias desta pesquisa, a televisão passou a fazer parte de suas vidas a partir da juventude, e na grande maioria delas somente após o casamento. Antes disso, o único meio de acesso a notícias e entretenimento era o aparelho de rádio. Dona Bela relata uma circunstância interessante sobre a televisão, a qual envolveu um evento familiar e um fato histórico mundial ao mesmo tempo.

*Em primeiro lugar lá na cidadezinha em que nós morávamos, meu pai foi a primeira pessoa que colocou, botou um motor no quintal da casa. E ligou, né?! Pra ter luz na cidade, que nem luz não tinha, né?! E uma primeira, a primeira pessoa que comprou uma televisão quando botaram luz na cidade foi o meu pai que comprou e botou numa sala assim. É tanto que vinha as criança tudo, os amigo da gente tudo assistí pela janela assim. É que não tinha né?! Os outros não tinham, né?! [...] Todo mundo ficou na janela vendo. É, foi interessante. **Esse dia foi o dia do casamento da minha irmã, irmã mais nova do que eu, casou nesse dia. O pessoal assistindo o homem pisar na lua.** (Depoimento de dona Bela – grifo nosso)*

É curioso observar que, inicialmente, a TV como uma prática social extrapolava o limite do núcleo familiar, considerando-se que poucas famílias tinham o aparelho naquela época. Algo semelhante aconteceu com o rádio, quando as notícias eram ouvidas em grupos que abrangiam a família, parentes, vizinhos e adjacências. Mesmo com a chegada da tecnologia nesses espaços, é interessante observar que se mantiveram lastros com as práticas culturais típicas da oralidade, que agrega, que reúne, que tem um forte componente de compartilhamento para além do universo familiar restrito. Sobre o tipo de programa a que assistiam, assim que tiveram acesso à televisão, elas disseram que no início viam mais notícias, e duas delas, dona Lau e dona Lurdes, citaram programas de variedades como o do apresentador Sílvio Santos, que já tinha o seu programa na TV desde a década de 1960.

Quando perguntadas se já assistiram ou participaram de alguma encenação ou apresentação artística ao longo da vida, surgiram respostas diversas. Dona Bela, por exemplo, respondeu que sim, que fazia apresentações na escola, mas que no momento da entrevista não conseguia se lembrar de nenhuma delas. Dona Neiva disse que nunca participou de nenhuma encenação, mas que se recorda de assistir aos espetáculos de circo na sua infância, e depois ela, juntamente com suas colegas e com a ajuda de uma tia, organizava no quintal de casa um espetáculo próprio. “A gente criava, a gente ia pro circo, a gente aprendia as coisas que passava no circo e repetia. [...] adorava fazer essas coisas”. Essa fala de dona Neiva demonstra a forte influência que o circo exerceu na vida cultural das pequenas cidades em meados do século passado. O universo circense trazia uma áurea de encantamento e novidade que mexia muito com o imaginário das pessoas, principalmente das crianças

Dona Lurdes e dona Clemência mencionam as experiências vivenciadas na UATI/CEVITI como as primeiras encenações que fizeram nas suas vidas. Dona Lurdes conta sobre a peça de teatro “Julieta e Romeu”, na qual ela interpretou o personagem Romualdo. Já dona Clemência fala que tanto a primeira encenação a que assistiu quanto a primeira de que participou foram ambas no CEVITI. Sua primeira encenação foi em uma festa de São João, na

qual ela interpretou o pai da noiva na dança da quadrilha. Ela também cita sua participação no coral do CEVITI e no grupo Rodopiando na Cultura Popular Brasileira.

As demais participantes, dona Lau, dona Maria do Carmo e dona Elisabete, mencionaram experiências de participação artístico-cultural desde a época da escola. Dona Lau, por exemplo, fala sobre uma dessas experiências que marcaram a sua adolescência. A partir da aula de drama, que havia na escola, ela levou um roteiro para a fazenda onde morava para fazer a encenação do São João.

[...] nessa fazenda onde a gente morava, São João era muito, era muito festejado e a gente sempre inventava as coisas. E quando eu estudei na no município de Medeiros Neto na Zelândia, eu fiquei na casa do meu tio e lá eles fazia, falava, falava drama. Eu não sei como é que vocês falam não. É tipo um teatro. Era. Ai a gente eh eu sei que eu trouxe as cópia e coisa e tal. E teve o São João que a gente fez um São João todo encenado assim, envolveu toda a vizinhança, as criança, adulto, foi assim muito bom.
(Depoimento de dona Lau – grifos nossos)

É interessante observar essa circularidade nas atividades culturais do campo e da cidade relatadas por dona Lau. A arte de representar presente na tradição do São João (“lá eles fazia, falava, falava drama”) é por ela alimentada com o texto que compartilhou na comunidade rural. Ela traz da escola, onde estuda na cidade, uma cópia do roteiro de encenação do São João e consegue envolver na organização da festa de São João sua família e toda a vizinhança da fazenda onde ela morava. Esse evento sociocultural parece ter sido muito significativo para todos. Dona Lau também contou sobre suas experiências na UATI/CEVITI com as aulas de dança e com um desfile de Miss Terceira Idade. Ela declarou que essas atividades a ajudaram a superar mais a timidez.

Dona Maria do Carmo também conta que fazia parte do grupo de drama da escola na sua adolescência e que era sempre muito participativa em todos os eventos. É interessante observar que o termo “drama” parece não se restringir ao teatro, mas a tudo que envolve algum tipo de encenação, tanto que em seu relato ela cita cânticos, encenação e dança. Todas essas atividades faziam parte da aula de drama.

*Eu fazia parte de drama, naquele tempo era drama, né?! **E sempre eu fui o personagem de tudo, né?!** [...] Então eu fazia parte da... nos cânticos que tinha, né?! E fazia parte daquelas encenação que tinha, né?! E já participei dum dum... de uma participação de dança no Clube de Vitória da Conquista, né?! Uma valsa. **Não tinha nem tamanho, mas era atrevida. Nossa senhora! Toda vida!** (Depoimento de dona Maria do Carmo – grifos nossos)*

Outro aspecto que chama a atenção é que, ao contar sobre as atividades das quais participava na escola, ela faz uma autoanálise da sua personalidade, dizendo que era *atrevida*. Nesse contexto, a palavra toma o sentido de desinibida, por não se intimidar diante dos desafios das apresentações que iam surgindo. Com base no seu depoimento, dona Maria do Carmo revelou uma grande afinidade com diversas expressões artísticas desde sua juventude. Esse gosto parece ter permanecido, pois ela ainda é muito participativa nas apresentações artísticas organizadas pelo projeto UATI/CEVITI.

Passando para dona Elisabete, na sua infância houve um evento que foi também marcante e que ela recorda com muita ternura. Nesse caso, o evento foi organizado pela escola como parte dos festejos para a celebração do Dia da Independência do país.

*[...] na escola assim, apresentação artística não, mas tínhamos umas apresentaçõzinha aqui, época de sete de setembro, né?! A gente sempre apresentava no nos desfile como a gente às vezes recitava poesias e eu lembro que foi uma poesia meio que eu nunca esqueci dela. Meus oito anos. [...] Eu recitei ela em cima de um caminhão com microfone. [...] **Ela nunca saiu da minha mente.** Quando eu vejo ela, eu lembro. Ela é grande. Eh começa “Ai que saudade que eu tenho da Aurora [...]”. Mas eu recitei ela tão bonito, **meu pai ficou numa felicidade que eu nunca esqueci disso.** (Depoimento de dona Elisabete – grifos nossos)*

O depoimento de dona Elisabete revela como a participação em eventos culturais dessa natureza podem ser atravessados por momentos afetivos, como o da felicidade estampada na expressão de seu pai, a qual ficou registrada em sua memória. Há nessa experiência sociocultural, vivenciada na infância, um forte vínculo entre o desafio da *performance*, seu êxito e, especialmente, a satisfação e o orgulho expressados pelo seu pai. Na sua lembrança, aquele evento congela um sentimento de afeto entre pai e filha.

Ainda que sejam momentos e contextos diferentes de suas vidas, pode-se dizer que as lembranças dessas experiências socioculturais da infância e da adolescência, e as experiências vivenciadas na velhice, através das oficinas do projeto UATI/CEVITI, são igualmente importantes e especiais para cada uma delas, pois mais do que atividades lúdicas, elas ajudam a aumentar a autoestima, a autoconfiança e também a se ressocializar. Nos relatos de dona Lau e dona Elisabete, percebe-se que as experiências socioculturais que tiveram no projeto foram para elas mais que um passatempo ou uma distração. Essas experiências, vivências e convivências parecem tocá-las em seu interior e provocar transformações positivas que se revelam exteriormente:

*A gente conhece as pessoas, a gente se sente mais leve na dança, nas aulas de dança [...]. Eh, eu acho porque eu era muito tímida, sou até hoje. E parece que eu me, me me descoisei mais, né?! **Me destravou aquela coisa que me travava em vez de falar ou apresentar.** (Depoimento de dona Lau – grifos nossos)*

*E eu falo que ali foi um remédio pra mim, né? Que eu adquiri saúde através do CEVITI. [...] meu marido faleceu, com três meses minha mãe morreu. E eu passei muito, muito mal nessa época e fui acolhida com CEVITI. **E até hoje eu falo que aquilo ali não teve experiência melhor em minha vida do que o CEVITI.** (Depoimento de dona Elisabete – grifo nosso)*

Em relação às experiências como contadoras de histórias para os filhos e os netos, observamos que a prática de compartilhar narrativas oralmente se repetiu apenas com os filhos das voluntárias, porém em menor escala, considerando-se que eles já tiveram acesso a outras fontes de letramento sociocultural. Todas as participantes disseram que contavam para seus filhos as histórias que ouviam na sua infância, aquelas de que elas se recordavam. Algumas delas contaram que compravam livros para os filhos ou então eles ganhavam de algum familiar. Logo, pode-se deduzir que a segunda geração já teve mais acesso à leitura literária. Dona Bela, por exemplo, contou que comprava muitos livros para seus filhos e que eles sempre gostaram de ler:

Meus filhos, toda vida, gostaram de ler. Eles mesmos aprenderam ler, né, Maurício? [um dos filhos estava com ela durante a entrevista] Nossa senhora foi demais. É tanto que os presentes que eles me pediam era livro. (Depoimento de dona Bela)

No que diz respeito à relação com os netos, elas contaram que não tiveram oportunidade de contar suas histórias de infância para eles, e somente dona Lau tem recordação de ler “livrinhos de histórias” para a neta. Dona Elisabete contou que suas netas pequenas, às vezes, ficam curiosas para saber o que ela fazia na sua infância. Então, ela relata algumas experiências para elas.

*Mas às vezes eu sento com elas. A minha neta é muito curiosa. Me pergunta tudo. “Como era, vó, quando a senhora era criança?” Eu vou e explico. “Tinha telefone?” Falo, não. Não tinha telefone não, minha filha. Nem televisão. Tinha o rádio. Ela morre de rir e ela fala: **“oh meu Deus, como é que vocês viviam?”** E eu falava: **brincando, tomava banho no rio, a gente pulava corda. De noite a gente ia dormir tarde, (ficava) na rua cantando roda, pulando corda. Era bom demais.** (Depoimento de dona Elisabete – grifos nossos)*

Nesse excerto, observamos um diálogo entre a primeira e a terceira geração de uma família e, embora em relação à passagem do tempo a distância não seja tão grande assim, é possível observar que o estilo de vida de uma geração para a outra mudou consideravelmente. O estranhamento da neta se manifesta pela ausência de dispositivos tecnológicos com os quais ela sempre conviveu desde que nasceu e que não fizeram parte da infância da sua avó. Seu espanto, provavelmente, surgiu pela falta de referenciais de diversão diferentes daqueles que ela está habituada a conhecer. Dona Elisabete, por sua vez, relembra suas brincadeiras de infância com satisfação e um toque de saudade. Um aspecto que fica em evidência é a natureza dos modos de diversão de cada geração. As brincadeiras que a avó fazia na infância exigiam uma maior interação física, movimento e criatividade por parte das crianças. Já a geração da neta está mais voltada para uma interação virtual, mediada por dispositivos tecnológicos, tais como *tablet*, *smart TV*, celulares, computadores, entre outros, exigindo das crianças habilidades diferentes das de gerações passadas.

Após percorrermos algumas memórias do passado, buscando conhecer as experiências socioculturais vivenciadas pelas idosas participantes desta pesquisa, elas foram questionadas sobre quais seriam as histórias que fazem parte da sua rotina na atualidade e se elas ainda têm o hábito de compartilhar histórias, contando as suas e ouvindo as dos outros. Cinco das participantes disseram que as histórias que mais fazem parte do seu cotidiano atualmente são as histórias de vida, que elas compartilham nos círculos sociais que frequentam, tais como a igreja, o projeto UATI/CEVITI e as rodas de amizades. Quatro delas destacaram as telenovelas e três disseram que as histórias de livros fazem parte do seu dia a dia.

Em relação a compartilhar histórias de vida, uma prática que está presente na vida da maior parte das participantes, destacamos dois excertos das falas de dona Neiva e dona Lau. Ambas relatam que apreciam muito essa prática. Nas palavras de dona Neiva, fica evidente o retorno ao passado através das memórias que ela guarda dos fatos transcorridos. Ela menciona, especificamente, as lembranças da época da juventude e da infância dos seus filhos. Ao evocar essas memórias, as referências sociais do passado são recuperadas a partir dessas conversas.

*Eu gosto de ouvir histórias de outras pessoas, história da vida, né?! E às vezes até quando tem uma oportunidade a gente conta da gente, não é sempre porque às vezes não tem essa pessoa assim... Mas muitas coisas, muita amiga que eu já tenho algumas amigas, que a gente começa a conversar, **a gente começa a lembrar do nosso passado, né?! Da nossa vida, quando era mais jovens, nossas crianças. E a gente participa muito, conversa muito a esse respeito. São as histórias da vida mesmo que nós temos muitas, né?!***
(Depoimento de dona Neiva – grifos nossos)

No seu relato, dona Neiva revelou que gosta de conversar com as amigas para falar das suas histórias de vida. Nesses encontros, elas costumam evocar memórias de um passado que traz experiências similares para todas. Esse aspecto indica que elas viveram em contextos sócio-históricos semelhantes e possuem vivências com as quais se identificam mutuamente. De acordo com Candau (2012, p. 98), “o ponto de origem não é o suficiente para que a memória possa organizar as representações identitárias. É preciso ainda um eixo temporal, uma trajetória marcada por essas referências, que são os acontecimentos”. Seriam essas referências temporais em comum que fazem com que elas tenham uma troca ativa de experiências.

Dona Lau, por sua vez, revelou uma grande proximidade com as histórias bíblicas e com movimentos sociais da sua igreja. Ela cita esses espaços de interação como ambientes importantes de partilha de experiências de vida. Nesses movimentos sociais, a partilha de histórias de vida tem o papel de aproximar, acolher e identificar as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que buscam esses movimentos, como é o caso da Pastoral da Criança, por exemplo, na qual Dona Lau colaborou por muitos anos.

*Olha, eu sou muito envolvida na igreja. E novela eu nem ligo televisão. Deixa eu te falar. E eh quando eu ligo é na Aparecida do Norte. E eu me envolvo muito com as história bíblica, né?! [...] **eu gosto de ouvir essa troca de experiência, né?!** No... nas reuniões, né?! No círculo bíblico quando a gente tem os momento de falar a história da vida da gente, né?! Pastoral da criança também. **As experiências da gente, as história que a gente enfrenta no dia a dia.** (Depoimento de dona Lau – grifos nossos)*

No caso das senhoras que mencionaram as telenovelas como parte do seu cotidiano, observamos que algumas assistem a elas sem o compromisso de acompanhar as histórias diariamente. É o caso de dona Neiva, que conta que no passado acompanhava mais. Segundo ela, as novelas eram melhores. Observa-se, através das suas palavras, que ela faz uma análise crítica às telenovelas no excerto a seguir.

*Acompanhava muito as novelas, acompanhei muitas novelas, depois fui enjoando um pouco, né?! É porque essas novelas de hoje eu falo que eles tiram um pouquinho de uma do passado, tira um pouquinho e faz uma novela. **Quando eles começam, quando a gente começa desenrolar a novela você fala: mas eu já vi tudo isso.** (Depoimento de dona Neiva – grifos nossos)*

Dona Neiva apontou na sua fala a saturação que costuma dominar nos meios televisivos. Ela reconhece, quando se dá conta, a repetição presente no conteúdo que se oferece nesse veículo: “mas eu já vi tudo isso”. Já dona Elisabete e dona Maria do Carmo são duas

telespectadoras frequentes das telenovelas. Elas relatam, nos excertos a seguir, que não deixam de assistir às novelas diariamente:

Eu gosto muito de novela. Eu sou noveleira... (risos) ***Acompanho as novela. É mais as da Globo, né?! Porque eu já sou acostumada então. Eu quase não entro em outros canais, mais as da Globo que pega. Sempre acompanho.*** (Depoimento de dona Elisabete – grifos nossos)

Que faz parte do meu dia a dia? A televisão, né?! É, novela. Agora mesmo eu tô assistindo uma novela, aquela “Clone”. Ave Maria, não perco nada. (Depoimento de dona Maria do Carmo – grifo nosso)

As histórias das telenovelas parecem ser uma forma de distração, entretenimento para elas e também de companhia. Dona Elisabete mora sozinha e dona Maria do Carmo mora com o esposo enfermo [faleceu no ano seguinte à coleta dos dados]. As histórias de ficção das telenovelas de certa forma ajudam as senhoras a se distanciar da sua realidade e experimentar simbolicamente outras experiências sociais, “convivendo” diariamente com diferentes personagens. A relação com esse universo ficcional seria também uma forma de letramento literário.

A leitura de livros de histórias de ficção também faz parte do cotidiano de três delas. Destacamos, a seguir, um excerto da fala de dona Lurdes, que não só reforça várias vezes que gosta de ler, como apresenta o título que está lendo no momento, fazendo inclusive uma avaliação da obra e citando uma das suas obras favoritas, que ela costuma ler com frequência:

*Livro, né? Gosto. Agora mesmo estava lendo aqui um livro, é ‘A cabana’, só que eu não gostei muito não. Dele não. E eu leio muito é assim ‘A dama das Camélia’. Eu gosto mesmo. Quando eu vou deitar, eu gosto de lê esse. **É, gosto, gosto muito de ler.*** (Depoimento de dona Lurdes – grifo nosso)

Entre as três formas de narrativas que foram mais citadas como fazendo parte do cotidiano das participantes da pesquisa, observamos que as histórias de vida se diferenciam das telenovelas e das histórias de livros em um aspecto bastante considerável, a interação direta. As histórias de vida pressupõem o outro. Há, geralmente, uma troca de experiências em uma relação corporal, na qual eu vejo e ouço a outra pessoa. Entre pessoas idosas que ficam boa parte do tempo em casa, essa interação é muito importante, pois nesses momentos de encontros elas, muitas vezes, têm a oportunidade de falar de si, de serem ouvidas e compreendidas. Não que não haja interação diante da tela de uma TV ou nas páginas de um livro, mas são tipos

distintos de interação, que exigem delas mais um movimento de introspecção do que de extrospecção.

Para Bosi (1994, p. 407), “o encontro com velhos parentes faz o passado reviver com um frescor que não encontraríamos na evocação solitária”. Isso porque, geralmente, estamos falando de pessoas que compartilharam as mesmas experiências de vida no passado. Logo, as suas referências sociais são semelhantes. Certamente, isso acontece com mais frequência entre familiares, mas também é muito comum entre pessoas de uma mesma geração, que viveram em um mesmo contexto sócio-histórico. “As lembranças grupais se apoiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal” (BOSI, 1994, p. 414). Assim, poderíamos dizer que os encontros no projeto UATI/CEVITI se tornaram para as pessoas idosas também um espaço para recuperar as referências sociais do passado através do compartilhamento de histórias de vida.

4.2 Experiências literárias: entre versos e cantigas

Nesta seção do roteiro, relembramos que o objetivo foi verificar o repertório artístico-literário que fazia parte da sua infância e juventude, assim como de quais dessas obras as voluntárias ainda se recordavam. Também observamos se tal repertório estaria ligado a uma tradição oral ou escolar e qual o significado dessas experiências socioculturais para cada uma das participantes.

Começando pelas canções e cantigas, perguntei quais elas ainda recordavam, como as aprenderam na época da infância e da juventude e em qual contexto social essas obras eram compartilhadas. Embora todas dissessem que eram várias as cantigas de roda e canções que fizeram parte das suas práticas socioculturais na infância, elas tiveram um pouco de dificuldade para buscar na memória alguns exemplos para citar. Percebe-se, de modo geral, que as cantigas que foram citadas estão, em grande parte, ligadas a algum tipo de brincadeira. Dona Lau, por exemplo, recordou-se de uma cantiga cantada na época da juventude chamada “Terei aprendido a namorar?”, que era cantada em roda para se jogarem versos. Ela conta que no caso dessa cantiga, além da brincadeira de jogar versos, havia a intenção da paquera entre os jovens: “‘Terei aprendido namorar? [...]’. Essa aí a gente cantava muito e jogava os versos. Tava interessado nos rapazinho, né?! E jogava os versos.”

Já dona Lurdes relembrou a canção “Acorda Maria Bonita” a partir da qual, nas brincadeiras de infância, ela e as amigas faziam outra versão da música para brincar de drama

(teatro), inventando novos versos. Vale ressaltar a criatividade das crianças na elaboração das suas brincadeiras. Elas criavam as encenações e parafraseavam canções como parte do “drama”.

*Acorda Maria bonita fazer café para seu filhin. Que hoje nós só sai daqui quando rancá a vida de Zé Pretin.
Aí Zé Pretin aparecia, né?
Hey, hey, chegou o Zé pretin do sertão com o brilho na rasteira e com o brilho no facão. (Depoimento de dona Lurdes)*

Dona Clemência relembrou as canções “Índia” e “Colcha de Retalhos”, de uma dupla sertaneja de meados do século passado, Cascatinha e Inhana. Ela conta que aprendeu essas músicas de ouvir no rádio: “A gente via os rádio cantando, aí já tinha radinho. Ouvia no rádio e ia aprendendo também”. Observamos na sua fala a contribuição do rádio como um meio de vivência sociocultural de destaque na sua vida. Ela também cita duas cantigas de roda, “A batata tindolelê” e “Boi Gabiroba”, das brincadeiras de infância.

Dona Bela e dona Elisabete citam uma cantiga em comum, ambas se lembraram da “Rosa vermelha”. Dona Bela até cantou um trecho: “Rosa Vermelha é meu bem querer. Rosa vermelha e branca quero amar até morrer”. Dona Elisabete também se lembrou das conhecidas cantigas “Atirei o pau no gato” e “O peão entrou na roda”. Dona Neiva recordou a cantiga que ela mais cantava na infância: “‘Quando eu morava na areia, sereia’. Era a que mais a gente cantava, né?! E tem outras. Agora no momento estou lembrando só mais é dessa daí.”

Ao analisar o repertório de cantigas e canções lembradas pelas participantes da pesquisa, observamos que há predominância de práticas socioculturais também provenientes da oralidade nos espaços públicos, assim como a da contação de histórias. Todas essas cantigas fazem parte do cancionário popular e estavam com frequência relacionadas a alguma brincadeira coletiva. Tanto as canções quanto as brincadeiras compõem a bagagem cultural de um determinado contexto sócio-histórico. Outro aspecto marcante é a função do rádio na propagação da cultura, pois muitas músicas e radionovelas se tornavam conhecidas através das difusoras de rádio, conforme foi possível observar no depoimento de dona Clemência.

Quando perguntadas se elas se lembravam de algum verso, trova ou poesia que recitavam na infância, surgiram as recordações de dona Lurdes, dona Maria do Carmo e dona Elisabete. Dona Lurdes relembra o seguinte versinho: “Meu bem é cor de leite, cor de leite bem cuado. Quem oiá pra meu benzin, benza a Deus não bota olhado”. Ela conta que versos como este surgiam nas brincadeiras de roda quando costumavam jogar versos. Nessa pequena quadrinha, que parece ser bastante pueril, há uma ênfase dada à cor da pele, “cor de leite”, e

implicitamente há uma valorização da pele branca como modelo de beleza. Talvez, dona Lurdes não tenha se atentado para o conteúdo ideológico da quadrinha. Geralmente, quando esse tipo de conteúdo, que reforça preconceitos e estereótipos, estava presente em textos como versos, piadas, charadas entre outros, acabava passando de forma naturalizada. A escola, por muito tempo, foi omissa em ensinar os alunos a problematizar esse tipo de produção.

Dona Maria do Carmo já relata uma memória do contexto escolar marcado por ideários patriotas da época, muito frequentes em eventos cívicos escolares. Ela conta que recitou várias poesias em praça pública e se lembrou da poesia que ela intitula “Meu Brasil”, mas que na verdade se trata do poema “A Pátria”, de Olavo Bilac. Depois de tantos anos, ela ainda consegue declamar o poema. “‘Meu Brasil’, ela chama-se ‘Meu Brasil’. Aí diz assim”:

Quadro 1 – Poema da infância lembrado por dona Maria do Carmo

“Meu Brasil” (A Pátria)	A Pátria ⁹ (Olavo Bilac)
<p><i>Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste! Criança, não haverás país nenhum como este! Olha que céu, que mar, que rios e que floresta! A natureza que aqui perpetua em terra,</i></p> <p><i>É um seio de mãe transbordar carinho. Vê que vida no chão. Vê que vida há no ninho, Que se balança no ar entre os ramos inquieto! Vê que luz, que calor, que grande multidão de inseto!</i></p> <p><i>Vê que grande extensão de mata onde impera Fecunda e luminosa eterna primavera! Boa terra! Jamais nasceu a quem trabalha O pão que mata a fome e o teto que se agasalha.</i></p> <p><i>Quem com seu suor fecunda e umidece, Vê pago o seu esforço e feliz enriquece! Criança, não haverás país nenhum como este, Imita na grandeza a terra em que nasceste!</i></p> <p>(Declamado por dona Maria do Carmo)</p>	<p>Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! Criança! não verás nenhum país como este! Olha que céu! que mar! que rios! que floresta! A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,</p> <p>É um seio de mãe a transbordar carinhos. Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos, Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos! Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!</p> <p>Vê que grande extensão de matas, onde impera Fecunda e luminosa, a eterna primavera! Boa terra! jamais negou a quem trabalha O pão que mata a fome, o teto que agasalha...</p> <p>Quem com seu suor a fecunda e umedece, vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece! Criança! não verás país nenhum como este: Imita na grandeza a terra em que nasceste!</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Dona Maria do Carmo conta que, na época em que declamou esse poema, ela devia ter uns nove anos de idade e, como era muito pequena, teve que subir em um “caixão de querosene” para que as pessoas a pudessem ver. Impressiona observar que, mesmo passados mais de setenta

⁹ In: BILAC, Olavo. *Poesias infantis*. 18.ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 195-.

anos, ela ainda consegue lembrar-se do poema na íntegra, que, comparado à versão original de Olavo Bilac, apresenta pouquíssimas alterações, conforme se pode verificar no texto original.

Embora já tenha sido citado anteriormente o exemplo de dona Elisabete, vale relembra-la a sua experiência em declamar o poema “Meus oito anos”, de Casemiro de Abreu. Essa experiência é muito parecida com a de dona Maria do Carmo, ambas fizeram apresentações públicas organizadas por suas respectivas escolas e tinham entre oito e nove anos de idade. No caso de dona Elisabete, ela já não se lembra mais de todo o poema, mas ainda consegue recitar alguns versos.

Quando analisamos essas memórias, observamos que há dois tipos de experiências, uma ligada à tradição oral, através das brincadeiras de “jogar versos”, e outra ligada à escola. Sendo a escola um espaço sistematizador do conhecimento, há por trás do ato de se declamar um poema toda uma organização que exige do aluno um nível mais alto de cobrança. Dona Maria do Carmo e dona Elisabete, ainda muito pequenas na época, responderam positivamente à atividade que a elas foi delegada. Isso fica comprovado pelo fato de as memórias formadas a partir daquele evento sociocultural parecerem ter se tornado marcantes para ambas. Nota-se, no entanto, que não foram lembradas experiências poéticas de dimensão mais íntima, ligadas a escolhas pessoais das participantes.

Quanto a provérbios e ditados populares, não surgiram muitas lembranças, embora elas dissessem que as pessoas costumavam citá-los com frequência. A maioria dos ditados lembrados remete a alguma situação familiar e era usada pelos seus pais. Dona Lau, por exemplo, recorda um ditado muito falado pelo seu pai, “Diga com quem tu andas, que eu sei quem tu és”. Conforme ela relata, o pai tinha muito ciúme das filhas e, por essa razão, criticava algumas de suas companhias: “Meu pai falava muito. Ai, meu Deus, é porque ele ciomava a gente demais. Quando tinha uma menina que era assim mesmo... ‘Ah não anda mais com Fulana’”.

Do mesmo modo, dona Elisabete recorda o ditado “Em casa de ferreiro, o espeto é de pau”, que no caso era usado pela sua mãe ao se referir a seu pai, que, embora sendo serralheiro, não fazia espeto para uso doméstico: “A minha mãe tinha muito ditado com ela. Só que eu não... esse mesmo do ferreiro ela sempre falava porque meu pai era tipo ferreiro, mas sempre que ia fazer... ela sempre usava o espetinho. Aí ela falava ‘na casa de ferreiro o espeto é de pau’.” Ainda que dona Elisabete tenha dito que sua mãe “tinha muito ditado com ela”, a participante não consegue se lembrar de outros no momento da entrevista, exceto o ditado “[...] com ferro fere, com ferro será ferido”. Dona Maria do Carmo citou o ditado “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura...”. Mas, nesse caso, ela não recordou nenhum contexto no qual o ditado

costumava ser usado no passado. Parece não haver muitas lembranças dos ditados populares e provérbios. Na verdade, as lembranças que elas tiveram são dos pais falando os ditados e não delas mesmas. Esses ditados eram utilizados em situações familiares, muitos deles como forma de reprimenda, e foram transmitidos oralmente.

Na seção seguinte, as voluntárias foram perguntadas se recordavam de charadas e piadas da época da infância. Praticamente não houve nenhuma lembrança específica. Então, observando que houve uma ocorrência frequente de brincadeiras mencionadas, achamos por bem incluí-las nesta seção. Quanto às piadas, somente dona Lurdes disse que se lembrava de algumas, mas não poderia contá-las, provavelmente por causa do seu teor picante. Ela cita o livro *Piadas do Bocage*, do escritor português Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), cuja produção de piadas e anedotas, sob a forma de livro e de revistas em quadrinhos, teve ampla circulação no Brasil.

Em relação às charadas, a única lembrada foi indiretamente pelo filho de dona Bela, que chegou ao final da entrevista e nela deixou uma breve colaboração: “Até hoje a senhora fala, a charada do bule. Tem asa, mas não voa. Tem bico, mas não bica.” É curioso que, nesse caso, dona Bela não conseguiu se lembrar de nenhuma charada naquele momento, mas seu filho se lembrou de uma charada que ela lhe ensinou.

Passando para as brincadeiras citadas, começamos por uma que foi bem recorrente nas suas lembranças, a brincadeira de passar o anel. Ela foi citada por dona Lurdes e por dona Maria do Carmo, que ainda descreveu a brincadeira. “‘Entra na roda Maria José, entra na roda vamos brincá de ané’ (cantiga). E o anel vai passando, né?! De mão em mão. E a outra está na na roda pra poder achar o anel, né?! E a gente vai cantando e rodando até ela achar o anel.” Dona Maria do Carmo, ao explicar a brincadeira, mostra também a sua junção com a música. Essas brincadeiras de roda eram sempre acompanhadas pelas cantigas. Outra brincadeira de roda, chamada “Fulano caiu no poço: quem tira?”, foi citada por dona Lau. “Aí a gente tirava aquele que estava sentado que a gente queria sentar junto do menino. Ah! Aí tirava aquela que estava sentada junto dele e levanta o fulano que eu quero sentar.” Nessa brincadeira, já havia um tom de paquera entre os jovens, pois através dela, eles iam revelando em quem estavam interessados.

Dona Lurdes se recorda dos bonecos de pano tipo fantoche para teatro que as crianças faziam: “Inventava fazê teatro, eu gostava muito. Eu tinha uns buneco, eu fazia uns buneco. É, pra brincá, né?! E cantá as cantiguinhas. Era. E a gente fazia.” É muito interessante observar que essa brincadeira se desenrolava como um processo criativo que ia desde a confecção dos bonecos até a criação de um roteiro para a encenação da peça. Diversas habilidades eram desenvolvidas, como coordenação motora fina, criatividade, expressão corporal e verbal, entre

outras. Dona Lurdes cita também o cordão de caboclo, uma espécie de carnaval no qual as crianças eram fantasiadas de índios e saíam pelas ruas:

Negócio de cordão de caboclo, vestia de... naquele tempo que a gente era pequeninha, vestia de índio. Pra brincar de sair no cordão de caboclo, né?! Ah, brinquei muito. Eu era rainha, fui rainha. [...] era igual carnaval, só que era um cordão de caboclo. As menina tudo vestida de índia e os menino também. (Depoimento de dona Lurdes)

Essa brincadeira, citada por dona Lurdes, remete aos blocos de carnaval, no qual todos os participantes usam a mesma fantasia. Nesse caso, era um bloco de crianças fantasiadas de indiozinhos e indiazinhas, do qual ela mencionou ter sido rainha. O que para as crianças era apenas uma brincadeira parecia ser uma manifestação cultural do povo daquele local, um costume que se tornou popular e continuava sendo repetido nas comemorações do carnaval.

Passando para as charadas e piadas que foram lembradas, as participantes disseram que sempre havia alguém na família que gostava de contá-las, ou era um primo, um tio ou então as irmãs mais velhas. Desse modo, segundo os relatos das participantes, elas eram mais transmitidas através da oralidade também, com exceção de dona Lurdes, que cita alguns livrinhos de Bocage. As brincadeiras se revelam ser mais do que apenas diversão. Através delas, produziam-se conhecimentos múltiplos como o do corpo em movimento, da linguagem ritmada marcando novos e desafiantes ritmos da vida, dos processos iniciáticos como o dos namoros, do riso como forma de expressão necessária à vida das pessoas, entre outros aspectos ligados à presença do lúdico nas interações sociais.

4.3 Experiências socioculturais de letramento literário no CEVITI

No terceiro bloco de questões, focamos basicamente duas questões, com o objetivo de saber como as senhoras avaliam as experiências socioculturais coletivas vivenciadas no projeto UATI/CEVITI e se elas o consideram como um espaço de interação social. A partir da perspectiva das participantes do projeto, analisamos os principais benefícios apontados pelas voluntárias da pesquisa. Na sequência, analisamos alguns de seus depoimentos.

Começando por dona Lau, ela fala primeiro sobre a sua visão pessoal, destacando as oficinas que mais lhe agradaram: “Olha, eu avalio que foi positivo, né?! **A dança pra mim foi assim maravilhosa, né?! E o Rodopiando também porque é muito, é muita atividade boa, né?!**” Sua experiência pessoal com as oficinas de dança a ajudou a aumentar sua autoconfiança e autoestima, conforme ela relata em outra passagem da entrevista. Em relação ao conjunto das

atividades do projeto, ela destaca a interação entre as senhoras participantes: “Eu falei, assim, de trocar receita, de falar o que comeu, o que que não comeu, que que tá sentindo. E se vai fazer uma viagem, se gostou. Ah, gente... é muito bom. Muito bom”. Nesse relato, é possível observar que as relações construídas entre as participantes do projeto conseguem criar vínculos de intimidade, de participação uma na vida da outra, para além dos momentos vivenciados no projeto. Além de ressaltar o caráter positivo do projeto, dona Bela deu ênfase à importância daquele espaço para conhecer outras pessoas e fazer novas amizades:

Foi um tempo ótimo, muito bom, viu?! Nossa, aquelas amizades que a gente fez, né?! Pessoas que nós não conhecíamos e fomos conhecer lá, né?! Nossa, foi um período muito bom. Maravilhoso, viu?! Tenho saudade de cada hora que eu estava lá com a turma. (Depoimento de dona Bela – grifos nossos)

Embora o tom de dona Bela pareça ser de distanciamento ao usar o tempo verbal no passado, ela continua participando do projeto. Mas a saudade à qual ela se referia era em razão dos dois anos de isolamento social em decorrência da pandemia de Covid-19, que obrigou as pessoas a pararem as atividades não essenciais.

Para dona Lurdes, os encontros trazem alegria e ela destaca a importância do diálogo, fazendo uma contraposição com a televisão, que, segundo ela, acaba atrapalhando o diálogo entre as pessoas. A interação proporcionada pelos encontros do CEVITI tem também um teor de descontração, fazendo com que as participantes falem de si umas para as outras e se divirtam nesses momentos de convivência:

A gente fica alegre. A gente conversa porque a gente quase não ... né?! Assim hoje em dia só televisão. Você chega numa casa é televisão ligada. Você não pode nem conversar, né?! É. E lá não, lá você conversa, sorri, conta história, né?! Conta piada, ri, né?! Isso é muito bom. (Depoimento de dona Lurdes – grifos nossos)

Observamos que participar desse espaço de convivência com outras pessoas idosas faz muito bem a ela. Parece existir entre elas uma interação muito sadia que promove uma sensação de bem-estar. Do mesmo modo, na visão de dona Maria do Carmo, participar do projeto CEVITI traz benefícios que vão além de um simples curso. Ela, carinhosamente, remete aos nomes das idealizadoras do projeto expressando sua gratidão pela criação do projeto:

*E na CEVITI eu encontrei coisas muito boas, muito gratificante e eu até admiro quando o povo num procura. Porque aquilo ali é uma escola, é uma eu não digo nem uma escola, aquilo ali é uma oficina de terapia. **A pessoa que inventou aquilo ali, gratidão pra ela. Pra elas, que foram Marinês e Adelaide, né?! (Depoimento de dona Maria do Carmo – grifos nossos)***

Para além de um espaço que oferece cursos de formação para as pessoas na terceira idade, dona Maria do Carmo enxerga o projeto como um espaço de interação com propriedades terapêuticas, colaborando para a melhoria de estados emocionais fragilizados entre as participantes:

*Ah, quando você vai pra CEVITI, às vezes, você sai assim de casa: ai, hoje eu não vou, não. Aí eu vou, quando chega, você sai cheia de força, né?! Parece que as energia melhora. E as colegas, né?! **Que chega lá contando as história com aquele baixo astral, né?! Quando pensa que não, tá outra, como se diz, tá em outro patamar de vida, né?! Tem muita delas lá. Tinha dela lá que tava com depressão, essa coisa toda. Hoje está tão diferente.** (Depoimento de dona Maria do Carmo – grifos nossos)*

Nesse depoimento, dona Maria do Carmo relatou suas observações em relação a colegas que conseguiram superar dificuldades de natureza psicoemocional. Possivelmente, a força citada por ela provém da interação interpessoal, dos momentos de escuta uma da outra, das partilhas de alegrias e sofrimentos, das trocas de abraços e sorrisos. Enfim, essa atenção e carinho mútuo teriam o potencial de transformar positivamente o estado emocional das participantes.

Dona Clemência, embora tenha sido muito sucinta na avaliação da sua experiência no CEVITI, foi muito profunda na escolha da palavra “renasci”. Há uma força tremenda nessa palavra porque nela estão implícitas a mudança de vida, a renovação, a transformação, enfim, diversos processos de formação que estão diretamente ligados à constituição da sua identidade: “Ah, minha filha, eu renasci. Eu achava muito boa que pra mim todas foi proveitosa, pra mim foi.” Para ela, todas as atividades e oficinas das quais participou a ajudaram de alguma maneira.

Dona Neiva, uma das pioneiras na participação do projeto, ressalta também o seu valor terapêutico, mas no sentido de ocupar a mente e o corpo porque ali há muitas opções do que se fazer. Na sua fala, também identificamos o desejo que as participantes têm de permanecer no projeto: “E as que estão ali, não querem sair.”

Muito importante, muito importante. E as pessoas que entram ali doente saem porque tem muita coisa pra se fazer, muita coisa. [...] E as que estão ali, não querem sair. Não querem mesmo porque se elas não querem mais aquela oficina vai pra outra oficina. Elas têm muitas opções. (Depoimento de dona Neiva – grifos nossos)

Quanto à sua experiência pessoal, dona Neiva, que acompanhou desde o início o crescimento e as modificações do projeto, revela que tudo isso se tornou para ela uma extensão da sua família, declarando inclusive o seu amor pelo projeto: “Esses vinte e três anos de CEVITI pra mim, **eu falo que foi uma extensão da minha família. Eu aprendi muito, muito com CEVITI. Eu amo o CEVITI.**” Como aluna pioneira do projeto, dona Neiva, que já passou por vários cursos e atividades, tornou-se uma das maiores representantes do CEVITI, carregando a bandeira do projeto e divulgando os seus benefícios para as demais pessoas idosas.

Também para dona Elisabete a experiência de participar do projeto tem sido muito significativa. Ela destaca esse espaço não somente como um lugar de aprendizagem, mas também de diversão. Outro ponto muito relevante na sua fala é o caráter permanente do projeto. Isso é realmente importante na velhice, considerando-se que as pessoas idosas acabam tendo mais tempo ocioso e necessitam de projetos como esse que ofereçam atividades continuamente:

Menina, essa experiência foi maravilhosa pra mim. Foi a melhor, durante a minha vida eu nunca participei de nada assim tão bom igual CEVITI porque no CEVITI a gente além de aprender a gente diverte. É, diverte muito a gente. A gente esquece dos problema. Ali é muito bom a escola mesmo. Maravilhosa. Eu no CEVITI eu falo que pra mim foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida foi esse CEVITI. Porque antigamente a gente participava de uma coisinha ali, mas era rapidinho acabava aquilo. E o CEVITI não, foi permanente. De quando dois mil e um pra cá eu nunca parei de participar do CEVITI, nunca saí nenhum ano. (Depoimento de dona Elisabete – grifos nossos)

Após analisarmos partes de alguns depoimentos das voluntárias da pesquisa em relação a como elas avaliam a experiência vivenciada na UATI/CEVITI, podemos tirar algumas conclusões sobre a relevância do projeto em suas vidas. Partindo do princípio do projeto, que é ofertar cursos, oficinas e organizar eventos que envolvam a comunidade idosa, observamos que seu alcance vai muito além de um espaço de aprendizagem. As senhoras apontam o projeto como um importante espaço de interação social para as pessoas idosas, onde elas podem conversar, divertir-se e fazer novas amizades. Tudo isso lhes proporciona um estado de bem-estar, trazendo alegria, sentimento de pertença àquela comunidade e até cura de estados

emocionais fragilizados. Por se sentirem bem, acolhidas e se identificarem com aquele espaço, elas costumam permanecer por longos períodos de tempo.

4.4 Refletindo sobre os dados levantados

Esse primeiro contato com as participantes da pesquisa, através de entrevista individual, permitiu-nos um maior conhecimento da trajetória de vida de cada uma delas, considerando-se que, ao relatar suas experiências socioculturais, elas narram as vivências coletivas que foram significativas em diferentes momentos de suas vidas. Partimos do pressuposto de que existe um letramento literário relacionado às práticas socioculturais que experimentamos ao longo da vida, e de que cada pessoa vai formando seu repertório cultural pessoal de acordo com as experiências socioculturais por ela vivenciadas. A partir disso, buscamos identificar os objetos literários que compõem o repertório cultural das voluntárias e verificar que tipos de associações elas estabelecem entre esses objetos recordados e suas experiências socioculturais.

Após analisar as entrevistas iniciais, identificamos que todas as voluntárias possuem repertórios culturais provenientes das suas experiências socioculturais desde a infância até a velhice. O tipo de experiência vai mudando ao longo do tempo. Observamos que, da infância até o início da adolescência, essas experiências eram predominantemente voltadas para práticas culturais de natureza oral e coletiva, envolvendo familiares e amigos. As memórias dessa época são permeadas de saudosismo e afeto. Mais do que histórias, cantigas, versos, brincadeiras, entre outras, elas recordam os vínculos afetivos que reuniam os grupos nessas práticas socioculturais.

Além dos círculos familiares e de amizade, é importante ressaltar o papel da escola na promoção de eventos socioculturais, ainda que fossem de caráter pontual, como os festejos da semana da Independência. Tais eventos proporcionaram para algumas delas memórias marcantes. No contexto escolar, as experiências relatadas foram de natureza individual, ainda que fizessem parte de uma programação coletiva. E, passados muitos e muitos anos, dona Elisabete e dona Maria do Carmo ainda são capazes de declamar os poemas que recitaram na infância.

Outra forma de vivenciar experiências socioculturais foi através da radiodifusão, que por muito tempo foi o único veículo de comunicação acessível a grande parte da população. Além de transmitir notícias, a rádio colaborou muito para o entretenimento das famílias. Algumas das participantes citaram canções que aprenderam ouvindo rádio, além de radionovelas, que eram bem populares até meados do século passado. E, assim como a prática

de contação de histórias, a prática de ouvir radionovelas também era uma atividade coletiva. Já na segunda metade do século XX, é a televisão que passa a ocupar essa função do rádio por meio da transmissão das telenovelas.

Quanto à avaliação que elas fazem das experiências vivenciadas no projeto de extensão UATI/CEVITI, destaca-se o valor dos laços afetivos construídos nas interações sociais. Para muitas delas, o ambiente do projeto é comparado ao ambiente familiar. Vale lembrar que essas senhoras pertencem a uma mesma geração e vivenciaram contextos sócio-históricos muito semelhantes. Suas práticas socioculturais eram predominantemente coletivas e isso reforça o caráter de familiaridade expresso por elas em relação às vivências no CEVITI. De acordo com Bosi (1994, p. 414), “o grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado [...]”. Certamente, elas possuem muitos pontos de identificação no que concerne às experiências passadas.

No capítulo a seguir, analisamos os dados referentes aos dois primeiros encontros do grupo focal, com a finalidade de aprofundar o conhecimento da relação que cada uma das participantes construiu e vem construindo dentro do projeto através das experiências socioculturais por elas vivenciadas e compartilhadas. Traçar tal trajeto investigativo, buscando conhecer a variedade das suas práticas socioculturais ao longo da vida, é importante para avaliar, na sequência, como suas vivências passadas dialogam com as obras compartilhadas nos encontros do grupo focal.

5 UATI/CEVITI: O IMPACTO DO ISOLAMENTO SOCIAL E A IMPORTÂNCIA DAS EXPERIÊNCIAS SOCIOCULTURAIS COMPARTILHADAS

Neste capítulo, analisamos o conteúdo gerado nos dois primeiros encontros do grupo focal, contrapondo o contexto de isolamento social, imposto pela pandemia de Covid-19, e suas consequências nas vidas das participantes do projeto de extensão UATI/CEVITI, assim como revelando a importância desse espaço de interação social na formação de referências socioculturais relevantes na velhice. A partir dos depoimentos das voluntárias da pesquisa, buscamos observar qual alcance as experiências vivenciadas no projeto têm na construção da história de cada uma delas.

5.1 Relatos das experiências de isolamento social das participantes do projeto UATI/CEVITI

Para começar, não poderíamos ignorar o contexto sócio-histórico mundial no qual esta pesquisa foi desenvolvida. Entre 2020 e 2021, a população mundial se deparou com um dos períodos de maior ameaça e incerteza dos últimos cem anos. Toda a humanidade estava diante de um inimigo invisível, desconhecido e altamente letal. Os métodos científicos para conhecer o novo inimigo, assim como as estratégias de luta contra ele, foram sendo descobertos em pleno campo de batalha. Durante esse tempo, milhões de vidas foram perdidas para o Coronavírus em todo o mundo. Como se proteger? Como reduzir a propagação rápida do vírus? Por que para algumas pessoas o vírus era letal e para outras não era nocivo? Quanto tempo essa pandemia duraria? Enfim, as dúvidas eram muitas e a angústia é que não tínhamos respostas para essas questões.

Os números apresentados pelos relatórios oficiais, embora alarmantes pela quantidade, jamais poderão expressar os prejuízos intangíveis dessa pandemia. Os impactos continuam reverberando nas sequelas físicas, mas principalmente nas feridas emocionais daqueles que perderam seus afetos e viram seus sonhos sendo destruídos. O medo da morte que nos assombrava era acompanhado pelo sentimento de uma morte altamente cruel, isso porque não tínhamos a chance de acompanhar de perto esse momento difícil daqueles que amávamos, nem de nos despedir ou consolar com um abraço aqueles que ficaram. Foram experiências assustadoras, dolorosas e extremamente solitárias, e somente cada pessoa pode falar como foi a sua experiência pessoal da pandemia.

Levando em consideração o fatídico período da pandemia, marcado por milhares de mortes em nível nacional e por um longo tempo de isolamento social com cuidados rigorosos a fim de prevenir o contágio, propomos que, em nosso primeiro encontro com as senhoras

participantes da UATI/CEVITI, elas falassem sobre tal contexto e fornecessem um relato a respeito do impacto que a pandemia teve em suas vidas. Vale ressaltar, comparativamente falando, que para as pessoas idosas as consequências da pandemia foram ainda mais devastadoras, pois dentre todos os grupos, esse era o mais vulnerável à doença. Assim, considerando que as participantes da pesquisa eram idosas com idades entre 73 e 83 anos, muitas com comorbidades, não poderíamos ignorar os impactos da pandemia, principalmente no que se refere ao isolamento social, que se configura como um relevante contraponto para refletirmos sobre a importância dos espaços de convivência sociocultural para as pessoas idosas.

Havia mais de dois anos que as senhoras não se encontravam presencialmente no departamento da universidade, em decorrência da pandemia de Covid-19. A partir de abril de 2022, as atividades presenciais começaram a ser retomadas com permissão das autoridades competentes. Nosso encontro inicial antecedeu em uma semana o retorno das atividades do projeto de extensão UATI/CEVITI da UNEB – *Campus X*. As senhoras estavam ansiosas por recomeçar a frequentar o projeto, voltando a se socializar com as demais colegas e com instrutores, estagiários e professores. Nesse dia em que nos encontramos todas juntas pela primeira vez, era perceptível a alegria e até a emoção delas por estarem de volta àquele ambiente que lhes era tão familiar e acolhedor.

Para tratar sobre os impactos da pandemia de Covid-19 nas vidas dessas senhoras, propomos cinco questões, voltadas mais especificamente para o contexto de suspensão das atividades do projeto durante dois anos, conforme seguem: Como foi esse período de isolamento social para vocês?; Vocês conseguiram manter contato com as amigas do CEVITI? De que maneira?; Vocês participaram de algum grupo virtual durante a pandemia? Se sim, esse grupo era coordenado por um tutor que propunha atividades?; Vocês tiveram dificuldades para participar de grupos virtuais? Se sim, que tipo de dificuldades?; Do que vocês mais sentiram falta, em relação aos encontros do CEVITI, durante o período de isolamento social?

Com base nessas questões, observamos nas respostas o conteúdo pontual relacionado diretamente à pergunta feita, mas também alguns elementos relevantes que emergiram a partir da conversa que tivemos. Algumas dessas questões foram respondidas individualmente pelas sete voluntárias da pesquisa. Clemência (76 anos), Elisabete (73 anos), Lau (73 anos), Neiva (83 anos), Maria do Carmo (83 anos), Lurdes (75 anos) e Bela¹⁰ (79 anos) relataram como foi a experiência do isolamento social para cada uma e expressaram o que mais sentiram falta

¹⁰ Trata-se de pseudônimos que foram escolhidos pelas próprias participantes.

durante esse período de pandemia. Apresentamos excertos das respostas de todas as participantes, considerando que o fator da subjetividade é determinante quando se trata de experiência humana.

Falar sobre o isolamento social em decorrência da pandemia de Covid-19 é falar de uma experiência em sentido universal, considerando-se que o mundo todo foi alcançado pelo inimigo invisível dentro de pouco tempo. Certamente, trata-se de um fato histórico de alta complexidade, o qual marcou toda a população mundial, ainda que em níveis diferenciados de consequências. Mas todos sentiram seus impactos e cada pessoa guarda memórias que lhe marcaram mais particularmente. De acordo com Candau (2012, p. 35), “mesmo que as lembranças se nutram da mesma fonte, a singularidade de cada cérebro humano faz com que eles não sigam necessariamente o mesmo caminho”. Por essa razão, é importante ouvir a experiência individual de cada pessoa.

Através dos relatos das sete senhoras, é possível observar que todas cumpriram um isolamento social rigoroso, ficando fechadas em casa durante os períodos mais alarmantes da pandemia. Esse fato revela que todas elas tiveram algum tipo de suporte familiar visando protegê-las da exposição ao vírus o máximo possível. Dona Elisabete e dona Lau, por exemplo, são viúvas e moram sozinhas. Mas elas contaram com o apoio dos filhos para ajudá-las no que precisassem.

Há unanimidade entre elas no que diz respeito à dificuldade de enfrentar o isolamento social por tanto tempo, considerando-se que elas não só não podiam sair de casa, como também não podiam receber as pessoas, fossem elas familiares ou amigos. As falas de três delas expressam claramente esse sentimento de ausência, de saudade: “Acabou o almoço de domingo, aniversário. Nada.” (Depoimento de dona Neiva); “E quanto a mim, nem um abraço na filha eu não podia dar, né?” (Depoimento de dona Maria do Carmo); “Eu chorei muito porque quando dava pro domingo que meus filho tudo ia lá pra casa almoçar. Genro, neto, né? E que não pude mais recebê eles [...]” (Depoimento de dona Lurdes). É possível perceber o quanto a falta do encontro com a família, do contato físico, do olho no olho, do beijo e do abraço foi sentida por elas. Para além da falta de contato físico e dos encontros, sentimentos ainda mais dolorosos foram sendo despertados pelas ausências definitivas.

O ritmo acelerado com o qual o Coronavírus avançou contaminando tantas pessoas e provocando tantas mortes nos colocou diante da nossa própria fragilidade. Nos sentimos, por vezes, indefesos e apavorados. A vida estava verdadeiramente por um sopro. As notícias iam chegando com informações avassaladoras. Nos relatos de algumas das participantes da pesquisa, podemos observar o impacto emocional das perdas de vidas próximas a elas:

Durante [a pandemia] que não tava morrendo gente na família, a gente ainda tava com aquela ilusão. Não é assim, assim. Quando a gente começou a perder, que eu perdi sete pessoas, aí a gente começou a ficar com mais medo, né?! (Depoimento de dona Lau)

Quando você abre, Carminha faleceu. De quê? Covid. Está entubada, fulano. Tudo nossas amigas, amigas, irmãs que você não pode ver. Não pode visitar. Não pode ver o funeral. É muito triste gente, é muito doído. Isso aí adoeceu todos nós, né?! (Depoimento de dona Neiva);

E depois as notícia ruim, né?! Só primo eu perdi três primo nessa nessa...; amigos nem se fala, quantos eu perdi, né?! (Depoimento de dona Maria do Carmo).

*Então aquilo foi muito triste e saber notícia é um amigo meu mesmo que é dentista, morava no Prado, que tem casa vizinha comigo, morreu. Outro amigo meu lá no Recanto do Lago, seu ***, era um amigão meu, morreu e a gente não poder ir lá visitar, nem ni velório, né?! E confortar a pessoa que está ali também, né?! (Depoimento de dona Lurdes)*

Dona Lau e dona Maria do Carmo citam a perda de pessoas da família, inclusive quantificando-as. Dona Neiva e dona Lurdes mencionam a perda de amigos, pessoas bem próximas a elas. Nas palavras de todas elas se exprimem sentimentos de medo, tristeza, dor e impotência diante de tantas vidas ceifadas pela doença.

Outro fator considerável que se revela em alguns depoimentos é a religiosidade. Ela parece desempenhar um importante papel como recurso de fortalecimento espiritual para enfrentar esses momentos de medo, solidão e incerteza como os vivenciados durante a pandemia. Nos estudos de pesquisas que tratam sobre a relação da crença com a saúde, Benson (1998, p. 157) observou que, a despeito do quão tradicional fosse a crença religiosa, sempre que a fé estivesse presente, o bem-estar evocado seria ativado e a saúde poderia melhorar. Direta ou indiretamente, o aspecto religioso surge nas falas de algumas das participantes da pesquisa como um alento e auxílio para manter a saúde mental durante o difícil período de isolamento social.

[...] nessa pandemia eu só não entrei numa depressão por causa dos meus filhos; abaixo de Deus, meus filhos, porque pra mim foi uma coisa assim tão triste [...]. (Depoimento de dona Elisabete)

E a gente ficou naquela agonia, né? Mas a minha valência foi que a gente tem essa vivência religiosa, né?! Então eu me apegava com a religião, orações eu

não sei da onde saía tantas orações, as amigas mandava, as irmãs mandava e a gente rezava. (Depoimento de dona Lau)

Então você, se você não tiver uma religião como a Lau falou, é verdade mesmo. E uma força de vontade, você vai embora também. (Depoimento de dona Neiva)

Para resistir ao difícil período da pandemia de Covid-19, elas revelaram ter se apoiado na fé religiosa como uma forma de lutar contra a tristeza, a angústia e o medo. Na fala de dona Lau, é possível perceber que houve uma rede virtual de troca de orações, formada pelas suas irmãs e amigas. Provavelmente, essa pequena comunidade de fé foi muito importante para se apoiarem e se animarem mutuamente. Além do papel da religião como um meio de fortalecimento espiritual e emocional, dona Neiva citou também a força de vontade, que tem relação com as atitudes de cada pessoa diante das dificuldades.

Outro aspecto que surgiu nas falas das participantes, embora não tenha sido perguntado diretamente, foi o que elas faziam para ocupar o tempo durante o período de isolamento social. Trabalhos manuais como costura, bordado, pintura, tricô aparecem entre as atividades que fizeram parte de suas rotinas ao longo da pandemia.

Aí, quando eu terminava de fazer, aí eu ligava pra ela, mandava no portão, dava pelo cabo da vassoura; entregava lá, aí se ficasse boa, tudo bem, se não ficasse, trazia pra consertar, e assim fui vivendo; não parei, costurei os dois ano todinho [...]. (Depoimento de dona Lau)

Pegava retalho, tinha muito retalho, comecei a fazer panos de mesa, aqueles americanos, jogos americanos, e nós fazíamos uma coisa, ficamos costurando. Eu fiz pano grande, fiz colcha, eu fiz um horror de coisa, ela (a filha que a acompanhava nos encontros) também fazendo. E com isso eu também fui me distraindo um pouco; quando a gente tá fazendo essas coisas distrai, né?! (Depoimento de dona Neiva)

Eu só não entrei em depressão porque eu sei fazer um bocado de coisa, assim tinha um negócio de tricô. Bordado em ponto de cruz, bordada na máquina. E aí eu não parei, né?! Porque se eu parasse, eu endoidava. Porque eu não podia sair. (Depoimento de dona Lurdes)

Eu também em casa só não fiquei pior por causa das coisas, né, que eu faço também, que eu nunca vi fazer tanto pano de prato. Durante essa pandemia foi a única coisa assim mais que eu fiz [...]. (Depoimento de dona Elisabete)

Para dona Lau e dona Lurdes, a costura e o bordado são fontes de renda, além de uma forma de ocupar o tempo. Elas desenvolvem esses ofícios desde a juventude. Já para dona Neiva e dona Elisabete, as atividades de costurar retalhos de tecido para criar peças e pintar panos de

prato surgiram como uma forma de enfrentar a angústia do isolamento social. Para todas elas, esses trabalhos manuais foram importantíssimos para que se mantivessem ativas. Conforme elas mesmas declaram:

[...] *e assim fui vivendo, não parei [...]*” (dona Lau)

E com isso eu também fui me distraindo um pouco [...] (dona Neiva)

Eu só não entrei em depressão porque eu sei fazer um bocado de coisa [...] (dona Lurdes)

Eu também em casa só não fiquei pior por causa das coisa, né, que eu faço [...]

 (dona Elisabete).

Observa-se nas suas palavras que essas atividades manuais não só serviram para passar o tempo, mas principalmente para ocupar a mente e suavizar o sentimento de tristeza.

Nas questões que abordavam as formas de contato entre elas durante a pandemia, todas, exceto uma, disseram que participaram de grupos virtuais pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Isso ocorreu com o grupo geral do projeto CEVITI, assim como grupos menores dos cursos ofertados pelo programa. É recorrente nas falas das participantes um desses cursos, o Rodopiando na Cultura Popular Brasileira. Iniciado em 2009, esse curso, que na verdade é um misto de curso e oficina, busca revisitar algumas práticas culturais populares, como: festas e costumes regionais, bumba meu boi, reisado das ciganas, cantigas de roda, entre outros. A partir dessas manifestações, busca-se organizar *performances* envolvendo as senhoras participantes da oficina.

Durante a pandemia, a professora responsável pelo curso/oficina incentivou as participantes a continuarem com as atividades na modalidade virtual, através de um grupo de *WhatsApp*. Elas relatam com entusiasmo as atividades que eram propostas pela professora durante a época de isolamento social. Entre elas havia a brincadeira de jogar versos, assim como um desafio de repentistas, resolver charadas, cantar cantigas, entre outras. Elas contam que até mesmo uma festa de São João foi realizada remotamente. Fizeram a decoração, vestiram roupas típicas, prepararam pratos típicos de festa junina, dançaram e cantaram. Isso tudo com cada uma em sua casa. Mas mesmo à distância, elas disseram que foi muito divertido. A professora, coordenadora do grupo, ainda organizou uma viagem que elas fizeram após o período de isolamento.

Nós tivemos também nessa pandemia uma ajuda muito grande, sabe como? A nossa professora Enelita, ela criou o grupo, temos o grupo do Rodopiando. [...] Então, a gente tinha que ficar duas vezes na semana, né?! Então, a gente tinha que estudar, aprender coisas, era verso, aquela dali jogava versos como o que, eu não sabia jogar. [...] toda semana ela inventava uma coisa, então também isso nos ajudou bastante porque nós estávamos sempre em contato uma com a outra, entendeu? (Depoimento de dona Neiva)

Enelita movimentou o Rodopiando, ela não deixou parar não. Ela botava música, a gente cantava; uma começava, a outra terminava, a outra falava a outra parte. Ela botava a pergunta, a gente respondia o que é, o que é, isso assim assim, aí a gente, uma fala, a outra fala, a outra fala, umas acerta, as outras não. Não teve parada não, a gente cantava, a gente fazia tudo. (Depoimento de dona Clemência)

Enelita não teve parada, ela fez a festa de São João. Todo mundo em casa, mas... festa de São João ela fez, né, pra gente. (Depoimento de dona Maria do Carmo)

E além da festa de São João, ela articulou a viagem do Dedo de Prosa. Eu participei. Foi bom, né, que articulou durante a pandemia no isolamento que a gente tava aí. (Depoimento de dona Lau)

Há um aspecto que não pode ser ignorado quando analisamos esse tipo de interação. Provavelmente, se a pandemia de Covid-19 tivesse acontecido uma década atrás, não existiria a possibilidade do encontro virtual. Sem sombra de dúvida, a revolução digital proporcionada pelo advento da internet e da telefonia móvel mudou sem precedentes as formas de comunicação entre as pessoas. Poder fazer uma videochamada e conversar com alguém em tempo real a milhares de quilômetros de distância seria algo inimaginável há algumas décadas. Essa tecnologia possibilitou amenizar e muito os sentimentos de tristeza e solidão entre as pessoas que tinham que ficar em isolamento por um tempo prolongado. No caso dessas senhoras, há uma curiosidade relacionada a suas histórias de vida. Elas vieram de uma época em que ainda não havia chegado energia elétrica aos locais onde moravam, algumas na zona rural e outras em pequenas cidades. Em alguns lugares havia gerador de energia que ficava ligado por apenas algumas horas. Então, o salto tecnológico pelo qual elas passaram é imenso.

Quando perguntadas sobre os aspectos de que mais sentiram falta em relação ao projeto UATI/CEVITI durante a pandemia, a questão da falta de convivência e da interação social entre elas foi unânime. Elas mencionam os momentos de maior alegria para cada uma na rotina que tinham no projeto semanalmente, conforme quadro a seguir.

Quadro 2 – Impactos do isolamento social na vida das voluntárias durante a pandemia de Covid-19

Participantes	5. Do que vocês mais sentiram falta, em relação aos encontros do CEVITI, durante o período de isolamento social?
Dona Clemência	<i>Tudo aqui, de tudo, de tudo... a gente sente falta de tudo. [...] Saudade. Muita saudade. Nossa. Quando eu cheguei pra aqui, eu era uma pessoa tão tímida; se você fosse conversar comigo, eu ficava até sem saber o que eu vou falar, o quê? [...] Eu cheguei aqui e me soltei, graças a Deus. E as excursão nossa, as alegria nossa das excursão, né?! Dentro dos ônibus, a bagunça que a gente vai fazendo e voltando. E quando chega lá, as farra que a gente faz. A gente vai sempre pra beira da praia. É muito bom.</i>
Dona Elisabete	<i>O convívio, né?! E aquele negócio de abraçar que eu falo que é a coisa que eu mais gostava era de pegar, a gente chegar e abraçar as amiga, né?! Aí a gente fica sem poder dar um abraço, sem poder né?! Assim, ter aquele convívio mesmo, aproximação das amigas. [...] Eu nunca vi uma coisa tão triste igual foi essa pandemia.</i>
Dona Lau	<i>Eu senti mais falta assim, eu sentia falta das aulas e dos encontros, mas no final do ano as apresentações e no São João e o chá. Aquelas datas assim, a gente fica lembrando; <u>eeh diacho</u>, se não fosse a pandemia, a gente ia fazê o chá, estava preparando pra o São João, ficava naquela expectativa, e no final do ano, se não fosse pandemia, estava apresentando [...]; senti falta mesmo.</i>
Dona Neiva	<i>A gente quando entra no CEVITI é uma família realmente. Tem pessoas mais humildes, pessoas mais simples, mas ali tudo somos irmãos. A gente quer abraçar, a gente quer ficar juntos, conversando. Cada uma tem uma história pra contar. A gente sempre ouve aquela história, né!? Ouve a outra da outra. A gente dá risada das piadas, das brincadeiras.</i>
Dona M ^a do Carmo	<i>Eu, por exemplo, eu senti muita falta daquela, aquela alegria, daquele encontro que a gente tem antes das aulas, né?! Que a gente faz bagunça e faz, professora. Chama a atenção dos aluno. Então isso fez muita falta, né?! Isso traz, por exemplo, pra mim traz muita alegria, né?!</i>
Dona Lurdes	<i>Ah, eu senti porque quando nós vem de ônibus e ajunta todo mundo no ônibus, é a maior algazarra, que a gente vem e bagunça, né?! Bom demais, né?! O motorista acho que fica danado...(risos). Mas é isso, eu senti muita falta foi disso aí, né?! E aqui, quando a gente, quando a gente chega logo que ainda não começou as aulas, que a gente senta pra conversar, né?! Falar as piadas, contar história, isso é bom demais, né?! É isso. E os abraços, né?!</i>
Dona Bela	<i>Sentia muita falta de sair de casa naquele horário para encontrar com as colegas lá no CEVITI.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Dona Clemência, por exemplo, relata que, a partir do momento em que começou a frequentar o projeto, sua autoestima melhorou muito. A mudança já se revela quando ela cita a saudade das excursões, pois havia um entrosamento com as demais participantes ao se incluir

na bagunça e nas farras do grupo quando viajavam juntas. Dona Elisabete dá ênfase à falta que sentiu de abraçar as amigas, de ter aquele contato físico e afetuoso no convívio presencial. Especialmente para ela que mora sozinha, deve ter sido ainda mais difícil passar pelo isolamento social. Ela conta que suas companhias eram o celular e a televisão: “Não tem mais quem conversa, conversar, passou a pandemia eu sozinha numa casa. morando só e aí?! Celular e televisão”.

Além das aulas e dos encontros, Dona Lau se lembra dos festejos. Para ela, os momentos de organizar as festas coletivas eram os mais esperados. Parece que ela já se alegra a partir da expectativa criada. Ela fala que sentiu muita falta desses eventos comemorativos. Na fala de dona Neiva, ela sintetiza perfeitamente um forte senso de união entre elas, uma irmandade na qual todas são igualmente acolhidas e valorizadas. O convívio com pessoas da mesma geração ou de gerações próximas proporciona às idosas uma maior liberdade para compartilhar suas experiências e aprendizagens passadas, pois elas encontram no outro alguém que, muitas vezes, viveu experiências parecidas com as suas.

Suas referências sociais dos tempos passados se assemelham em muitos aspectos e isso gera empatia entre elas, e assim novos laços de amizade vão sendo criados. Segundo Bosi (2014, p. 51), “[...] a cidade não permite a visitação de um velho a outro. Eles perdem o grupo recordador das mesmas lembranças.” Logo, a formação do que ela chama de “grupo recordador” é muito importante para resgatar as memórias dos velhos. “Esse grupo recordador é testemunha e intérprete dessas lembranças. Quando isso se perde, as memórias se dispersam e precisa muito esforço para colhê-las” (BOSI, 2014, p. 51). Ao compartilhar suas histórias de vida, elas também relembrou acontecimentos históricos que marcaram a sua geração. De acordo com Bosi (2014), ao se colher a memória biográfica, também vem junto a memória do tempo, do espaço, a memória política, a memória do trabalho e a memória cultural.

Dona Maria do Carmo destacou a alegria compartilhada entre elas nos momentos que antecedem o início das aulas. Essa alegria parece ser contagiante, pois ela fala que a interação entre as participantes chama a atenção dos alunos da graduação, os jovens. Além do convívio com pessoas das mesmas gerações, há também o contato dos idosos com os jovens universitários que estudam no Departamento de Educação. Inclusive, alguns desses jovens desenvolvem atividades de pesquisa e extensão com as participantes do CEVITI. Esse encontro possibilita uma outra forma de experiência de trocas de conhecimento igualmente importante para ambas as gerações.

Dona Lurdes, curiosamente, já cita a alegria do encontro no percurso para chegar até lá. Ela fala da animação no ônibus, dizendo que a agitação talvez até incomodasse o motorista. Há

nessa alegria um tom pueril, um voltar a ser criança que parece fazer muito bem para a sua alma. O motorista certamente não ousaria chamar a atenção dessas senhoras de cabelos brancos como faria com as crianças. Para encerrar, dona Bela reforça a ausência mais sentida por todas elas ao longo desses dois anos de isolamento social: a rotina de sair de casa para encontrar as colegas do CEVITI.

Ao longo de seus 26 anos de existência, é inegável o quanto tal espaço de convivência e partilha de conhecimento e experiências pessoais e profissionais tem contribuído para levar qualidade de vida às pessoas idosas do município de Teixeira de Freitas e região. Destaca-se nas falas das idosas o quanto a interação social entre elas é importante para a sua saúde emocional e psíquica. Esses espaços se tornam um local de encontro, de trocas de vivências e experiências com outras pessoas, como pudemos observar nos relatos apresentados anteriormente.

Nesse primeiro encontro, as voluntárias contaram como foi para cada uma delas passar pelo período de isolamento social, principalmente no que diz respeito à suspensão dos encontros do projeto. Na sequência, elas narram episódios relevantes, lembrados a partir de algum objeto de recordação, que foram vivenciados ao longo da sua participação no projeto.

5.2 Recordações do projeto UATI/CEVITI: rememorando acontecimentos significativos

Para o segundo encontro do grupo focal, as voluntárias da pesquisa foram convidadas a apresentar um objeto de recordação de algum momento, evento ou aprendizagem que houvesse sido significativo para cada uma delas, considerando-se suas vivências no projeto de extensão UATI/CEVITI. Através desse objeto de caráter memorialístico, requisitado no encontro anterior e escolhido por elas, teríamos acesso a experiências relevantes vivenciadas no projeto pelas voluntárias da pesquisa.

A decisão de solicitar que elas escolhessem tal objeto para narrar algum fato relevante foi motivada pela compreensão de que, dessa forma, haveria uma menor interferência da pesquisadora; além disso, elas teriam mais tempo para avaliar com calma a escolha de um acontecimento importante para elas; por fim, tal escolha poderia revelar muito sobre a subjetividade de cada uma delas, assim como a relação que elas têm construído junto ao projeto de extensão.

Ao nos aprofundarmos nas subjetividades das voluntárias da pesquisa, conhecendo mais detalhadamente algumas das experiências socioculturais que elas vivenciaram ao longo da vida e da participação no CEVITI, pudemos identificar mais pontos de convergência do que

divergência em suas trajetórias. As similaridades encontradas nos ajudaram a escolher as obras artístico-literárias que compuseram o repertório dos encontros seguintes do grupo focal. Nosso intuito, ao propor às voluntárias novas experiências socioculturais com base em obras artísticas compartilhadas, foi avaliar como essas práticas culturais podem contribuir para o processo de letramento literário enquanto experiência sociocultural na velhice.

Ainda que em muitas ocasiões as pessoas compartilhem experiências socioculturais em espaços de convivência em comum e até realizem as mesmas atividades, lembremos que não existe uma memória coletiva enquanto faculdade humana, pois a memória só pode ser atestada individualmente (CANDAU, 2012). Por outro lado, as experiências coletivas vivenciadas em um mesmo período de tempo e espaço ajudam a formar referências sociais que constituem as memórias de cada indivíduo. De acordo com Bosi (1994, p. 422), “um tempo que fosse abstrato e a-social nunca poderia abarcar lembranças e não constituiria a natureza humana. É esse, que ouvimos, tempo represado e cheio de conteúdo, que forma a substância da memória”. Desse modo, rememorar as lembranças coletivamente, considerando um grupo que tenha referências sociais parecidas, pode ser muito enriquecedor, já que, muitas vezes, a memória de uma pessoa pode evocar outras memórias nos demais indivíduos e vice-versa. A depender do acontecimento lembrado, esses momentos podem ser de muita efervescência e entusiasmo, conforme observado em alguns dos nossos encontros.

Outra característica importante para retomarmos questões relativas à memória é que ela não segue a linearidade do calendário civil adotado socialmente. Não lembramos fatos de nossas vidas em uma sequência meramente cronológica. A memória humana seleciona acontecimentos que marcaram de algum modo a identidade de cada pessoa. Para Candau (2012, p.101), “[...] uma história de vida consiste em dar uma fisionomia aos acontecimentos considerados pelo indivíduo como significativos do ponto de vista de sua identidade”. Ao pedirmos às senhoras que trouxessem um objeto que representasse uma lembrança importante para elas, observamos que tal objeto remetia a algum acontecimento especial ao longo da sua trajetória junto ao projeto UATI/CEVITI. “Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 1994, p. 411). Na sequência, veremos quais foram os “tesouros” selecionados pelas voluntárias da pesquisa para narrar um pouco da sua história com o projeto.

Nesse encontro estiveram presentes seis das sete participantes, e, antes que elas comessem a apresentar seus objetos de recordações, fiz para elas a leitura oral do livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* (1995), de Mem Fox, ilustrado por Julie Vivas, com o

objetivo de introduzir o tema de como os objetos podem suscitar memórias de acontecimentos relevantes que constituem a nossa história.¹¹ Após a leitura, elas demonstraram ter gostado da história, e duas delas fizeram comentários mais analíticos sobre a relação entre os objetos e as memórias:

Às vezes a gente lê algumas coisas. Quando uma pessoa toca ou fala alguma coisa, a gente lembra que a gente também já passou por aquilo, né?! Assim, quando a gente era criança. Às vezes, você vê um objeto, você lembra também. É igual essa história aí, a gente lembra. (Depoimento de dona Elisabete – grifos nossos)

*Eu fiquei muito pensando assim: **uma criança, como é que ele se empenhou e descobriu o que era memória, né?!** Uma coisa ligava a outra, então ele ficava até que encontrou.* (Depoimento de dona Lau – grifos nossos)

Observa-se que dona Elisabete compreende claramente o potencial evocatório que os objetos podem ter para despertar memórias adormecidas, pois ela cita alguns exemplos de estímulos externos que recebemos, como quando lemos, ouvimos uma canção ou uma pessoa falando e vemos algum objeto que nos remete ao passado. E, por fim, ela compara esse processo evocatório de lembranças com a história de ficção que ela ouviu. Dona Lau, por outro lado, se detém mais especificamente na narrativa do menino que queria descobrir o que é uma memória. Ela parece ter se surpreendido com a capacidade do menino de relacionar as coisas com o propósito de ajudar a sua amiga idosa.

Na sequência, as participantes da pesquisa narram suas histórias a partir do objeto de recordação por elas escolhido. Para algumas das voluntárias, a escolha de um único objeto de recordação não foi uma tarefa fácil, considerando que a grande maioria delas já faz parte do projeto há muitos anos e participou de vários eventos, cursos e oficinas. Então, duas delas, dona Lau e dona Elisabete, levaram dois objetos. A fim de facilitarmos a análise das falas das voluntárias, agrupamos seus relatos pela afinidade da natureza dos acontecimentos narrados.

Inicialmente, analisamos as memórias que envolveram *performances* artísticas e corporais. Elas relatam suas participações em eventos nos quais atuaram diretamente e que exigiram delas uma boa dose de coragem para se expor nas apresentações. Certamente, essas experiências foram muito desafiadoras, e conseguir realizá-las parece ter dado a elas um grande estímulo para abraçar novos desafios. Para uma melhor visualização, no quadro a seguir,

¹¹ No caso da narrativa do livro ilustrado, o personagem reúne vários objetos para ajudar uma senhora a recuperar a memória quando em contato com eles.

agrupamos os objetos de recordação por elas apresentados, os eventos que esses objetos representam e qual o valor simbólico deles para cada uma delas.

Quadro 3 – Objetos de recordação de eventos do projeto CEVITI

Voluntária	Objeto de recordação	Evento representado	Valor simbólico
Dona Lau	Fotos	Participação em um desfile de Miss Terceira Idade	Sentimento de superação da timidez e aumento da autoestima
Dona Elisabete	Foto	Participação em uma apresentação de dança	Sentimento de superação da timidez
Dona Lurdes	Roteiro de uma peça de teatro	Encenação da peça “Julietta e Romeu”	Sentimento de importância e autovalorização

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Começamos por dona Lau, que conta, a partir das fotos, como foi participar de um desfile de miss terceira idade e como esse evento mexeu com a sua autoestima. Na sequência, selecionamos alguns trechos do relato da sua experiência:

Eu me sentia, antes de entrar no CEVITI, por mais que eu participava de comunidade, essas coisas assim, mas eu me sentia muito tímida assim, eu não tinha coragem de ir participar das coisas assim [...]. A gente ficou sem saber, né, Lurdes? Que classificação a gente ficou, mas eu achei assim muito importante. Para mim foi muito importante, mesmo que eu não venci, mas eu me senti linda, maravilhosa...(risos) E desfilei, né?! [...] Então, eu me senti assim muito importante naquele desfile. Toda a minha família lá batendo palma, os amigos torcendo e os netos. E assim foi. Foi muito bom.
(Depoimentos de dona Lau – grifos nossos)

No depoimento de dona Lau, percebe-se que, para ela, a participação nesse desfile foi um momento de grande superação da sua timidez, considerando-se toda a exposição que esse tipo de evento exige das participantes. Além disso, quando ela reforça que foi muito importante para ela, brincando que se sentiu linda e maravilhosa, ela revela um sentimento de autovalorização e segurança que antes não tinha devido ao excesso de timidez. E, mesmo sem ter vencido o concurso, para ela foi uma vitória íntima, pessoal, pois conseguiu vencer seus bloqueios internos. E para completar o seu sentimento de realização, ela expressa a sua alegria com a torcida dos seus familiares e amigos.

Além de dona Lau, mais uma dentre as voluntárias da pesquisa que estavam presentes nesse encontro do grupo focal participou do desfile de beleza para miss terceira idade: dona Lurdes, citada por dona Lau em seu depoimento. Inclusive, elas trocaram lembranças sobre a experiência de participar desse evento. Observa-se o quanto eventos desafiadores como esse podem desempenhar um papel importantíssimo para fortalecer a autoestima e a autoconfiança das pessoas idosas. Celebrar a beleza da velhice é também uma forma de quebrar o tabu de que a pessoa, por ter envelhecido, não precise mais se preocupar com a estética e com sua apresentação pessoal. Com a velhice, a perspectiva de beleza muda e, para além da aparência física, transforma-se em um conjunto que concilia os aspectos físicos e emocionais, gerando bem-estar. É um se sentir bela ou belo. Limoeiro (2016) aponta, em uma pesquisa, que as mulheres de mais 60 anos apresentam novas preocupações, novas inquietações que não parecem ter relação com a aparência. O cuidado com o corpo continua, mas se configura de modo diferente. O foco muda para os cuidados com a saúde. E nesse sentido, as mulheres conseguem ter um bom envelhecimento, inclusive melhor que o dos homens.

Dona Elisabete, por sua vez, conta sobre a experiência que teve através de uma oficina de dança, no excerto que aparece na sequência. É importante destacar a frase na qual ela fala “eu amo essa foto”, pois entendemos que o sentimento se dirige para o acontecimento que a foto registrou, mais do que para o objeto em si.

*Essa foto daqui também. **Eu guardo ela porque eu amo essa foto.** A nossa oficina de dança folclórica. É com, com Patrícia, né?! E essa eu... Eu tenho a maior vergonha de dançar, **não gostava de dançar e não gostava de me apresentar em nada.** E aí, vi Lau contando a história dela, eu lembrei. E aí Patrícia foi jogando a gente na dança, né?! Patrícia falou: não, você vai dançar. **E eu morrendo de vergonha.** Tá aqui a foto. (Depoimento de dona Elisabete – grifos nossos)*

A partir dessa experiência, observamos que dona Elisabete teve uma mudança de perspectiva em relação a dançar e a se apresentar em público. Certamente, ela continua sendo tímida, pois essa é uma característica da sua personalidade. No entanto, quando ela diz “não gostava de dançar e não gostava de me apresentar em nada”, a escolha do tempo verbal pretérito imperfeito mostra que esse estado de ânimo mudou, ele ficou no passado. Assim, ela demonstra ter vencido a vergonha e já se sente capaz de assumir outros desafios.

Passando para a lembrança trazida pelo objeto de dona Lurdes, mais uma experiência de *performance* nos é apresentada, mas dessa vez de teatro. Um fato curioso sobre a escolha de dona Lurdes é que ela levou o roteiro da peça de teatro na qual atuou, em vez de levar uma foto

da encenação. Parece até um comportamento de artista profissional, que compreende que o texto é a materialidade da palavra que depois ganha vida através da interpretação dos atores.

Eu vou falar o quê? E é que foi importante na minha vida, foi o teatro que eu amo, né?! [...] Sim, isso aqui foi uma peça que nós fizemos de Julieta e Romeu. Mas não podia ser Romeu e Julieta? Tanto faz, né?! Porque aqui tá Julieta e Romeu. E aí eu participei e adorei. A peruca que me deram parecia peruquinha de índio. É isso só que eu tenho que falar. Foi muito bom, muito bom mesmo a apresentação. Ah, eu senti toda importante, né?! Porque tava meu povo tudo, meus neto, meus filho, né?! Os amigo acharam muita graça porque o meu cabelo era todo engraçadim. (Depoimento de dona Lurdes – grifos nossos)

Diferentemente de dona Lau e dona Elisabete, dona Lurdes demonstra não se intimidar diante da encenação da peça de teatro na qual ela atuou. Ao contrário, ela parece se sentir muito à vontade e em nenhum momento expressa acanhamento. Suas palavras revelam entusiasmo e apreciação da arte de encenar, conforme se observa no excerto anterior. Ela usa o verbo “amar” no presente para mostrar que o seu amor pelo teatro ainda permanece. Depois usa o verbo “adorar” no passado simples para contar seu sentimento quanto à participação na peça. Por fim, ela reforça duas vezes que a apresentação foi muito boa. E quando perguntada a respeito de como ela se sentiu em relação a sua atuação na peça, ela, assim como dona Lau, expressa um sentimento de importância ainda mais valorizado pelo apoio dos familiares e amigos que estavam presentes.

É relevante pontuar o destaque que dona Lau e dona Lurdes deram ao apoio recebido dos seus familiares. Nesses dois exemplos, percebe-se uma mudança positiva em relação ao lugar que a sociedade, em boa parte, costumava reservar às pessoas idosas: a invisibilidade e o apagamento pessoal. Ao subir em um palco para desfilar e para encenar uma peça, elas ocuparam espaços de protagonismo, de destaque. Espaços que por muito tempo foram negados às pessoas idosas.

De modo geral, as experiências que elas tiveram foram muito importantes para cada uma. As atividades transcenderam o nível do divertimento, proporcionando mudanças pessoais que as ajudaram a superar limitações de suas personalidades. Segundo Caradec, é necessário que as pessoas idosas possam manter uma dinamicidade que lhes garanta autonomia pessoal. Para o autor, “[...] trata-se, simultaneamente, de conservar pelo maior tempo possível atividades e relações que fazem sentido, manter a capacidade de decidir quanto à própria vida, preservar o sentimento do próprio valor e conservar espaços de familiaridade com o mundo” (CARADEC, 2016, p. 35). Esses aspectos apontados por Caradec realmente fazem a diferença,

de modo que, nos relatos das experiências vivenciadas por essas senhoras, é possível avaliar o quanto tais atividades foram significativas para elas.

Na continuidade, agrupamos as memórias com base nas atividades manuais realizadas e apresentadas pelas voluntárias através dos objetos que elas selecionaram. Dona Bela e dona Neiva falam sobre a experiência de aprender a pintar nos cursos de que elas participaram no CEVITI. Dona Lau conta sobre uma experiência pontual que começou em tom de brincadeira com uma colega do projeto e terminou na confecção de algumas saias de retalhos, conforme se vê no quadro a seguir.

Quadro 4 – Objetos de recordação de trabalhos manuais do projeto CEVITI

Voluntária	Objeto de recordação	Atividade realizada	Valor simbólico
Dona Bela	Panos de prato pintados	Curso de pintura em tecido	Sentimento de orgulho pela nova habilidade desenvolvida
Dona Neiva	Uma pintura em tela	Curso de pintura em tela	Sentimento de orgulho e realização pela habilidade desenvolvida
Dona Lau	Uma saia	Confecção de saias de retalhos	Sentimento de satisfação por um trabalho bem realizado

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Dona Bela levou para o nosso encontro alguns panos de prato pintados por ela. Inicialmente, ela disse ter pensado que não conseguiria fazer pintura em tecido, pois se considera uma pessoa muito ágil, que gosta de fazer as coisas rapidamente, e a pintura demandaria dela mais paciência e atenção por ser uma atividade delicada. Contudo, ao fazer o curso, ela mesma se surpreendeu com o resultado que alcançou quando a professora elogiou o seu trabalho, conforme ela relata: “Aí, quando nós começamos pintar, **** (nome da professora) chegou para mim: ‘dona Bela, você falou que não tinha condições, olha como a senhora pintou bonito, viu?’”

Em sua fala, dona Bela revela ter se encantado com a nova habilidade que desenvolveu a partir do curso de pintura em tecido de que participou.

Foi isso aí, pra mim, eu achei uma verdadeira maravilha que é uma das coisas que eu nunca tinha feito nessa idade que eu estou, né?! Porque tudo quanto é coisa de artesanato, de tricô, de crochê, de tudo, tudo assim eu sei fazer, graças a Deus, né?! Mas isso aí nunca e, no entanto, olha minhas pinturas que coisa mais linda. (Depoimento de dona Bela – grifo nosso)

A experiência parece ter sido para ela um exercício de autossuperação, pois, inicialmente, ela não acreditava que conseguiria aprender a pintar. Quando ela diz “[...] é uma das coisas que eu nunca tinha feito nessa idade que eu estou, né?!”, essa fala vem destacar também a superação das limitações que, muitas vezes, surgem em decorrência da idade mais avançada.

Dona Neiva levou uma pintura em tela para contar como foi a sua experiência de aprender a pintar quadros. Inicialmente, ela contou que aprendeu a fazer pintura em tecido e que já tinha ficado muito entusiasmada com essa nova habilidade desenvolvida. Logo depois, ela fez o curso de pintura em tela. Ela comentou que o professor era uma “joia de pessoa” e que tinha muita paciência com suas alunas. Ele ensinava a pintar começando pela observação das variações de cores que existem na natureza, conforme ela descreve a seguir.

*Se vocês ver o pôr do sol, ela não está, ela está vermelha. Ela fica rosa. Ela fica vermelha, né?! Todas as cores. Vai chover, ela fica escura. **Então nós temos que aprender a pintar olhando para o céu, olhando para as plantas, olhando para as flores.** Isso nos ensinou muito porque a gente ficava observando as folhas, o verde mais claro, o verde mais escuro, né?! A pintadinho de branco. **E fomos tomando gosto. E fomos aprendendo, né?!** (Depoimento de dona Neiva – grifos nossos)*

Mais do que dominar uma técnica de pintura, é interessante observar que dona Neiva contou que aprendeu a ter um olhar mais sensível para a natureza, analisando seus detalhes e as nuances de cores que compõem o cenário natural. Ela demonstra um especial encantamento por esse universo da pintura. Quando perguntada sobre como ela se sentiu depois de conseguir pintar seus próprios quadros, ela expressa muita alegria e satisfação, conforme o relato que se segue.

***Ah, muito feliz e orgulhosa, né?! Oh, hoje eu sei pintar uma tela! Já no pano de prato, eu já ficava assim...** Pergunta à minha filha. Era uma loucura nos pano de prato que era dia e noite pintando. Aquela alegria, aquela euforia porque **você descobre uma coisa nova que você não era capaz. E de repente, você sabe que você é capaz.** Não é, Bela?! E faz coisas lindas. Oh Bela, ela faz coisas lindas, mas não fazia tecido. **A gente sente orgulhosa da gente mesmo, sabe.** E lá em casa, todos dão apoio, todos. (Depoimento de dona Neiva – grifos nossos)*

É interessante pontuar que dona Neiva parece distinguir níveis de valor estético entre a pintura em tela e a pintura em tecido. Embora ela tenha revelado sua satisfação com as duas técnicas de pintura, quando ela fala “Oh, eu sei pintar uma tela!”, há um tom de orgulho que parece sobressair em relação à pintura em panos de prato, a qual teria um valor mais utilitário.

Contudo, de modo geral, ela enxerga essas experiências como grandes aprendizados que a ajudaram a provar sua capacidade. Dona Neiva, inclusive, faz uma interlocução com dona Bela para confirmar o sentimento de orgulho e realização compartilhado entre ambas por terem aprendido a pintar. Outro ponto muito importante é o apoio e o estímulo por parte da família. Dona Neiva faz uma análise de como tal apoio influencia no desempenho delas nesse tipo de atividade:

É, isso é bom, porque você tendo em casa um apoio, você cresce mais e se sente mais orgulhoso daquilo que você tá fazendo, né?! Porque foi bem aceita. As pessoas reconhece o seu sacrifício porque nós não somos novinhos, nós estamos começando já na certa idade que a mão não é a mesma de uma mais jovem, né?! Tem as nossas dificuldades, tem as nossas artrose, artrites [...] (Depoimento de dona Neiva – grifos nossos)

Vale ressaltar que a importância da conquista e do desafio superado é ainda maior, considerando-se as limitações físicas acarretadas pelo avanço da idade. Quando dona Neiva menciona o termo “sacrifício”, ela quer mostrar que para alguém na sua idade, realmente, o grau de dificuldade aumenta com o passar do tempo e com o surgimento de problemas de saúde. Logo, receber o apoio e o reconhecimento da família se torna um importante estímulo para que elas continuem.

Já dona Lau levou, além das fotos do desfile, uma saia de retalhos que ela mesma confeccionou, e nos contou a história dessa peça:

*E as saias a gente estava aqui, apareceu alguma pessoa com uma saia de retalhos [...] E aí Alicinha, ela falou assim: Dalva eu tenho vontade de usar saia [...], só que eu não encontro o que dá na minha cintura. **Aí eu falei (até brincando): eu tenho tanto retalho, acho que eu vou fazer essa saia pra você.** Foi quando entrou a pandemia. Fiz igual dona Neiva, peguei todos os retalhos, joguei na sala e fui escolhendo: viscose para o lado, seda pro outro, pano de algodão e fui fabricando saia. **Eu acho que eu fabriquei umas 8 mais ou menos [...]. Na pandemia, né, que a gente tava lá sem saber o que fazia. Fiz minha saia, ganhei meu dinheiro e deixei minhas freguesas bem satisfeita com isso...** (risos). Então a história desses objetos foi isso aqui. Não sei se tem muito sentido, né?! Mas pra mim tem. (Depoimento de dona Lau – grifos nossos)*

A partir de um momento de descontração, conversando com uma amiga, Dona Lau (brincando) se comprometeu a fazer uma saia para essa amiga. Ao nos contar essa história, ela revela o seu lado profissional e uma finalidade prática ao confeccionar as saias para vender. E considerando-se o contexto da pandemia, essa atividade se tornou para ela também uma forma de passar o tempo, já que estava em isolamento social. Uma curiosidade sobre as saias que ela confeccionou é que elas serviram para compor um figurino de uma apresentação de dança de

uma das oficinas ofertadas pelo projeto CEVITI. Ao finalizar seu relato com a frase “Não sei se tem muito sentido, né?! Mas pra mim tem”, dona Lau reafirma o argumento de Candau (2012), de que é o indivíduo que indica o que é significativo para ele, segundo o ponto de vista da sua identidade.

Para finalizar, reunimos os objetos de recordação de dona Elisabete e dona Clemência também pela natureza da semelhança, já que se tratava de textos. O primeiro é uma mensagem em uma folha de papel ofício, a qual dona Elisabete guarda com muito carinho. O segundo é um livro de versos e trovas escrito por dona Clemência.

Quadro 5 – Objetos de recordação de textos vinculados ao projeto CEVITI

Voluntária	Objeto de recordação	Curso ou feito realizado	Valor simbólico
Dona Elisabete	Uma mensagem escrita	Oficina de arte terapia	Início de um processo de cura de uma depressão
D. Clemência	Um livro de versos	Publicação de um livro autoral de versos	Realização de um sonho de juventude

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O texto que dona Elisabete levou foi uma lembrança que ela recebeu ao final de uma oficina de arteterapia da qual ela participou há mais de vinte anos. Na ocasião, ela conta que estava muito deprimida devido ao falecimento do seu esposo e da sua mãe, em seguida. Na época, ela ainda não tinha a idade mínima para se matricular no projeto, então ela foi convidada a participar dessa oficina que era ministrada por duas professoras do departamento da UNEB. Após explicar a história desse texto (Anexo A), ela o leu para todas.

Essa folha de papel é muito interessante, ela é significativa muito para mim. Porque em 2002 que meu marido veio a falecer. Teve infarto, né?! E foi uma coisa assim muito violenta que eu falo. Com três meses minha mãe faleceu e eu fiquei muito deprimida. [...] Aí eu entrei na arteterapia lá, mas eu era tímida, igual Lau tava falando. Eu falo que eu era um bichinho do mato. Eles puxavam por mim, era só choro. Nada. Aí Helânia e Adelaide, que era as duas professoras de arteterapia. Elas foi me moldando, né?! Conversando, conversando, e nos últimos dias que ela ia parar, ela me deu essa folha. Então essa folha, ela é inseparável de mim. E eu guardei, porque elas tinham muito carinho, conversava e tudo, e eu tomando remédio. Fiquei depressiva um bom tempo. E eu falo que o CEVITI me curou. Graças a Deus, e aí elas me deram sim essa folha. Ela sempre me acompanha, de vez em quando eu pego, olho e falo assim: foi duas pessoas maravilhosas em minha vida. Eu não quero chorar. E aí ela me deu essa folha. (Depoimento de dona Elisabete – grifos nossos)

Dona Elisabete, pelo duplo trauma que sofreu ao perder dois entes amados em tão pouco tempo, entrou em um processo de profunda tristeza. Nesse período de abatimento emocional, ela parecia não encontrar sentido para sua própria vida. É nesse contexto bem desfavorável que ela começa a frequentar as atividades do projeto. A folha que ela guarda há anos traz uma mensagem de autovalorização e da importância de cada ser humano. É possível observar que as palavras dessa mensagem agiram de um modo muito especial sobre dona Elisabete, e o efeito da mensagem foi tão potente que ela ainda continua recorrendo a essa leitura, passados mais de vinte anos. Petit (2009, p. 112) aponta para um poder terapêutico da leitura: “Do nascimento à velhice, estamos sempre em busca de ecos do que vivemos de forma obscura, confusa, e que às vezes se revela, se explicita de forma luminosa, e se transforma, graças a uma história, um fragmento ou uma simples frase”. O conjunto dessa oficina de arteterapia, suas ministrantes e a mensagem recebida por ela parecem ter dado início a um processo de cura, que foi se consolidando ao longo da sua participação no projeto, conforme ela mesma relata: “Fiquei depressiva um bom tempo. E eu falo que o CEVITI me curou”.

Dona Clemência levou para o encontro um livro de versos de sua própria autoria e leu para o grupo um dos textos que compõem a obra, um acróstico (Anexo B) que descreve a rotina de uma das oficinas do projeto CEVITI. Nesse acróstico, ela explica, em tom de alegria e simplicidade, um pouco do ambiente da UATI vivenciado por elas. A publicação do seu livro é resultado de uma bela história de evolução, superação e conquista de um sonho de juventude, conforme ela conta:

*Deixa eu ver, a história é o seguinte: quando eu era criança, assim já uma mocinha... (mas eu fui aprender a ler com 60 e poucos anos.)... eu gostava... A minha irmã aparecia em casa com os... quando ela vinha, da cidade que ela ia e ela comprava aqueles cordel de trovas e ela lia pra gente, que a gente achava muito bonito. Quando ela terminava, tinha dia que eu mandava ela lê... E ela falava assim: ai, eu não, agora não. Aprende lê que vocês lê. Aí eu pegava e me lembro, você acredita que eu aprendi lê daquilo ali?! **Eu aprendi lê naquilo ali de ler as coisas trovadas dos romances.** Naquele tempo falava romance, hoje é cordel. Aí eu sempre falava, quando eu aprendê lê, a primeira coisa que eu quero é fazer um livro. (Depoimento de dona Clemência – grifos nossos)*

Para entender a relação que dona Clemência tem com a escrita, é necessário voltar ao seu passado e observar que tudo começa a partir da escuta de histórias de cordel através de uma irmã que comprava os textos na cidade e lia para as demais. Seu encantamento por essas narrativas a levou a aprender a ler sozinha através do cordel, como ela mesma conta: “Eu aprendi lê naquilo ali de ler as coisas trovadas dos romances. Naquele tempo falava romance,

hoje é cordel”. Desde aquela época, ela acalentava o desejo de escrever um livro, provavelmente motivada pela paixão que ela tinha pelas histórias trovadas do cordel. No entanto, dona Clemência não havia completado o ciclo de alfabetização na sua infância. Ela voltou a estudar em uma das oficinas do projeto, e foi lá que ela recebeu estímulo e apoio para escrever os seus versos e publicar um livro, de acordo com seu relato:

Aí Adelaide pegou guardar os rascunhos que eu fazia das poesia na sala. Eu também no meu caderno eu não arrancava, tá até hoje lá... (risos). E Marinês pegou e falou: pois eu vou fazer um livro. Eu falei: não acredito. Vai, nós vamos fazer sim. Pode ajuntar tudo aí que nós vamos fazer um livro. Aí eu ajuntei tudo. E acabou ela mandando editar esse livro pra mim. (Depoimento de dona Clemência)

Foi com a ajuda das coordenadoras Adelaide e Marinês (*in memoriam*) que dona Clemência conseguiu publicar seu livro de trovas e realizar um sonho do passado, que ela mesma já não tinha muita esperança de concretizar. Ao ser questionada sobre o significado desse feito, dona Clemência expressa toda a sua gratidão às coordenadoras e sua satisfação pessoal por realizar esse sonho já na velhice. “Ah, muita coisa. Foi muita coisa. Por isso que eu falo, Marinês, eu nunca esqueço, porque só ela mais Adelaide pra fazer a gente, fazer essas coisas assim, de aprender depois de velha”.

O caso de dona Clemência e de sua relação com a escrita é bastante peculiar e bem emblemático da sua personalidade, pois analisando-se sua história de vida, observamos que seu desejo por escrever versos teve início com a leitura de cordel. Tal processo de letramento através da literatura de cordel teve um forte alcance na região Nordeste, principalmente na primeira metade do século passado. Remetendo novamente a Galvão (2002), lembremos que, muitas vezes, essas práticas de letramento surgiam naturalmente nos pequenos círculos familiares e entre vizinhos, sem intervenção direta dos movimentos sociais organizados, como parece ter sido o caso de dona Clemência. Tal processo é visível em sua escrita, em que ela procura reproduzir o padrão dos versos de cordel que ela tanto gostava de ouvir na sua juventude.

Em todas as recordações apresentadas pelas senhoras voluntárias da pesquisa, observamos que os objetos remetem a acontecimentos marcantes e, em muitos casos, transformadores para elas. As experiências socioculturais relatadas revelam sentimentos de superação de bloqueios pessoais, superação dos limites físicos, considerando-se a idade avançada, e até mesmo cura de traumas emocionais. Não são apenas momentos de distração, aprendizagem e passatempo. Todas essas atividades formam referenciais sociais importantíssimos para ajudar no equilíbrio emocional e na valorização e autovalorização da

pessoa idosa. Além disso, a partir da vivência de novas experiências marcantes no presente, geram-se memórias mais recentes que dão às pessoas idosas um sentido de continuidade da sua história, fazendo com que elas não fiquem presas apenas a memórias do seu passado distante.

Nesse sentido, espaços de sociabilidade como o projeto UATI/CEVITI, em que as pessoas idosas são estimuladas a encarar novas experiências e desafios, colaboram para atualizar essas pessoas, dando a elas um sentimento de pertencimento à sociedade atual. Isso, porém, não significa desprezar o passado ou ser indiferente a ele. Pelo contrário, é dar uma continuidade à biografia de cada pessoa, pois a velhice não deve ser sinônimo de estagnação da vida, como esclarece Caradec:

[...] quando os compromissos presentes diminuem, o passado torna-se o principal ponto de apoio para salvaguardar o sentimento do próprio valor. Essa autovalorização enraíza-se nos compromissos marcantes da existência, assumindo a forma de uma identificação com a sociedade de outros tempos, que vem a ser valorizada em detrimento da sociedade de hoje, considerada de maneira muito menos favorável (2016, p. 30-31).

Quando as pessoas se aposentam e cessam todas as suas atividades laborais externas, recolhendo-se ao contexto doméstico e familiar, é comum avaliar e narrar sua vida com o olhar no passado, pois elas já não têm mais experiências significativas atuais para contar. Compartilhamos do pensamento de Bosi ao defender que “durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo” (BOSI, 1994, p. 80).

Ao contrastarmos os dois primeiros encontros do grupo focal, primeiramente avaliando os impactos do isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19 e, na sequência, analisando o alcance das atividades vivenciadas pelas voluntárias no projeto de extensão, verificamos o quanto tal espaço de convivência social é relevante para oferecer a essas pessoas a oportunidade de ter uma velhice mais ativa e feliz. As experiências por elas relatadas revelam que as atividades artístico-culturais ou de ensino das quais participaram trouxeram benefícios que superam o nível de aquisição de novos conhecimentos.

Através desse contraste, observamos que o programa UATI, como espaço de sociabilidade, exerce um importantíssimo papel que adentra o âmbito psicoemocional. As idosas voluntárias da pesquisa revelaram que, através da participação no programa, elas se sentem acolhidas e valorizadas, e com isso desenvolvem um forte vínculo de pertencimento e engajamento com o grupo. Esse aspecto inclusive pode ser comprovado pela longa permanência

delas no projeto, pois algumas são participantes há mais de vinte anos e só deixam de participar por alguma questão de saúde que as impossibilite de continuar frequentando o programa.

Também é possível observar que a organização de eventos e viagens gera expectativas positivas nas idosas. Isso é um importante estímulo na velhice, considerando-se que muitas pessoas idosas, pelas próprias circunstâncias que as cercam, acabam não alimentando sonhos e projetos futuros. Para muitos, a vida se torna uma contagem regressiva para se chegar ao fim. A inserção das pessoas idosas nas universidades cria novas formas de sociabilidade, incentivando a criatividade e a produtividade desse público que muitos consideram inativos. Para as universidades, tal iniciativa configura-se como uma experiência riquíssima que vai sendo construída dia a dia, pois esse público carrega uma “bagagem” de muitos saberes e suas experiências de vida também têm muito a ensinar à academia.

6 EXPERIÊNCIAS SOCIOCULTURAIS SIMBÓLICAS: CONSTRUINDO REPRESENTAÇÕES ENTRE A ARTE E A VIDA

As mais diversas formas de expressão artística sempre fizeram parte da cultura de todos os povos em diferentes épocas e lugares. A música, a dança, a pintura, as lendas e as narrativas míticas são partes constituintes da identidade de muitos povos em todas as regiões do planeta. Inclusive, as narrativas míticas têm, muitas vezes, a função de contar a história originária de um povo e/ou explicar os fenômenos naturais que ainda não tinham uma explicação científica. Os modos de experimentar a arte vão se modificando com o passar do tempo, mas a sua presença é constante na vida humana.

Para muitos, talvez, ela seja apenas uma forma de diversão, de passatempo, mas a arte pode proporcionar experiências que vão muito além do entretenimento. Ela pode nos ressignificar enquanto pessoa, seja a partir do estranhamento, seja por identificação. De acordo com Dewey (2010, p. 351), “a obra de arte provoca e acentua essa característica de ser um todo e de pertencer ao todo maior e abrangente que é o universo em que vivemos”. A experiência simbólica através da arte nos ajudaria a aprofundar e ter mais clareza sobre quem somos e qual o nosso lugar no mundo.

Acreditamos que as experiências socioculturais coletivas envolvendo as diversas expressões artísticas têm o potencial de criar novos referenciais sociais, principalmente para as pessoas idosas, que muitas vezes ficam isoladas socialmente após o afastamento do mercado de trabalho. No caso das senhoras participantes da pesquisa, identificamos, com base nos dados da entrevista inicial e dos dois primeiros encontros do grupo focal, que elas trazem um relevante repertório cultural proveniente de suas experiências socioculturais da infância até a velhice. Vale ressaltar que muitas dessas experiências, significativas para elas, foram vivenciadas no projeto de extensão UATI/CEVITI.

Machado (2004) faz uma interessante analogia entre os momentos que se distinguem como ilhas no tempo dentro da nossa rotina alienante. Esses momentos incluiriam desde passar um tempo fazendo uma atividade prazerosa com aqueles que amamos até experiências envolvendo a arte, como ouvir uma música agradável, ler um bom livro, assistir a um filme interessante, enfim, todas essas experiências comporiam um cenário de bem-estar ao qual podemos recorrer, memórias que nos ligariam a outras pessoas (pontes) recordando um prazer compartilhado. Candau (2012, p. 94), por sua vez, aponta para a necessária alternância entre memória e esquecimento, pois “nem tudo o que é memorizável é memorável”. A rotina e a repetição mecânica das atividades não ajudariam a criar memórias memoráveis. Para o autor,

“os acontecimentos são tempos fortes que fazem memórias fortes; a dissolução do acontecimento na banalidade do todo-acontecimento origina, com certeza, memórias fracas” (CANDAUI, 2012, p. 101). Essa relação entre memória e acontecimentos relevantes apontada pelo autor nos leva a refletir se a escassez de novos acontecimentos (experiências), que sejam significativos para o sujeito, faria com que as pessoas se apegassem às memórias marcantes do seu passado distante. Isso parece ser muito recorrente entre as pessoas idosas. Elas costumam contar, muitas vezes, as mesmas histórias que, na maioria das vezes, vivenciaram na juventude.

Sem dúvida, as experiências passadas participam da construção de novas representações de experiências socioculturais vivenciadas no presente. De acordo com Langer (2005, p. 51), “utilizamos o que compreendemos da vida e da literatura para explorar emoções, relacionamentos, motivações e reações, chamando em nosso auxílio o que sabemos ser, ou imaginamos que seja (ou não seja), ser humano”. Consideramos que o contato com diferentes formas de expressão artística nos demais encontros do grupo focal seria uma forma de construir também novos referenciais sociais, recuperando memórias das experiências passadas, e com base nelas produzir sentidos nas experiências vivenciadas no presente.

Do terceiro ao sétimo encontro, as conversas do grupo focal foram mediadas por obras artísticas propostas por mim. Como os encontros eram quinzenais, ao final de cada um deles as participantes levavam para casa algum material para leitura. Com isso, mantive um vínculo com elas através da tarefa que ficava para o encontro seguinte. Além desse vínculo por meio das leituras entre os encontros, mantive contato permanente através de um grupo no *WhatsApp*. Nesse grupo virtual, nós compartilhávamos algumas informações e lembretes sobre os encontros futuros. Eu também disponibilizava no grupo os materiais para as integrantes que estiveram ausentes. O repertório selecionado para compartilhar com as voluntárias da pesquisa foi composto das seguintes obras: livro de imagens; conto tradicional e conto de cordel representado em vídeo; poema interpretado por um grupo de teatro (vídeo); projeção das imagens de um livro ilustrado cuja história foi contada oralmente; videoclipes de algumas canções; poemas escritos; filme curta-metragem.

Todas as obras escolhidas têm como cerne o princípio da narratividade, independentemente da natureza da obra. Assim, seja canção, poesia ou livro de imagens, todas narram uma história. Optamos por obras narrativas por acreditar que as histórias contadas poderiam facilitar a compreensão por parte das senhoras, assim como motivá-las a falar mais. De acordo com Petit, “[...] ao longo da vida, para construir um sentido, para nos construirmos, jamais deixamos de contar, em voz alta ou no segredo da nossa solidão: nossas vidas são completamente tecidas por relatos, unindo entre eles os elementos descontínuos” (PETIT, 2009,

p. 122). Assim, como seres narrativos, atravessados por uma diversidade de relatos, estamos em contínua formação.

As obras selecionadas trazem temas diversos. Elas representam características das relações subjetivas e intersubjetivas, envolvendo aspectos culturais e pessoais que pudessem dialogar com o repertório prévio das voluntárias, considerando-se a época em que viveram e a cultura nordestina, na qual estão inseridas. Langer compreende a experiência literária como sendo de valor único, considerando que cada leitor constrói representações próprias. “A representação engloba o que o indivíduo pensa, sente e percebe – algumas vezes conscientemente, com frequência implicitamente, à medida que forma uma compreensão” (LANGER, 2005, p. 30). Trata-se de um processo dinâmico e acumulativo, no qual as representações estariam abertas a mudanças, assim como em constante desenvolvimento. Segundo Langer,

Uma representação está sempre num estado de mudança ou disponível e aberta a mudanças. Esse ato de mudar é o que se chama “construção de representações”. A construção de representações não é apenas uma atividade literária; nós construímos representações sempre que damos sentido a nós mesmos, aos outros e ao mundo (2005, p. 23).

Esse exercício de construir representações, quando instigado pela experiência literária, ajudaria a ampliar nosso horizonte de possibilidades, despertando e nós a disposição para o novo e para a investigação. Quando uma pessoa recepciona (lê/vê/ouve) um texto literário, independentemente do seu suporte, ela não restringe a sua interpretação somente à obra. A construção de sentido envolveria um intercâmbio contínuo entre a vida e a literatura. A seguir, abordamos cada um dos cinco encontros finais, focando em um dos objetivos da pesquisa: avaliar como novas experiências socioculturais mediadas por obras artísticas poderiam contribuir para o processo de letramento literário das participantes da pesquisa.

6.1 Imagens em ação: leituras em conexão

No terceiro encontro, propus às voluntárias a leitura de um livro exclusivamente de imagens. Trata-se da obra *Vazio* (2014), de Catarina Sobral. Cada uma das participantes recebeu um exemplar do livro, que levaram para casa ao final do segundo encontro. Elas foram instruídas a não buscarem ajuda em casa ou até mesmo entre elas para fazer a leitura da obra. Deveria ser, inicialmente, uma experiência individual, a fim de que cada participante pudesse elaborar suas primeiras impressões e sensações sobre a obra.

Optamos por começar com um livro de imagens pelo alto grau de abertura interpretativa que a obra propicia e também para oferecer às participantes da pesquisa uma experiência de leitura diferenciada das que elas, tradicionalmente, estavam acostumadas a fazer. Talvez, inicialmente, elas tenham olhado para o livro até com um certo preconceito, pois no imaginário popular, de modo geral, os livros de imagens seriam somente para crianças. No entanto, hoje temos acesso a um grande número de livros de imagens que contrariam tais expectativas. Segundo Cademartori,

Cada livro de imagem traz implícito seu leitor. Ele pode ser para crianças menores; para crianças de qualquer idade; ao gosto de adolescentes; ou próprio para adultos. A condição é que esses diferentes leitores saibam olhar e desfrutar a riqueza dos múltiplos recursos de um livro de imagens (s.d., p. 5).

Ao iniciar o encontro, perguntei às voluntárias sobre como havia sido a experiência de ler um livro sem palavras e se tiveram alguma dificuldade ao realizar a leitura. Curiosamente dona Clemência responde com a frase “Ler sem ler”, que logo na sequência é repetida por dona Elisabete. Nessa frase, observamos que elas compartilhavam uma ideia implícita de leitura arraigada à palavra escrita, uma percepção muito comum que as pessoas têm de leitura. Essa visão restrita à palavra para se referir à leitura pode, inclusive, ter sido ensinada e reforçada pela escola. Nas instituições escolares, ignora-se, muitas vezes, que há diversas formas de linguagem e, assim, diferentes formas de leitura. Nesse caso, caberia ampliar o conceito de leitura tal como fez Paulo Freire (1996) ao sugerir que, antes da leitura da palavra, as pessoas já fazem a leitura do mundo em suas múltiplas linguagens. Estamos sempre em constante leitura do mundo que nos rodeia, a fim de tentar compreender nosso lugar na complexa malha de relações sociais da qual fazemos parte.

Como nenhuma das voluntárias havia experimentado a leitura de um livro de imagens anteriormente, a primeira experiência gerou diferentes impressões. Dona Bela relata o espanto de sua neta ao ver o livro: “Minha neta mesmo achou tão engraçado. Ela ficava: Meu Deus, vó! Como é que pode?” Já dona Clemência aponta como dificuldade a incerteza da compreensão das imagens: “Eu achei [difícil] porque uma coisa não parece aquilo que você está pensando que é.” Dona Elisabete, por sua vez, vê como dificuldade a necessidade de ter que “inventar” uma história: “Eu mesmo acho que não é fácil porque é como você vai inventar uma história, né?! Lá onde não tem, a gente tem que pensar alguma coisa e inventar. Aqui agora que não tem nada escrito, né?! Quem vai saber?!”

Nas falas de dona Clemência e dona Elisabete é possível identificar que o nível de abertura e o potencial polissêmico que o texto visual oferece seria justamente o que elas apontam como o grau de dificuldade. A narrativa imagética escolhida é altamente sugestiva e deixa a cargo do leitor a construção de uma narrativa verbal por meio de imagens difusas. A dificuldade viria da necessidade de preenchimento de muitos vazios deixados no texto, numa narrativa que conta com uma intensa participação do leitor. Para as leitoras participantes da pesquisa, há uma preocupação em saber se o sentido atribuído por quem lê as imagens estaria correto ou não, segundo uma concepção de univocidade do sentido dos textos, da interpretação. Tem-se, assim, na leitura de um texto construído somente com imagens, a ilusão de que a linguagem verbal seria transparente, que ela nos apresentaria um único sentido, e assim facilitaria a compreensão. Já os livros de imagem, justamente pela possibilidade de abertura interpretativa, não apreenderiam esse sentido único e inequívoco, provocando um maior estranhamento.

No encontro, no qual compartilhamos as experiências de leitura, propus que fizessem uma associação entre a palavra “vazio”, que dá título ao livro, e alguma outra palavra. Para a compreensão da palavra que dá título à obra, um conceito abstrato responsável pelo fluxo da narrativa, as participantes encontraram vários modos de aproximação. De início, dona Clemência associou a palavra a um espaço: “Uma sala sem nada dentro, vazio.” Ela fez uma ligação com o mundo concreto, externo e visível. Explicar o vazio, para ela, precisava do seu contraponto implícito, “cheio”, num espaço concreto de uma sala. Ela mostra assim um envolvimento mais distanciado com o tema ou com a ideia de vazio. Em direção oposta, dona Bela remete o título da obra à solidão: “Sozinho. Vazio, né?! Tanta gente assim, né?!” Ela pode ter relacionado a palavra “vazio” com “sozinho” pela sucessão de cenas nas quais o personagem aparece sem companhia. Por outro lado, quando ela fala “Tanta gente assim, né?!”, extrapola o nível interpretativo da obra e passa para o mundo da experiência, talvez até por um processo de identificação com o personagem.

Dona Neiva, por sua vez, falou de uma mente que não consegue pensar: “Vazio pode ser a cabeça da pessoa que é vazia, não é?! Muitas vezes a pessoa está com a cabeça vazia, não tem nem o que pensar. É vazio. Pode ser isso. Também uma cabeça que não está bem.” É possível observar que dona Neiva faz uma interpretação a partir da sua experiência de vida, revelando em sua fala que o vazio da mente pode indicar um estado de desequilíbrio emocional. Mas, para ela, tal vazio pode também ter um caráter momentâneo, inclusive a escolha do verbo “estar” demonstra isso: “Muitas vezes a gente tá vazio mesmo, nossa memória, nossa cabeça.”

Esse estado momentâneo de vazio da mente pode acontecer com qualquer pessoa, jovem ou idosa, inclusive afetando sua capacidade de lembrar-se do passado, sua memória.

Dona Lurdes e dona Elisabete compartilham da mesma ideia de dona Neiva, relacionando o sentido de “vazio” com uma mente que não consegue pensar. Contudo, dona Elisabete vai um pouco além e associa a palavra ao isolamento, fruto das circunstâncias da pandemia, vivenciado por elas um pouco antes daquele momento: “Eu pensei também assim no isolamento, né?! Pessoa isolada fica só. É isolada, né?!” As suas palavras remetem ao contexto vivido por todos e, possivelmente, à sua própria experiência de isolamento, relatada no capítulo anterior. Já dona Maria do Carmo apresenta um aspecto que questiona o próprio sentido da vida: “Pessoa vazia, que não tem nada, que não sabe nem por que vive, né?!” Ela aponta uma questão de grande complexidade que envolve as existências humanas sem propósitos de vida. E, por fim, dona Lau associa a palavra “vazio” a um aspecto um tanto inusitado: “Eu acho uma barriga vazia.” No entanto, ela explica um pouco mais à frente que deduziu que o vazio do personagem era fome, porque logo após sair do médico, ele foi comprar comida. O inusitado da interpretação se justifica pela leitura de detalhes das imagens num plano mais microtextual que depois foi abandonado.

Dando continuidade à conversa sobre o livro no encontro, perguntei a elas como foi a experiência pessoal de leitura para cada uma, o que elas acharam do livro e se tiveram dificuldades para entender a história. Inicialmente, elas demoraram um pouco para entender o que eu estava pedindo e já partiam para a descrição ou narração da história. Na sequência, selecionamos alguns trechos de suas falas, os quais se mostraram potencialmente relevantes para uma análise.

Quadro 6 – Experiência de leitura do livro de imagens

Participante	Como foi a experiência de leitura da obra <i>Vazio</i>?
Dona Clemência	<i>E no final, de longe não tem nada. Ficou vazio... (risos)</i>
Dona Elisabete	<i>Então, foi uma história assim que eu achei muito interessante, né?! Porque eu pensei, há dias olhando e falei: meu Deus, como eu vou fazer uma história aqui?! Aí achei interessante porque, né, eu fui fazendo uma historinha, e cheguei no final. Agora eu não sei como é que ficou. Vocês é que vai avaliar.</i>
Dona Bela	<i>Eu acho que no tempo de hoje as pessoas estão se sentindo assim também. É tanto que essa parte mesmo aqui, né?! Eu pensei que ele passou perto das casas, né?! Toda janela fechada. Já eu pensei: na minha rua é desse jeito, você olha, não tem uma casa com a janela aberta e nem tem ninguém na rua, sabe?! Então se sente a pessoa, se sente isolada. Isso não é coisa boa não, pra ninguém, né?! Sentir esse vazio, esse isolamento, assim, né?!</i>
Dona Lau	<i>Assim... parece que eu não tinha nada pra fazer... (risos) Parece que eu estava vazia igual ele. [...] Pra mim foi estranho.</i>
Dona Neiva	<i>Eu achei muito interessante e ainda é até bom a gente ler esses livros pra gente não ficar muito isolado, né?! Pra se abrir mais, se chegar mais, conversar mais, ter mais amizades...</i>
Dona M ^a do Carmo	<i>Gostei muito. Por sinal, eu até interpretei algumas coisa, né?! Por exemplo, é na vida da gente, né?! Isso é exemplo, vazio, né?! Pessoa vazia. Até pra tirar o raio X, que o médico tirou o raio X dele, não saiu nada, né, porque ele era vazio. Então eu apreciei bastante, e a gente põe assim, põe pra gente, né, o que é o significado do vazio.</i>
Dona Lurdes	<i>É, sei não. Eu acho assim, sabe, que ele é meio doente porque ele está ali sentadinho.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Com o foco na experiência de leitura das participantes, as respostas mostraram como ela pode ser diversa, considerando-se a subjetividade de cada pessoa. Os modos como as senhoras, que não haviam ainda lido obra semelhante, se apropriaram das imagens e de sua sequência narrativa apontam diferentes entradas para interpretações plurissignificativas da obra. Começando pelas falas de dona Clemência, dona Lau e dona Lurdes, observamos que elas explicaram como foi a experiência de leitura do livro de imagens a partir da dúvida e do estranhamento. Reação, talvez, provocada pelo incômodo de uma identificação, curiosamente um espelho percebido como estranho, como foi possível observar na fala de dona Lau dizendo que se sentiu vazia como o personagem. Na fala de dona Clemência, revelou-se um certo desconforto em relação ao caráter de inacabamento da narrativa quando ela disse que “[...] no final... ficou vazio...”. Dona Lurdes, por sua vez, focou sua interpretação em apenas uma cena, isolando o personagem do todo da narrativa.

Apesar do sentimento de desconforto pela identificação com o personagem, dona Clemência e dona Lau brincaram com os diferentes sentidos da palavra “vazio” para falar como foi a experiência de leitura de cada uma delas, utilizando o termo com um certo tom de humor. Já dona Lurdes, em tom de dúvida, fez uma suposição em relação ao personagem com base na observação que ela fez de uma imagem. Nas suas falas sobre a obra, houve um predomínio de descrições das cenas. As participantes ficaram um pouco inseguras para interpretá-la. Isso pode ter sido reflexo de uma experiência de leitura inusitada, pois conforme já foi dito, elas nunca haviam lido um livro composto somente de imagens.

Já dona Elisabete, dona Neiva e dona Maria do Carmo expressaram opiniões positivas sobre a leitura. Na posição de leitoras, elas usaram palavras que remetem ao universo da leitura. Dona Elisabete relatou que passou algum tempo refletindo sobre como ela poderia compor uma história de acordo com as imagens do livro, colocando-se no papel de leitora e narradora da obra a fim de construir sentido para a sequência de imagens apresentada. Ela demonstrou ter gostado do desafio e parecia feliz por ter conseguido concluir a tarefa: “Aí achei interessante porque, né, eu fui fazendo uma historinha, e cheguei no final.” Ao dizer que “foi fazendo uma historinha”, dona Elisabete se colocou também no papel de autora da obra. Essa relação que ela estabeleceu com o livro revelou um nível mais aprofundado de leitura. Dona Neiva indicou o livro como uma boa leitura para combater os efeitos do isolamento social. Podemos inferir, através da sua fala, que o exemplo apresentado pelo livro nos levaria a refletir sobre a condição de solidão e, assim, buscar uma alternativa, que ela mesma propõe: “[...] é até bom a gente ler esses livros pra gente não ficar muito isolado, né?! Pra se abrir mais, se achegar mais, conversar mais, ter mais amigadas [...]”. É curioso que ela se posiciona como uma crítica da obra, permitindo-se, inclusive, a indicar a sua leitura com uma finalidade específica, que seria combater a solidão. Dona Maria do Carmo, assim como dona Neiva, fez uma interpretação da história relacionando o livro com a vida real, indicando que essa narrativa de imagens poderia nos levar a refletir sobre o significado do vazio: “Então eu apreciei bastante, e a gente põe assim, põe pra gente, né, o que é o significado do vazio.” Ela revela ter gostado do desafio proposto pela obra para refletir sobre uma existência vazia.

No caso de dona Bela, ela não se posicionou enquanto narradora, mas expressou a sua opinião pessoal ao analisar as imagens, colocando-se em um processo direto de identificação com o personagem e de sentimento de empatia por ele. Ela começou falando genericamente: “Eu acho que no tempo de hoje as pessoas estão se sentindo assim também.” Na sequência, ela fez uma reflexão sobre o seu próprio contexto de vida: “Aí eu pensei: na minha rua é desse jeito, você olha, não tem uma casa com a janela aberta e nem tem ninguém na rua, sabe?!” Ao

descrever o cenário observado no livro, dona Bela remeteu à sua vizinhança e a cena pareceu criar um clima de solidão transportado para a vida real. Nas suas palavras, ficou implícito que ela já experimentou o sentimento de vazio representado pelo personagem: “Então se sente a pessoa, se sente isolada. Isso não é coisa boa não, pra ninguém, né?! Sentir esse vazio, esse isolamento, assim, né?!” Na visão de Langer (2005, p. 52), ao explorar os horizontes de possibilidades através da leitura, “nós pensamos para além daquela situação em particular, usando nossas representações para refletir sobre nossas próprias vidas, as vidas dos outros e as condições do mundo em geral”. Nesse exemplo de dona Bela, ficou evidente essa relação que ela estabeleceu entre a obra e sua própria vida.

Em meio às explicações apresentadas pelas participantes de como foi a experiência de leitura de um livro de imagens, identificamos que em certas observações que algumas delas fizeram há relação direta com as especificidades desse gênero literário. Mesmo sendo a primeira experiência com um livro de imagens, elas conseguiram inferir sentidos para as características de algumas imagens. De acordo com Cademartori,

No livro de imagens, como em qualquer outro livro, há grandes vazios a serem preenchidos pelo leitor. Pois o sentido de uma imagem depende das identificações e relações que o destinatário for capaz de estabelecer. Portanto, é pela percepção e pela imaginação que o leitor de imagens vai construir e formular os sentidos que o texto visual faculta. Ele olha, interpreta, avalia, e descobre sentidos, tanto na leitura individual quanto na partilha da experiência com colegas e professores (s.d., p. 04).

Nesse exercício de olhar, interpretar e avaliar, dona Elisabete descobriu o sentido da ausência de cor do personagem principal: “Eu entendi assim, que essa figura aqui é um personagem que ele tava se sentindo vazio porque ele tá sem cor, né?! Sem roupa, sem nada.” Ela conseguiu perceber o sentimento do personagem através da falta de cor e de elementos que pudessem caracterizá-lo. Dona Elisabete também percebeu que o personagem faz desenhos em um espelho como uma tentativa de acrescentar alguns elementos que pudessem dar visibilidade a si mesmo: “Ele tentou, isso aqui pra mim foi um quadro que ele tentou pintar. Ele já botou alguma coisa nele aqui, como uma gravata, um chapeuzinho. Aí ele já sentiu assim um pouquinho importante.” Dona Elisabete ainda observou que essa tentativa ajudou a melhorar um pouco a autoestima do personagem.

Dona Lau conseguiu perceber que o preenchimento que o personagem fazia era passageiro, logo ele se esvaziava novamente: “Depois do exame, depois de tudo, ele aparece com a barriga cheia. Aí, oh aqui [ela mostra a imagem] tudo cheio de alimento e depois ele fica

com fome de novo. Vai se esvaziando.” Ainda que ela tenha associado o vazio recorrente somente à fome, ela consegue perceber, por meio da análise das imagens, que o personagem vai se esvaziando, que ele continua vazio. Da mesma forma, dona Elisabete observou que apareceu um coração no personagem a partir do encontro com outro personagem igualmente vazio. “Ele encontrou uma pessoa o tipo dele aqui, que estava meio vazio também. Se encontraram. O coração dele já começou a aparecer aqui [ela mostra a imagem]. Assim que eu senti, né?!” Ela compreendeu que, a partir desse encontro, aconteceu algo diferente, que o personagem começou a mudar.

Já o comentário de dona Lurdes fala sobre o livro de imagens e sua relação com o leitor, sobre quem poderia ler um livro de imagens. “Eu acho sabe também, eu acho que quer dizer sobre a leitura, que a pessoa que não sabe ler, pode imaginar, né?!” Essa observação feita por dona Lurdes é muito interessante, pois ela consegue reconhecer a natureza universal da linguagem imagética, compreendendo que mesmo uma pessoa que não saiba ler um código escrito, consegue imaginar uma história a partir das imagens. Vale lembrar que a relação do ser humano com as imagens é anterior à invenção da escrita. Segundo Christin (2006, p. 64), “[...] a escrita não constitui uma representação da fala; ela nasceu de uma estrutura elaborada a partir da imagem, na qual a fala integrou os elementos de seu sistema que eram compatíveis com ela”. Assim, a construção de sentido através de imagens sempre fez parte do imaginário humano. Por meio da imaginação, temos a capacidade de criar imagens mentais através dos estímulos visuais e auditivos que recebemos.

Na continuidade do encontro, eu pedi a elas que fizessem uma narração coletiva da história, conforme elas fossem compreendendo as imagens. Cada uma deveria narrar duas páginas até concluir a narrativa. O objetivo dessa atividade foi verificar a compreensão que elas conseguiram ter das imagens e como iam construindo a narrativa de forma colaborativa. Nessa etapa, eu não fiz nenhuma interferência em relação à compreensão que elas tiveram da obra. Na sequência, reiniciamos a leitura da obra, mas dessa vez com um olhar atento para todos os elementos visuais que compõem a narrativa de imagens. Por meio de perguntas, eu fui direcionando os olhares das participantes para os detalhes, as mudanças de cores, os elementos que indicavam a passagem do tempo, os sinais que evidenciavam a mudança de sentimento. Enfim, busquei explorar ao máximo com elas as peculiaridades da narrativa de imagens e, assim, ajudá-las a construir sentidos.

Para finalizar esse encontro, perguntei se, após a leitura e interpretação do livro *Vazio*, elas conseguiram fazer alguma reflexão relacionando a obra à vida. Quatro das voluntárias expuseram os seus pensamentos. Na sequência, analisamos algumas de suas falas.

Quadro 7 – Diálogo entre a obra e a experiência pessoal

Participantes	A leitura desse livro trouxe para vocês alguma reflexão sobre a vida?
Dona Neiva	<i>A pessoa vazia quando ela não tem sentimento ou então porque ela não sabe aproximar das pessoas, né?! Então, ela se sente vazia, mas no momento que ela começa a entrosar, como nós aqui... Vou citar o exemplo do CEVITI. Quantas pessoas chegaram pra aqui que não conversavam, não sabiam de nada, não atravessavam a rua. [...] Com essas palestras, com essas coisas todas que nós temos aqui. Então eu cito esse exemplo aqui. O vazio é preenchido dessas coisas.</i>
Dona Clemência	<i>Eu mesma era vazia. Eu era vazia, né?! Casada, quatro filho. Não tinha alegria. Não ia ni canto nenhum. Não tinha direito a nada assim pra saí, pra conhecer, fazer amizade com ninguém. É só eu e o marido e os filho e pronto. Eu vim escondida pra cá [CEVITI].</i>
Dona Elisabete	<i>É, mas, às vezes, eu já senti muitas vezes assim vazia, isolada, né?! Porque teve uma época que eu, até hoje eu moro sozinha. Mas quando eu me sentia sozinha, eu senti muito assim isolada, apesar de que tinha meus filhos. Mas quando a gente fica e os filho casa ou que a gente fica só, perde o marido, a gente fica se sentindo muito isolada. E depois que eu vim pro CEVITI, eu comecei interagir com as pessoas. Eu não gostava de falar, eu era muito tímida também. Mas hoje eu já sinto assim que eu já tô bem enturmada com esse grupo, né?! E é maravilhoso que isso aqui e pra mim foi uma recuperação. Eu recuperei todo meu isolamento aqui no CEVITI. Hoje eu tenho muita amizade, que essa mulherada aqui é uma família que a gente tem, e hoje eu não me sinto mais isolada não... (risos)</i>
Dona Maria do Carmo	<i>[...] O significado do que é ser vazio, eu acho que a gente tenta sempre preencher de alguma coisa boa, né?! Aí faz igual à novela, né?! E o que não é bom, a gente solta no vento. Aquilo que não é bom pra gente não deve ficar torturando, solta, solta, vamo embora, acabou e pronto, né?! Assim... acho que é a vida, né?! E a gente tem que sempre preencher com... por exemplo, igual esse grupo da CEVITI, né?! Isso aqui é um preenchimento muito grande, é uma, como se diz, é um alento muito bom. Por exemplo, meu marido tá em casa doente, né?! Quando eu venho pra qui, acho que eu me reponho minhas energias. Então é muito bom, muito bom mesmo.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Dona Neiva foi a primeira a estabelecer uma relação entre a história do livro e a vida real. Ela associa o vazio à falta de sentimento e à dificuldade para se aproximar das pessoas. Para ela, o convívio social seria uma forma de preencher o vazio apontado pelo livro, e como exemplo de um espaço social transformador, ela cita o CEVITI: “Quantas pessoas chegaram pra aqui que não conversavam, não sabiam de nada, não atravessavam a rua.” De acordo com o seu pensamento, através das atividades e palestras das quais elas participam no projeto, o vazio vai sendo preenchido. Em um outro excerto da fala de dona Neiva, ela cita os exemplos de duas mulheres que chegaram ao projeto de extensão “vazias” e que, com o passar do tempo, foram adquirindo confiança em si mesmas e conquistando autonomia enquanto pessoa.

A partir da fala de dona Neiva, dona Clemência se coloca, ela mesma, como exemplo de alguém que chegou vazia ao projeto. Conforme seu relato, sua vida se restringia somente ao

âmbito doméstico e familiar: “Não tinha direito a nada assim pra saí, pra conhecer, fazer amizade com ninguém. É só eu e o marido e os filho e pronto.” Desempenhando as funções de esposa, mãe e dona de casa, ela não participava de nenhum outro círculo social. O CEVITI se tornou para ela o primeiro espaço de convivência social extrafamiliar. Já na entrevista inicial, dona Clemência havia dito que foi nesse espaço que ela encontrou a liberdade.

Na continuidade da conversa, dona Elisabete também fala sobre a sua própria experiência de vazio. Ela conta que se sentiu muitas vezes isolada, sozinha: “Mas quando a gente fica e os filho casa ou que a gente fica só, perde o marido, a gente fica se sentindo muito isolada.” Mais uma vez, podemos observar que a ideia de vazio está atrelada à solidão, ao isolamento social. No caso de dona Elisabete, ela ficou totalmente sozinha após a morte do esposo e os casamentos de seus filhos. Ela também cita o projeto como um importante espaço de integração social que a ajudou a superar o vazio da solidão: “E depois que eu vim pro CEVITI, eu comecei interagi com as pessoas. Eu não gostava de falar, eu era muito tímida também. Mas hoje eu já sinto assim que eu já tô bem enturmada com esse grupo, né?!” Na participação dentro do projeto, através da interação com outras pessoas, dona Elisabete parece ter conseguido superar a sua timidez e dificuldade para se relacionar com o outro.

Por fim, dona Maria do Carmo compreende o vazio como uma ausência incômoda, a falta de algo que nos anime, que nos motive. Para ela, o vazio interior deve ser preenchido com coisas boas: “[...] O significado do que é ser vazio, eu acho que a gente tenta sempre preencher de alguma coisa boa, né?!” E mais uma vez, o CEVITI é lembrado como algo bom, positivo, que ajuda muitas pessoas a preencherem seus vazios. Dona Maria do Carmo cita um exemplo de como a participação no projeto a tem ajudado: “Por exemplo, meu marido tá em casa doente, né?” Quando eu venho pra qui, acho que eu me reponho minhas energias. Então é muito bom, muito bom mesmo.” Parece que as experiências vivenciadas no projeto, especificamente durante essa dificuldade relatada por ela, agem como um contraponto que a ajuda a manter o equilíbrio emocional.

Vale ressaltar que, embora suas falas tenham se direcionado para a relação que cada uma construiu com o CEVITI, as conexões que elas fizeram entre a obra e suas experiências de vida surgiram espontaneamente. Retomando Langer (2005), a construção da compreensão da obra, por meio de representações, se realiza sempre a partir daquilo que conhecemos e compreendemos da vida. No caso dos encontros do grupo focal, ao optarmos por mediar as conversas através de obras artístico-literárias, tínhamos a expectativa de que, durante a construção coletiva de sentidos para essas obras, as participantes também recuperariam

memórias de experiências passadas que lhes foram significativas e que se relacionassem com o tema colocado em discussão.

Essa construção coletiva de sentidos, a partir da obra partilhada nesse encontro, foi uma atividade positiva de interação entre as participantes. O diálogo ia sendo tecido coletivamente de maneira coesa e coerente. Bosi defende que na velhice o grupo se torna um apoio da memória, pois a lembrança de uma pessoa acaba desencadeando as memórias das outras: “O grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado [...]” (BOSI, 1994, p. 414). No caso das voluntárias da pesquisa, elas fazem parte de um grupo maior, o projeto UATI/CEVITI, e possuem um forte vínculo de pertencimento a esse grupo, que, como algumas delas disseram, se tornou uma família. O sentimento de pertença e de identificação com o grupo faz com que o ambiente se torne altamente favorável para resgatar memórias de experiências passadas, assim como compartilhar novas experiências em conjunto.

Nesse encontro, no qual propusemos a leitura de um livro de imagens, foi gratificante observar que, apesar de a experiência ter sido inédita e até causar um certo estranhamento, as voluntárias construíram sentidos e fizeram conexões entre a obra e suas experiências pessoais, respondendo positivamente aos objetivos da pesquisa. Retomando Bondia, a experiência seria um processo de formação e transformação, pois “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (BONDIA, 2002, p. 26). Nas análises feitas pelas participantes, observamos que a experiência de leitura de um livro de imagens, de modo geral, levou cada uma a um exercício de reflexão e introspecção sobre a narrativa. Uma curiosidade sobre esse encontro é que ele foi o único no qual todas as participantes da pesquisa estiveram presentes.

6.2 O amor e o humor: desconstruindo estereótipos

Iniciando o quarto encontro do grupo focal, compartilhei duas narrativas com as voluntárias da pesquisa. Nessa ocasião, trabalhamos com um conto e um caso de cordel. Ambos abordam com humor a busca por um relacionamento amoroso com foco nos personagens masculinos. Trata-se do conto “Quase ela deu o ‘sim’; mas...”, de Lima Barreto, e o vídeo de animação de um caso de cordel de Rui Henrique, intitulado *A história do irmão João*, inspirada na canção de Toinho de Aripibu, que tem o mesmo nome. Tanto seu Cazu, do conto de Lima Barreto, quanto o irmão João, protagonista do vídeo de animação, estavam em busca de uma companheira que atendesse às suas expectativas. O primeiro estava à procura de uma mulher que o mantivesse com serviços e financeiramente. Já o segundo estava à espera de

uma mulher que fosse bem mais jovem do que ele. A partir dessas duas narrativas, foram suscitadas proíficas reflexões em grupo sobre a construção social do papel da mulher e do homem em um relacionamento afetivo, assim como as representações do papel da pessoa idosa construídas socialmente. Na sequência, analisamos algumas passagens das falas das voluntárias.

Nesse encontro contei com a participação de dona Bela, dona Elisabete, dona Maria do Carmo e dona Lurdes. As demais estiveram ausentes por problemas de saúde. Antes de entrar nas narrativas, fiz uma breve retrospectiva, lembrando quais eram os objetivos da pesquisa em relação aos diferentes gêneros de histórias que estávamos compartilhando, explicando que dessas narrativas poderiam aflorar aspectos da nossa subjetividade a partir de experiências pessoais, assim como posicionamentos éticos e sensibilidade estética em contato com a obra artístico-literária. De acordo com Langlade (2013), uma obra literária realmente existiria quando o leitor lhe empresta elementos do seu universo pessoal, tais como: cenário, paisagens, traços físicos e de caráter dos personagens, entre outros.

É graças a essa “adesão viva”, em que se expressam tanto o conhecimento de mundo quanto a cultura literária do leitor, que se configura diversas coerências textuais. O leitor, por exemplo, dá sentido ao comportamento e à ação das personagens a partir de “teorias” psicológicas tomadas da experiência que adquiriu, seja diretamente, seja por meio de saberes construídos (LANGLADE, 2013, p. 35).

Nas leituras compartilhadas durante os encontros, observamos dois aspectos que potencializaram essa construção de sentido com base nas experiências e conhecimentos das participantes. O primeiro estaria relacionado à idade das voluntárias, considerando que elas já chegaram à velhice e trazem uma bagagem mais ampla de experiências vivenciadas. O outro aspecto está ligado ao compartilhamento da leitura em grupo, pois por pertencerem a uma mesma geração, elas vivenciaram muitas experiências semelhantes, o que facilitou a atividade de construção de sentido coletivamente. Além disso, o contato com narrativas ficcionais pode também desencadear memórias de outras histórias e de experiências pessoais passadas.

Vale lembrar que a concepção de letramento literário que embasa essa pesquisa enxerga o letramento literário como um processo de construção de sentidos envolvendo um repertório cultural que não se restringe somente à língua escrita (COSSON, 2015; PAULINO, 1999). Assim, acreditamos que tal processo esteja diretamente ligado às experiências socioculturais das participantes. Por essa razão, valorizamos suas peculiaridades, as marcas identitárias que cada uma traz em suas leituras e interpretações, ou seja, o leitor real. Conforme argumenta Iser (1996),

considerando o leitor real, o sentido da leitura não seria mais algo a ser explicado, mas sim um efeito a ser experimentado, pois tal efeito dependeria da participação do leitor e sua leitura. Para o teórico, a interpretação ganharia uma nova função: em vez de decifrar o sentido, ela evidenciaria o potencial de sentido proporcionado pelo texto. E é nessa perspectiva que buscamos analisar as interações que as voluntárias da pesquisa tiveram com os textos que lhes foram apresentados.

Começamos pelo conto de Lima Barreto, que havia ficado como leitura para casa. Para relembrar a história, fiz uma leitura oralizada do conto no início do encontro. Após a leitura da narrativa, as participantes, entre risos, espontaneamente, fizeram comentários sobre o desfecho da história, revelando uma adesão imediata ao pacto de humor do conto. Na sequência, elas assistiram ao vídeo do caso de cordel. Assim que a narrativa terminou, dona Bela, por iniciativa própria, contou uma história de uma experiência sociocultural que ela teve, a qual dialogava diretamente com o caso a que elas tinham acabado de assistir. Essa recordação se caracteriza pelo que Candau (2012) chama de memória propriamente dita ou memória de alto nível, que constituiria nossa capacidade de lembrar espontaneamente, de recorrer ao repertório cultural de experiências acumuladas ao longo da vida. Dona Bela teve uma invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos, entre outros), ao recordar uma história que ela conheceu através de uma peça de teatro. Isso revela que muitas memórias são desencadeadas por associação a partir do que vemos, cheiramos, ouvimos, tocamos, falamos, lemos ou escrevemos.

Eu assisti uma peça uma vez em Salvador, né?! Que a mulher pediu, né?! Ficou pedindo, rezando. Pedindo pra arranjar um marido pra ela, pedindo Santo Antônio. Ajoelhava, botava Santo Antônio dentro da geladeira, tanta coisa que ela fazia pra conseguir um marido. Aí arranjar o marido, casô, né?! Aí ele deitava na rede e ficava lá. Oh, mulher, traz aí um copo de água pra mim. Aí ela foi lá. Ué, Santo Antônio, eu pedi ao senhor foi isso? Eu não pedi isso pro senhor não, viu? Então achei tão engraçada, eu esqueci o nome da peça. Sempre que eu vou a Salvador, meu filho ajeita o teatro. Eu amo teatro, né?! Aí essa peça ela foi tão engraçada, viu?! [...] A peça do teatro o nome era: “Valei-me, Santo Antônio!” Tava lembrando aqui. Já tem uns três anos que eu assisti essa peça, mas foi muito divertido, nossa. (Depoimento de dona Bela)

Assim como no caso do irmão João, a história contada por dona Bela traz também um forte vínculo com a religiosidade, com a finalidade específica de conseguir um casamento. Nessa história, porém, é a mulher que roga ao santo para conseguir para ela um marido. Realizado o seu desejo, ela se depara com um relacionamento desigual, no qual o marido a vê como alguém que deve servi-lo. Ela, entretanto, se rebela contra essa situação e questiona o santo para mostrar que não era esse tipo de relacionamento que ela esperava. Ainda que a

narrativa teatral tenha um tom humorístico, a peça faz uma crítica aos papéis sociais masculinos e femininos ainda perpetuados na vida social.

Ao se recordar dessa história, dona Bela revela também alguns dados autobiográficos, contando sobre a sua paixão pelo teatro: “Sempre que eu vou a Salvador, meu filho ajeita o teatro. Eu amo teatro, né?! Aí essa peça, ela foi tão engraçada, viu?!” Observamos o acesso ao teatro centralizado em uma grande metrópole; um filho que, conhecendo o quanto a mãe aprecia o teatro, se organiza para que ela possa assistir a alguma peça; e, em se tratando especificamente da peça lembrada, ela expressa o quanto se divertiu. Certamente, trata-se de uma experiência memorável para ela, considerando-se que a sua lembrança surgiu espontaneamente. De acordo com Candau, “a lembrança, tal como ela se dispõe na totalização existencial verbalizada, faz-nos ver que a memória é também uma arte da narração que envolve a identidade do sujeito e cuja motivação primeira é sempre a esperança de evitar nosso inevitável declínio” (2012, p. 72-73). Lembrar e narrar um acontecimento passado seria uma forma de reviver algo que foi significativo, principalmente quando uma pessoa chega à velhice. Narrar os acontecimentos da própria vida seria um modo de resistir ao inevitável declínio do envelhecimento.

Outro acontecimento curioso que fugiu ao roteiro programado para o encontro foi o fato de dona Maria do Carmo não apenas citar aspectos que chamaram a sua atenção no personagem Cazu, mas recontar a história fazendo uma paráfrase do conto, dando destaque à atitude de dona Ermelinda. Identificamos nesse exercício uma forma de apropriação do texto pela leitora, o que se evidencia pela sua declaração de que gostou do conto: “Gostei, porque é um texto bem intenso, é interessante, né?! Bem, é bom de ler, da gente ler, de interpretar, né?! Eu gostei muito do texto, né?! Tá até guardado de lembrança pra ler de vez em quando. E engraçado também, porque no final a gente acha graça, né?!” A apropriação de um texto passa antes pelo filtro da apreciação. Quando um leitor gosta de um texto, a tendência é que ele queira compartilhá-lo. Rouxel (2013) defende que o que importa é recolocar o sujeito (leitor) no centro da leitura, pois seria ele aquele que imprime sua forma singular à leitura literária e ao texto. A apropriação do texto pelo leitor daria vida ao texto.

Dona Maria do Carmo reconstrói a narrativa dando a ela características próprias da sua identidade, expressando o seu jeito de falar e o seu olhar crítico, inclusive analisando os comportamentos das personagens. Ao falar da sabedoria de dona Ermelinda, ela faz uma interpretação do seu modo de ser pautado em princípios religiosos: “Certamente ela era uma mulher que gostava de Deus, né?! Quando a gente gosta de Deus, a gente vai lá naquele livrinho, tá sempre olhando alguma coisa, né?! Ali não precisa ninguém ensinar, a gente mesmo que

procura”. Nessa fala é possível observar que, ao se apropriar do texto literário, dona Maria do Carmo insere suas próprias crenças no processo interpretativo.

Em seguida, pedi às participantes que falassem sobre as principais características que elas observaram nos personagens centrais das histórias que compartilhamos nesse encontro, analisando alguns aspectos por elas apontados. Nos excertos abaixo, verificamos que há similaridade e complementaridade em suas falas, quando elas descrevem o personagem do conto de Lima Barreto, seu Cazu.

Quadro 8 – Impressões das participantes sobre a leitura do conto

Participantes	Características observadas na personagem seu Cazu
Dona Maria do Carmo	<i>O Cazu, né, professora, é um cara... é igual dizia os antigos, aquele negócio que dá num pé de árvore, né?! Que mata até a planta.</i>
Dona Bela	<i>E há muitos homens que pensam assim também, né?! Quer aquela mulher pra poder fazer tudo em casa, né?! Cuidar de tudo e tal, né?! Igual esse Cazu queria, né?!</i>
Dona Lurdes	<i>Eu achei que ele e tem hoje em dia ainda tem, viu?! Desse jeito, né?! E tem muito hoje em dia ainda, minha filha. Isso não é daquele tempo não.</i>
Dona Elisabete	<i>Eu acho que ele queria assim ter uma boa vida, né?! Um preguiçoso, não queria trabalhar. Então ele queria encontrar uma mulher que sustentasse ele.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Dona Maria do Carmo recorre ao mundo natural para explicar com sutileza o comportamento do personagem, fazendo uma analogia com um parasita de planta, o qual, de tanto sugar sua seiva, chega até a matá-la. Esse viés pelo qual ela analisa o relacionamento de seu Cazu e dona Ermelinda é muito perspicaz, pois ao apontar para um relacionamento de parasitismo, ela deixa implícito que essa forma de relação seria proveitosa para apenas uma das partes, nesse caso, para o seu Cazu. Outro aspecto revelado na sua fala foi a referência aos “antigos”, remetendo a um conhecimento que faz parte da cultura popular e que vai sendo transmitido oralmente.

Nas falas de dona Bela e dona Lurdes, vemos que elas fazem uma atualização do comportamento do personagem para o presente, salientando que ainda há muitos homens como seu Cazu, que procuram uma companheira “pra poder fazer tudo em casa”. Para dona Lurdes, “Isso não é daquele tempo não”. Provavelmente, pela sua experiência de vida, ela já deve ter visto, conhecido ou ouvido falar de alguém como seu Cazu. Escrito há mais de cem anos,

o conto revela um comportamento social que vai se repetindo ao longo do tempo, e a interpretação das leitoras revela isso.

Nesse exercício de atualização de uma obra através da leitura, estabelecendo um paralelo com o contexto presente, o leitor recorre à sua experiência de vida. Segundo Jouve, “o modo pelo qual um leitor imagina cenário e personagens a partir de indicações, em geral um tanto vagas do texto, remete a situações e acontecimentos que vivenciou e cuja lembrança retorna espontaneamente durante a leitura” (2013, p. 54). Vale destacar que, quando um leitor consegue atualizar um texto para o seu contexto de leitura, isso revela também o valor de permanência da obra ao longo do tempo, apontando para o seu caráter atemporal e universal.

Diferentemente das suas colegas, que não apontaram características explícitas da personalidade de Cazu, dona Elisabete foi direta e incisiva ao descrever sua visão em relação ao personagem, inclusive usa o termo “preguiçoso” para caracterizá-lo. Contudo, ela faz uma interpretação muito pontual da história, não estabelecendo paralelos com nenhum outro tipo de contexto sócio-histórico ou textos diversos.

Dando continuidade, analisamos também alguns excertos das falas das participantes em relação à personagem de dona Ermelinda, “namorada” de seu Cazu, do conto de Lima Barreto.

Quadro 9 – Impressões das participantes sobre a leitura do conto

Participantes	Características observadas na personagem dona Ermelinda
Dona Maria do Carmo	<i>Eu achei que ela era uma mulher sábia. Foi uma mulher sábia porque ela não conhecia ele, não sabia a conduta dele, então foi a maneira que ela descobriu se realmente ele era um homem que sustentava uma família, que podia casar, né?!</i>
Dona Bela	<i>Ela foi sabida, né?! Ela foi bem esperta, né?! Porque ela viu logo o jeitinho dele e falou, ah esse aí, né?! Aí jogou aquela... né?! Aquela lista pra ele já pra... Eu acho que ela foi bem... né?! É, bem esperta nesse assunto, né?!</i>
Dona Lurdes	<i>Agora eu achei a esperteza dela, porque ficou amigo, não precisou brigar nem xingar, né?! E numa boa, né?! Terminou, ele foi pra lá e deve ser que ela não tava querendo mesmo, não sabe?! Ele se foi embora e nunca mais... Ela experimentou se ele queria mesmo casá. Eu acho que foi a esperteza dela, sabe. Ela ficou livre dele, ficou livre dele numa boa, o que eu achei.</i>
Dona Elisabete	<i>Ela primeiro ela deu corda pra ele. Arrumou a roupa dele. Foi longe. Se ele aceita comprar, fazer aquela compra, ia dar certo.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Ao observarmos as falas de dona Maria do Carmo, dona Bela e dona Lurdes, verificamos que todas elas destacam a sagacidade da personagem Ermelinda em colocar seu Cazu à prova: mais do que confirmar se ele queria realmente se casar, ela precisava descobrir se ele podia sustentar uma família. O modo como ela o testou é que chamou a atenção das voluntárias, pois ela provou com perspicácia as suas verdadeiras intenções empiricamente, apresentando-lhe uma lista de compras para que ele as providenciasse. Inclusive, essa atitude foi vista por dona Lurdes como uma maneira inteligente de terminar um relacionamento pacificamente: “Ela ficou livre dele, ficou livre dele numa boa, o que eu achei”. Já dona Elisabete observou o relacionamento dos dois por um ângulo diferente, compreendendo aliás que não era a vontade de dona Ermelinda livrar-se do seu Cazu. Para ela, dona Ermelinda estava apostando no relacionamento, pois “ela primeiro deu corda pra ele”. Contudo, na jogada definitiva, seu Cazu recuou.

É importante frisar que o fato de elas terem elogiado a sabedoria de dona Ermelinda reflete uma forma de admiração diante da atitude que ela tomou, principalmente considerando-se a época em que o conto foi escrito. Ao serem perguntadas se, para aquela época, era esperada uma atitude tal qual a que dona Ermelinda tomou, elas reconhecem que foi uma ação inesperada para uma mulher, principalmente em se tratando de uma viúva com dois filhos. Dona Bela resume muito bem o que se esperava de uma mulher naquele contexto sócio-histórico: “Porque naquela época o certo era isso: ela ia preparar o almoço, preparar tudo, ele ia chegar, pedir ela em casamento e ela aceitar, né?!” A sociedade cobrava que a mulher tivesse ao seu lado uma figura masculina, ainda que esta fosse meramente ilustrativa. Cronologicamente falando, considerando-se a data de publicação do conto, as senhoras participantes da pesquisa seriam da geração seguinte à de seu Cazu e dona Ermelinda, e ainda teriam vivido nesse contexto que esperava da mulher um papel de servidão e submissão ao homem. Daí a identificação das leitoras com a personagem feminina, pois, apesar dos anos que as separavam, partilhavam semelhante sistema de referências em relação aos papéis sociais de homens e mulheres.

Passando para o caso do irmão João, seguimos com algumas falas das participantes em relação à visão que cada uma teve do personagem.

Quadro 10 – Impressões das participantes sobre a leitura do cordel audiovisual

Participantes	Características observadas na personagem irmão João
Dona Maria do Carmo	<i>O que me chamou atenção foi, né, que ele só queria uma mulher nova, né?! Pra casar... Mulher velha ele não queria, né?!</i>
Dona Bela	<i>Ao invés dele mesmo procurar uma pessoa, ficou pedindo Jesus direto, né?! Mas ele podia ter saído procurando uma namorada, namorava com uma não dava certo, namorava com outra não dava certo, né?! Até chegar no ponto, né?! Como acontece com muita gente assim, né?! E ele, no entanto, ficou pedindo, pedindo, pedindo... quando ganhou, não aceitou.</i>
Dona Lurdes	<i>Era, só queria menina nova, né?! Aí no fim vai deixar o quê? Vai morrer e ficar as coisa pra quem? Fazenda, gado e tudo, né?! A bestagem dele. Por que não caçava uma igual a ele pra casá? Vai caçá menina nova.</i>
Dona Elisabete	<i>Já eu achei o seguinte: por que ele fez uma promessa e não cumpriu, né?! Com Deus que ele pediu que a pessoa, a primeira pessoa que entrasse na igreja, ele casaria. Mas aí quando ele viu, quem entrou na igreja foi uma senhorinha de bengala, ele caiu fora... (risos). Aí ele não quis. Não cumpriu a promessa.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Nas falas de Dona Maria do Carmo e dona Lurdes, podemos observar que elas desaprovam o fato de o irmão João ter como critério de escolha matrimonial a faixa etária, ou seja, queria encontrar somente uma mulher nova para se casar. O tom de indignação quanto a isso se mostra, por exemplo, quando dona Lurdes questiona por que ele “não caçava uma igual a ele pra casá”. Nesse exercício de avaliar as atitudes dos personagens, elas expressam suas opiniões, seu conhecimento de mundo e também o seu senso crítico sobre as relações sociais que envolvem homens e mulheres. Já dona Bela e dona Elisabete se apoiaram em argumentos culturais ligados a crenças, ao destacarem o não cumprimento da promessa religiosa. Para dona Bela, ele deveria ter iniciativa para procurar uma pessoa, ao invés de pedir a Jesus. Dona Elisabete, por sua vez, questiona a razão de ele não ter cumprido a promessa. Ele não aceitou a pessoa que apareceu, pois ela não atendia ao tipo de mulher que ele desejava, ou seja, uma mulher mais nova.

Aspectos como a diferença de idade entre o homem e a mulher em um relacionamento também foram questionados. Inclusive, surgiu até um debate entre elas comentando que a sociedade criticaria se fosse o contrário, uma mulher mais velha buscando ter um relacionamento como um homem mais jovem, como exposto no diálogo a seguir.

Dona Lurdes: *Acho que... acho que é pra ver, né?! Que os home... você viu como é que é? Eles não gostam de gente de idade não, minha filha...* (risos)

Dona Bela: *A gente está vendo tanto, minha filha, as meninas tudo novinha casando com cada velho porque tem dinheiro.*

Dona Maria do Carmo: *O amor não tem idade [ironia]...* (risos)

Dona Bela: *Chega enjoa, o amor não tem idade, né?! Ai, Ai...*

Dona Lurdes: *Agora se uma véia casá com um menino novo... hum... o povo fala. Agora se um véio casá com uma nova...*

Dona Bela: *Fala também, fala também.*

Dona Lurdes: *Não, mas eles acham que é certo.*

Dona Bela: *Ficam procurando saber se ele tem dinheiro, se é rico.*

É interessante observar como a construção de sentidos nos encontros vai se dando de forma coletiva através da conversa, cujo desenvolvimento se constrói como andaimes, em que uma leitora sustenta a interpretação da outra por adesão, seja nas repetições, seja na complementação do que foi dito, por meio de alguma observação e comentário ou refutação com outra ideia. Há, por trás das histórias de humor de seu Cazu e de irmão João, a reprodução de atitudes que revelam a exploração e a condição da mulher num cenário que se mostra familiar às leitoras. Ambos os personagens queriam tirar proveito da companheira, um para ser sustentado por ela, outro para receber os cuidados de uma moça nova, talvez com mais pique para as atividades domésticas e conjugais. De um modo geral, a compreensão da condição explorada da mulher se deu pela via do humor. As senhoras trouxeram, em grande medida, o conhecimento de mundo que sustenta essa crítica.

Quando perguntadas sobre como foi retratada a personagem idosa no caso de irmão João, elas observaram que a sua caracterização foi um tanto exagerada, caricaturesca. Disseram que aquela personagem não representa a velhice na atualidade. Duas delas expressaram suas ideias em relação à velhice, conforme vemos na sequência:

Ô professora, eu vejo assim, a velhice tá na cabeça. A idade não importa. Se você é uma pessoa que tem idade, mas tem saúde e desenvolve o seu dia a dia, não tem velhice. [...] O desenvolvimento da idade é a cabeça da gente. Você pode ter cem anos, mas você pode saber conduzir a vida e você nunca fica velho. A não ser quando adoecer, né?! (Depoimento de dona Maria do Carmo)

Hoje a velhice tá mais assim alegre mesmo, que antes era mais... né?! Mais reservado, os mais velho ficava tudo quietinho nas casas. Não tinha esse negócio... hoje não. Hoje é diferente. [...] Hoje não tem esse negócio de idade mais não... a pessoa vai pras festa, vai em tudo, né?! Vai andar de bicicleta, vai fazer mil coisas. (Depoimento de dona Bela)

Muitas das colocações apresentadas pelas participantes expressam suas crenças, pensamentos e valores, revelando aspectos interessantes de suas identidades. Nas falas

supracitadas, vemos que, provocadas pela narrativa visual, as participantes sustentam uma perspectiva positiva em relação à velhice. Dona Maria do Carmo defende que a velhice seria mais uma condição mental do que física: “Se você é uma pessoa que tem idade, mas tem saúde e desenvolve o seu dia a dia, não tem velhice”. Para ela, somente a ausência da saúde é que implicaria uma limitação para se viver bem a idade mais avançada, pois se a pessoa consegue ter autonomia e independência nos cuidados consigo mesma e com suas necessidades, então ela não seria velha. Dona Bela analisa, positivamente, a mudança de perspectiva da velhice, comparando o presente e o passado: “Hoje a velhice tá mais assim alegre mesmo, que antes era mais... né?! Mais reservado, os mais velho ficava tudo quietinho nas casas”. Nessa mudança de comportamento das pessoas idosas, apontada por dona Bela, fica também evidente a mudança de olhar em relação aos mais velhos. No passado, a sociedade esperava que as pessoas idosas se recolhessem ao âmbito familiar. De certa forma, elas eram excluídas da vida em sociedade.

Essa reconfiguração do modo de ver e viver a velhice reflete toda uma transformação em diversas esferas sociais, entre elas: na economia, na política, na ciência, na educação. Já há algumas décadas, diante da constatação de que a população mundial estava envelhecendo e que a expectativa de vida estava aumentando, o contexto sócio-histórico mundial, impelido pela própria força de tal processo natural, precisou ir se adaptando às exigências dessa nova demanda. As pessoas estão vivendo mais, porém espera-se que seja com qualidade de vida. Nas falas de dona Maria do Carmo e dona Bela, fica evidente a valorização de uma velhice autônoma e ativa com saúde e bem-estar. Ao falar sobre a velhice nessa perspectiva, elas apresentaram alguns exemplos positivos de pessoas que viveram ou ainda vivem por muito tempo com autonomia física e mental. São memórias autobiográficas de pessoas idosas que fizeram ou fazem parte das suas vidas. Algumas são familiares próximos e outras são pessoas que elas conheceram em alguma ocasião.

Quadro 11 – Reflexões sobre o potencial da pessoa idosa

Participantes	Repertório de lembranças autobiográficas
Dona Maria do Carmo	<p><i>Eu conheço uma senhora, por sinal até parente do meu pai, né?! Ela tem cento e dois anos, mas você não diz que ela tem essa idade. Ela vai lá pro povo [da universidade] porque lá também tem esse negócio do da [terceira] idade, né?! Lá em Vitória da Conquista. Lá ela dança, ela brinca. Se um louco faz qualquer coisa, ela faz também.</i></p> <p><i>Meu pai sempre falava isso: “não tem que retroagir por causa de idade”. Ele morreu com oitenta e nove anos meu pai. Mas parecia um jovem que você precisava de vê. Botava tênis, saía andando Conquista todinha de pé.</i></p>
Dona Bela	<p><i>Minha irmã mais velha fez noventa e um anos ontem [22/05/2022]. A cabeça perfeita, conversa com ela... só não está andando porque ela caiu e quebrou-se o fêmur, né?! Então não está andando ainda. Mas ela resolve as coisas na casa e tudo.</i></p> <p><i>E tem a mãe da sogra do meu filho, tem noventa e quatro anos, cê precisa vê. A mulher atende o telefone, conversa no telefone. [...] Sentou na mesa com a gente, almoçou tudo, ela mesmo serviu a comida, almoçou tudo. Precisa ver que beleza, noventa e quatro anos.</i></p>
Dona Lurdes	<p><i>Eu vi uma com cento e seis anos que apertou minha mão e eu só não chorei com vergonha... (risos) Ela mesmo tomou banho dela lá, trocou de roupa e veio segurando, né?! [...] Aí eu fui falar com ela. Minha filha, só não chorei com vergonha, mas deu um aperto na minha mão que eu quase morria.</i></p> <p><i>E tem uma que se chama [...]. Ela já veio aqui [na universidade] dar palestra no meio dos doutor aí. Desse tamanhin. Vai fazer noventa ano. Morando em fazenda. [...] Eu falei com ela, ela apertou minha mão também. Aí eu falei: que mulher que tem força! É negra, sabe. Ela disse que foi no médico, na médica. A médica mandou apertar a mão, disse que a médica gritou... (risos) Foi.</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Os exemplos por elas apresentados trazem pessoas nonagenárias e centenárias que ainda possuíam autonomia física e serenidade mental. Pessoas ativas que pareciam estar com vitalidade e força física, conforme elas as descreveram. Ficou claro que, ao trazerem esses exemplos, elas quiseram mostrar que aquela construção social da velhice – segundo a qual a pessoa idosa deveria parar todas as suas atividades laborais e de interação social porque a sociedade a classificava como velha – ficou no passado e vem mudando já há um bom tempo.

Para finalizar esse encontro, perguntei às voluntárias se elas se recordavam de histórias semelhantes às que tínhamos compartilhado. Esse exercício de vasculhar os porões da memória foi importante para levá-las a construir associações entre repertórios do passado e do presente. Em resposta a essa provocação, dona Maria do Carmo e dona Lurdes recordaram causos de humor que dialogavam diretamente com as histórias de seu Cazu e de irmão João.

Primeiramente, dona Maria do Carmo narra uma anedota de um homem vencido pela sua preguiça. Essa história costumava ser contada pelo seu pai, provavelmente na infância dela. Ele era um exímio contador de causos, conforme ela relatou na entrevista inicial. Na anedota lembrada, a característica marcante do personagem é a preguiça. Dona Maria do Carmo deve ter associado a preguiça desse personagem com a de seu Cazu, que também toma uma decisão levado por essa falta de vontade para trabalhar.

Eu lembro assim uma historinha que meu pai contava, né?! Disse que o homem era muito preguiçoso, preguiçoso que precisava de vê, né?! Aí um dia ele deitô na rede e disse: eu vou morrê. Eu não vou trabalhá não, vou morrê mesmo. Aí foi o compadre dele soube, né?! Aí chegou lá, tava ele deitado na rede. O que foi, compadre? Não, é porque eu quero morrê. Eu não vou trabalhá. Aí ele disse: oh, compadre é o seguinte: eu te dou um saco de arroz pra você não morrê, ele virô e disse: ô compadre, tá com casca ou descascado? (risos) Ele disse: ô compadre, tá com casca. Então manda me enterrá... (risos) (Depoimento de dona Maria do Carmo)

É interessante observar que, ao fazer esse exercício de buscar no seu repertório cultural alguma história que dialogasse com as histórias partilhadas no encontro, dona Maria do Carmo retorna à sua infância e traz a figura do pai, que parece ter desempenhado um papel importantíssimo no seu processo de letramento literário. E, sem dúvida, o valor afetivo envolvido nessas experiências passadas deve ajudá-la a recordar, mesmo aos 83 anos de idade, as histórias que ela costumava ouvir na infância.

Já dona Lurdes se recorda de uma história que se relaciona diretamente com o caso de irmão João, também envolvendo a religiosidade e os pedidos para se conseguir um cônjuge. Ela vai diretamente à narração da história sem dar nenhuma pista sobre o contexto sociocultural no qual ela conheceu a anedota. Diferentemente da história de irmão João, no caso lembrado por dona Lurdes, é a mulher quem faz o pedido de um casamento à Nossa Senhora. Histórias como essas estão arraigadas na cultura popular, em causos de humor, passados de uma geração a outra, e expressam a religiosidade e as crenças do povo brasileiro.

Tem a história da moça que queria casá. Chegou na igreja, todo dia ela ia, né?! É Santo Antônio. Santo Antônio, ajuda que ela casa. Não, Nossa Senhora. Ô Nossa Senhora, ajude que ela casa. Aí tinha um rapaz que todo dia... “eu vou ver o que que essa moça vai fazer na igreja, né?! Que vai todo dia.” Aí um santo, São José era grandão, ele ficou detrás de São José. Aí ela fazia os pedido, né?! Ô, Nossa Senhora, ajuda que ela casa. Ela tem vontade de casá. Ajuda. Aquela lá tá ficando velha. Aí, o o que tava detrás de São José falô: vai rezá rosário, véia! Aí, aí, aí ela falô: não tô pedindo você não, São José. Eu tô pedindo a Nossa Senhora que sabe da precisão da muié... (risos) (Depoimento de dona Lurdes)

Após análise dos dados levantados no quarto encontro do grupo focal, observamos que a recepção das duas narrativas desencadeou processos de relações intertextuais com as experiências socioculturais passadas das voluntárias, trazendo à tona memórias de eventos significativos que compõem as histórias de vida de cada uma delas. Nesse exercício de recuperar memórias do passado, Candau argumenta que essas memórias seriam escolhidas pelo indivíduo com base em aspectos que já foram incorporados à sua identidade: “Se a memória é ‘geradora’ de identidade, no sentido de que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a ‘incorporar’ certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais [...]” (CANDAU, 2012, p. 19). Trata-se de uma interessante via de mão dupla, na qual a memória constitui a identidade do indivíduo e, por sua vez, essa identidade seleciona as memórias que lhe são mais significativas. No caso das participantes da pesquisa, inclusive, algumas memórias surgiram espontaneamente sem que fossem estimuladas por perguntas.

Esse exercício de construção coletiva de sentido a partir dos textos ficcionais compartilhados em grupo revelou que a leitura foi além dos textos, pois as participantes buscaram referenciais passados para reafirmar seus posicionamentos pessoais, recorrendo tanto às suas memórias enciclopédicas quanto às autobiográficas. Logo, observamos que o efeito de leitura (ISER, 1996) se realizou por meio dessa interação entre o universo das leitoras e os textos recepcionados.

7 CULTURA, MEMÓRIA E TRADIÇÃO TECENDO A ARTE DE VIVER

Neste capítulo, reunimos as análises dos três últimos encontros do grupo focal, enfatizando principalmente as experiências socioculturais de natureza coletiva, que envolvem a cultura regional e os relacionamentos interpessoais das participantes da pesquisa. No quinto encontro, através de poemas que tratam de tradições culinárias, buscamos suscitar nas senhoras participantes memórias das suas experiências gastronômicas passadas, a fim de conhecer e analisar o valor que elas atribuem a essas lembranças evocadas pela leitura. No sexto encontro, compartilhamos com as participantes algumas músicas que abordam o contexto sociocultural e histórico nordestino, e a partir dessas canções buscamos conhecer suas experiências que foram especialmente marcadas pela música. No sétimo encontro, trabalhamos em uma perspectiva intertextual englobando poesia, música e vídeo de curta-metragem, e por meio da apreciação dessas obras abordamos a temática dos relacionamentos afetivos e as questões de gênero no que diz respeito às diferenças de responsabilidades que caberiam ao homem e à mulher na sociedade moderna.

Vale lembrar que esses encontros do grupo focal, mediados pelas obras de expressão artística selecionadas para esta pesquisa, têm o objetivo de analisar o modo como as senhoras respondem a esses momentos de interação motivados pelos temas e pelas composições artístico-literárias compartilhadas. A velhice, fase da vida na qual as participantes estão, pressupõe uma bagagem mais rica de vivências e memórias que, quando retomadas coletivamente por um grupo que pertence a uma mesma época, podem ser mais facilmente evocadas, pois a memória de uma pessoa teria o potencial de desencadear as memórias de outras por processos de identificação, conforme observamos em alguns dos depoimentos das voluntárias da pesquisa.

7.1 Sabores da infância: doces recordações e pitadas de afeto

Os textos selecionados para o quinto encontro do grupo focal tratam do universo alimentar, a comida como um evento sociocultural que traz memórias de vivências passadas. Para adentrar nesse universo das lembranças gastronômicas, mergulhamos em dois textos de Cora Coralina, os poemas “Antiguidades” e “O prato azul-pombinho”. Ambos remontam à infância da escritora e são carregados de traços autobiográficos, trazendo o contexto sócio-histórico de uma receita de família e de uma peça de louça tradicional que compunha a mesa em ocasiões especiais na casa da sua bisavó.

No poema “Antiguidades”, Cora Coralina narra a história de um bolo que era feito na sua infância, especialmente, para servir às visitas de sua bisavó. Na sua narrativa, a escritora conta com um estilo envolvente e ao mesmo tempo analisa o contexto sócio-histórico daquela época em relação ao tratamento dado às visitas e às crianças. As visitas costumavam usufruir de uma cerimônia e uma importância que as levavam a ultrapassar os limites do bom senso, como a citada amiga da sua bisavó a qual chegava tarde da noite, passava a noite contando causos e só ia embora ao amanhecer do dia. As crianças, por sua vez, costumavam ser pouco ouvidas e atendidas pelos adultos, mas participavam dos seus eventos, respeitando a hierarquia imposta para elas naturalmente. Seus desejos e vontades não costumavam ser levados em consideração. É interessante que, para além de uma história pessoal, a narrativa revela muito sobre os comportamentos sociais entre final do século XIX e início do século XX, período da infância da escritora.

Em “O prato azul-pombinho”, Cora Coralina escreve sobre a história de um prato de porcelana chinesa, último remanescente de um jogo de jantar antigo, pelo qual sua bisavó tinha grande apreço. O conhecido prato povoava o imaginário da autora, não somente pelos deliciosos doces que ele portava em ocasiões especiais, mas principalmente pelo caso contado por sua bisavó através das pinturas que decoravam a louça.

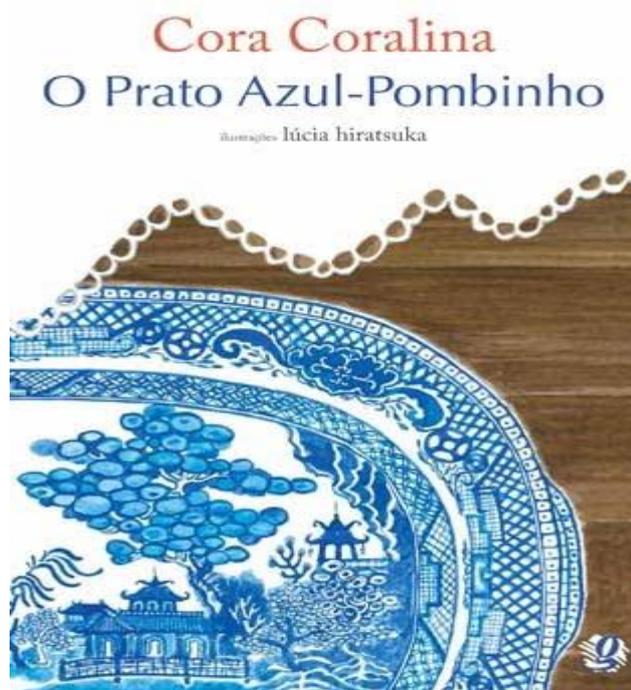


Figura 1 – Capa do livro – Ilustração Lúcia Hiratsuka

A história de amor da princesinha Lui com um jovem plebeu, casal perseguido pelo imperador, tornava o prato um objeto “vivo”, que não tinha apenas uma função prática, mas também um valor sentimental. Após o incidente doméstico, no qual a travessa de porcelana de estimação da bisavó da narradora aparece quebrada sem, porém, o responsável se identificar pelo ocorrido, há uma grande comoção familiar para descobrir o culpado. Durante a investigação doméstica, a suspeita recai sobre a menina-narradora, que já tinha uma longa ficha de traquinagens pregressas, embora ela negasse sua participação no incidente.

Ambas as histórias se baseiam nas reminiscências da infância da escritora. Contudo, mesmo quando se trata de uma narrativa autobiográfica, na qual o personagem, o narrador e o escritor são a mesma pessoa, a experiência relatada será sempre uma representação do real. A Cora Coralina que conta as histórias já não é mais a mesma que as vivenciou. Como narradora, ela se distancia dos acontecimentos e os analisa a partir do tempo e do lugar social que ocupa no momento da enunciação. O texto literário seria, então, também no poema, uma transfiguração do real desenhado a partir da subjetividade da escritora, que o reinventa por meio da linguagem.

Desse modo, esta pesquisa parte do pressuposto de que a literatura, por se caracterizar como uma representação da realidade, teria também o potencial de evocar memórias no leitor através de processos de identificação. Candido (1999) destaca a função social da literatura, a qual se relaciona diretamente ao impacto que a obra provoca sobre quem a recebe. “O leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade” (CANDIDO, 1999, p. 89). Para o autor, quando se trata de literatura, não é possível separar a estrutura da função social da obra, pois ambas atuam conjuntamente. Logo, mesmo sendo a literatura uma elaboração artístico-ficcional da linguagem, ela se caracteriza como uma projeção da experiência humana e, por essa razão, conseguiria interferir na formação do homem.

Assim, nosso intuito ao escolhermos esses dois textos de Cora Coralina, por trazerem ambos a temática da culinária afetiva, era recuperar memórias de pratos familiares, preparados e compartilhados no passado pelas voluntárias da pesquisa, e indiretamente acessarmos experiências socioculturais que não foram relatadas por elas na entrevista inicial. A fim de que as senhoras pudessem fazer uma leitura individual com mais tranquilidade, e também para criar vínculos entre um encontro e outro, deixei o poema “Antiguidades” para leitura autônoma a ser realizada em casa, conforme combinado no encontro anterior. Além disso, pedi que cada uma delas recuperasse a lembrança de algum prato tradicional que sua família costumava fazer e que

compartilhasse a história dessa receita com o grupo no encontro seguinte. Iniciei o encontro falando um pouco sobre a vida da escritora Cora Coralina, que, embora tivesse começado a escrever na sua adolescência, só veio a publicar o seu primeiro livro aos 75 anos de idade. Um exemplo motivador de uma mulher que, mesmo já em idade avançada, conquistou notoriedade com a sua arte. Na continuidade, passamos a falar sobre o poema “Antiguidades”, seguido de relatos pessoais de experiências socioculturais similares que as participantes da pesquisa tiveram.

Cozinhar, por mais que faça parte das atividades diárias de muitas pessoas, nem sempre se reduz a uma ação rotineira do cotidiano. Em diferentes épocas e culturas, é possível observar que, mais do que simplesmente preparar uma refeição, cozinhar se caracteriza, muitas vezes, como uma ação coletiva que ajuda a construir vínculos, gerando memórias culturais, familiares e afetivas. Os modos de cozinhar, inclusive, estão inseridos no que se compreende amplamente como cultura popular. Há diversas formas de preparar os alimentos, diferentes utensílios, etiquetas ou rituais para consumi-los, enfim, há uma infinidade de características situadas culturalmente, que marcam de maneira única os hábitos alimentares das pessoas como formas de sociabilidade. Por essa razão, compreendemos a preparação, o compartilhamento e consumo dos alimentos como um evento sociocultural, que se inicia desde a infância no contexto familiar. Nesse sentido, muitas de nossas memórias são provenientes de experiências socioculturais que envolvem a culinária, revelando aspectos das relações familiares em torno da alimentação. Assim como Proust, cada pessoa tem a sua *madeleine* que desencadeia alguma memória do passado.

No encontro em que foram focalizados esses textos literários, cinco das sete participantes estiveram presentes. Mas nós tivemos a grata participação de mais uma das voluntárias através do grupo de *WhatsApp*. Sua participação, vale ressaltar, foi anterior ao encontro presencial. Dona Clemência, após ler o poema “Antiguidades”, que foi compartilhado no grupo virtual, enviou algumas mensagens no formato de áudio para contar sobre a sua história familiar de um prato que costumava preparar. Curiosamente, era o mesmo tipo de bolo que Cora Coralina descreve no poema, porém, diferentemente da escritora, dona Clemência demonstra um sentimento de saudade pelo bolo que costumava comer na sua infância e também fazer para os seus filhos.

*Que saudade me deu desse bolo, criatura! Quantas vezes eu fiz esse bolo pra meus filho tomar café de manhã! Quantas vezes! Não. Vou mais atrás. Minha mãe fez também pra gente tomar café de manhã. Era solado porque não tinha fermento. As vezes, a gente botava bicarbonato. Se tivesse bicarbonato, isso era o fermento. A gente colocava uma pitadinha de bicarbonato e botava na panela uma quantidade certa, panela de ferro. E colocava igual tá fazendo na forma, botava lá e pegava a palha da banana. Primeiro, botava a palha da banana na panela. Aí colocava a massa, botava o prato... prato de... como é que a gente...? Não sei nem como é que chama hoje. **Antigamente falava prato esmaltado.** Hoje eu não sei como é que chama mais esse prato aí então. **Acho que eu ainda tenho uns dois ou três lá na roça.** E a gente colocava esse bolo pra assar. Botava o prato na boca da panela, deixa eu contar o trem direito, e enchia de brasa, é o borralho chamado. Cheio de brasa de fogão a lenha, né?! E deixa... **daqui a pouco ó o cheirão. O cheirão está no ar.** Aí a gente fazia aquele bolo. A criançada quando chegava de tarde do trabalho, porque todo mundo trabalhava lá em casa, sentia o cheirinho do bolo. “Oh mãe, você fez bolo?” “Fiz.” “Oba!” Todo mundo já ia logo catar seu pedacinho e provar se tava bom. Minha casa nunca teve miséria. Eu nunca fiz mixaria. **Essa criança aí ficava olhando, querendo, mas cortava tão fininho, né?! O tempo da Cora ainda era mais difícil do que o meu...** (risos)
(Depoimento de dona Clemência – grifos nossos)*

O depoimento de dona Clemência foi muito espontâneo. Provavelmente, motivado pelo alto grau de identificação que ela teve com a cena que envolve o bolo descrito por Cora Coralina. Após o terceiro encontro, ela não conseguiu mais participar presencialmente, devido a problemas de saúde. Então, essa sua participação através do grupo virtual foi uma alegre surpresa para nós. O bolo do poema “Antiguidades” despertou saudades em dona Clemência, não apenas do alimento em si, mas de todo o contexto e ritual envolvidos no preparo e consumo desse prato. Ela percorre memórias situadas em diferentes épocas, lembrando do bolo preparado pela sua mãe e do bolo que ela mesma preparava para os seus filhos. Na sua fala, fica explícito que a receita passou de uma geração para outra. Contudo, por se tratar de uma receita rudimentar, restrita às limitações do contexto rural de uma época específica, ela ficou no passado.

É curioso que, pelo que evidencia a narrativa de dona Clemência, parece existir até mesmo uma memória olfativa do bolo. Ela enfatiza duas vezes a palavra “cheirão”, explicando que o aroma do bolo se espalhava pelo ar. Depois, quando as crianças chegavam do trabalho, ela menciona mais uma vez o aroma, dizendo que elas sentiam “o cheirinho do bolo”. Nesse momento, recepcionadas pelo aroma, as crianças manifestam sua alegria em torno do prato que a mãe preparou. Embora se tratasse de uma preparação simples, parecia haver uma grande valorização desse prato, que se tornava um acontecimento familiar.

Ao final da sua fala, dona Clemência retorna ao poema e compara o seu contexto de preparação do bolo com o de Cora Coralina, fazendo um comentário em tom de humor. Ela diz

que, no tempo de Cora, as coisas eram mais racionadas para as crianças. Para além da identificação com a história do bolo contada pela escritora, parece ter havido também uma afinidade com o seu estilo de contar. A linguagem simples de Cora Coralina consegue envolver e aproximar a leitora, como se a escritora estivesse conversando com ela. Quando dona Clemência narra a sua história do bolo, de certa forma, parece que ela está respondendo a Cora Coralina, como se as duas estivessem confidenciando suas memórias. E a proximidade se revela ao final quando, com uma certa intimidade, dona Clemência fala “O tempo da Cora...”, como se estivesse se referindo a uma velha amiga.

Voltando ao encontro presencial, perguntei ao grupo o que elas acharam do poema “Antiguidades”, e a primeira resposta que ouvi foi de dona Elisabete, dizendo: “Eu tava aqui falando agora mesmo, eu falo que voltou o meu tempo.” Ela parece ter se apropriado da história quando diz que ela a fez voltar no tempo, no *seu* tempo. A leitura teria o potencial de levar o leitor ao seu passado, segundo Jouve: “Aquilo que a leitura faz ressurgir, por meio de uma palavra, de uma frase ou de uma descrição, não vem do nada, mas do *meu* passado” (2013, p.55). Na declaração de dona Elisabete, ficou claro que ela percebeu esse retorno ao seu passado, provavelmente, por um processo de reconhecimento, quando uma memória é evocada involuntariamente (CANDAUI, 2012). É possível observar que, assim como dona Clemência, houve uma identificação direta com o prato do poema. O texto conseguiu despertar memórias de uma experiência semelhante, ocorrida na sua infância.

Em seguida, dona Elisabete conta a sua história familiar da receita na panela de ferro. É importante frisar que o contexto histórico no qual se preparava tal prato, o qual Cora Coralina relata, se distancia um pouco tanto em relação ao tempo, quanto em relação ao espaço. As memórias da autora são da última década do século XIX no estado de Goiás, enquanto as memórias de dona Elisabete remontam já à década de 60 do século passado no interior da Bahia. Na sequência, dona Elisabete relata a sua lembrança de infância:

Isso aqui faz a gente voltar o tempo da gente, principalmente nesses pratos aqui. Na minha casa fazia muito. É coisa na panela, panelona de ferro. Esse negócio, até esse nome aqui eu lembrei, o testo.

Testo... eu lembrei que mãe falava assim: “pega o testo lá pra botar a brasa”. E aí a gente botava... Eu lembrei tudo aqui, eu falei, meu Deus do céu, voltou todo o tempo. Que lá em casa meu pai fazia, levantava cedo pra ir pra roça e eu ia atrás dele. Eu era criança, né?! E ele fazia, amassava um chimango na hora e botava nessa panela pra ele comer pra sair e botava esse testo com brasa em cima. Aquele chimangão crescia, ficava quase do tamanho da panela.

Um panelão de ferro batido, aí ele fazia o chimango e fazia um só grande. Aí ele tomava café e eu mais ele na cozinha, e assim de madrugada eu levantava

e ele me dava café com chimango e ainda sobrava outro chimango, que ele deixava lá pra quando alguém levantasse. Era, lembrei disso tudo aqui, gente, que coisa, né?! (Depoimento de dona Elisabete – grifos nossos)

O poema “Antiguidades” fez dona Elisabete voltar ao seu tempo de infância, lembrando com detalhes da rotina matinal da sua família. A palavra “testo”, usada para designar o recipiente de colocar as brasas, a fez lembrar-se até mesmo de falas da sua mãe. Quando dona Elisabete fala “Eu lembrei de tudo aqui”, ela está se situando a partir do poema, que foi trazendo à lembrança muitas memórias pessoais da sua infância, as quais, ao que parece, a alegraram muito. Ela conta com entusiasmo como o pai preparava o chimango – biscoito feito com a fécula da mandioca – na panela de ferro, e cheia de carinho lembra a sua cumplicidade com ele, que dividia com ela o primeiro chimango que preparava logo cedo. Parece haver em torno da preparação desse prato mais do que uma simples refeição, há uma cultura da cozinha que envolve utensílios específicos, um modo de preparação e os relacionamentos familiares. Parece haver, além da partilha do chimango, partilhas de afeto, de cuidado, de atenção um com o outro.

Tanto dona Clemência quanto dona Elisabete tiveram experiências de reconhecimento ao ler o poema “Antiguidades”, de Cora Coralina, pois identificaram, no bolo descrito pela autora, os pratos que seus pais costumavam fazer na infância e todo o contexto que envolvia essas preparações. Para Petit (2013, p. 41), “[...] a leitura pode ser, em qualquer idade, um atalho privilegiado para elaborar ou manter um espaço próprio, um espaço íntimo, privado”. No entanto, tal espaço íntimo não separaria o leitor do mundo, pelo contrário, o mais íntimo teria uma ligação com o mais universal, significando a relação com os outros. A leitura do poema proporcionou às leitoras participantes da pesquisa a oportunidade de elaborar um espaço íntimo que remeteu à experiência de vida de cada uma, mas sempre ligada a outras pessoas. O texto fez com que elas retornassem ao *seu* tempo de menina atravessado por múltiplas recordações e sensações.

No entanto, há um aspecto interessante no que diz respeito à leitura que elas fizeram do poema “Antiguidades”. Tanto para dona Clemência quanto para dona Elisabete, o bolo despertou saudades e trouxe boas recordações do passado, agindo como um gatilho que despertou memórias há tempos adormecidas. Mas elas não deram ênfase ao contexto sociocultural que envolvia o ritual do bolo tal como se mostra no poema, elas não mencionaram a crítica aos modelos de relacionamento social da época. Se a memória é seletiva, os sentidos que se constroem pela leitura também se processam seletivamente e esse aspecto foi observado no grupo de leitoras participantes da pesquisa.

Apesar dessa liberdade interpretativa na leitura, é importante frisar que a literatura age também por oposição, apresentando ao leitor experiências desconhecidas, o que é muito enriquecedor. Petit defende que a leitura “pode ajudar a elaborar uma identidade em que não se está reduzido apenas a laços de pertencimentos, mesmo quando se tem orgulho deles, e levar à construção de uma identidade plural, mais flexível, mais adaptável, aberta ao jogo e às mudanças” (2013, p. 55). Através da leitura literária, o leitor ampliaria seu repertório cultural por meio de experiências experimentadas simbolicamente. E, possivelmente, isso implicaria na constituição de uma identidade múltipla.

Após ouvirmos o relato de dona Elisabete, assistimos a um vídeo de uma *performance* teatral do poema “Antiguidades”, produzido pelo grupo Cia Lázara de Teatro¹². Escolhemos esse recurso, primeiramente, pela qualidade da encenação e da produção do vídeo. Através desse material, foi possível evidenciar a inter-relação entre as artes, já que as senhoras viram um vídeo de uma interpretação teatral do poema que já haviam lido em casa. Foi interessante que, quando eu falei que passaria para elas esse vídeo da interpretação teatral do poema, dona Lurdes, a senhora que adora fazer teatro, disse: “Que trabalho bom pra mim fazer, né?!” E recebeu o apoio da sua amiga, dona Elisabete: “Fica legal mesmo.” Observamos que essa possibilidade de releitura dramatizada do poema “Antiguidades”, de Cora Coralina, pareceu motivadora para elas em suas práticas teatrais, no contexto do CEVITI, e quem sabe pudesse, futuramente, oferecer novo desafio artístico tendo como base esse texto.

Quanto ao poema “O prato azul-pombinho”, o escolhemos por também retratar as memórias da infância de Cora Coralina, e por ser um livro ilustrado, no qual a relação entre o texto verbal e as imagens potencializam os sentidos, dialogando com o tema do poema “Antiguidades”. As senhoras não tiveram acesso direto ao livro para fazer a leitura. A fim de diversificar as leituras e os modos de ler, optamos por projetar na multimídia as páginas do livro e contar a história oralmente a partir das imagens. Ao longo dos encontros, buscamos propor diferentes formas de leitura, considerando não apenas o texto escrito, mas também o audiovisual, o pictórico, o oral. Especialmente no caso de “O prato azul-pombinho”, que se caracteriza como livro ilustrado, a visualização das ilustrações era importante para que as senhoras pudessem acompanhar a história contida no prato através das imagens e a história vivenciada pela menina-narradora quanto ao incidente ocorrido com o prato da sua bisavó.

¹² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=azyK_5kh6N0. Acesso em: 01 abr. 2024.

Assim, logo após adentrarem nas duas histórias, e motivadas pelos temas que lhes pareciam bem familiares, as senhoras começaram a falar sobre os textos a partir dos seus próprios referenciais sociais, aqueles que fizeram parte das suas histórias de vida. Vale lembrar que, juntamente com o tema da culinária afetiva, também foi representado nos textos o tratamento dado às crianças naquela época. Então, através da voz da menina-narradora nas histórias dos poemas “Antiguidades” e “O prato azul-pombinho”, as senhoras foram contando sobre a época das suas infâncias, como era a educação das crianças, como elas foram educadas, como elas educaram seus filhos, e fizeram uma distinção entre a educação dos seus filhos e a dos netos. Além disso, algumas contaram como era o seu próprio comportamento quando criança. Essa abordagem dos textos literários, diga-se de passagem, uma aproximação mais ética do que estética desses textos, rendeu a partir das memórias evocadas várias avaliações pessoais sobre comportamento de crianças e sua relação com os adultos, como se pode ver nos excertos a seguir.

Quanto ao comportamento infantil, é interessante observar, nas falas de algumas das participantes, que elas destacaram a mudança na relação das crianças com as pessoas mais velhas, fazendo uma comparação entre o modo de tratamento que elas costumavam ter com seus pais, avós, professores e o modo como seus netos se relacionam com elas na atualidade. Dona Maria do Carmo, por exemplo, expressa um certo saudosismo em relação ao comportamento das crianças na sua época de infância:

É, a gente fala assim: ah, o tempo de hoje... mas o nosso tempo, por exemplo, nós aqui foi muito bom. Muito bom. E tomara que voltasse pelo menos um terço do que era. Porque hoje eu vejo as criança não respeita avô, não respeita a mãe, não respeita ninguém, né?! Não respeita o professor. Quando nós íamos à escola, minha mãe dizia assim: olha, em casa papai e mamãe, na escola o pai e a mãe é a professora. (Depoimento de dona Maria do Carmo – grifos nossos)

Ao fazer menção ao tempo presente no que diz respeito ao comportamento das crianças, dona Maria do Carmo vê um grande contraste em relação ao seu passado, apontando para uma total insubordinação das crianças da atualidade para com seus pais, responsáveis e professores. Na esteira dessa fala, dona Bela, que foi professora por muitos anos, concorda com o posicionamento de dona Maria do Carmo, comparando a sua época de docência com os desafios que a profissão apresenta no presente:

*E os professores eram valorizados, né?! **Fui professora durante vinte e sete anos.** Hoje mesmo eu vinha conversando com uma menina que é professora hoje, ela falando da dificuldade de hoje, né?! **Gente, era um respeito tão grande pela gente, que a gente era como se fosse umas rainha. Era muito respeito.** Até hoje eu tenho aluno que no meu aniversário bota parabéns pra mim no Facebook e que, quando me vê, vê minha foto lá e fala: oi, professora! Então a gente fica assim, né?! **Hoje não, acabou.** (Depoimento de dona Bela – grifos nossos)*

É interessante observar que dona Bela dá ênfase ao respeito com que as professoras eram tratadas na sua época, inclusive ela conta que eram tratadas como se fossem rainhas. Nessa comparação, fica implícita uma certa reverência que vai além do respeito, revelando uma forma de expressar consideração e admiração pelas professoras. Ao olhar para trás e comparar com o momento atual, ela conclui que isso acabou. Ainda comparando e analisando as diferenças de comportamento das crianças, dona Bela e dona Maria do Carmo apontam para as mudanças nos relacionamentos entre pais e filhos, e entre avós e netos:

É porque hoje a mãe, o pai vai falar com a criança de oito anos, se chamar atenção: por que fulano faz e eu não posso fazer, né?! E antes não, qualquer idade o pai falava: não pode. Pronto, acabou. Não chorava, não batia, não xingava, não fazia nada, nada. (Depoimento de dona Bela)

Então, já meus netos são educados e tudo, mas... Chega assim: “Hey, vó. Tudo bem, vó?” “Tudo bem, meu filho. E você, tá bem?!” “Tô, vó.” Que dia que a gente fazia isso, né?! Eu tinha, eu fui criada uns seis anos com minha vó, meu avô. Nossa. Era um respeito, era uma coisa assim muito, muito boa, né?! Mas meus netos já é diferente, né?! (Depoimento de dona Maria do Carmo)

Ao comparar o presente e o passado, dona Bela destaca a falta de obediência por parte das crianças em relação aos pais, exemplificando que, na atualidade, elas questionam as proibições de seus pais, fato que não costumava ocorrer na sua época. Já dona Maria do Carmo traz um exemplo pessoal do seu relacionamento com o neto, que a trata com um grau de informalidade que não se poderia cogitar no seu tempo. Na sua infância e juventude, a formalidade no tratamento com as pessoas mais velhas era uma forma de expressar respeito. Embora ela saiba que os comportamentos mudaram ao longo do tempo, ela parece sentir falta do modelo de relacionamento entre os avós e netos da sua época.

Por outro lado, esse tratamento mais formal entre os adultos e as crianças implicava um relacionamento mais distante, menos caloroso e por vezes agressivo. Dona Lau chama a atenção para esse aspecto, lembrando como as crianças eram tratadas no seu tempo:

Era castigo mesmo, né?! Não viu ela (referindo-se ao relato de uma colega do grupo) falando aqui? Pegava a palmatória e batia. Uns pais ainda conversavam, pelo menos na minha região era assim. Tinha uns que ainda conversava com as criança e outros nem dialogava com as crianças, já era cacete mesmo. [...] era tratada assim de sem ter direito de defesa. Era cacete e pronto, tinha que ficar calado [...] (Depoimento de dona Lau – grifos nossos)

Nas suas palavras, dona Lau revela que as crianças, muitas vezes, recebiam um tratamento injusto e violento. Na sua visão, era necessário que houvesse a mudança desse modelo de educação. Felizmente, o seu depoimento não se baseia em uma experiência própria, pois, segundo ela, seu pai estava entre aqueles que costumavam dialogar com as crianças: “Mas ele era muito de diálogo, meu pai era muito de diálogo.” Vale lembrar que o assunto sobre o tratamento dispensado às crianças e o relacionamento delas com os pais e as pessoas mais velhas surgiu a partir das leituras dos poemas “Antiguidades” e “O prato azul-pombinho”, textos literários que refletem uma época de rigorosas hierarquias entre o mundo adulto e o mundo infantil. As senhoras parecem ter focado a atenção nos desfechos das histórias, considerando que em nenhuma das duas o final foi favorável para a menina-narradora, e isso seria reflexo de como as crianças eram tratadas na época retratada nas histórias. As memórias de Cora Coralina fizeram com que as senhoras voltassem ao passado das suas infâncias, recordassem e avaliassem o tratamento recebido pelas crianças, bem como as mudanças percebidas hoje, e analisassem os aspectos positivos e negativos destas.

Embora essas questões não tenham sido o tema central do encontro, a conversa suscitou memórias e reflexões interessantes ao compararem as mudanças que ocorreram de uma geração para outra no que diz respeito aos relacionamentos interpessoais. Esse movimento de leitura verbalizado pelas senhoras é similar ao observado por Petit acerca do diálogo entre os leitores de suas entrevistas e os textos literários:

[...] o leitor encontrava palavras, imagens, para as quais dava outros significados, cujo sentido escapava, não somente ao autor do texto, mas ainda àqueles que se esforçavam em impor uma única leitura autorizada. O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo (PETIT, 2009, p. 28-29).

Voltando ao tema central do encontro, que era falar sobre as memórias envolvendo pratos tradicionais que costumavam ser preparados pelas famílias, pedi às voluntárias da pesquisa que contassem a história de um prato que marcou sua infância. Começamos ouvindo

a história da frigideira de palmito e bacalhau que a mãe de dona Elisabete costumava fazer somente uma vez ao ano, por ocasião da comemoração religiosa da Sexta-Feira da Paixão.

Não, lá em casa tinha muita fartura. Mas só que tem um prato que eu faço até hoje lá em casa, que era o prato que... era só na Semana Santa que minha mãe fazia. Minha mãe só fazia ele Sexta-Feira da Paixão, pois chegava muita gente lá em casa e ela chamava de frigideira, que hoje é tipo uma torta, né?! Era a frigideira que ela fazia com palmito. O meu pai ia no mato, na roça, trazia aquele palmito fresco da roça pra ela fazer esse prato com bacalhau. Eu nunca esqueci e todo ano lá em casa eu faço. E meu pai ia em Itambé buscar esse bacalhau, que lá em Cassilândia, a cidade era menor, a gente não tinha bacalhau.

*[...] e ele trazia tudo da roça que o meu pai gostava de ir pra lá. Ele tinha todos os temperos. O pimentão era ele que plantava, o tempero verde era ele que plantava, a pimentinha, todo tipo de coisa. Aí minha mãe... o alho era meu pai que plantava, plantava cebola, fazia tudo. Aí minha mãe fazia aquele palmito bem cozido, bem temperado, bem bacalhau e às vezes ela arrumava naquela... tinha aquelas assadeira de assar no forno à lenha, né?! Ela arrumava ali dentro e batia ovo clara em neve. Aí botava aqueles ovos batido por cima e levava em forno. Aí ele ficava coradinho por cima. [...] **minha mãe tinha uma mesona assim, oh, que enchia os compadres, afilhado. Chegavam tudo. [...] Naquela época, os afilhados ia tudo pra dar bênção.** (Depoimento de dona Elisabete – grifos nossos)*

Ao analisar o relato de dona Elisabete, observamos que o prato que ela descreveu se inseria em um contexto cultural, vivenciado somente no período da Páscoa, e todo o planejamento para a sua preparação expressava também o valor religioso da data para a sua família. Como se tratava de um prato mais elaborado, a frigideira de bacalhau e palmito tinha um preparo artesanal que demandava uma logística para obter os ingredientes. Seu pai tinha que ir ao mato para cortar o palmito, buscar todos os temperos na roça e comprar o bacalhau em uma cidade vizinha.

Certamente, a elaboração desse prato exigia uma certa antecedência, considerando que tanto o palmito *in natura* quanto o bacalhau precisavam de um período de pré-preparo. Logo, sua preparação era, praticamente, um ritual composto de várias etapas. E o desfecho era com um grande encontro, reunindo os compadres e afilhados dos seus pais ao redor da grande mesa de sua mãe, conforme conta dona Elisabete. Na região Nordeste, principalmente no interior, era um costume religioso os afilhados visitarem seus padrinhos na Sexta-Feira Santa para pedir a bênção.

Chamou-nos a atenção que dona Elisabete não se restringiu somente ao modo de preparo do prato, mas, assim como Cora Coralina, ela descreveu o contexto sociocultural que envolvia o prato, como a situação em que era preparado, as pessoas que se reuniam para saboreá-lo, os

encontros que ele propiciava à sua volta. Outro aspecto que remete ao poema “Antiguidades” é a questão das visitas, já que os pratos e as quantidades a serem preparadas tinham em vista os convidados esperados para aquela ocasião. E parecia haver uma preocupação muito grande em fazer bonito diante das visitas, principalmente as servindo com abundância.

Dona Elisabete parece ter criado um forte vínculo afetivo com o prato que descreveu, pois, dando continuidade à tradição dos seus pais, ela também continua preparando a frigideira de palmito e bacalhau todo o ano para a sua família no período da Semana Santa. Provavelmente, a preparação desse prato evoca muitas memórias, lembranças de pessoas, do clima dos preparativos, da alegria do encontro, do aroma, do sabor do prato, enfim, as evocações da memória podem ser diversas. No depoimento de dona Elisabete, inspirado pela leitura do poema, a receita de família surge permeada pelas relações afetivas – o pai provendo o alimento na compra e no plantio; a mãe trazendo o conhecimento ancestral do “modo de fazer” cheio de carinho; os utensílios e artefatos, objetos carregados de histórias e aprendizados tradicionais; a reunião familiar, suas ligações e gestos como o de pedir e dar a bênção –, enfim, múltiplos aspectos despertados pelo texto poético tecem a sua memória pessoal a partir do mote da culinária e seus rituais naquele contexto específico.

Na continuidade, temos a história do prato recordado por dona Lau. Sua lembrança também remete à infância com um doce que sua mãe costumava fazer:

*[...] agora uma que até hoje a gente faz nos encontro de família porque acho que a gente tem aquela lembrança, né?! [...] e ela (sua mãe) fazia muito doce [...] **Aí ela ralava mamão e fazia um doce de leite com mamão pras visitas. Enchia as latas, aquelas latas assim (fez gesto do tamanho da lata) e deixava. Então, quando as visita chegava e principal quando era essa família dela (parentes da mãe), que era que vinha, aí era servido depois do almoço uns pires de louça, né?! Que só pegava quando chegava visita e servia aquele doce. Mas era, mas todo mundo comia, né?! Era muito gostoso o doce, e é gostoso, né?! **Aí, quando nós faz encontro em família, que é nós que faz, quando é em Minas eles procuram outras tradições, quando nós faz na Bahia, a gente não esquece de fazer o doce de leite com mamão [...]*****
(Depoimento de dona Lau – grifos nossos)

No relato de dona Lau, é possível perceber que há também, em torno do prato que ela descreveu, um contexto social envolvendo a organização familiar para a recepção de visitas, principalmente os familiares que vinham de um outro estado. Mais uma vez, observamos que o prato preparado fazia parte da cultura do bem receber. O doce de leite com mamão, preparado pela mãe de dona Lau, era armazenado em latas e servido como sobremesa sempre que chegavam as visitas, e ainda era utilizada a louça mais nobre da casa nessas ocasiões. Embora

o prato de dona Lau não estivesse inserido em uma data festiva, ele fazia parte das celebrações dos encontros familiares. Assim como no poema “Antiguidades”, havia uma preocupação em oferecer às visitas um acolhimento especial, dando demonstração de fartura com os pratos servidos e com os aparatos utilizados.

Já de início, percebemos que o prato lembrado continua sendo feito hoje por dona Lau, juntamente com suas irmãs, nos encontros de família. Ao dizer que continuam fazendo o doce porque “a gente tem aquela lembrança”, fica implícito nas suas palavras que esse prato traz memórias afetivas, aquelas que são marcantes e que ficam para sempre. Outra informação curiosa que a senhora traz é que, nesses encontros de família, se reúnem parentes da Bahia e de Minas, e que elas fazem o doce de leite com mamão apenas quando o encontro é realizado na Bahia. Conforme ela mesma conta, “quando é em Minas, eles (seus parentes de lá) procuram outras tradições”. Isso aponta também para o contexto cultural de cada receita, que tem forte relação com o território de identidade no qual as pessoas vivem.

Passando para a receita de família de dona Bela, ela conta a história de um doce de requeijão que sua mãe costumava fazer nos encontros de família no Natal:

*Nós nos reunimos toda vida no Natal, né?! Toda a família vinha, todo mundo reunia lá na minha mãe. Aí tinha... vestia de Papai Noel pra distribuí os presentes, aquela coisada toda, e **minha mãe fazia a comida, né?! Peru que não podia faltar. O peru assado, né?! Não podia faltar de jeito nenhum, né?! E leitoa assada também. Não podia faltar. Agora, o resto era comida normal, feijão, arroz, comida normal, né?! Agora, o doce que ela fazia era esse doce de requeijão que eu falei. Não sei se vocês conhecem. Rala o requeijão, põe puba, né?! Amassa, depois bota uma panela de gordura no fogo pra esquentar bem, pra fazer as bolinha e frita, né?! Depois de frito você coloca numa vasilha e joga um pouquinho de água fria em cima e faz uma calda e coloca dentro daquela calda. É uma delícia, não tem igual. [...] Quando minha mãe faleceu, eles ficaram reunindo lá em casa no Natal, né?! Eu continuei fazendo as comida que minha mãe fazia também, né?! E reunia todo mundo lá em casa.** (Depoimento de dona Bela – grifos nossos)*

Ao narrar os encontros de Natal da sua família, percebemos que a celebração seguia um modelo tradicional, espelhado em padrões assimilados de outras culturas, com direito até a Papai Noel para distribuir os presentes e peru assado para servir na ceia. O prato, porém, que ela descreveu é um doce bem peculiar, feito com ingredientes regionais como o requeijão e a puba – massa extraída da mandioca fermentada. Assim como dona Elisabete e dona Lau, dona Bela contou que continua fazendo esse prato após a morte da sua mãe. Além disso, a sua casa passou a ser o novo ponto de encontro da família nas celebrações de Natal. Ao analisar esses dados, observamos que havia uma cultura muito forte de que o preparo da comida fosse uma

atribuição exclusivamente feminina, e essa função costumava ser transmitida de mãe para filha. Ao homem era atribuído o papel de provedor, o que pode ser observado em vários depoimentos. Além disso, parece ter havido um cuidado em manter a tradição dos pais em reunir toda a família, e mais uma vez observamos que alguns pratos tradicionais do passado se tornaram parte dessa história dos encontros de familiares e amigos. Para além das experiências individuais, notam-se nas lembranças da infância recorrências que unem essas senhoras em suas leituras e rememorações, numa espécie de ideário comum de vivências em torno da mesa.

Na sequência, temos os pratos de dona Maria do Carmo. Na verdade, ela conta sobre a celebração da São João na sua infância, a qual envolvia os preparativos da festa, incluindo vários pratos típicos:

*É o São João. A minha mãe preparava a casa toda de bandeirola, né?! E antes, uns quinze dias, ela já começava a juntar ovos e goma e não sei mais o quê... bababa... e o milho pra fazer pamonha, né?! Fazia umas pamonha desse tamanho, né?! E aí nós vestia, botava chapéu de palha, né?! Era uma folia. Chamava os colegas, né?! Mas era uma folia muito grande, né?! **E o prato predileto mesmo era biscoito São João, São João, né?! E o doce era cocada, aquelas cocada de leite que corta assim ó, enchia a mesa de cocada, né?! Enfeitava as mesa tudo.** (Depoimento de dona Maria do Carmo – grifos nossos)*

Certamente, na região Nordeste, o festejo de São João é uma das datas mais comemoradas pelo povo nordestino, principalmente nas cidades do interior. Embora essa data ainda seja muito celebrada, os modos de festejar foram sendo modificados ao longo dos anos. Na descrição de dona Maria do Carmo, fica evidenciado todo o clima de alegria para a preparação da festa, a qual já começava muitos dias antes com a coleta dos ingredientes para fazer os pratos típicos. Havia ainda todo um empreendimento de tempo para decorar a casa e os espaços do festejo, assim como para preparar os trajes típicos para se paramentar para a festa.

Dona Maria do Carmo destaca a alegria que pairava nos ares da festa junina, dizendo que “era uma folia muito grande”. Outra característica da festa de São João era que ela reunia muita gente, não apenas a família, mas também os vizinhos e amigos. Contudo, costumava se limitar às pessoas conhecidas, porque eram festas domiciliares. E, por ser uma festa que costumava reunir muita gente, os pratos eram preparados em grande quantidade. Dona Maria do Carmo cita o biscoito de São João como o prato predileto da festa, e sua mãe começava a juntar os ingredientes para fazer os biscoitos com semanas de antecedência. Ela fala também da pamonha e da cocada de leite, que, segundo ela, “enchia a mesa”. Todo esse contexto descrito por dona Maria do Carmo para falar do São João é muito característico de uma época em que

as festas juninas eram, praticamente, artesanais e cada detalhe era pensado e preparado pelas famílias envolvidas na sua organização.

Para finalizar, dona Lurdes fala com saudades das receitas de sua mãe que ficaram apenas na sua lembrança, a brevidade e o bolo de puba:

Minha mãe fazia uma brevidade que eu nunca comi na minha vida igual a que ela fazia. A brevidade e o bolo de puba, sabe?! O bolo de puba ela fazia, eu me lembro como hoje, eu sei que ela pisava, não sei se era farinha com... fritava o torresmo, a pele, só a pele. Ficava assim crocante, depois ela pisava com farinha e depois ela cessava e botava a puba e fazia. Mas fazia um bolo de puba que de longe a pessoa via o cheiro. Mas eu nunca vi! Era gostoso! Era gostoso, mas eu não aprendi. Eu não sabia que minha mãe ia morrer tão ligeiro. Porque tem coisa que a gente... né?! A gente num sabe, né?! Que também a gente tá ali, prosa, sorri, conversa. Igual ela morava ali, junto de eu e tudo. Nós pegava o pratinho e ia pra casa dela comê. Mas quem é que ia sabê que mãe ia morrer tão depressa, né?! Ai a gente fica sem aprendê muita coisa. (Depoimento de dona Lurdes – grifos nossos)

As receitas mencionadas por dona Lurdes são pratos tradicionais mais comumente preparados na região Nordeste. Contudo, aqueles pratos específicos que sua mãe costumava fazer parecem trazer lembranças inesquecíveis para ela, pois ela conta que nunca comeu nada igual aos que a sua mãe preparava. No entanto, dona Lurdes não aprendeu a fazer as receitas da sua mãe porque a perdeu muito depressa, segundo seu relato. É possível observar na sua fala, quando conta sobre a sua mãe, que a senhora faz uma reflexão sobre a brevidade da vida e sobre o caráter inesperado da morte, revelando uma certa tristeza pelos momentos que não existiram, por aquilo que ela não pôde aprender, pelo tempo de convivência que elas não tiveram mais juntas.

Dona Lurdes tem um jeito de contar muito peculiar, cativante. Ela narra sua história como se estivesse conversando com seu interlocutor, inclusive o levando a refletir através das suas perguntas retóricas. Ao falar sobre o bolo que sua mãe fazia, sua linguagem deixa transparecer muito sentimento. As lembranças parecem estar ainda frescas na sua mente, exalando no ar o cheiro do bolo, assim como preservando em sua memória degustativa o sabor único daquele prato. Poderíamos fazer um paralelo entre as memórias socioculturais afetivas envolvendo a comida e a linguagem a que recorremos para expressar os sentimentos que permeiam essas lembranças. No caso de dona Lurdes, é possível observar que ela se exprime de uma forma muito natural e, ao mesmo tempo, intensa. Assim como nas narrativas de Cora Coralina, há na sua linguagem coloquial, no seu modo de narrar, um toque poético.

A leitura dos poemas “Antiguidades” e “O prato azul-pombinho” conseguiram evocar diversas lembranças nas participantes da pesquisa. Para além das recordações relacionadas às comidas, as senhoras também se lembraram de como foi a educação delas e dos seus filhos, além de algumas traquinagens que elas costumavam fazer na infância. A partir dos textos compartilhados no grupo, várias experiências socioculturais passadas foram suscitadas, trazendo à tona memórias pessoais que já estavam há algum tempo adormecidas, outras até esquecidas. Curiosamente, ao final do encontro, dona Elisabete me agradeceu por ajudá-las a se lembrarem: “Uma coisa muito boa esse trabalho que você fez aqui, cê sabe por quê? Porque tem muita lembrança boa pra gente.” Nesses mergulhos ao passado, observamos que muitos laços familiares de afeto foram aflorados. Talvez, elas nunca tenham enxergado suas histórias de vida por esse viés. As memórias das experiências vivenciadas por elas e revisitadas através da leitura parecem ter sido significativas.

Outro aspecto importante para se observar é que, embora a memória recuperada seja de uma experiência pessoal, as histórias relembradas estão sempre inseridas em um contexto coletivo, formadas a partir dos relacionamentos familiares. Sobre isso, Candau argumenta que o vínculo de pertencimento a uma família é também uma construção social, preservada a partir das lembranças comuns, das repetições, dos objetos e de tudo que compõe a herança material e imaterial desse grupo:

A reminiscência comum e a repetição de certos rituais (refeições, festas familiares), a conservação coletiva de saberes, de referenciais, de recordações familiares e de emblemas (fotografias, lugares, objetos, papéis de família, odores, canções, receitas de cozinha, patronímia e nomes próprios), bem como a responsabilidade pela transmissão das heranças materiais e imateriais, são dimensões essenciais do sentimento de pertencimento e dos laços familiares, fazendo com que os membros da parentela queiram considerar-se como uma família. A afiliação é uma fidelidade a um patrimônio, “um lastro de lealdade e obstinações” cuja finalidade é a reprodução do grupo familiar (CANDAU, 2012, p.140).

Alguns desses aspectos, que apontam para a construção social dos laços familiares, foram evidenciados ao longo dos depoimentos das participantes da pesquisa. Como o tema principal do quinto encontro era a comida como um evento social, surgiram memórias de refeições, objetos, festas familiares, receitas de cozinha, assim como a responsabilidade de transmitir algumas dessas heranças de família. Nas lembranças de dona Clemência e dona Elisabete, há uma refeição preparada com utensílios muito específicos: a panela de ferro, o testo, o prato esmaltado, o fogão à lenha, objetos cuja utilidade já foi substituída por outros mais modernos. No entanto, dona Elisabete acalenta boas lembranças do café da manhã, da

época em que seu pai preparava o chimango na panela de ferro. Do mesmo modo, dona Clemência revela saudades do bolo preparado nessa panela, o bolo que se tornava um alegre acontecimento para os filhos quando eles voltavam da roça.

As lembranças das festas familiares surgiram nos relatos de dona Elisabete, dona Bela e dona Maria do Carmo. Os pratos lembrados por elas eram preparados em celebrações especiais como a Páscoa, o Natal e a festa de São João. Também dona Lau fala de um encontro de família, porém ela não cita nenhuma data especial. Esses encontros seriam uma forma de fortalecer e manter o vínculo familiar, criando um sentimento de pertença ao grupo. Sobre a importância dos encontros de família, Bosi argumenta que

O encontro com velhos parentes faz o passado reviver com um frescor que não encontraríamos na evocação solitária. Mesmo porque muitas recordações que incorporamos ao nosso passado não são nossas: simplesmente nos foram relatadas por nossos parentes e depois lembradas por nós (BOSI, 1994, p. 407).

Assim, esses encontros familiares não são apenas uma confraternização, eles são também importantes momentos de evocação de lembranças antigas e geração de novas memórias. Nas longas conversas, quando uma história dá continuidade a outra, memórias esquecidas são recuperadas, as lembradas são reformuladas pelas memórias de outros parentes e cada vez que a mesma história é narrada, ela é recriada. O encontro de parentes em volta de uma mesa consegue fazer reviver as experiências passadas justamente porque possuem referenciais sociais de um tempo histórico em comum.

Nesses encontros, geralmente, há alguém responsável por manter a tradição da reunião após a morte dos patriarcas e das matriarcas. Observamos que, das receitas recordadas, três delas continuam sendo preparadas pelas senhoras, que as aprenderam com suas mães. Dona Elisabete continua fazendo a frigideira de palmito e bacalhau na Páscoa. Dona Bela continua preparando o doce de requeijão que sua mãe fazia e recebendo os demais familiares no Natal. Dona Lau e suas irmãs ainda fazem o doce de leite com mamão para os encontros de família. Esses encontros ajudam a manter o fio da memória familiar, que, segundo Candau (2012), seria uma memória curta, pois ela não iria além de duas ou três gerações. No entanto, para manter a memória familiar é necessário que alguns membros do grupo se responsabilizem por reunir os familiares e reproduzir os costumes do passado.

As histórias que foram contadas a partir das lembranças gastronômicas de cada uma das senhoras mostram que há uma relação direta entre experiência sociocultural, identidade e

memória. Quem cada uma delas é tem a ver com a sua origem, suas relações interpessoais, suas recordações. De acordo com o sociólogo francês Denys Cuche,

Na medida em que a identidade resulta de uma construção social, ela faz parte da complexidade do social. Querer reduzir cada identidade cultural a uma definição simples, “pura”, seria não levar em conta a heterogeneidade de todo grupo social. Nenhum grupo, nenhum indivíduo está fechado *a priori* em uma identidade unidimensional (1999, p.192).

A riqueza dessas experiências socioculturais relatadas se encontra justamente nas diferenças, na heterogeneidade que compõem a vida e a história de cada sujeito. “A identidade se constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações. Ela está sem cessar em movimento; cada mudança social leva-a a se reformular de modo diferente” (CUCHE, 1999, p.198). Nesse movimento da vida, no qual as mudanças vão acontecendo, observamos que alguns dos pratos, costumes e encontros citados pelas senhoras já não acontecem mais. Outras formas de se socializar foram substituindo algumas práticas do passado, que ficaram apenas nas memórias das participantes da pesquisa. Dentro dessa complexidade social, os hábitos, as tradições, a cultura, de modo geral, vão se adaptando às exigências do tempo mais recente.

Após analisarmos os relatos das experiências socioculturais envolvendo as memórias culinárias das participantes, identificamos alguns aspectos relevantes em comum. As leituras realizadas a partir dos poemas de Cora Coralina proporcionaram às senhoras participantes da pesquisa experiências literárias que lhes motivaram a construir quadros de referência por meio da linguagem utilizada nos textos. De acordo com Langer (2005, p. 45), “nossas expectativas sobre os tipos de significados que eventualmente iremos construir variam de acordo com a compreensão que temos dos nossos objetivos, como literários ou discursivos.” Em outras palavras, a natureza da experiência literária seria definida pela linguagem que constitui um texto. Caso fosse de natureza informativa sobre um prato típico, por exemplo, não causaria o mesmo efeito de leitura e resposta que um texto literário.

Como um modelo de organização da linguagem, o texto literário teria o potencial de influenciar o leitor através da ordenação dos seus pensamentos, sentimentos e na sua própria produção textual, seja ela oral, seja ela escrita. Para Candido (2004, p.177), “quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo.” Nesse sentido, poderíamos dizer que a leitura literária dos poemas atuou na forma como as memórias dessas senhoras vieram à tona e no próprio tecido da linguagem usada por elas para contar suas histórias.

7.2 Cantando a cultura de um povo

No sexto encontro do grupo focal, selecionamos três canções que fazem parte do repertório da música nordestina, mas que também se tornaram reconhecidas nacionalmente, são elas: “Asa Branca”, “Festa do Interior” e “Feira de Mangaio”. Escolhemos essas canções porque falam de aspectos relevantes da história e da cultura do povo do Nordeste, para assim avaliar como as senhoras participantes da pesquisa interagiriam com essas obras e entre si, a partir dos temas abordados. A letra de “Asa Branca” traz o tema do flagelo da seca em algumas áreas do Nordeste, impelindo, principalmente no passado, muitos habitantes a migrar para outras regiões do país. Já a letra de “Festa do Interior” faz referência à comemoração de São João, uma festa muito popular e tradicional em todo o Nordeste. Por fim, a letra de “Feira de Mangaio” remete a uma característica muito forte da cultura nordestina, que é a organização das feiras livres.

Como forma de expressão artística, a música sempre esteve presente em todas as culturas de todos os tempos. Sua linguagem universal transcende as barreiras dos idiomas e consegue tocar as emoções de quem a ouve. De acordo com Wisnik,

[...] a música não refere nem nomeia coisas visíveis, como a linguagem verbal faz, mas aponta com uma força toda sua para o não-verbalizável; atravessa certas redes defensivas que a consciência e a linguagem cristalizada opõem à sua ação e toca em pontos de ligação efetivos do mental e do corporal, do intelectual e do afetivo. Por isso mesmo é capaz de provocar as mais apaixonadas adesões e as mais violentas recusas (1989, p. 28).

Muitas vezes, as canções marcam momentos importantes da história de vida das pessoas e, por essa razão, ficam gravadas na memória. Por vezes, quando ouvimos uma dessas canções que ficaram registradas em nossa memória, lembranças de uma época, de um lugar, de uma pessoa ou de algum acontecimento são evocadas. Ao escolhermos canções conhecidas, que provavelmente embalsamaram acontecimentos do passado das participantes da pesquisa, buscamos observar como se constrói essa relação entre a música, enquanto expressão artística, e as experiências socioculturais vivenciadas por essas senhoras.

Vale lembrar que todas as obras escolhidas para mediar os encontros do grupo focal foram pensadas a partir do princípio da narratividade, inclusive as canções. Na canção “Asa Branca”, por exemplo, existe todo um enredo poético que conta a saga de um sertanejo que precisa partir para outro lugar a fim de fugir da longa estiagem. Nessa narrativa, é citado até o nome da sua amada, a quem o eu-lírico promete retornar quando voltar a chover. Principalmente entre 1930 e 1980, essa história de êxodo rural impelido pela seca fez parte da vida de muitas

famílias nordestinas, inclusive da história dos pais desta pesquisadora, que migraram da Bahia para o Paraná.

Há uma relação muito próxima entre a música popular e a literatura no Brasil. Wisnik (2004) aponta essa aproximação a partir da transição do poeta lírico Vinicius de Moraes para a canção, seguido por gerações de compositores e letristas leitores de grandes poetas brasileiros modernos entre final dos anos 1950 e início dos anos 1960, rompendo assim a barreira entre a poesia escrita e a poesia cantada. Além da influência literária, a música popular brasileira também dialogou com diversas outras vertentes musicais, assim como com outras artes tal qual o cinema, o teatro, as artes plásticas. No entanto, Wisnik (2004) analisa todo esse ecletismo não como resultante de um pastiche ou de uma confusão. Pelo contrário, a música popular brasileira conseguiu desenvolver uma identidade própria, refletindo a cultura do país e também um modo de pensar.

A música, assim como as demais expressões artísticas, representa uma época, um contexto sócio-histórico, características de um grupo, enfim, são diversos os aspectos sociais que podem perpassar a música de modo geral. Como uma composição artística que harmoniza letra e melodia, a música conseguiria proporcionar diferentes experiências àqueles que a ouvem. No que concerne à experiência artística, Dewey argumenta:

Toda obra de arte tem um meio particular pelo qual, entre outras coisas, o todo qualitativo e penetrante é transmitido. Em toda experiência, tocamos o mundo através de um tentáculo específico; realizamos nossa interação com ele e ele chega até nós por um órgão especializado. O organismo inteiro, com toda a sua carga do passado e de recursos variados, funciona, mas opera por um meio particular, o dos olhos, ao interagir com o olhar, a audição e o tato. As artes lançam mão disso e o levam a seu máximo de significação (2010, p. 352).

Assim, a experiência artística se realizaria por meio desse tentáculo específico que é a obra de arte, que nos possibilita tocar o mundo através dos nossos sentidos. A significação seria construída na junção da especificidade da obra, juntamente com a particularidade dos sentidos de quem a recebe. Partindo do pressuposto de que a leitura é uma construção de sentido a partir dos estímulos e recursos aos quais temos acesso, a diversidade artística pode ajudar o leitor a perceber e estabelecer relações por meio das experiências socioculturais mediadas pelas artes. Petit (2009) relata uma iniciativa de uma oficina de leitura direcionada para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social a qual propunha o acesso a diferentes tipos de arte, cruzando diferentes linguagens. “Todos os sentidos são revelados e artes múltiplas se mesclam ‘naturalmente’ à leitura: o desenho, a colagem, o cinema, aonde ela lhes leva algumas

vezes, a música, a escrita. Todas participam de uma mesma experiência” (PETIT, 2009, p. 234). O acesso a essa diversidade artística teve um resultado positivo para o público supracitado, ajudando na melhoria da leitura e da escrita.

Assim, ao propormos às senhoras participantes da pesquisa uma diversidade de obras de arte, nosso intuito, além de oferecer experiências diferenciadas, era instigar a capacidade de conectar os temas e estabelecer relações com suas vivências e memórias do passado. Por mais que o acesso a essas obras tenha sido em grupo, compreendemos que o encontro entre uma obra de arte e seu receptor é sempre único e exclusivo, considerando que cada construção de sentido é resultante do acúmulo das experiências passadas de cada pessoa. Nesse sentido, as canções escolhidas para mediar o encontro tocariam cada participante de maneira única e poderiam desencadear suas memórias de experiências pessoais ou então memórias de experiências transmitidas por outras pessoas.

7.2.1 A aridez do Sertão: vidas em retirada

Voltando à canção “Asa Branca”, talvez nem todo aquele que a escuta consegue ter uma identificação direta com o tema que ela aborda, considerando-se que ela trata de um contexto bem específico. Mas, ainda assim, sua composição poética consegue aguçar a sensibilidade de quem a escuta. Analisando-se a sua letra, é possível perceber que a ave representa o próprio sertanejo em uma condição migratória. A ave columbídea, conhecida no Nordeste como asa-branca, é endêmica da América do Sul e está presente do Nordeste ao Sul do Brasil. Contudo, ela se tornou o símbolo da região nordestina pela sua característica migratória relacionada às condições climáticas. Para o sertanejo, a presença da ave na região trazia a esperança de que a chuva chegaria em breve. A canção, porém, fala que “inté mesmo a asa branca bateu asas do sertão”, sinalizando um período de estiagem prolongada.

Inicialmente as senhoras ouviram a canção, logo depois eu levantei algumas questões referentes à letra da música e, com base no contexto da seca e da migração nordestina retratada na canção “Asa Branca”, perguntei às participantes se elas tinham vivenciado experiências parecidas ou então se conheciam alguém que houvesse buscado outro lugar para viver devido à longa estiagem. Nesse encontro, contei com a participação de dona Lurdes, dona Lau, dona Elisabete e dona Maria do Carmo. Nenhuma delas teve uma experiência pessoal da seca e do processo migratório, mas dona Lurdes e dona Lau contaram as histórias das suas mães, que precisaram buscar outro lugar para morar por uma questão de sobrevivência.

No relato de dona Lurdes, ela conta os motivos que levaram sua mãe a migrar para outra região. No caso dela, não era especificamente a problemática da seca, mas a busca de trabalho para melhorar sua condição financeira e criar os filhos. O destino da sua mãe, a cidade de São Paulo, era considerado a terra prometida para retirantes de várias partes do Brasil, mas certamente o maior volume de pessoas era da região Nordeste. No auge do seu desenvolvimento, a capital paulistana tinha uma grande demanda de mão de obra, principalmente na área da construção civil e da prestação de serviços, atraindo milhares de pessoas para lá. Assim, entre tantas famílias, a mãe de dona Lurdes partiu com seus filhos para São Paulo em busca de uma vida melhor.

Minha mãe, minha mãe foi embora daqui pra Vitória, de Vitória foi embora pra São Paulo. Pra podê arrajá trabalho, né?! Porque naquele tempo era difícil, né?! E ficou lá, morou muitos anos, muitos anos mesmo. Depois que as menina casaram lá, depois de muito tempo que ela voltou pra cá. [...] Minha vida era boa porque meu pai tinha terra, tinha tudo. Mas depois ele largou nós pra lá, abandonou. Minha mãe ficou sozinha com um tanto de filho [cinco mulheres e dois homens]. Ai, ela foi obrigada a ir, né?! Pra caçá miora, né?! (Depoimento de dona Lurdes)

Outra característica bastante comum no processo migratório nordestino é a questão do retorno à terra natal após muitos anos vivendo em outras regiões. A letra da música, que trouxe as memórias de migrações familiares das participantes, destaca esse anseio, como se pode ver em mais de um verso, com a força de refrão: “Espero a chuva/cair de novo/pra mim voltar/pro meu sertão” ou “Eu te asseguro/não chore não, viu/que eu voltarei, viu, meu coração”. Dona Lurdes relata que, depois de muito tempo, sua mãe retornou para o estado da Bahia. E, possivelmente, se suas condições financeiras fossem mais favoráveis, ela não teria ido com os filhos para São Paulo. O povo nordestino, de modo geral, tem um forte sentimento de pertencimento à sua terra natal e muitos dos retirantes, ainda que tivessem vivido muitos anos fora, acalentavam o sonho de voltar a viver no seu lugar de origem. É possível observar, no relato de dona Lurdes, que ela não se coloca como participante do movimento migratório da sua família. Em uma outra passagem, ela conta que se casou antes e que sua mãe partiu com suas irmãs e seus irmãos.

Dona Lau, por sua vez, conta a história de migração dos seus bisavós e da sua mãe, que ainda bem menina saiu da região norte de Minas e migrou com seus avós para o extremo sul da Bahia. No caso dos seus familiares, foi a seca e a falta de terra para produzir que os impeliu a procurar outro lugar para morar. Não se tratava de uma questão de escolha, mas de uma força maior que os obrigava ao deslocamento a fim de garantir a sua sobrevivência. Dona Lau narra

os sofrimentos enfrentados por eles ao longo do caminho, até conseguir chegar ao lugar programado:

Agora a minha mãe, ela conta histórias da vida dela que ela veio novinha, acompanhou os avós porque aonde que ela morava disse que tinha muita seca e uma pobreza. Diz que era uma pobreza, ela fala que tinha um coquinho que eles catava pra comer aquele coquinho e parece que junta aquela cobra cascavel debaixo. E não tinha terra, não tinha nada. Então os avós dela veio praqui pra Bahia em procura de terra, né?! Disse que sofreram na estrada. Pegou uma tal de uma catita... porque o mosquito mordida. E aí ficava aquela ferida e não tinha tratamento. Ela disse que comia sem sal porque às vezes tinha enchente. E aí lembrava da família dela que ficou lá, né?! Ela ainda muito criança veio pra cá. Ela veio do norte, coisa de Minas, é um interior que chama Divisópolis. Hoje está bom, né?! Divisópolis hoje já tá melhor. É entre Minas e Bahia. Mas lá é seco e pobre até hoje, mas melhorô, melhorô. É sertão também de Minas lá. Aí, ela veio de lá pra aqui, pra cá. (Depoimento de dona Lau)

Outra grande dificuldade deve ter sido a separação, pois dona Lau fala de uma parte da família que não migrou. Sua mãe se lembrava da família que ficou em Minas. Embora dona Lau não tenha mencionado, é possível que os pais da sua mãe tenham ficado para trás, já que ela partiu com seus avós quando ainda era criança. Divisópolis, no norte de Minas, correspondendo ao seu nome, faz divisa entre os estados de Minas Gerais e Bahia. A cidade, que divide os dois estados, também dividiu os antepassados de dona Lau, ficando uma parte da família em cada estado. A referida cidade está situada no Vale do Jequitinhonha, uma região conhecida pelas características do Sertão nordestino e pelos baixos indicadores sociais, mas também conhecida pela beleza natural e pela sua riqueza cultural. Já a região para onde a mãe de dona Lau e seus bisavós se mudaram fica na Zona da Mata, região em que, pela maior concentração de Mata Atlântica, deveria chover com mais regularidade. Possivelmente, na época que eles migraram para essa região, a mata deveria ser mais preservada e o clima mais equilibrado.

Tanto dona Lurdes quanto dona Lau narram os movimentos migratórios que fizeram parte das histórias das suas famílias. Histórias marcadas por momentos difíceis que obrigaram seus familiares a se deslocarem em busca de melhores condições de vida; pela saudade daqueles que ficaram para trás; pelas dificuldades encontradas ao longo do caminho; por medos e expectativas do que iriam encontrar em um novo lugar. Enfim, esse sair do “seu” lugar é por vezes doloroso, pois não se trata apenas de um deslocamento espacial, exige-se também um deslocamento de si mesmo. Diante do novo, do desconhecido, é preciso não apenas se adaptar, mas, muitas vezes, se anular, se reinventar, se modificar. Ainda que se trate de deslocamentos

internos, dentro de um mesmo país, há muitas diferenças de uma região para outra, considerando-se que o Brasil é um país de proporções continentais. Nesses processos migratórios, aqueles que partem para um lugar diferente do seu precisam aprender a fazer o jogo da semelhança e da diferença, proposto por Hall (2003, p.47), não se apegando a um modelo fechado de pertencimento cultural, mas abarcando processos mais amplos.

Já nos casos de dona Elisabete e dona Maria do Carmo, embora não tenham tido nenhuma experiência familiar de deslocamento em decorrência da seca, elas descreveram os cenários marcados pelas prolongadas estiagens observadas em suas viagens pelo Nordeste:

Eu nunca vivi essa história assim porque a região [ela faz referência à região de Vitória da Conquista] que eu morava era uma região muito boa, rica, né?! De água, de plantação. Essas coisas aí não. Agora, eu já passei por uma região que aquilo doeu meu coração. Quando eu ia pra Fortaleza pra casa da minha irmã, aquela parte de Pernambuco ali, cê olhava, só tinha gado morto e não tinha uma folha verde. Era só aqueles talinho seco assim, até a cerca que eles fazia era as varinha fininha porque não tinha madeira, né?!... E eu ia todo ano e eu ia sempre nessa época de seca. Você só via aquelas casinha do barro vermelho longe, mas uma seca... tinha água nenhuma, nenhuma. Os açudes secava tudo. Aí eu falava: mas como é que esse povo vive, meu Deus, nesse lugar?! Que era uma casinha longe da outra e não tinha água e o gado morria tudo. (Depoimento de dona Elisabete)

Na descrição de Dona Elisabete, é apresentado um cenário desolador, sem qualquer vestígio de água, de animais vivos e de verde na paisagem. Diante de tal cenário, o que mais a impressionava era como as pessoas ainda conseguiam viver naqueles lugares tão áridos, desertos e distantes uns dos outros. Talvez porque os sofrimentos vividos os tornassem mais resistentes, pois tinham que aprender a sobreviver com pouco e, por vezes, sem nada.

Dona Maria do Carmo, inicialmente, narra as memórias das experiências que o seu sogro teve na época da seca. Para oferecer a ela uma noção das longas estiagens, ele recorre ao exemplo de um dos seus filhos que nasceu e cresceu até sete anos de idade sem ter presenciado uma única chuva sequer. Ele também fala da intensidade do fluxo migratório do Ceará em direção a São Paulo, citando a quantidade de caminhões lotados que partiam levando os retirantes. Mesmo em condições precárias de locomoção, como os caminhões pau de arara, milhares de nordestinos depositavam seus últimos recursos financeiros para fugir do flagelo da seca, buscando trabalho em outras regiões. Permanecer no seu local de origem não era uma alternativa para eles, pois eram constantemente rodeados pela sombra da morte.

Eu me casei em 63. 64, 65, em 66 eu fui pro Ceará. E meu sogro é cearense, meu marido também. Aí ele contava pra nós, contava pra mim, pra ele não porque ele já sabia. Contava pra mim. “Ô minha filha, aqui no Ceará a gente já criou filho com sete anos e não sabia o que era chuva. Era sete anos, né?! Saía vinte, trinta caminhão de cearense pra ir pra São Paulo, né?! Tinha dia que a gente juntava quinze, vinte. Chamava pau de arara, pau de arara, né?!” É tanto que em São Paulo tem um bairro só de cearense, só de gente do nordeste. Só tem eles e pronto. Porque a seca era muito grande e não tinha como conviver no Ceará, né?! Aí ficava aquelas terras enorme, nós passeamos por muita terra sem ninguém, não tinha ninguém. Cada um açude enorme, né?! Abria assim... né?! Quebrava o chão. Racha, né?! Porque não tinha água. (Depoimento de dona Maria do Carmo)

Como já foi dito anteriormente, tanto dona Elisabete quanto dona Maria do Carmo não vivenciaram as consequências das prolongadas estiagens pessoalmente. Coincidentemente, ambas viveram as suas infâncias e parte da juventude na próspera região de Vitória da Conquista, cidade localizada no sudoeste baiano. Mesmo assim, elas traçaram em detalhes alguns aspectos das mazelas provocadas pela seca, trazendo-nos importantes retratos desse fenômeno natural que por décadas tem assolado algumas regiões do Nordeste de tempos em tempos.

As memórias de deslocamento provocado pelas condições climáticas, relatadas pelas participantes da pesquisa, apontaram para experiências que se detiveram à geração anterior à delas ou então a experiências de terceiros que foram contadas para elas. Esse aspecto observado indica a natureza transmissível das memórias, pois não lembramos somente a partir das nossas próprias vivências, mas também das memórias que nos são transmitidas (CANDAU, 2012). A narrativa que constitui a identidade de cada pessoa será sempre uma composição formada pelas memórias recebidas de outros e pelas memórias retidas de suas experiências pessoais. Logo, as histórias dos pais das participantes da pesquisa transmitiram para elas memórias simbólicas, ou seja, elas não vivenciaram as experiências narradas, mas mesmo assim essas experiências se tornaram significativas para elas, pois compõem suas histórias familiares. Histórias de seca, de sobrevivência, de despedidas, de separações, em profunda sintonia com o sentimento transmitido poeticamente pela canção “Asa Branca”.

7.2.2 A magia das festas juninas

Na sequência, ao ouvirem a canção “Festa do Interior”, muitas lembranças boas da infância e da juventude das senhoras foram evocadas no que diz respeito às celebrações de São João. Inclusive, para elas foi difícil falar de uma lembrança pontual, pois as recordações eram

diversas. Talvez pela própria natureza da festa, que envolve um conjunto de detalhes, como o tipo de música, dança, vestimentas, comidas, bebidas e brincadeiras, não seja tão simples falar de um único aspecto, pois todos estão interligados, conforme é possível observar a seguir, no relato de dona Maria do Carmo:

Eu lembro da quadrilha, que lá na minha casa não passava um São João sem ter uma quadrilha. Aí, papai acendia aquela fogueirona e nós convidava os amigos, né?! E vamos dançar quadrilha. Aí, mamãe fazia aqueles vestido bem rodado, bem cheio de... era de chita, né?! Botava fita pra todo lado porque lá em casa era quatro moças, né?! A mocinha, moçona, era uma turma grande, né?! E aí todo mundo tinha seus amigos e naquele tempo a gente brincava sem maldade. Não é igual hoje, né?! Que as coisas num tem muita confiança, né?! Então juntava os irmão da gente, os irmão das amigas e a gente dançava muito a quadrilha. Dançava mesmo. Passava a noite todinha. Aí saía na rua brincando assim: “São João passou aí?” “Passou.” Aí nós entrava na casa, tava aquela mesona e a gente comia, bebia e saía. A sanfona tocando e nós pulando no meio da rua. Gente, era uma festa boa, né?! Vitória da Conquista era boa a festa! Aí a gente saía daquela casa e já entrava na outra, né?! A casa dos próprios amigos que estavam com a gente, né?! “São João passou aí?” Os pais já sabia, tava tudo prevenido, né?! “Passou!” A gente comia, era galinha assada, era porco assado, era tanta coisa [...] Lá em casa ainda tinha mais uma coisa, tinha um tal de pau de sebo e botava o pau de sebo e botava um dinheiro lá em cima, né?! Quem subisse era o dono do dinheiro. Oh, gente, mas era bom demais! (Depoimento de dona Maria do Carmo – grifos nossos)

A primeira lembrança de dona Maria do Carmo foi da quadrilha, mas como uma coisa estava interligada à outra, sua narrativa seguiu apresentando outros aspectos que compunham a festa como um todo. Da quadrilha ela passou para a fogueira. Depois falou dos vestidos que a mãe fazia, do comportamento respeitoso entre os jovens, das danças que duravam a noite inteira, da música, das comidas e das brincadeiras que faziam em grupo. Observamos que o aspecto mais destacado por ela foi a dança, conforme seu relato: “a gente dançava muito a quadrilha. Dançava mesmo. Passava a noite todinha.” E como há uma relação direta entre a música e a dança, possivelmente, ao ouvir a canção “Festa do Interior”, a primeira lembrança tenha sido da quadrilha, justamente pelo apelo ao movimento do corpo, no ritmo da canção. Uma característica que chama a atenção no relato de dona Maria do Carmo é o grau de envolvimento da comunidade na organização e na participação dos festejos juninos. Parecia haver um forte clima de engajamento e de integração entre as famílias, desde o cuidado com os preparativos, a organização da dança de quadrilha até as visitas às casas dos pais dos jovens que estavam participando da brincadeira: “São João passou aí?” “Passou!”

No relato de dona Elisabete, a primeira recordação que vem à sua cabeça é da enorme fogueira que seu pai costumava fazer, e ao redor da qual ficavam até amanhecer o dia, queimando fogos e assando batatas-doces. Ela faz uma relação entre essa noite e a *eterna noite* citada na canção “Festa do Interior”. Parecia haver um ar de encantamento que envolvia aquela celebração, uma noite que ela gostaria que não acabasse:

*Eu lembrei que a gente, meu pai **fazia um fogueirão**, né?! Bem grande... e a gente... e um tempo muito frio e a gente botava uns banco assim à noite, depois que acabava aquelas folia de festa tudo e de madrugada, igual ela falô ali, a gente ia tudo pra beira da fogueira comer umas batata que ele assava. E aí é um tempo assim que eu lembrei aqui **era uma eterna noite, igual falô aí** [menção à canção “Festa no Interior”], **uma eterna noite...** Eu guardo muita coisa. Era a melhor festa de São João. Aonde eu morava era as melhores festas de São João. **Além do meu pai tocar, ele tinha uma minifábrica de fogos** que ele vendia e na nossa porta era cheio de gente a noite toda comprando fogos e era um barulhão na rua. A gente morava numa cidade pequena, né?! E ele fazia fogos e a gente fazia também que ele ajudava, botava a gente pra fazer os nossos fogos. Ave Maria! **A gente queimava fogos a noite toda!** Amanhecia o dia [...] (Depoimento de dona Elisabete – grifos nossos)*

Dona Elisabete disse que guarda muitas lembranças, como seu pai tocando sanfona, as pessoas indo comprar fogos na minifábrica dele, provavelmente muitas memórias felizes das celebrações de São João, que segundo ela eram as melhores festas da sua região.

As “bombas da festa magia”, citadas na canção, fizeram dona Lau se recordar de todos os tipos de fogos que eles costumavam queimar; fizeram-na também se lembrar das pequenas economias que faziam, especialmente para comprar esses fogos e celebrar a noite de São João; ainda a fizeram se lembrar da fogueira cujo tamanho eles costumavam comparar com as fogueiras das fazendas vizinhas para ver qual era a maior. O único ponto negativo citado por Dona Lau era a demora para chegar novamente o período da festa no ano seguinte; segundo ela, eles ficavam contando os dias.

Observamos que a canção “Festa do Interior” despertou em dona Maria do Carmo, dona Elisabete e dona Lau memórias felizes da infância e da juventude, da época em que celebravam os festejos juninos. Dona Lurdes preferiu não falar sobre suas memórias da festa de São João porque, de acordo com ela, seria tudo igual aos relatos das suas colegas. Nas lembranças das participantes da pesquisa, foram suscitadas brincadeiras, danças, canções, pessoas especiais, enfim, uma variedade de memórias agradáveis de toda a mobilização coletiva em prol da tão esperada celebração. Wisnik argumenta que a música, por ser uma arte intangível, no sentido

de que ela não pode ser materialmente experimentada pelos sentidos da visão e do tato, atuaria na ordem espiritual:

O senso comum identifica a materialidade dos corpos físicos pela visão e pelo tato. Estamos acostumados a basear a realidade nesses sentidos. A música, sendo uma ordem que se constrói de sons, em perpétua aparição e desapareição, escapa à esfera tangível e se presta à identificação com uma outra ordem do real: isso faz com que se tenha atribuído a ela, nas mais diferentes culturas, as próprias propriedades do espírito. O som tem um poder mediador, hermético: é o elo comunicante do mundo material com o mundo espiritual e invisível (WISNIK, 1989, p. 28).

A música, considerando-se sua ordenação sonora, teria o poder de nos tocar, fazendo aflorar os mais diversos sentimentos e criando um vínculo entre o mundo material e o mundo espiritual. Possivelmente, a canção “Festa do Interior”, partilhada nesse encontro, despertou muitas recordações adormecidas das festas juninas do passado, trazendo recordações importantes de momentos especiais vivenciados pelas senhoras. As participantes se lembraram dessas celebrações com muita alegria e ternura. A *eterna noite*, cantada na canção, parece ter sido eternizada em suas memórias.

7.2.3 As vivências da feira na cultura nordestina

Por fim, após ouvirem a canção “Feira de Mangaio”, duas das participantes recordaram suas experiências passadas de quando trabalhavam em feiras livres: dona Lau, que até pouco tempo antes desta pesquisa comercializava no mercado municipal da cidade, parando com a chegada da pandemia de Covid-19, e dona Elisabete, que ajudava sua mãe na barraca da feira na sua juventude. Ambas destacaram um aspecto em comum em relação às suas experiências nas feiras: a questão dos vínculos de amizade que as pessoas costumavam criar entre si.

[...] eu casei no Duque, fiquei dez anos, depois vim praqui. Aí nós tava no Duque e nós já começou a trabalhar na feira aqui. Era uma feira livre que chamava Pauzeira. Aí uma vez tocou fogo nessa feira, minha filha, foi um prejuízo danado. Políticos, né?! Os políticos brigando botou fogo na feira. Um candidato contra o outro queimou a feira. Aí construíram aquele mercado e a gente teve direito num ponto. Foi uma guerra também pra nós adquirir aquele ponto. Mas o que eu quero chegar é esse. A amizade que a gente tinha, né?! Era uma amizade, meu marido ele tinha uma amizade tão grande e aí ele faleceu e a gente trabalhou quatro anos lá depois que ele faleceu, né?! Eu e minha filha. Mas até hoje, gente, é uma família aquele povo, o povo da roça é o... eu te falei que eu tinha ganhado um frango. Pois é, essa semana chegou outro frango. Só que veio pelado... (risos) Não veio

com pena. Eles manda, eles manda laranja, eles mandam... Porque é um circo [círculo] de amizade muito grande, é uma consideração que eles têm a gente. O povo que vem da roça pra feira porque aí não tem lugar de guardar as coisas. A gente guardava. "Pode botá sua feira aqui." Aí eles iam fazendo as compras e botava lá. Aí a gente tinha aquela amizade. Então eu vejo esse ponto positivo nas feira livre, esse circo [círculo] de amizade, de consideração, de coisa... e até pra ajudar; se um termina de vender, aí acha outro que quer comprar: "olha, fulano ali tá querendo farinha." Aí chegava: "ó trouxe [trouxe] ele aqui pra vender a farinha pra senhora. Truxe [trouxe] pra vender o feijão pra senhora. Está com feijão muito bom." Então a gente vê isso, né?! Que nos grande mercado eu não sei se tem, né?! Na agronegócio, eu não sei se tem... (risos) Eles diz que é top. Top é nós aqui da agricultura familiar... (risos) Isso é que é top. (Depoimento de dona Lau – grifos nossos)

A feira na história de vida de dona Lau ocupa um papel de grande importância, pois para ela e seu esposo se tratava de uma fonte de renda com a qual se mantinham. Conforme seu relato, eles tinham um ponto de comércio na feira e trabalharam por muitos anos lá. E durante todo esse tempo, o aspecto para o qual ela chamou a atenção foram as amizades tecidas no cotidiano da feira, marcadas pela solidariedade uns com os outros, pelo apoio e ajuda retribuídos com pequenos gestos de gratidão. Ao final da sua fala, é curioso que, mesmo em tom de brincadeira, dona Lau faz uma crítica ao sistema de produção agrícola, formado por grandes produtores rurais, que ficou conhecido como agronegócio, e exalta a relevância da agricultura familiar como uma forma de resistência diante das grandes corporações. Nesse comentário se revela seu senso crítico e sua consciência de classe.

Dona Elisabete, por sua vez, recordou-se do tempo em que ajudava a sua mãe na barraca da feira. Seus pais eram feirantes e ela teve uma vivência intensa desse ambiente de comércio e trocas de vivências socioculturais:

Eu já trabalhei com a minha mãe, né?! Que a gente morava numa cidadezinha que a feira na frente da nossa casa, da nossa calçada pra lá já era feira. E a minha mãe vendia, minha mãe fazia tudo que era de... Igual eu falei que ela usava a panela pra passar. Ela tinha uma barraca que o meu pai vendia coisa de carne, que eles matava porco e minha mãe era café com essas coisas... Fazia cuscuz, fazia o biscoito e fazia tudo. E aí ela vendia o lanche. Meu pai tinha barraca ao lado que vendia carne. E aí aquilo ali eu ajudava ela, a gente vivia. Minha mãe lutou muito com meu pai pra criá a gente. Minha mãe era costureira. Todo sábado ela tava com a barraca na feira e meu pai também e aí eu também já convivi muito dentro de feira e ali é uma amizade igual ela [dona Lau] falô, porque você conhece todo mundo. Aquele povo da roça conhece a gente, a gente conhece eles. Como minha mãe costurava, eles traziam muito tecido pra minha mãe fazer roupa e lá em casa era assim: a porta aberta, todo mundo entrava e vai lavar a mão, vai beber água. Era assim... banheiro. (Depoimento de dona Elisabete)

Assim como dona Lau, dona Elisabete destacou as amizades que surgiam na feira ao longo do convívio com as pessoas vindas da roça que recebiam apoio na casa dos seus pais. Esse tratamento, pautado na solidariedade e na confiança no outro, parecia ser muito comum, principalmente nos povoados e nas pequenas cidades, onde as pessoas se conheciam mutuamente. Mais do que somente frequentar a feira como freguesas, dona Lau e dona Elisabete tiveram a vivência cotidiana desse espaço, que, como já foi dito anteriormente, é um lugar de promoção de sociabilidades. Nas feiras, as pessoas não apenas fazem contatos comerciais, mas também podem criar vínculos mais fortes e duráveis de relacionamento, inclusive indo além da feira, conforme os relatos observados.

A letra da canção “Feira de Mangaio” apresenta um cenário que concilia o trabalho do feirante com momentos de interação social e diversão. Assim como foi relatado por dona Lau e dona Elisabete, nas feiras é possível conhecer muita gente e fazer amizades. Essa costuma ser uma característica comum das feiras livres no Nordeste, principalmente nas pequenas cidades. Essa característica pode estar ligada à natureza de informalidade desses ambientes. Como espaço de promoção de sociabilidades, as expressões artístico-culturais também costumam estar presentes nas feiras livres. Artistas populares apresentam seus trabalhos e entretêm o público das feiras, assim como o “sanfoneiro no canto da rua fazendo floreio pra gente [o povo] dançar”, citado na canção compartilhada no encontro.

7.2.4 Histórias embaladas por canções

Já ao final do encontro, pedi às senhoras que falassem qual era a música que tinha marcado de alguma forma a história de vida delas e que trazia recordações do passado. Dona Lurdes e dona Elisabete escolheram “Asa Branca”, talvez influenciadas pelo repertório escutado no encontro ou então porque se trata de uma canção muito conhecida e que marcou a vida de muitas pessoas. Para dona Lurdes, essa canção a motiva a dançar. Ela conta que, sempre que a escuta, sente vontade de dançar: “A minha é essa, a minha é essa. A minha é essa [mostra a letra de ‘Asa branca’]. Quando chega numa festa que toca ela, eu quero dançá... (risos) É, dançá forró.” Dona Lurdes parece demonstrar uma certa dose de empolgação com a canção escolhida. No entanto, ela não a relaciona com nenhum episódio do passado.

Já para dona Elisabete, o hino do sertão remete à lembrança do seu pai, que tocava sanfona nas festas do interior. No seu depoimento, é possível observar que há uma relação de admiração e companheirismo entre os dois.

A que eu tenho mais lembrança é a que eu falei que é essa [ela mostra a letra de “Asa Branca”] do Luiz Gonzaga porque era meu pai que tocava e ele sempre saía, né, tocando e dançando. E ele não importava que a gente dançava, não. Ele levava a gente pras festa. Essas música mais de Luís Gonzaga que ele gostava. Aqui fica na memória da gente quando a gente vê tocá... eu lembro do meu pai. (Depoimento de dona Elisabete)

Na memória de dona Elisabete ficou gravada a imagem da alegria de seu pai tocando “Asa Branca” e dançando. Para aquela época, seu pai demonstrava um comportamento mais evoluído em relação às filhas, pois ele permitia que elas participassem das festas e dançassem.

Passando para dona Lau, ela se recordou de outra canção de Luiz Gonzaga, “A fogueira tá queimando”. Ela contou que, quando cantavam essa música, as jovens formavam uma grande roda para dançar e, por ser uma dança coletiva, seu pai não se importava que ela e suas irmãs dançassem. Então, elas aproveitavam a oportunidade e cantavam muito essa música para poder dançar juntas, pois seu pai não consentia que dançassem em pares com os rapazes. Essa canção se tornou para elas uma forma de burlar a proibição de dançar nas festas juninas, imposta pelo pai.

A fogueira está queimando... a São João [cantando]. Porque a gente não dançava, mas essa música tinha que fazer uma rodona. Aí a gente cantava e dançava uma com a outra assim. E meu pai não reclamava. E se fosse essa daí de dançar com homem, ele não deixava, né?! Aí gente cantava muito isso aqui pra poder dançar com a outra. (Depoimento de dona Lau – grifo nosso)

Ainda em clima de festa junina, dona Maria do Carmo se recordou de outra canção de Luiz Gonzaga, “Olha pro céu” (1951), que fala sobre a beleza da noite de São João e do encantamento dos namoros selados apenas pelas trocas de olhares dos jovens enamorados. Dona Maria do Carmo se recordou dos namoradinhos da sua infância, quando os namoros costumavam ser apenas por contato visual. Ela explicou com um certo tom de encantamento e saudosismo que, naquela época, cantar a música dirigindo o olhar para uma pessoa era como se estivesse se declarando para ela.

*Ô, pró, eu me lembro de tanta coisa... (risos) No São João tinha uma musiquinha que a gente cantava assim: “**Olha pro céu, meu amor. Veja como ele está lindo. Olha pra aquele balão multicor que lá pro céu vai subindo. Foi uma noite igual a esta que tu me deste o coração. O céu estava assim em festa por ser a noite de São João. Havia balão no ar... e o balão tá subindo. Xote e baião no salão e no terreiro o teu olhar que incendiou meu coração... banhanhanhan...**” (risos) Ah, pró, eu lembro de tanta coisa boa que você nem imagina... (risos) Dos namoradinho de criança, né?! Porque os namoro de antigamente não é nada igual hoje. Era aquele negócio de longe... E aí juntava tudo e cantava essas coisas e era como se tava dizendo pra pessoa. (Depoimento de dona Maria do Carmo – grifos nossos)*

Há um ar de lirismo nesse relato de dona Maria do Carmo, pois a letra da canção por ela recordada parece recriar suas memórias de infância das festas juninas em um ambiente cheio de fascínio, enamoramento e alegria. Na frase “Ah, pró, eu lembro de tanta coisa boa que você nem imagina [...]”, seguida por risos, ela deixa transparecer que várias outras lembranças povoavam o seu imaginário naquele momento. Mas ela revelou apenas a memória dos namoros de criança do passado, fazendo uma comparação com os namoros atuais.

Observamos que todas as canções escolhidas pelas senhoras estão ligadas a momentos festivos, principalmente as festas de São João. A canção “Asa Branca” desperta em dona Lurdes, não especificamente uma recordação do passado, mas uma reação cinestésica que a impulsiona a dançar. Já para dona Elisabete, essa canção a leva para a época em que seu pai tocava essa música nas festas. Dona Lau, por sua vez, quando escuta “A fogueira tá queimando”, retorna às festas da juventude e se recorda da dança que fazia junto com as outras jovens. Por fim, dona Maria do Carmo, ao se lembrar da canção “Olha pro céu”, volta às noites de São João e se recorda das paqueras da sua meninice mediadas por essa música.

Nessas viagens ao passado por meio das memórias despertadas, o lembrar da pessoa idosa seria sempre diferenciado. Para Bosi (1994, p. 60), “ao lembrar o passado ele [o idoso] não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida.” Contudo, esse olhar digressivo para a sua própria vida vai se modificando ao longo do tempo. Na visão de Bosi,

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítidas que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (1994, p. 55).

De certa forma, quando se narra seu próprio passado, parece haver uma troca de papéis. Deixa-se de ser o personagem e passa-se a ser um narrador-observador, que analisa, julga, avalia os acontecimentos do passado com o olhar do presente. Nos relatos das senhoras, observamos que elas não simplesmente contam, narrando uma sequência dos fatos, mas com frequência se detêm aos acontecimentos, analisando as ações e os comportamentos das pessoas envolvidas nessas experiências socioculturais.

Ao final desse encontro, no qual elas ouviram e conversaram sobre as canções “Asa Branca”, “Festa do Interior” e “Feira de Mangaio”, observamos que houve identificação com

as temáticas abordadas pelas canções a partir das memórias que foram despertadas. Algumas dessas memórias eram de experiências vivenciadas por elas mesmas e outras eram relatos de histórias que elas ouviram alguém contar. No que diz respeito às canções recordadas que remetiam a acontecimentos marcantes no passado, curiosamente, as quatro participantes lembraram canções ligadas às festas juninas. As canções compartilhadas nesse encontro expressam com maestria contextos populares que remetem ao cotidiano de muita gente, principalmente na região Nordeste. São exemplos da música popular brasileira que bebem da fonte que as constitui, retornando depois ao povo que as usufrui.

Segundo Wisnik, quando se trata da relação entre canção popular e literatura no Brasil, em uma parte considerável das produções, “não se deve a uma aproximação exterior em que melodias servem de suporte a inquietações ‘cultas’ e letradas, mas à demanda interior de uma canção que está a serviço do estado musical da palavra, perguntando à língua o que ela quer, e o que ela pode” (WISNIK, 2004, p. 225). Essas canções, que estariam a serviço do estado musical da palavra, seriam aquelas que refletem a língua do cotidiano, a língua-contexto que se modifica de acordo com os mais diversos ambientes socioculturais? Se a resposta for sim, podemos inferir que as reações, emoções e lembranças afloradas pela música acontecem a partir de processos de identificação que envolvem não somente um estilo musical, mas também o tema retratado através da letra.

Nesse sentido, observamos que as participantes conseguiram se identificar com as canções. Ao analisar as características das memórias reveladas, sob o ponto de vista dos objetivos da pesquisa, verificamos que as escolhas apresentadas pelas participantes apontam para aspectos subjetivos e intersubjetivos que seriam inerentes às associações que elas fizeram entre as obras artísticas e as memórias das experiências por elas evocadas. As canções escolhidas, com ritmos e temas arraigados na cultura popular nordestina, revelaram, no âmbito subjetivo, que as senhoras participantes recorreram a momentos festivos e alegres do passado, memórias positivas que parecem trazer satisfação pessoal ao serem retomadas. No âmbito intersubjetivo, tanto as experiências passadas evocadas pelas canções propostas para o encontro quanto as canções escolhidas pelas participantes revelaram que para elas a vivência coletiva dessas experiências foi importantíssima. Nas suas falas é possível identificar que os vínculos familiares e de amigos estavam sempre em destaque e que eram muito significativos para essas senhoras, pois, de acordo com seus relatos, pareciam permeados de sentimentos de afeto, de amizade, de respeito, de solidariedade e de companheirismo.

As escolhas das canções e as memórias retomadas a partir do contato com as canções ouvidas e recordadas também têm algo a dizer. De modo geral, as senhoras retomaram

lembranças positivas que apontaram para a superação das dificuldades, para os momentos de diversão coletiva e para os vínculos afetivos familiares e de amigos. As artes parecem exercer um movimento de mão dupla: primeiro, configurando-se como representações das experiências humanas e, depois, retornando ao mundo real através das diversas construções de sentido alcançadas pelo universo íntimo de cada pessoa. Falando especificamente sobre a arte literária, Todorov (2010, p. 77) argumenta que “a realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana”. Experiência esta que é única, intransferível e imutável quando se torna passado e se transforma em memória.

7.3 Laços familiares: desconstruindo velhos modelos de convivência

No sétimo e último encontro do grupo focal, propusemos três tipos diferentes de obras artístico-literárias, mas todas abordando uma mesma temática: os relacionamentos conjugais e a divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres. Nesse encontro contamos com as presenças de dona Lurdes, dona Elisabete, dona Lau e dona Maria do Carmo. Começamos pelo texto escrito, compartilhando os poemas “Ensino” e “Casamento”, da escritora Adélia Prado, que haviam ficado de leitura para casa. Na sequência, passamos para o texto auditivo, a canção “Valsinha”, de Chico Buarque e Vinícius de Moraes. Por fim, recorremos a um texto audiovisual, o curta-metragem “O sonho impossível?”¹³ (1983), uma coprodução da Organização das Nações Unidas (ONU) com o estúdio tcheco J. Trnka Kratky Films.

A ideia de oferecer às participantes gêneros narrativos distintos, abordando um mesmo tema, teve como objetivo diversificar os ângulos de vista dessa temática, assim como experimentar outros modelos de narrativas através de diferentes formas de manifestação artística. O poema “Ensino”, de Adélia Prado, traz o modelo mais tradicional de casamento, no qual o homem trabalha fora e a mulher cuida da manutenção do lar e da família. Já o poema “Casamento” aborda uma parceria colaborativa, na qual a esposa, voluntariamente, se coloca à disposição para ajudar o marido a realizar a tarefa de limpar os peixes após a pescaria. Na canção “Valsinha”, observa-se uma mudança mais profunda, ligada aos sentimentos, a qual se revela no modo como os cônjuges passaram a se tratar e a vivenciar o relacionamento conjugal a partir de um determinado dia. Por fim, o curta-metragem “O sonho impossível?” aborda o modelo de casamento da sociedade moderna, no qual a mulher trabalha

¹³ Disponível em: <https://www.rbe.mec.pt/np4/2919.html>. Acesso em: 06 mar. 2024.

fora e também é responsável pela manutenção financeira da família. Contudo, há uma relação desigual no que diz respeito à divisão das atividades domésticas e dos cuidados com os filhos. Na verdade, o filme revela que não há uma divisão de tarefas em casa, a mulher fica responsável por cuidar de tudo e de todos.

No caso desse curta-metragem, é interessante conhecer a rede de intertexto que está por trás do seu título. Trata-se de um filme mudo com apenas uma música instrumental de trilha sonora, a canção *The Impossible Dream*¹⁴ (*The Quest*), composta por Mitch Leigh e Joe Darion. Essa canção se tornou a mais conhecida do musical *Man of La Mancha* da Broadway (1965), que anos depois se tornou um filme (1972) com o mesmo nome, estrelado por Peter O'Toole. Tanto o enredo do musical quanto o do filme fazem releituras da obra *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes. No Brasil, a música ganhou uma belíssima versão de Chico Buarque e Ruy Guerra em 1972. Intitulada “Sonho Impossível”¹⁵, a canção foi gravada pela primeira vez em 1975 na voz de Maria Bethânia.

Após apresentar cada uma dessas obras para as participantes, eu fiz algumas perguntas a nível interpretativo. Essa etapa, porém, tinha por objetivo somente checar a compreensão que elas tiveram dos textos. Mas o objetivo principal foi observar as relações que elas estabeleceram entre as obras e entre as obras e as narrativas da vida real, bem como suas experiências pessoais. Com essa finalidade, eu propus que elas comparassem as obras, apontando semelhanças e diferenças. Na sequência, pedi que pensassem na geração dos seus pais, na delas e na geração dos seus filhos e das suas filhas, e analisassem as mudanças que ocorreram nos relacionamentos conjugais em relação à divisão das responsabilidades domésticas e familiares com o passar do tempo.

Curiosamente, elas não fizeram conexão entre as obras, mas, a partir dos aspectos que observaram nas narrativas, fizeram associações com suas experiências passadas, relatando alguns episódios de suas histórias de vida, assim como expressaram suas opiniões sobre o conteúdo compartilhado. A canção “Valsinha”, de Chico Buarque, por exemplo, fez dona Lau refletir sobre as implicações da rotina no relacionamento conjugal. Ela fez uma crítica aos casais que passam a vida inteira na mesma rotina e lembrou um pouco como era seu relacionamento com seu falecido esposo.

¹⁴ Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/The_Impossible_Dream_\(The_Quest\)](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Impossible_Dream_(The_Quest)). Acesso em: 06 mar. 2024.

¹⁵ Disponível em: <https://www.jobim.org/chico/handle/2010.2/2210>. Acesso em: 06 mar. 2024.

Agora tem o casal que casa e fica naquela rotina toda vida. Eu falei, gente, eu... eu adoro mudá minha casa, mudá a cama, o jeito de arrumá. Ave Maria, quando o meu marido era vivo, todo, todo dia ele chegava, a cama tinha outra colcha diferente. Eu acho que parece que o homem gosta assim, né, de chegar e encontrá a mulher arrumada. Aí eu tenho uma vizinha que fala assim: “ah, eu nem dô gosto de me arrumá, meu marido nem percebe”. O meu, se eu cortá um pouquinho do cabelo, ele dizia assim: “oh, cortô o cabelo... oh, que vestido bonito!” [...] Ele sempre percebia essas coisa. (Depoimento de dona Lau)

Nesse seu relato, surgiu um discurso que costumava ser replicado ao invés de ser questionado. Dona Lau considera importante mudar e embelezar o ambiente doméstico, assim como a mulher se cuidar a fim de agradar o esposo. Essa perspectiva vem sendo desconstruída, mas ainda se mostra presente na construção da autoestima da imagem feminina. Para muitas mulheres, a ideia de se sentir valorizada passa pela apreciação do seu companheiro. Ela contou que seu esposo demonstrava gostar desses pequenos cuidados e sempre notava as mudanças que ela fazia. Nas entrelinhas, ela deixa entender que essas pequenas quebras de rotina tornavam o clima conjugal mais agradável, assim como aconteceu na canção de Chico Buarque, quando o eu-lírico “chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar” e essa mudança repercutiu, positivamente, no comportamento da sua esposa, e conseqüentemente no relacionamento do casal.

Quando as participantes foram questionadas se acreditavam que seria possível acontecer esse tipo de mudança nos relacionamentos conjugais tal qual acontece na canção, todas responderam que sim. No entanto, duas delas apontaram que a busca por mudança deveria ser responsabilidade da mulher. Dona Lau faz referência a um texto bíblico, parafraseando a mensagem original: “Porque é bíblico, né?! Se querer, a mulher sábia edifica o seu marido. Edifica o marido, edifica toda a família.” No contexto bíblico, a palavra “edificar” traz um sentido que vai além da construção material, indicando um processo de crescimento espiritual que conduz ao bem e às virtudes. Parece ser um grande peso que recai exclusivamente sobre a mulher no contexto familiar. Dona Lau condiciona tal responsabilidade à vontade da mulher, usando a expressão “se querer”. Caso ela queira, ela terá êxito. Parece haver, da sua parte, uma adesão aos papéis socialmente atribuídos às mulheres por muito tempo.

Também dona Elisabete, instigada pela narrativa do curta-metragem “O sonho impossível?”, defende que a mulher teria influência para “moldar” o comportamento do esposo. Nesse caso, mais especificamente uma influência voltada para a divisão das tarefas domésticas e para a colaboração na organização da casa e nos cuidados e na educação dos filhos: “Depende dela porque ela tem que orientar também. Às vezes ela faz aquilo tudo e não exige. Ela não

exige que ele ajuda, talvez, e aí ele acomoda e ela fica fazendo as coisa tudo só.” De acordo com dona Elisabete, é importante que a mulher se posicione desde o início do relacionamento e exija a colaboração do marido nas atribuições domésticas. Caso ela não se manifeste, provavelmente, o homem não terá a iniciativa de ajudá-la espontaneamente. E como o hábito faz o monge, ele vai se acostumar a não colaborar. Na sequência, dona Elisabete narra um episódio da sua própria experiência no início do seu casamento:

Quando eu casei, meu marido era acostumado recebê a meia na cama, a toalha dobradinha, a cueca dobradinha, a roupa dele toda lá. Foi assim o costume dele. E quando eu casei que a gente foi no guarda-roupa, eu disse: essa gaveta é sua. Sua meia tá aqui, sua cueca tá aqui, suas toalha tá aqui. Aí tinha dia que ele chegava e ainda ficava meio assim: ué, cadê minha toalha? Tá naquele mesmo lugar que eu te mostrei. É tanto que ele acostumô que ele não me pedia mais nada. A roupa dele chegava tava tudo lá dependuradinha, as camisa dele e as calça no lugar certo e ele acostumô. Ele chegava lá da roça todo sujo. Ele largava a bota lá fora, ele ia lá no guarda-roupa, pegava a toalha dele. Acostumô, mas se eu fosse fazê igual a mãe dele fazia, a família dele, eu tinha sofrido porque ele era tranquilo mesmo no início. (Depoimento de dona Elisabete)

Nesse relato, dona Elisabete deu uma demonstração de como ela conseguiu mudar um aspecto do comportamento do seu esposo assim que se casaram, deixando claro que ele deveria saber onde ficavam guardados seus itens de cuidado pessoal e que ele mesmo deveria pegá-los, sempre que precisasse. Dessa forma, com esse acordo estabelecido desde o início do casamento, dona Elisabete conseguiu mudar um costume que seu esposo adquiriu com base na criação familiar que ele recebeu. Ao apresentar seu próprio exemplo de experiência de vida, dona Elisabete apontou um caminho diferente daquele que ela assistiu no vídeo curta-metragem, criticando a rotina da mulher que era sobrecarregada com uma jornada dupla de trabalho.

Analisando os depoimentos de dona Lau e dona Elisabete, observamos que ambas ressaltaram a importância de algumas rupturas para um melhor andamento do relacionamento conjugal. Instigada pela canção “Valsinha”, dona Lau criticou a rotina familiar, que faz com que muitos casais permaneçam estagnados em um mesmo modo de viver e de se relacionar um com o outro. Ela indicou pequenas mudanças na rotina, detalhes e cuidados que poderiam deixar a convivência do casal mais leve e agradável. Dona Elisabete, por sua vez, provocada pelo vídeo “O sonho impossível?”, apontou para a necessidade de se romper com velhos hábitos que podem vir a causar atritos e desgastes no decorrer da vida conjugal. No vídeo, a mulher, após uma jornada diária de trabalho fora, ainda se torna uma serviçal familiar quando chega em casa, enquanto seu marido descansa. A visão de dona Elisabete parece ser mais crítica no sentido de

exigir que o homem exerça um papel ativo, colaborando nas atividades domésticas e nas responsabilidades familiares.

Como vimos anteriormente, as reflexões, memórias e narrativas apresentadas pelas senhoras foram, inicialmente, instigadas pelas obras artístico-literárias compartilhadas no encontro. Esse aspecto aponta para o potencial mobilizador que a arte tem, levando-nos a refletir, recordar, repensar, reformular ideias, opiniões e conceitos. Nesse sentido, Petit defende que a identidade vai se desenvolvendo em uma relação entre a nossa interioridade e aquilo que recebemos do outro:

Do nascimento à velhice, pensamos unicamente em resposta ao que nos foi lançado por outros, ainda mais quando desconfiamos de que eles sabem de alguma coisa, um segredo, ao qual não temos acesso. Sem o outro, não existe sujeito. Em outras palavras, o gesto da partilha ou da troca, a relação, está na origem mesma da interioridade, que não é um poço onde se mergulha, mas que se constitui entre dois, a partir de um movimento em direção ao outro (PETIT, 2009, p. 51).

Pensando especificamente na velhice, não raras vezes as pessoas idosas acabam ficando isoladas, sem que lhes sejam oportunizados momentos de interação com o outro para assim manter suas identidades em contínuo movimento. Esses encontros coletivos, mediados pela arte, possibilitariam a troca de ideias e de relatos de vivências que são extremamente saudáveis para ajudar a manter o equilíbrio psicoemocional da pessoa idosa, instigando assim seu senso crítico e oferecendo a ela novas experiências socioculturais através das obras compartilhadas. Essas novas experiências são importantes ainda para criar perspectivas de futuro, possibilitando à pessoa idosa que se sinta capaz de sonhar, planejar e realizar alguns dos seus desejos. Dessa forma, ao lançar um olhar analítico sobre a sua trajetória de vida e ouvir os relatos dos outros, muitas vezes, ela passa a valorizar mais sua própria história, a compreender melhor o seu presente e a projetar seu futuro sob uma perspectiva diferente.

Embora Candau (2012) argumente que a memória coletiva exista somente no plano discursivo, ele reconhece que ela pode ser deduzida da existência de atos de memória coletiva, verificável com a ajuda de dados empíricos. Nesse sentido, um grupo de pessoas que tenham vivido em uma mesma época e em um contexto sociocultural semelhante pode guardar memórias de experiências similares, como é o caso do grupo participante desta pesquisa. Ainda que a experiência de cada uma tenha sido pessoal, essas pessoas encontram pontos de convergência entre suas memórias, criando vínculos de identificação e de pertencimento a um grupo.

Nesse último encontro, com base na temática dos relacionamentos familiares e ênfase na divisão de tarefas e responsabilidades entre mulheres e homens, presentes nas obras compartilhadas, propusemos uma questão com o intuito de que as participantes pudessem percorrer três gerações de suas respectivas famílias, refletindo sobre as mudanças que ocorreram ao longo do tempo. Vale lembrar que os poemas “Casamento” e “Ensinar”, de Adélia Prado, a música “Valsinha”, de Chico Buarque, e o curta-metragem “O sonho impossível?”, de certa forma, percorrem uma linha cronológica, apresentando contextos sócio-históricos que foram mudando com o passar do tempo. Inicialmente, instigadas por essas narrativas, elas foram relatando suas memórias e, ao mesmo tempo, analisando como se caracterizava cada um desses contextos.

Para melhor compararmos os aspectos apontados nas três gerações, optamos por apresentá-los em quadros individuais para cada participante. Começando por dona Lurdes, ela fala de como eram divididos os trabalhos entre os seus pais e entre ela e seu esposo, e, por fim, ela fala da relação com seus filhos.

Quadro 12 – Comparação das mudanças de geração familiar de dona Lurdes

Dona Lurdes	Mudanças observadas em relação às tarefas domésticas e atribuições familiares
A geração dos pais	<i>No tempo da minha mãe, meu pai não ajudava fazê essas coisa não. [...] Porque ele era tropeiro, mexia com terra e assim, né?! Tirá leite, fazia essas coisa e não tinha tempo pra fazê, pra ajudá, né, assim em casa. Quem fazia tudo era minha mãe e nós.</i>
A sua geração	<i>E depois que eu casei também, meu marido também... é... ele era alfaiate, ele costurava pra lá e eu pra cá. Eu gostava muito que ele fazia era suco... (risos) Adorava, que o suco era docin'. Na hora que eu ia fazê o almoço, né?! Terminava, aí eu falava: “agora, [nome do marido], faz um suco.” [...] E pra ajudá assim de noite também, pra olhá as criança mesmo, ele me ajudava, né?! Mais... Ia ni colégio, tempo que tinha reunião, ele ia muito também porque às vezes eu tava ocupada, ele ia.</i>
A geração dos(as) filhos(as)	<i>Lá em casa... Na casa deles [dos filhos e filhas] eu não sei, mas na minha divide. Quando vem domingo almoçá, todo mundo lava seu prato. De genro a neto, ainda lava o meu. A lei de lá de casa é essa. E as panela eu deixo pras fia.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Ao relatar como eram divididas as atribuições familiares dos seus pais, dona Lurdes justifica a não participação do seu pai nos serviços domésticos devido ao trabalho que ele exercia e, por essa razão, não tinha tempo para ajudar em casa. Pela sua descrição, constatamos

que a família vivia no contexto rural, considerando que seu pai exercia o ofício de tropeiro (vaqueiro). Um trabalho que exige da pessoa força física, agilidade e longas horas de trabalho do nascer ao pôr do sol. Dessa forma, os serviços domésticos eram centralizados totalmente nas mulheres, que, na maioria das vezes, ficavam responsáveis pelos cuidados com a casa e com os filhos. Mas muitas delas também ajudavam no cultivo das lavouras e no cuidado com os animais, como a ordenha das vacas, por exemplo. Esse modelo de divisão das tarefas domésticas era predominante entre as famílias que viviam no contexto rural até a segunda metade do século passado.

Quando dona Lurdes fala sobre a relação de divisão de tarefas com seu falecido esposo, ela revela mudanças na sua geração. É possível perceber também uma mudança de contexto, pois tanto ela quanto o esposo trabalhavam com o ofício da costura. Um trabalho artesanal que exige o apuro da coordenação motora fina, da criatividade, de padrão estético, enfim, um trabalho bem diferente do trabalho rural. Seu esposo já a ajudava a realizar pequenas tarefas domésticas e, principalmente, a cuidar dos filhos, responsabilidade que costumava ser exclusiva das mulheres na geração anterior à dela. A presença da escola no seu relato aponta também para um avanço na sua geração, indicando que seus filhos puderam frequentar a escola e tanto ela quanto o seu esposo se importavam com a educação deles.

Ao falar sobre a geração dos seus filhos, dona Lurdes não descreveu como é a divisão das tarefas domésticas entre os casais. Mais precisamente, ela respondeu que não sabia e falou como é a divisão na sua casa, como ela atribui tarefas aos visitantes da família. É interessante observar que ela tem um forte senso da importância da divisão das tarefas domésticas. Dona Lurdes relata que, mesmo para os familiares que a visitam, a regra é que cada um lave seu prato após o almoço de domingo, incluindo os genros e netos. Observamos que a parte mais difícil ainda fica para as mulheres. São as filhas responsáveis por lavar as panelas após o almoço. Contudo, constatamos que houve uma evolução de uma geração para outra com o passar do tempo, provavelmente impulsionada, em parte, pela mudança do meio rural para o urbano, a qual por consequência mudou os modos de trabalho e também de acesso à educação.

A seguir, temos o relato de dona Lau contando a história da sua família. Ela descreveu em detalhes, principalmente, a forma como eram divididas as tarefas na casa dos seus pais:

Quadro 13 – Comparação das mudanças de geração familiar de dona Lau

Dona Lau	Mudanças observadas em relação às tarefas domésticas e atribuições familiares
A geração dos pais	<p><i>Eu vejo assim que teve mudança na minha família. Porque na época do meu pai e da minha mãe, minha mãe era pra fazer tudo, até dar o prato na mão. Ela que dava o prato. Quando ela ia comer, a comida já estava fria e ela ainda costurava. Depois que ela dava comida a todo mundo é que ela ia comer, né?! E sempre nós que ajudava minha mãe. Meu pai... essas tarefa de casa, meu pai era muito bom, mas assim... ele achava assim que botando a despesa dentro de casa, as coisas assim, bastava, né?! Agora, já a lenha, eles trazia, coisava, cortava a lenha pra lá. Parece que aquilo ali bastava, né?! Não, não tinha outra obrigação. É, já fez as tarefas dele. Agora a gente era pra varrê quintal, era pra... é... era pra buscá água [...] Meus irmãos não, eles ajudava meu pai serrar cerca, fazer cerca, essas coisa. É... prendê gado, tirá o leite. É... agora nós era serviço de casa. Quando era planta, todo mundo ia pra plantá... Todo mundo ia pra roça pra plantá. Era homem e mulher e todo mundo, né?!</i></p>
A sua geração	<p><i>Mas aí assim quando eu casei... Agora quando eu casei, meu marido era bom demais, gente. Meu marido era tanto que meus filhos quando acordava... é... não me chamava, era: “painho, eu quero é água!” Ele que tinha cuidado e se eu fosse lavá roupa, ele tomava conta das menina, ele cuidava demais [...] E... assim... eu vejo que meus irmão é folgados, folgados... Meu Deus do céu, como é! Já os meus cunhados são aquelas pessoas... são uns marido parceiro mesmo de dividir tarefa.</i></p>
A geração dos(as) filhos(as)	<p><i>Já as filha, só tem uma casada hoje, a outra não deu certo o casamento. Mas eu acho que as tarefas de casa *** e *** [nome do neto e do genro] faz mais do que *** [nome da filha]. Eu sei que ela trabalha fora, né?! Mas ele, ele não deixa de... gente, aquele homem ele é assim uma coisa... *** [nome do neto] hoje mesmo ele almoçou lá em casa e foi terminando e disse: “deixa, vó, que eu lavo”. Eles são muito prestativos.</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Também proveniente do contexto rural, dona Lau explicou que seus pais não dividiam os trabalhos domésticos. Sua mãe ficava responsável por cuidar da casa e dos filhos, inclusive servindo a todos. Além disso, ela costurava, acumulando mais uma atividade na sua rotina. Seu pai e seus irmãos faziam os trabalhos braçais concernentes à manutenção da vida na fazenda. Os trabalhos domésticos ficavam somente para as mulheres. Mas havia um trabalho em comum, que era plantar. O cultivo da terra era realizado por todos juntos. Chamou-nos a atenção esse compartilhamento de tarefa porque, nesse caso, as mulheres tinham um acúmulo de trabalho, pois além de cuidarem da casa, elas também ajudavam na roça, enquanto os homens não colaboravam nas atividades domésticas.

Ao falar sobre o seu casamento, dona Lau contou que seu falecido esposo era muito colaborativo, principalmente no cuidado com os filhos. É interessante observar que logo a

seguir ela falou sobre o comportamento dos seus irmãos e seus cunhados em relação à divisão dos trabalhos domésticos, apresentando de certa forma uma comparação entre homens que, embora sejam de uma mesma geração, têm comportamentos diferentes no que diz respeito à divisão das atividades do lar. Chega a ser engraçado como ela falou dos seus irmãos, enfatizando o quanto são “folgados”. Implícito na sua fala é possível compreender que eles não só não ajudam como ainda geram trabalho para as mulheres. Da parte dos seus cunhados, ela destacou que eles são colaborativos na divisão das tarefas, assim como era seu esposo.

Quando dona Lau passou a falar sobre a geração das filhas, detendo-se a uma delas, a que permanece casada, ela revelou algumas mudanças relevantes no modelo de divisão das tarefas domésticas entre os casais na atualidade. A senhora relatou que acha que o genro e o neto fazem mais atividades do que sua filha, que trabalha fora. Observamos que dona Lau expressa uma grande admiração pela forma como o genro colabora no trabalho de casa, em um grau ainda maior do que a sua admiração pelo esposo e pelos cunhados. Outro aspecto pertinente é que ela traz na sua fala uma quarta geração ao falar sobre o seu neto, que segundo ela é também muito prestativo.

Ao analisarmos os relatos de dona Lau, constatamos que houve mudanças consideráveis de uma geração para outra no que diz respeito à divisão dos trabalhos domésticos. De maneira gradativa, houve uma evolução nos papéis e trabalhos desempenhados pelos homens em sua família, assim como ela mesmo constatou no início do primeiro excerto. Vale lembrar que dona Lau, assim que se casou, saiu da fazenda e se mudou para a cidade. Mais uma vez, observamos que a transição do estilo de vida rural para o urbano tem influência sobre essas mudanças que foram ocorrendo, impulsionadas pelo acesso à educação e à informação.

Na sequência, analisamos alguns excertos da fala de dona Elisabete, nos quais ela conta como era a divisão dos trabalhos nas três gerações solicitadas:

Quadro 14 – Comparação das mudanças de geração familiar de dona Elisabete

Dona Elisabete	Mudanças observadas em relação às tarefas domésticas e atribuições familiares
A geração dos pais	<p><i>Lá em casa não, não tinha muita divisão de tarefa porque quem fazia as coisas tudo era nós, os filhos. Minha mãe costurava, meu pai ia pras roça. E a gente levava até a comida na máquina pra ela. As menina, né?! Os menino também criou trabalhando mais meu pai pra lá, não fazia nada dentro de casa. Mas a gente, as filha, era quem fazia tudo, uma ia pro rio lavá roupa, uma ia fazê comida, outra ia arrumá a casa. Era assim. É tanto que eu desde pequenininha eu subia no banquinho pra botar... pra fazer comida porque as minha irmã, uma ia pro rio, a outra ia fazêr outra coisa. Minha mãe na máquina, eu cansei de levá a colher assim oh... com um pouquinho d'água do arroz pra ela vê se tava bom de sal. Ela experimentava e falava “tá bom” ou então “bota mais um pouquinho”. Era assim, nos criou trabalhando.</i></p>
A sua geração	<p><i>Agora... eu já criei meus filho diferente, totalmente diferente meus filho porque a gente pensou mais no estudo. E naquela época a gente morava ali, o lugar pequeno não... parece que a pessoa não precisava nem de uma formatura. Era só se fizesse lá o primário, segundo grau, já tava bom. E meus filho não, eu preoquei muito com os estudos deles e não botei eles muito no serviço de casa. Também graças a Deus meu marido tinha boa vontade, ele não deixava a gente só, sempre pagava uma pessoa pra cuidar e a prioridade era o estudo deles. Só que sabe fazê tudo. Minhas menina cozinha bem, faz bolo, faz biscoito, faz tudo. Aprendeu.</i></p> <p><i>Então, ele tinha o prazer de botá a pessoa pra ajudá em casa pra mim poder tomá conta do comércio. E ele ia pra roça.</i></p> <p><i>Então se eu não trabalhasse mais ele, eu tomava conta da casa. Mas eu trabalhava no balcão. Eu pesava açúcar, eu pesava. Naquela época tudo era pesado. Eu com barriga desse tamanho [ela gesticula uma gravidez] pesava tudo. Tinha um menino que ajudava. pra amarrá aqueles trem. Foi muito trabalho. Eu mais ele, né?!</i></p>
A geração dos(as) filhos(as)	<p><i>E aí, mas hoje é... elas casaram com umas pessoas e são uns bons marido. Quando *** [nome de uma filha] levanta de manhã, o marido dela já levantou na frente, já botou as menina pra tomá banho e já está ajeitando o café. Ela levanta e já vai arrumá as criança, penteá o cabelo pra ir pra escola. Ele ajuda em tudo. Faz comida. O dia que ele quer fazê prato diferente, ele que faz. Faz bolo, faz tudo. O de *** [nome da outra filha] também ajuda ela. E meu filho também ajuda a mulher. Porque os dois trabalha. Ela dá aula, ele também trabalha.</i></p> <p><i>Então de manhã, hora que levanta, ele já vai ajudá a cuidá das criança pra podê levá as criança na escola pra eles podê ir trabalhá.</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Ao falar sobre como era a divisão dos trabalhos domésticos na casa dos seus pais, dona Elisabete apresentou uma situação que pode causar estranhamento para as pessoas nos dias atuais, mas que naquela época era muito comum. Todo o trabalho de casa era realizado pelas filhas, inclusive as crianças. Ela contou que já cozinhava desde muito pequena, supervisionada pela mãe, que trabalhava em casa como costureira. Havia, no entanto, uma divisão entre as tarefas das filhas e dos filhos. Elas ficavam responsáveis pelos afazeres domésticos e eles

acompanhavam o pai nas lidas da roça. O que fica evidente e é confirmado em seu relato é que tanto seu pai quanto sua mãe trabalhavam para manter a família financeiramente. As filhas, por sua vez, tinham muitas atribuições e responsabilidades domésticas desde a infância.

Já na sua relação familiar com seu esposo e seus filhos, houve uma mudança substancial se comparada à geração anterior à sua. Dona Elisabete enfatizou que priorizaram a educação dos filhos, não exigindo que eles colaborassem no serviço doméstico. Houve também uma mudança na relação de trabalho entre o casal, pois dona Elisabete, em vez de cuidar dos afazeres do lar, trabalhava fora para ajudar seu esposo a administrar um pequeno ponto comercial que eles tinham. Ao analisarmos a geração dos seus pais em comparação com a sua, vemos que dona Elisabete teve uma experiência bem diferente no seu passado. Na sua geração houve uma ruptura daquele estilo de vida anterior, tanto na maneira de educar seus filhos quanto na divisão das tarefas domésticas, que no seu caso foram transferidas para uma auxiliar que eles pagavam para cuidar da casa, já que dona Elisabete trabalhava fora junto com seu marido.

E, por fim, dona Elisabete falou sobre a geração dos seus filhos, explicando que tanto suas filhas e os respectivos esposos dividem as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos, quanto o seu filho com a esposa. Todos trabalham fora e colaboram na organização do lar e nos cuidados com os filhos. É possível observar, no relato de dona Elisabete, que os homens da geração dos seus filhos já fazem atividades que antes eram consideradas somente femininas, como cozinhar e arrumar as crianças.

Para concluir a análise dos relatos das participantes, temos as falas de dona Maria do Carmo explicando como era a divisão do trabalho doméstico nas três gerações da sua família:

Quadro 15 – Comparação das mudanças de geração familiar de dona Maria do Carmo

Dona Maria do Carmo	Mudanças observadas em relação às tarefas domésticas e atribuições familiares
A geração dos pais	<i>A minha mãe professora, então a gente não fazia nada, a não ser estudá. Estudá na escola normal porque tinha quem fazia, né?! Às vezes, de vez em quando ela falava assim, cês tem que aprendê a lavá os prato. A gente com uma preguiça, né?! Que tinha quem fazia, mas nós ia lá e fazia, né?! E meu pai vivia na delegacia, né?! Meu pai era delegado regional de Vitória da Conquista.</i>
A sua geração	<i>Eu me casei. Meu marido, né, era daquele tempo ainda que a mãe dava tudo pronto. [...] Mas em casa tinha alguém que fazia pra nós, né?! Pra mim e pra ele, que eu também não fazia. Eu fui ser dona de casa, da minha casa, depois que fechou a loja. Aí que eu fui ser dona da minha casa. Aí eu fiquei assim meio embananada que eu não sabia cozinhá, mas depois eu aprendi. Hoje eu sei, hoje eu sei cozinhá... (risos) E o marido, meus filho eu criei que não fazia nada. Eu não tenho vergonha de dizê. Porque meu problema era estudá. Nunca me ajudou na loja desse tantinho assim. Que eu tinha funcionário, né?! Eu não pedia pra fazê porque eu dizia “não... vocês têm que estuda”, e não me arrependo, né?! Não me arrependo e graças a Deus eles souberam aproveitá.</i>
A geração dos(as) filhos(as)	<i>Aí, quando foi na hora do pedido do casamento [da sua filha], o rapaz pediu, né?! Aí eu falei, tem uma coisa: eu não sei se você vai aceitá o casamento depois de agora. Porque ela não sabe fritá um ovo... (risos) Mas não sabia mesmo não. Casou, foi embora para Teófilo Otoni. Ela foi fazê foi um peixe, né?! Aí o marido comeu o peixe e falou assim: “Eita, peixe ruim!” Ela virou e falou: “Nunca mais eu faço comida pra você!” E eu vou dizê pra vocês: é um genro que todo mundo queria ter um genro daquele. Uma pessoa maravilhosa. Gente boa, a família gente boa.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Começando pela geração dos seus pais, dona Maria do Carmo contou que ambos trabalhavam fora, a mãe como professora e o pai como delegado. O trabalho doméstico era realizado por alguém que não foi especificado, mas que provavelmente era uma pessoa contratada por seus pais. De acordo com dona Maria do Carmo, a atribuição dos filhos era apenas estudar. Seus pais moravam em uma das maiores e mais desenvolvidas cidades do interior da Bahia, e, pelo que ela contou, eles tinham uma condição socioeconômica confortável que lhes permitia deixar que seus filhos se dedicassem somente aos estudos. Observamos que a geração dos pais de dona Maria do Carmo já possuía um nível de escolaridade mais alta, considerando as profissões que exerciam. E, embora eles tivessem uma propriedade rural, as crianças não vivenciaram o trabalho do campo. Conforme dona Maria do Carmo já havia relatado anteriormente, seus irmãos e ela costumavam ir para a roça somente para passar férias.

Na sua geração, dona Maria do Carmo, de certo modo, repetiu o modelo de organização familiar dos seus pais, que trabalhavam fora e tinham alguém para fazer os trabalhos domésticos, permitindo que seus filhos apenas estudassem. Mas, no seu caso, ela e o esposo trabalhavam juntos administrando uma loja que tinham em comum. Ela explicou que só começou a exercer a função de dona de casa após o fechamento da loja. Isso aconteceu quando ela e o esposo já estavam mais velhos e cansados da rotina do comércio. Inclusive, na entrevista inicial, ela contou que procurou o CEVITI logo que parou de trabalhar fora. Um fato curioso sobre dona Maria do Carmo é que ela se tornou dona de casa e aprendeu a cozinhar já na velhice. Ela brinca dizendo que inicialmente se “embananava” toda na cozinha, mas que depois aprendeu.

Sobre a geração dos seus filhos, dona Maria do Carmo contou que não exigia deles que trabalhassem na loja ou fizessem as tarefas domésticas, e que eles souberam aproveitar a oportunidade para somente estudar. Ela não relatou como era a divisão do trabalho doméstico entre seus filhos e os cônjuges deles. Deteve-se apenas a contar um episódio relativo ao pedido de casamento feito à sua filha e outro relativo a uma situação ocorrida entre sua filha e seu genro. Dona Maria do Carmo deixou claro para a família do seu futuro genro que sua filha não tinha nenhuma habilidade doméstica, pois ela não tinha exigido que sua filha aprendesse a fazer as tarefas do lar. Observamos que há uma continuidade do comportamento de uma geração para outra em relação à responsabilidade com as atribuições domésticas. Desde a geração dos pais de dona Maria do Carmo, a educação de filhos e filhas já era prioridade e os pais não exigiam que eles ajudassem com as tarefas do lar. Esse aspecto aponta para um nível educacional mais alto e para uma condição socioeconômica mais favorável ao longo das gerações da sua família.

De modo geral, analisando os aspectos em comum entre os depoimentos das participantes da pesquisa, identificamos que dona Lurdes e dona Lau chegaram a viver na zona rural, pois seus pais trabalhavam com gado e plantação, respectivamente. Dona Lau, inclusive, ajudava no plantio, conforme relatou. No caso de dona Elisabete, apenas seu pai e seus irmãos trabalhavam na roça, mas a família toda morava na cidade. Dona Maria do Carmo, por sua vez, apresentou um contexto um pouco diferente, considerando-se que o estilo de vida da sua família se caracterizava como urbano desde a geração dos seus pais. Em três desses quatro casos, observamos que a geração dos pais ainda teve um forte vínculo com o trabalho rural, principalmente os homens. Esse aspecto tem grande influência sobre a forma como eram separadas as atividades laborais entre homens e mulheres. Eles ficavam responsáveis, predominantemente, pelas tarefas rurais voltadas para gerar os proventos para o sustento da família. Já as mulheres ficavam com a atribuição de cuidar da casa e dos filhos.

Na segunda geração, que é a das participantes da pesquisa, houve uma transição do estilo de vida rural para a vida na cidade. Junto com essa mudança, vieram o acesso mais facilitado à educação e a mudança dos modos de trabalho. A partir dessa geração, começou a haver mudanças na divisão dos trabalhos domésticos que anteriormente se concentravam somente nas mulheres. Os homens, ainda que em menor escala, passaram a colaborar em algumas tarefas domésticas e no cuidado dos filhos. As mulheres também começaram a trabalhar fora, como foi o caso de dona Elisabete, dona Maria do Carmo e dona Lau. Todas ajudavam seus maridos no comércio. Dona Lurdes, desde muito jovem, trabalhava como bordadeira em casa e também tinha a sua autonomia financeira. Quanto ao nível de escolaridade, podemos considerar que elas foram longe, se tomarmos por base as dificuldades que havia para estudar na sua época de juventude. Dona Elisabete estudou o equivalente ao Ensino Fundamental II atual. Dona Maria do Carmo concluiu o equivalente ao Ensino Médio. Já dona Lurdes e dona Lau conseguiram concluir o Ensino Médio depois que seus filhos já estavam criados e encaminhados profissionalmente. Essas informações foram obtidas na entrevista inicial.

A terceira geração, que é a geração dos filhos, avançou um pouco mais além no quesito divisão de tarefas domésticas e atribuições familiares, bem como no nível de escolaridade. Foi constatado um aumento no grau de participação dos homens nos trabalhos de casa. Em alguns casos, como o citado por dona Lau, seu genro chega a fazer mais o trabalho doméstico do que sua filha. Os homens dessa geração também ajudam mais nos cuidados com os filhos, como relatado por dona Elisabete ao falar dos genros e do seu filho. As mulheres, por sua vez, possuem formação superior, trabalham fora e ajudam a custear as despesas da casa. No que diz respeito ao nível de escolaridade, todas as quatro senhoras que participaram desse último encontro têm filhos e/ou filhas com ensino superior completo.

Percorrendo os relatos das participantes da pesquisa ao longo dessas três gerações, observamos que os contextos sócio-históricos descritos por elas sofreram mudanças consideráveis com o passar do tempo. Suas histórias pessoais são reveladoras de algumas dessas transformações. Na maior parte dos depoimentos, verificamos que o contexto no qual estão inseridas as relações familiares vai passando por momentos de transição, e isso implica diretamente os modos de divisão de tarefas domésticas e responsabilidades familiares. O meio de vida rural exigia mais de toda a família no que diz respeito à divisão de trabalhos, incluindo-se as crianças. No entanto, há uma divisão muito nítida em relação às atribuições do homem e da mulher. A ele não competia nem o trabalho doméstico nem o cuidado com os filhos nesse contexto.

Na segunda geração, que é a das voluntárias deste estudo, revelou-se um movimento migratório da zona rural para o meio urbano, e essa mudança influenciou também os modos de

divisão das atribuições pertinentes ao contexto familiar. Através de seus depoimentos, foi possível verificar que os homens passam a colaborar em algumas atividades domésticas e no cuidado com os filhos, e as mulheres começam a trabalhar fora e contribuir financeiramente para cobrir as despesas da família. Nessa geração houve também uma preocupação maior com a educação dos filhos, ela era prioridade na família de todas as participantes.

Na terceira geração, a dos filhos e filhas das senhoras, verificou-se um aumento da participação dos homens na divisão dos trabalhos domésticos e nos cuidados com os filhos. Essa geração também possui um nível de escolaridade mais alto em comparação com a geração anterior, pois uma boa parte dos filhos concluiu a educação superior. As mulheres passaram a trabalhar fora e adquiriram autonomia financeira.

Esse olhar retrospectivo e analítico da pessoa idosa sobre a sua própria trajetória de vida não é apenas importante enquanto reconhecimento de um contexto sócio-histórico, mas principalmente para se pensar de que forma a vida de cada uma foi influenciada pelas mudanças que foram ocorrendo de uma geração para outra. Refletir e compartilhar memórias sociais do passado seria importantíssimo para se compreender o presente. De acordo com Bosi, a pessoa idosa exerce a função social de lembrar:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade [...] (1994, p. 63).

O tempo a mais vivido por esses sujeitos os torna testemunhas não apenas oculares, mas vivenciais de determinadas épocas e acontecimentos. Ainda que o passado narrado seja uma representação recriada pela memória da pessoa idosa, é através de suas narrativas que, muitas vezes, podemos “conhecer” as diferenças de outros tempos sócio-históricos que também fazem parte da história pregressa da nossa história pessoal.

Ao longo desses três últimos encontros do grupo focal, a partir das obras artísticas compartilhadas e da interação proposta, buscamos analisar de que forma as participantes da pesquisa responderiam aos estímulos recebidos. O índice de interação e participação entre as senhoras presentes nos encontros foi altamente satisfatório. O fato de os temas abordados serem motivados por meio de obras artístico-literárias que tratavam de assuntos com os quais elas se identificaram fez com que as senhoras se sentissem mais à vontade para falar de suas próprias experiências. Vale lembrar também que a obra artística, enquanto representação estética e ficcional

da realidade, se comunica de uma forma diferente. A reação emocional despertada por ela exerce forte influência no modo de lembrar e de narrar as memórias. Seguindo para as considerações finais desta tese, apontamos os resultados alcançados e as conclusões obtidas após análises e reflexões.

ARREMATES DESTA TECITURA

Ao longo deste percurso investigativo, buscamos compreender como as experiências socioculturais envolvendo as mais diversas expressões artísticas podem ter influência sobre a constituição da identidade de um indivíduo no decorrer da sua história de vida, configurando-se como um processo natural de letramento literário a partir das suas vivências. Com esse intuito, delimitamos como sujeitos da pesquisa um grupo de pessoas idosas que participam do projeto de extensão UATI/CEVITI (UNEB – *Campus X*). O recorte em um grupo da terceira idade ativo e participante de atividades artísticas, lúdicas, físicas e cognitivas visou conhecer e compreender a importância das experiências socioculturais ao longo de suas trajetórias, com ênfase na fase da vida na qual elas se encontram, a velhice. Pensando no contexto mundial de crescente envelhecimento da população, é de suma importância refletir sobre alternativas que possam garantir qualidade de vida e bem-estar para as pessoas idosas.

Inicialmente, a pesquisa contou com a participação de sete senhoras com idades variando entre 73 e 83 anos de idade (2022). Mas, devido a problemas de saúde decorrentes da própria idade, três delas não conseguiram permanecer até o final do período de coleta de dados, que durou quatro meses. Comecei por entrevistar cada uma das participantes individualmente. Na sequência, nós nos reunimos em um grupo focal em sete encontros quinzenais. Ao término desses encontros, fiz uma entrevista final com as quatro participantes que conseguiram permanecer até o final da coleta de dados. Diante dos dados coletados, retornei às questões norteadoras da pesquisa a fim de analisar o conteúdo selecionado a partir dos depoimentos das participantes.

Com base nos objetivos da pesquisa, buscamos analisar os dados com o intuito de compreender a relação existente entre experiência sociocultural simbólica através de expressões artístico-culturais e repertório sociocultural adquirido, bem como aspectos subjetivos e intersubjetivos envolvidos nesse processo de letramento literário das idosas participantes do projeto. Do mesmo modo, observamos a influência dos diferentes contextos sócio-históricos sobre as vivências dessas experiências ao longo da trajetória das participantes, bem como a relevância de continuar a acessar novas experiências socioculturais na terceira idade.

Vale recordar que o conceito de experiência defendido nesta tese não é propriamente apenas um fato que nos acontece (BONDIA, 2002), um acontecimento do qual somos protagonistas, mas também uma experiência de natureza sociocultural simbólica mediada por obras de expressão artística. Ao usufruir dessas obras de natureza ficcional, estética e poética, nas quais há um conteúdo harmonicamente ordenado, que transmite uma mensagem, podemos

experimental, ainda que indiretamente, experiências que talvez não teríamos na nossa realidade, ou ainda, experiências que podem se assemelhar àquelas vivenciadas por nós. Além disso, as experiências simbólicas nos ajudam a voltar o olhar para nós mesmos e refletir sobre nossa condição existencial, ajudando-nos a compreender o outro e o mundo à nossa volta. Nessa construção de sentido, estabelecemos relações constantes entre o universo ficcional e o real através das memórias evocadas pela experiência simbólica.

Foi com base nesse conceito de experiência que propusemos conhecer e analisar as vivências socioculturais passadas das senhoras participantes da pesquisa, assim como oferecer a elas algumas experiências socioculturais simbólicas mediadas por um repertório escolhido especialmente para esse grupo de mulheres idosas, partilhado nos encontros do grupo focal. Partimos do pressuposto de que cada uma das participantes, com sua trajetória de vida, vem construindo um repertório artístico-cultural proveniente de suas experiências socioculturais. Compreendemos tal construção como um processo contínuo e circular que se configura em uma forma de letramento literário ao longo da vida. Vivenciar experiências socioculturais simbólicas através da arte é também uma forma de se ter acesso a novas e diferentes experiências.

Nessa perspectiva de um letramento literário que abrange todos os tipos de vivências socioculturais envolvendo a arte, vale lembrar que os conceitos de literatura e de leitura também são ampliados, não se restringido somente às produções escritas. Assim, levamos em consideração produções artístico-culturais provenientes da oralidade, da música, das imagens (audiovisual) e da escrita. Contudo, para os encontros do grupo focal, optamos por selecionar obras que se caracterizassem pela sua natureza narrativa. Desse modo, essas obras representariam experiências vivenciadas por seus respectivos personagens com as quais as participantes da pesquisa poderiam se identificar. Ao escolher as obras artístico-literárias para mediar as conversas do grupo focal, a expectativa era de que as participantes, visando construir sentido para essas obras, pudessem recuperar lembranças de experiências passadas que lhes foram significativas e que também pudessem ampliar seu repertório de experiências socioculturais simbólicas, criando assim novas referências sociais.

Logo, quando se pensa em experiência sociocultural mediada pela arte, compreendemos que essa relação faz parte da nossa existência. A arte é uma expressão unicamente humana que nos distingue das demais criaturas da natureza, assim como distingue nossa habilidade de organizar os fatos narrativamente. Para Costa (2023, n.p.), “a faculdade da memória é capaz de conceder ao ser humano o conhecimento e a consciência temporal, isto é, permite-lhe compreender a si e ao mundo que o cerca como seres que se degeneram ao longo do tempo”. Como expressão da nossa humanidade, acreditamos que a arte teria o potencial de nos

aprofundar no conhecimento da natureza humana. O que defendemos como experiência sociocultural simbólica seria esse contato sensível e significativo com as mais diversas manifestações artísticas que têm o potencial de nos mover, nos inquietar, nos transformar e nos fazer voltar para nós mesmos com outro olhar. Na sequência, apresentamos os resultados revelados a partir das análises do conteúdo coletado na entrevista inicial.

Primeiramente, analisamos os dados referentes às experiências socioculturais vivenciadas na infância e na adolescência pelas voluntárias da pesquisa. Nessa primeira fase, os dados levantados na entrevista inicial apontaram para experiências predominantemente centradas em práticas culturais de natureza oral e coletiva, envolvendo basicamente os círculos familiares e de amizades. As memórias dessa época são permeadas de saudosismo e afeto. Mais do que o compartilhamento de histórias, cantigas, versos, brincadeiras, entre outros, elas recordaram os vínculos afetivos que uniam e reuniam as pessoas nessas práticas socioculturais.

Observamos que o contexto sócio-histórico teve grande influência sobre o estilo de vida e as práticas socioculturais vivenciadas na infância e no início da adolescência, pois a maioria delas são provenientes da zona rural ou de pequenas cidades. Vale lembrar que essa época remete a meados do século XX, quando a energia elétrica ainda não era acessível, principalmente na zona rural, e as famílias eram bem mais numerosas. Os depoimentos das participantes mostraram que a prática de contação de histórias, de cantigas e de brincadeiras de roda era a forma que as pessoas costumavam encontrar para se distrair e passar o tempo.

Quanto à avaliação que elas fazem das experiências vivenciadas no projeto de extensão UATI/CEVITI, destaca-se o valor dos laços afetivos construídos nas interações sociais, pois para muitas delas, o ambiente do projeto é comparado ao ambiente familiar. Vale lembrar que essas senhoras pertencem a uma mesma geração e que vivenciaram contextos sócio-históricos muito semelhantes. Logo, suas práticas socioculturais eram predominantemente coletivas, e isso reforça o caráter de familiaridade expresso por elas em relação às vivências experimentadas no CEVITI.

Passando para os dados coletados durante os encontros do grupo focal, a análise foi dividida em três partes. Na primeira delas, referente ao primeiro e ao segundo encontro, foi abordado o impacto do isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19 nas vidas das voluntárias, em contraposição aos relatos de algum acontecimento significativo rememorado a partir de algum objeto de recordação relacionado à participação no projeto CEVITI. Refletimos sobre o impacto dos dois anos de suspensão das atividades do projeto, avaliando sua importância como um espaço, ao mesmo tempo, de inserção e de interação social para as voluntárias. O fato de o grupo participante da pesquisa estar inserido em um grupo maior, que

é o projeto de extensão UATI/CEVITI, sem dúvida nenhuma favoreceu o bom êxito deste estudo, pois já existia entre as senhoras um senso de pertencimento e engajamento em relação a essa comunidade de interação. Isso se refletiu em uma maior coesão do grupo, permitindo com que elas se relacionassem com mais cumplicidade e espontaneidade durante os encontros do grupo focal.

Os depoimentos das voluntárias indicaram que o ambiente do projeto se configura mais do que um espaço de sociabilidades. Elas revelaram que se sentem acolhidas e valorizadas, e esse sentimento gera nelas um forte senso de pertencimento ao grupo. Esse aspecto inclusive pode ser comprovado pela longa permanência delas no projeto, uma vez que algumas participam há mais de vinte anos. Além da relevância do projeto como um lugar que oferece atividades diversificadas de ensino e lazer para a pessoa idosa, sobressaiu nos depoimentos das senhoras um caráter terapêutico do projeto, no sentido de que ele ajuda muitas das participantes a superar bloqueios do passado, descobrir habilidades ocultas, curar estados emocionais fragilizados e manter um certo equilíbrio psicoemocional. Tudo isso indiretamente por meio dos relacionamentos interpessoais e das atividades desenvolvidas.

A segunda parte da análise dos dados do grupo focal é referente ao terceiro e ao quarto encontro. No terceiro, as participantes tiveram uma experiência de leitura com um livro de imagens e, no quarto, uma experiência com uma narrativa escrita e outra audiovisual. Na ocasião da leitura do livro de imagens, foi gratificante observar que, apesar de a experiência ter sido inédita e até causar um certo estranhamento, devido ao alto grau de abertura interpretativa que o livro de imagens favorece, as voluntárias construíram sentidos e fizeram conexões entre a obra e suas experiências pessoais, respondendo positivamente aos objetivos da pesquisa. Nas análises feitas pelas participantes, observamos que essa experiência de leitura, de modo geral, levou-as a fazer um exercício de reflexão e introspecção sobre o tema abordado pela história, assim como a fazer, espontaneamente, associações com as experiências vivenciadas no projeto.

No quarto encontro, observamos que, a partir da leitura e construção de sentido sobre as narrativas propostas, as senhoras fizeram análises críticas refletindo sobre os relacionamentos amorosos motivados por interesse e sobre o preconceito contra os relacionamentos com mulheres na terceira idade. Além das discussões, elas também recordaram outras histórias de humor que abordavam temas semelhantes aos das narrativas compartilhadas no encontro. Esse exercício de construção coletiva de sentido a partir dos textos ficcionais compartilhados em grupo revelou que a leitura foi além dos textos, pois as participantes buscaram referenciais passados para reafirmar seus posicionamentos pessoais, recorrendo tanto às suas memórias enciclopédicas quanto às biográficas.

Finalizando a terceira e última etapa do conteúdo do grupo focal, analisamos os dados do quinto, sexto e sétimo encontros. No quinto encontro, a partir das leituras de poemas de Cora Coralina, analisamos os relatos das participantes envolvendo as memórias culinárias e observamos que essa experiência literária motivou as participantes a construírem quadros de referência por meio da linguagem utilizada nos textos. As memórias relatadas por elas seguiram um modo de narrar que se assemelhou ao estilo dos poemas compartilhados no grupo. Nesse sentido, podemos dizer que a leitura literária dos poemas produziu não apenas uma abordagem temática, mas também se mostrou na forma como as memórias dessas senhoras vieram à tona e no próprio tecido da linguagem usada por elas para contar suas histórias.

No sexto encontro, compartilhamos três canções que remetiam ao universo sociocultural nordestino, abordando os temas da seca, das festas juninas e das feiras livres. As voluntárias se identificaram com as canções e recordaram várias experiências socioculturais vivenciadas por elas no passado ou então relatadas por terceiros. Nos relatos das senhoras, observamos que elas não simplesmente contavam, narrando uma sequência dos fatos, mas com frequência se detinham aos acontecimentos, analisando as ações e os comportamentos das pessoas envolvidas nessas experiências socioculturais. No que diz respeito às canções recordadas por elas, que remetiam a acontecimentos marcantes do passado, curiosamente, as quatro participantes se lembraram de canções ligadas às festas juninas. Provavelmente, porque essa manifestação cultural evoca memórias felizes de momentos festivos comemorados entre familiares e amigos.

No sétimo encontro, propusemos três tipos diferentes de obras artístico-literárias, abordando as seguintes temáticas: relacionamentos conjugais e divisão de tarefas domésticas e de responsabilidades entre os casais. O objetivo foi observar as mudanças que ocorreram de uma geração para outra ao longo da história de cada participante. A partir das obras compartilhadas, surgiram reflexões sobre os comportamentos dos casais, relatos de experiências pessoais e análises críticas sobre as mudanças culturais que ocorreram ao longo do tempo nessas áreas da vida.

Esse exercício de olhar para trás e comparar o passado com o presente é muito importante para reinventar o futuro. Talvez, elas nunca tenham enxergado suas histórias de vida por esse viés. As memórias das experiências vivenciadas por elas e revisitadas através da leitura parecem ter sido bastante significativas, pois suscitaram sentimentos positivos e, ao mesmo tempo, lhes possibilitaram refletir sobre os acontecimentos passados. De modo geral, ao recorrer às lembranças pessoais do passado, observamos uma confluência de recordações que apontam um caráter coletivo das memórias. Na reconstrução das experiências socioculturais

passadas, as memórias das voluntárias pendem mais para a vida social e para os relacionamentos interpessoais do que para a individualidade de cada uma delas.

Após o término dos encontros do grupo focal, fiz uma nova entrevista com as senhoras que haviam permanecido até o final da coleta de dados da pesquisa, a fim de saber como elas avaliavam esses encontros, nos quais compartilhamos algumas obras de natureza artístico-literária. Nessa entrevista final, perguntei sobre as lembranças que elas guardaram dos nossos encontros, das obras com as quais mais tinham se identificado ou não e como foi para elas a experiência de compartilhar essas obras em grupo. O acréscimo desse recurso de coleta de dados foi relevante para conhecer, da parte das participantes da pesquisa, como elas enxergaram a metodologia que lhes foi proposta. Assim, nada mais justo do que trazeremos também as vozes dessas senhoras para complementar as considerações deste trabalho.

De modo geral, o aspecto que mais sobressaiu nessas experiências socioculturais simbólicas foi o potencial evocatório das obras compartilhadas. As quatro participantes apontaram que o que mais lhes agradou foi a possibilidade de relembrar suas vivências do passado. Cada uma com um viés particular, remetendo a acontecimentos pessoais que elas vivenciaram, mas ao mesmo tempo com vários pontos em comum, levando em consideração um contexto sócio-histórico semelhante. Dona Lurdes, por exemplo, ao explicar por que essa experiência foi importante, recorda-se de uma brincadeira específica da sua infância para ilustrar esse valor: “A experiência foi ótima. [...] Importante porque a gente lembrou, né, fia?! [...] A casa, as brincadeiras, né?! Que a gente fazia de roda, né?! Que antigamente a gente fazia roda, cada qual jogava um verso, né?! Aquilo era pra gente é a maior alegria, né?!” Memórias como essa de dona Lurdes remontam a um passado simples, mas com muitos momentos alegres e significativos para ela, que se constituem como repertórios culturais de uma época e de um determinado contexto social.

Dona Elisabete considerou essa experiência de relembrar o passado através das obras artístico-literárias como um aprendizado: “Eu falo que foi um aprendizado que a gente puxou pela mente da gente alguma coisa, né?! Aquelas histórias mesmo antigas da época que a gente era jovem que nós fomos lembrando tudo”. Do mesmo modo, dona Lau apontou para esse aspecto, porém complementando que essa experiência, além de ajudá-la a lembrar, também a ajudou a refletir e analisar o seu passado:

Ah, foi bom. Isso também foi assim uma coisa que me ensinou eu a relembrar o meu passado, né?! É assim desde a música, das história até do trabalho. Assim, mesmo que o trabalho foi bem recente, mas é, ajudou eu descobrir também que não foi só o trabalho, mas que foi uma coisa assim além do trabalho financeiro que eu adquiri. (Depoimento de dona Lau)

Nesse depoimento, ao relatar a experiência dos encontros, dona Lau revelou ter mudado de visão sobre o seu trabalho. Vale lembrar que ela trabalhava na feira, e conseguiu perceber a dimensão sociocultural do seu trabalho, analisando os relacionamentos interpessoais a partir da canção “Feira de Mangaio”.

Também dona Maria do Carmo reforçou o caráter inter-relacional entre as experiências compartilhadas no grupo focal e as memórias do passado: “Foi muito interessante, que realmente, eu lembrei de muita coisa do passado. Foi muito interessante. Por exemplo, São João, né, que a música está aqui. As coisas, as comida de São João, né?!” Das muitas memórias que foram afloradas, ela destacou nessa fala a comemoração da festa de São João, remetendo à música “Festa do Interior”, quando disse “que a música está aqui”, indicando uma das obras que compôs o repertório dos encontros.

Além de destacarem a importância de relembrar o passado por intermédio das obras propostas, as senhoras também fizeram alguns comentários avaliando a própria metodologia dos encontros. Dona Elisabete, por exemplo, conseguiu perceber um diferencial importante considerando o trabalho em grupo. Ela destacou o papel que as colegas desempenharam em complementar e desencadear as memórias umas das outras:

Porque quando a gente lembra de uma coisa, a outra [participante] também fala: “ai, eu vivi a mesma coisa, eu passei”. Então foi uma boa experiência que a gente relembrou junto, né?! A gente, o que uma falava, a outra estava por dentro igual. Tudo que eu lembrei da minha vida ali, Lau mesmo falava assim: “ah, eu também lembro”. (Depoimento de dona Elisabete)

Analisando esse relato, observamos que nessas conversas as senhoras foram recuperando memórias coletivamente, na maioria das vezes por processos de identificação, mas também, às vezes, por processo de diferenciação. Dona Elisabete declarou ter gostado dessa experiência de “relembrar junto”. Provavelmente, essa prática de ouvir as memórias umas das outras, de conversar, comparar e analisar as experiências passadas, contribuiu para que elas pudessem ressignificar partes de suas respectivas histórias.

Dona Maria do Carmo analisou sua experiência pessoal de leitura. Ela demonstrou ter gostado de ser desafiada a ler e interpretar as obras que ficavam para a leitura de casa:

*Olha, eu aprendi... apesar de que eu gosto de lê. Mas eu aprendi que eu tenho que lê mais. Tem que lê mais. E quando você dava alguma coisa, o material lá. Eu chegava aqui, tinha aquele interesse de lê. De lê mesmo. Vou lê porque ela vai perguntá e eu quero falá alguma coisa. Então isso é interessante, né?!
(Depoimento de dona Maria do Carmo)*

Através desse depoimento, observamos que dona Maria do Carmo se sentia instigada a fazer as leituras que ficavam para casa, ela se preocupava em se preparar para melhor participar dos encontros. Essa resposta de modo espontâneo da parte dela é muito gratificante, pois revelou seu envolvimento com a pesquisa, expressando um senso de compromisso em participar dos encontros.

Retomando o objetivo geral da pesquisa, e com base no que foi revelado pelos dados analisados, constatamos, inicialmente, que o repertório literário das participantes da pesquisa está para o tipo de experiência sociocultural assim como a experiência sociocultural está para o contexto sócio-histórico no qual elas viveram na infância e na adolescência. Logo, elas possuem um repertório literário e cultural proveniente, em grande parte, de experiências socioculturais coletivas, orais e extraescolares. Nos seus repertórios pessoais, identificamos causos, contos populares universais e regionais, canções, poemas, festas típicas regionais, enfim, uma grande variedade de manifestações culturais, em sua maioria transmitidas oralmente.

Toda essa trajetória de experiências socioculturais veio à tona a partir de novas experiências mediadas por obras artísticas-culturais, que, segundo a abordagem adotada, revelam outras formas de letramento literário. Vale recordar que esse conceito, no contexto desta pesquisa, não se reduz ao texto escrito. Defendemos letramento literário como uma série de práticas socioculturais que mobilizam diversas formas de expressão artístico-culturais – orais, verbais e visuais – e que compõem o repertório cultural de uma pessoa. As práticas que formam tal repertório pessoal não seguem uma hierarquia ou escala de valores. Elas vão se agregando umas às outras, em um movimento circular, a partir das diferentes experiências socioculturais vivenciadas ao longo da vida. Essas experiências são muito importantes como referenciais sociais construídos individual ou coletivamente, pois muitos deles ficam registrados na memória, e assim se tornam parte da nossa identidade cultural múltipla.

No que diz respeito aos aspectos subjetivos e intersubjetivos envolvidos nesse processo de letramento literário das participantes da pesquisa, seus depoimentos revelaram que essas experiências socioculturais envolviam, predominantemente, o universo familiar e de amizades. Por essa razão, os vínculos afetivos são fortemente marcantes em suas memórias. As vozes que contavam ou liam histórias, que cantavam ou declamavam versos eram as vozes dos pais, tios/tias, irmãs mais velhas e amigos próximos. Fica perceptível em seus relatos, muitas vezes,

que, ao falarem das suas impressões pessoais sobre essas experiências socioculturais, as voluntárias costumavam remeter a todo o contexto e às pessoas envolvidas, demonstrando satisfação e alegria ao recordar o passado.

Quanto à proposta do grupo focal, que era a de mediar os encontros através de obras artístico-literárias, buscamos avaliar como novas experiências socioculturais simbólicas poderiam contribuir para o processo de letramento literário da pessoa idosa. Observamos que essa proposta foi muito bem aceita pelas participantes da pesquisa. O repertório para mediação dos encontros foi pensado com todo o cuidado para que as voluntárias tivessem afinidade com as obras e seus respectivos temas, e assim se sentissem mais à vontade para se expressar em grupo. Houve um alto índice de identificação entre as senhoras e os temas abordados nas obras. Através da leitura e da construção de sentido experimentada por meio delas, verificamos que memórias iam surgindo, algumas evocadas espontaneamente e outras instigadas por perguntas. Por sua vez, reflexões iam sendo levantadas sobre essas lembranças, fazendo com que memórias do passado fossem elucidadas à luz do presente. A partir desse exercício de criar diferentes representações do passado, novas perspectivas de futuro também podem ser idealizadas.

O grupo como elemento recordador do passado, sendo pertencente a um contexto sócio-histórico semelhante, também foi muito importante, pois através da interação e da reflexão entre as participantes, o modo como elas enxergavam suas vivências passadas foi sendo ressignificado. Além disso, o acesso a novas experiências socioculturais através de obras artístico-literárias possibilita à pessoa idosa vivenciar indiretamente acontecimentos artísticos e ficcionais, que favorecem a criação de novas memórias a partir desses referenciais sociais simbólicos, e assim renovam e ampliam seu repertório sociocultural através dessas experiências artístico-literárias.

Ao término desta pesquisa, pensamos ter contribuído para aprofundar os estudos relacionados ao letramento literário na terceira idade, compreendendo que se trata de um processo contínuo, que ocorre através das experiências socioculturais vivenciadas simbolicamente ao longo da vida. Nesse sentido, oportunizar às pessoas idosas diferentes experiências socioculturais coletivas mediadas pela arte é uma forma de motivá-las a gerar novas vivências e memórias. Assim, ao renovar suas referências sociais, elas podem deixar de olhar somente para os acontecimentos passados e passam a vislumbrar a possibilidade de continuar construindo um futuro. A fase da velhice não deve ser um período de estagnação e retrocesso. Ao contrário, é preciso continuar a viver, compreendendo que toda a vida é um processo de *vivelhecer*.

As participantes deste estudo fazem parte de um grupo muito distinto. Elas não só viveram a passagem de um século ao outro, como também participaram das principais mudanças sociais e tecnológicas dos últimos tempos, e isso lhes confere uma rica e diversificada experiência de vida. Da infância até a velhice, as experiências socioculturais relatadas por essas senhoras revelaram que suas vivências artístico-culturais ajudaram a formar memórias afetivas que afloram com muita suavidade, alegria e ternura. Esse aspecto nos leva a concluir que a arte através da experiência lúdica, estética e ficcional teria realmente um potencial de nos ajudar a manter um equilíbrio psicoemocional, conforme indicou Candido (2004). Pensando especificamente no público da terceira idade, ainda há um vasto campo a ser investigado, principalmente no que diz respeito a alternativas para melhorar a qualidade de vida no âmbito psicoemocional da pessoa idosa. Enfim, acreditamos que a experiência sociocultural mediada pela arte possa apontar um caminho.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, vol.1).

BENSON, Herbert. A fé cura. In: **Medicina espiritual**. Tradução de Marly Winckler. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução de Paulo Neves. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n.19. p.20-28, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. Narrativas sensíveis sobre grupos fragilizados. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, abr. 2014.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 10.741 de 1 de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 04 nov. 2020.

BRASIL. Secretaria Geral. **Lei altera o nome do estatuto do idoso para estatuto da pessoa idosa**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/noticias/2022/julho/lei-altera-o-nome-do-estatuto-do-idoso-para-estatuto-da-pessoa-idosa#:~:text=A%20medida%20contribui%20para%20refletir,a%20essa%20parcela%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 12 set. 2023.

BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias: direito, literatura, vida**. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CACHIONI, M. Universidade da Terceira Idade: história e pesquisa. **Revista Kairós Gerontologia**, v.15, n. Especial 14, p. 01-08, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/15225>. Acesso em: 15 mar. 2024.

CACHIONI, M.; NERI, A. L. Educação e velhice bem-sucedida no contexto das Universidades da Terceira Idade. In: NERI, Anita Liberalesso; YASSUDA, Mônica S. **Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos**. Campinas: Editora Papyrus, 2004. p. 29-49.

CACHIONI, M.; ORDONEZ, T. N.; BATISTONI, S. S. T.; LIMA-SILVA, T. B. Metodologias e Estratégias Pedagógicas utilizadas por educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 81-103, jan./mar. 2015. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 15 mar. 2024.

CADEMARTORI, Ligia. **Para pensar o livro de imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, s.d. Disponível em: <https://bit.ly/3CirojH>. Acesso em: 05 jul. 2023.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária**, n. esp., p. 81-89, 1999. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001022230>. Acesso em: 16 mar. 2024.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

CARADEC, Vincent. Da terceira idade à idade avançada: a conquista da velhice. In: GOLDENBERG, Mirian. **Velho é lindo!**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 11-38.

CHRISTIN, Anne-Marie. A imagem enformada pela escrita. In: ARBEX, Márcia. (Sel. e Org.). **Poética do visível: ensaios sobre a escrita e a imagem**. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras, UFMG, 2006. p. 63-105.

COHEN-SOLAL, Julien; GOLSE, Bernard. **No início da vida psíquica: o desenvolvimento na primeira infância**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

COSTA, Daiane Rodrigues. Memória, tempo e conhecimento em Agostinho de Hipona. **Sofia**, v.12, n. 02, p. 1-15, dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/41967/29104>>. Acesso em: 16 mar. 2024.

COSSON, Rildo. Letramento literário: uma localização necessária. **Letras & Letras**, Uberlândia, MG, v..31, n. 03, p. 173-187, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/30644/16712>. Acesso em: 04 nov. 2020.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

CUCHE, Denys. A identidade multidimensional. In: **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999. p. 192-202.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRANÇA, Marinez José de Souza. **UATI CEVITI: práticas educativas e culturais no movimento da Terceira Idade**. São Paulo: Opção Editora, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 32. ed. São Paulo: Cortez, 1996 – Coleção Questões de Nossa Época: v. 13.

GALUCHO, Isabel. **Fotonovela**. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/fotonovela>. Acesso em: 13 fev. 2024.

GALVÃO, Ana Maria O. Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do cordel (1930-1950). **Educação e Sociedade**, Campinas, v.23, n. 81, p.115-142, dez. 2002.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GEE, James Paul. Literacy crisis and the significance of literacy. In: **Social Linguistics and literacies: Ideology in discourses**. 3. ed. London: Routledge, 2008. p.31-49.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões sobre a terra no Exterior). In: SOVIK, Liv (Org). Tradução de Adelaine La Guardia Resende. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003. p. 25-50.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeção da população por sexo e idades, em 1º de julho - 2010/2060**. 2020. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Projecao_da_Populacao/Projecao_da_Populacao_2018/projecoes_2018_populacao_2010_2060_20200406.ods. Acesso em: 18 set. 2022.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2022 – IBGE**. 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 09 abr. 2024.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Vol. I. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

JOUBE, Vicent. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. (Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. Tradução de Amaury C. Moraes ... [et al.]. São Paulo: Alameda, 2013. p. 53-65.

LANGER, Judith A. **Pensamento e experiência literários: compreendendo a Ensino de literatura**. Tradução de Luciana Lhullier Rosa e Maria Lúcia Bandeira Vargas. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

LANGLADE, Gérard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. (Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. Tradução de Amaury C. Moraes ... [et al.]. São Paulo: Alameda, 2013. p. 25-38.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Tradução de Jovita Maria G. Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Humanitas; UFMG, 2008.

LIMOEIRO, Beatrice Cavalcante. O envelhecimento e as mudanças no corpo: novas preocupações e velhas angústias. In: GOLDENBERG, Mirian. **Velho é lindo!** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 107-131.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Ana Maria. **Ilhas no tempo: algumas leituras.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça.** Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

MARINHO, Marildes. Letramento: a criação de um neologismo e a criação de um conceito. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G.T. (Org.). **Cultura escrita e letramento.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. p. 68-100.

MATTOS, C.L.G. Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil. In: MATTOS, C.L.G.; CASTRO, P.A. (Org.). **Etnografia e educação: conceitos e usos.** Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 25-48.

MIGUEL, Diego Félix. **Processo artístico e terceira idade: oficinas de teatro como estratégia de emancipação da velhice.** 2015, 115 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-07122015-200834/>. Acesso em: 17 jan. 2023.

OMS – Organização Mundial de Saúde. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde.** Tradução de Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

OMS – Organização Mundial de Saúde. **Percentage of total population aged 60 years of over.** 2022. Disponível em: <https://platform.who.int/data/maternal-newborn-child-adolescent-ageing/indicator-explorer-new/mca/percentage-of-total-population-aged-60-years-or-over>. Acesso em: 18 set. 2022.

PAULINO, Graça. **Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares.** Caxambu: ANPED, 1999.

PAULINO, Graça; ROSA, Cristina (Org.) **Das leituras ao letramento literário – 1979-1999.** Belo Horizonte: FaE/UFMG; Pelotas: UFPel, 2010.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PETIT, Michèle. Leitura de obras literárias e construção de si mesmo. In: **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público.** Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2013, p. 39-63.

PRIETO, Liliam Cristina M. **Multiletramentos e (re)inclusão social: convergências entre o cânone shakespeariano e a telenovela na formação crítica do leitor da terceira idade via**

tradução. 2013, 170 f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3997>. Acesso em: 17 jan. 2023.

ROSENBLATT, Louise M. **Literature as Exploration**. New York; London: Progressive Education Association, 1937.

ROUXEL, Annie. O advent dos leitores reais. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. (Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. Tradução de Amaury C. Moraes ... [et al.]. São Paulo: Alameda, 2013, p. 191-208.

SILVA, F. D. E. Políticas Públicas e Direitos dos Idosos. **Examãpaku: Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 1-11, 2008. Disponível em: <http://revista.ufr.br/index.php/examapaku/article/view/1464>. Acesso em: 25 set. 2022.

STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento. In: MAGALHÃES, Izabel (Org.). **Discursos e práticas de letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 69-92.

STREET, Brian. Letramento e mudança social: a importância do contexto social no desenvolvimento de programas de letramento. In: **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TCHEKHOV, Anton Pavlovitch. **A dama do cachorrinho e outros contos**. Tradução de Boris Schnaiderman. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

TODOROV, Tzvetan. O que pode a literatura? In: **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. 3.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010. p. 73-82.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos, **Ponto Urbe**, São Paulo, SP [Online], 11, 2012. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/300>. Acesso em: 21 dez. 2020.

WISNIK, José Miguel. Fase e defasagem - som-ruído. In: **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WISNIK, José Miguel. A Gaia Ciência: Literatura e Música Popular no Brasil. In: **Sem receita**. São Paulo: Publifolha, 2004.

ZUMTHOR, Paul. Memória e comunidade. In: **A letra e a voz: a "literatura" medieval**. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 139-158.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista inicial

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA EDUCAÇÃO E LINGUAGEM

TÍTULO: Letramento Literário como experiência sociocultural: memórias e narrativas entre alunas da universidade aberta para a terceira idade

AUTORA: Cleideni Alves do Nascimento Acco

ORIENTADORA: Maria Zélia Versiani Machado

Roteiro-base das entrevistas

Inicialmente, gostaríamos de agradecer a sua disposição em participar desta entrevista. Sua colaboração é parte importantíssima para o sucesso da pesquisa. Estamos certas de que a senhora tem uma valiosa experiência de vida e ficamos muito gratas por compartilhá-la conosco. Qual a sua preferência: que eu a chame de você ou senhora?

Dados pessoais

- 1) Como você/a senhora se chama?
- 2) Qual é a sua idade?
- 3) Você/ A senhora frequentou a escola? Se sim, por quanto tempo? Que tipo de escola frequentou? (pública ou privada)
- 4) Os seus pais estudaram? Frequentaram a escola?
- 5) Em quais lugares você/ a senhora viveu ao longo da sua vida?
- 6) Você/ A senhora é ou foi casada? Solteira? Viúva?
- 7) Tem filhos? Se sim, quantos?
- 8) Mora sozinha ou com a família?
- 9) Qual é a sua profissão ou ocupação?
- 10) Como e por que você/ a senhora passou a participar do CEVITI?
- 11) Há quanto tempo você/ a senhora participa desse grupo?
- 12) Qual é sua atividade de lazer favorita?

Bloco 1 – Experiências narrativas: memórias de suas vivências literárias

1.1. Na sua infância, alguém contava ou lia histórias para você/ a senhora?

Se sim, quem as contava/lia?

Que tipo de histórias?

Você/ A senhora se recorda de alguma dessas histórias?

Se sim, qual ou quais?

Você/ A senhora saberia dizer a razão pela qual você se lembra dessa(s) história(s) em especial?

1.2. Na sua infância e juventude, você/ a senhora costumava ler histórias?

Se sim, qual ou quais? (histórias em quadrinhos, lendas, contos de fadas entre outros)

Por que você/ a senhora se interessava por esse tipo de história?

- 1.3. Na sua infância e juventude, você/ a senhora costumava assistir TV?
 Se sim, que tipos de programas mais te agradavam? (desenhos animados, séries, filmes, novelas ou algum outro tipo de programa de TV)
 O que te interessava nesse(s) programa(s)?
- 1.4. Você/ A senhora já assistiu ou participou de alguma encenação ou apresentação artística na escola, na família ou entre algum outro grupo social?
 Se sim, poderia dizer qual ou quais?
 Como você/ a senhora avalia essa experiência?
- 1.5. Já na vida adulta, você/ a senhora costumava/costuma contar ou ler histórias para seus filhos, sobrinhos e netos, caso os tenha?
 Se sim, que tipo de histórias você/ a senhora contava/conta ou lia/lê?
 O que você/ a senhora acha desse momento de interação através da contação de histórias?
- 1.6. Atualmente, que histórias fazem parte do seu dia a dia? (telenovelas, filmes, romances, histórias de vida, etc)?
 Você/ A senhora gosta de compartilhar histórias, contando as suas e ouvindo outras?
- 1.7. Ao longo da sua vida, há alguma história que a tenha marcado de um modo especial, evocando memórias importantes da sua trajetória pessoal?
 Se sim, você/ a senhora se sentiria confortável para falar sobre essa história e por que ela é importante para você?

Bloco 2 – Experiências literárias poéticas entre outras

- 2.1. Você/ a senhora memorizava canções ou cantigas de roda na sua infância e juventude?
 Se sim, ainda se lembra de alguma delas?
 Como você/ a senhora as aprendia?
 Em quais situações sociais essas canções/cantigas eram compartilhadas?
- 2.2. Na sua infância e juventude, você/ a senhora sabia versos (poemas) e/ou trovas de cor?
 Se sim, ainda se lembra de algum deles?
 Como você/ a senhora os aprendia?
- 2.3. Você/ A senhora conhece alguns provérbios e/ou ditados populares de memória?
 Se sim, poderia citar alguns que costuma ou costumava usar?
 Você/ A senhora se recorda como os aprendeu?
- 2.4. Você/ A senhora conhece charadas e piadas de cabeça?
 Se sim, gosta de propor charadas ou contar piadas (anedotas)?
 Se lembra como as aprendeu?

Bloco 3 – Experiências socioculturais de letramento literário no CEVITI¹⁶

3.1. Ao longo do tempo que você/ a senhora tem frequentado o projeto de extensão CEVITI, de quais atividades/ cursos participou?

Como você/ a senhora avalia essas experiências coletivas?

3.2. No seu dia a dia, quais atividades você/ a senhora gosta de fazer como distração, relaxamento e aprendizagem?

O CEVITI tem sido para você/ a senhora um espaço de interação social?

3.3. Dentre as diversas atividades ofertadas no CEVITI, qual ou quais são aquelas que mais te agrada(m)?

3.4. Você/ A senhora estaria disposta a participar de um pequeno grupo, no qual vamos compartilhar algumas histórias, conversar e trocar ideias sobre elas?

¹⁶ Campus X – Educação - Vida - Terceira Idade (CEVITI).

APÊNDICE B – Roteiros dos encontros do grupo focal do 3º ao 7º encontro

3º encontro do grupo focal (02/05/2022)

Livro de imagens: *Vazio* (2014) de Catarina Sobral

Introdução

Brainstorm: diga uma palavra que você associa com a palavra *vazio*.

Pedir para que cada uma fale sobre sua experiência de leitura do livro de imagens. O que acharam da leitura de um livro construído somente com imagens/ilustrações?

Leitura descritiva da obra

Pedir para que façam uma leitura coletiva do livro (cada uma lê uma parte, duas páginas), narrando, a partir das imagens em sequência, o que estão compreendendo da história.

Leitura interpretativa da obra

Propor questões que levem as senhoras a refletir sobre a motivação das ações do personagem, os significados das variações de cores, a sequência das imagens, etc. A narrativa se desenrola em ambientes/espacos/situações diferentes.

1. (No espaço da casa) O que faz o personagem diante do espelho? Por que será que ele faz isso?
2. (No consultório médico) O que motivou o personagem a procurar um médico? Como se encontram os personagens na sala de espera? O personagem principal interage com os demais pacientes que estão na sala de espera? O que o médico faz para ajudar o homem? O que ele prescreve? É possível diagnosticar o problema de saúde do paciente?
3. (No mercado) O que se nota na ida do personagem ao mercado? O que faz da ação rotineira de ir ao mercado diferente das outras ações em outros ambientes? Como isso é revelado através das cores? Qual o significado das cores para o homem que se sente *vazio*?
4. (No parque) O que o personagem busca no parque para preencher o seu *vazio*? Como vocês tiraram essa conclusão? Ele alcança o seu objetivo?
5. (Na exposição de arte) Ele encontra algum sentido no seu contato com a arte (pintura)? Esse sentido é duradouro? Por que não?

6. (Em contato com pássaros na natureza) Quando o personagem começou a se interessar por pássaros? Ele abandona os pássaros ou os pássaros o abandonam? Em que momento isso acontece?
7. (Na rua na estação do inverno) Que relação seria possível estabelecer entre o personagem e a página em branco? Haveria uma identificação entre o personagem e a paisagem do inverno?
8. (Na rua no encontro com outras pessoas) Surge na história outro personagem, quais são suas características físicas? Quando eles se chocam acontece algo? O que você observou nesse acontecimento?
9. (Na rua, a ruptura ou a mudança) Após o encontro, percebe-se alguma alteração nos personagens? Qual? Como se comporta o homem após o encontro? O homem parece seguir seu caminho da mesma forma de sempre, mas ao final da história algo acontece. O que você observou?
10. Compare todas as buscas que o personagem fez para preencher o seu vazio com a última mudança que ocorreu. Há diferença entre elas? Se sim, quais seriam?

Dando continuidade à história...

Essa é uma história que deixa o final em aberto. A partir do despertar do personagem principal, que sequência você daria para a história?

Refletindo sobre a obra...

Este livro de imagens, que aparentemente parece ser infantil, te trouxe alguma reflexão sobre a vida e sobre o que pode dar sentido a ela? Você poderia falar sobre isso?

4º Encontro GF (23/05/2022)

Conto: *Quase ela deu o “sim”; mas...* (Lima Barreto)

Vídeo: história de cordel *A história do irmão João* (Toinho de Aripibu)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6XHmWj-DLfE>

Introdução

- 1) Leitura oralizada do conto pela mediadora do grupo;
- 2) Na sequência, passar o vídeo do cordel;
- 3) Pedir que as participantes falem sobre os protagonistas, Cazu e irmão João. Perguntar se elas enxergam semelhanças e diferenças entre eles.

Roteiro para a conversa sobre os textos

I. Sobre os enredos:

1. Do que se trata o conto/ o vídeo (cordel)?
2. Como são retratados o homem e a mulher no conto e no vídeo? O que acham dessas visões estereotipadas (sobretudo no vídeo) da mulher escolhida pelo homem que quer se casar?
3. Como é caracterizada a mulher idosa no vídeo?

II. Sobre os personagens:

4. Recordando as características da personalidade do seu Cazu, qual é o seu objetivo de vida?
5. Recordando as características do irmão João, qual é o seu desejo?
6. O seu Cazu tem algo em comum com o irmão João? Se sim, o que seria?

III. Sobre os desfechos das histórias:

7. O que você achou do final de cada uma das histórias? Você esperava desfechos diferentes desses?
8. O que você achou da atitude da dona Ermelinda? Ela fez o que era esperado de uma mulher para aquela época?
9. Por que o irmão João não ficou satisfeito quando seu pedido foi atendido? Você acha que ele está certo? A velha representada com humor no vídeo representa a velhice na atualidade?

IV. Sobre a relação das narrativas com a vida, com as experiências pessoais das participantes

10. Quem aqui costumava ler/ ouvir histórias de cordel? Se lembra de alguma delas?
11. Ao ler, ouvir e assistir essas histórias, você teve alguma memória despertada? Já passou por situações semelhantes? Se sim, poderia relatar essa história pessoal?

5º Encontro GF (06/06/2022)

Poema: *Antiguidades* (Cora Coralina)

Vídeo: Encenação do poema *Antiguidades* – Cia Lázara de teatro e audiovisual

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=azyK_5kh6N0

Poema: *O prato azul-pombinho* (Cora Coralina)

Introdução

- 1) Iniciar falando brevemente sobre a trajetória da poetisa Cora Coralina;
- 2) Passar o vídeo com a encenação do poema *Antiguidades*;
- 3) Falar resumidamente sobre a história *O prato azul-pombinho* e mostrar as imagens em Powerpoint.

Roteiro para a conversa sobre os textos

I. Sobre o enredo:

4. As duas histórias retratam memórias da infância de Cora Coralina. Observando-as, como as crianças eram tratadas naquela época?
5. Um poema conta a história de um prato-alimento e o outro de um prato-utensílio, o que podemos identificar em comum nas duas histórias?

II. Sobre os personagens:

6. A narradora-personagem usa vários adjetivos para descrever outras personagens e coisas. Na visão dela, como era: o bolo; as visitas; D. Joaquina Amâncio.

III. Sobre o desfecho das histórias:

7. Em ambas as histórias, a narradora relata finais pouco favoráveis ao que ela esperava. Quais eram suas expectativas para o desfecho de cada história?

IV. Sobre a relação das narrativas com a vida, com as experiências pessoais das participantes:

8. Pedir para que cada participante conte uma história do seu passado que envolva um prato (alimento) como um evento social.

6º Encontro Grupo Focal (20/06/2022)

Canções: *Asa Branca* - disponível em: <https://youtu.be/zsFSHg2hxbc> (migração devido a estiagem)

Festa do interior – disponível em: <https://youtu.be/fb2idIrRe3M> (comemoração das festas juninas)

Feira de mangaio – disponível em: <https://youtu.be/3913APj59rg> (típica feira nordestina)

Introdução

1. Iniciar o encontro falando sobre o papel da música nas nossas experiências socioculturais, como ela nos ajuda a recordar de momentos significativos ao longo da vida e de como as letras das músicas podem retratar contextos históricos e regionais;
2. Passar os vídeos das canções selecionadas um de cada vez e propor algumas questões na sequência.

Roteiro para a conversa sobre as canções e os seus temas

I . Sobre os temas das canções:

1. Quais os temas que são tratados em *Asa Branca*?
2. Quem pode ser Rosinha em relação ao eu-lírico?
3. O que significa “Quando o verde dos teus olhos se espalhar na plantação”?
4. Há um desejo de retorno para o sertão por parte do eu-lírico? Como ele expressa isso na música?
5. Vocês já vivenciaram situações como essas retratadas na letra de *Asa Branca* que expressa a realidade do povo do sertão nordestino? Gostariam de relatá-las para nós?
6. A qual festa típica a música *Festa do interior* se refere?
7. Quais características da festa são mencionadas? O que há nessa festa?
8. Na estrofe abaixo, a letra da música faz uma comparação. Explique qual é a comparação e qual as diferenças entre os dois eventos comparados.

Bombas na guerra-magia

Ninguém matava, ninguém morria

Nas trincheiras da alegria

O que explodia era o amor

9. As festas do interior estão presentes nas nossas lembranças afetivas através de vários sentidos. Desde aos ligados às comidas típicas e seus sabores, às danças, às brincadeiras, até aqueles que envolvem o corpo todo no convívio com amigos e familiares. De que modo a música desperta esses sentidos adormecidos em vocês?
10. A canção *Feira de mangaio* trata sobre quais aspectos da cultura popular?
11. Vocês sabem o que significa mangaio?
12. Alguns dos produtos que estavam à venda revelam aspectos da vida cotidiana no passado (fumo de rolo, arreio de cangaia, cabresto de cavalo e rabichola, pavio de candeeiro e panela de barro). Que aspectos da vida esses produtos revelam?
13. O que havia e o que acontece no canto da rua, segundo a música?
14. Os alimentos e seu ciclo produtivo desde o plantio até a comercialização diz muito da nossa terra. As feiras reúnem não só os produtos, mas toda uma cultura alimentar de um povo nas trocas, não só comercial, marcadas por encontros, relacionamentos, ensinamentos... Que vivências vocês tiveram nesses espaços sociais no passado?

II. Sobre a relação da música com a vida, com as experiências pessoais das participantes:

1. Pedir para que citem e falem de alguma cantiga ou canção que tenha relação com a história de vida delas e porque se tornou uma memória afetiva.

7º Encontro Grupo Focal (04/07/2022)

Poemas: *Ensino* e *Casamento* (Adélia Prado)

Disponível em: <https://poesiaspoemaseversos.com.br/adelia-prado-poemas/>

Canção: *Valsinha* (Chico Buarque e Vinícius de Moraes)

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MPY9_-M2HX8

Curta-metragem: *O sonho impossível?*

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dKSdDQqkmlM&t=4s>

Introdução

3. Iniciar falando brevemente sobre a biografia da poeta Adélia Prado. Introduzir os seus poemas através da leitura oralizada. Na sequência, propor algumas questões para que as senhoras falem;
4. Passar o vídeo da canção *Valsinha*. Apresentar questões sobre a letra e em seguida incentivá-las a estabelecer alguma(s) relação(ões) com os poemas de Adélia Prado;
5. Passar o curta-metragem *O sonho impossível?* e na sequência fazer alguns questionamentos sobre a temática do vídeo. Por fim, propor que elas estabeleçam algumas relações entre os poemas, a canção, o curta e a vida.

Roteiro para a conversa sobre as obras artístico-literárias

I. Sobre o(s) tema(s) dos poemas:

15. Quais os temas que são tratados nos poemas *Ensino* e *Casamento*?
16. “*A coisa mais fina do mundo é o sentimento.*” Qual sentimento? Como esse sentimento é manifestado no poema?
17. Qual seria o “ensino” que o título do poema deixa nas entrelinhas?
18. No poema *Casamento*, limpar os peixes parece ser uma atividade banal da vida do casal. O que torna essa atividade especial?
19. É possível observar uma renovação na relação entre o casal? Aponte em que partes do poema isso fica implícito.
20. Quais sentimentos estariam envolvidos nesse trabalho colaborativo entre o marido e a esposa?
21. Vocês observaram alguma(s) semelhança(s) entre os poemas? Qual(is)?

II. Sobre o(s) tema(s) da canção:

1. A letra da música expressa alguma mudança de rotina? Por parte de quem? Como essa mudança se inicia?
2. Cite como costumava ser a relação do casal antes desse dia que ele chegou diferente?
3. A mulher responde igualmente à mudança de comportamento do homem? Como ela reage?

III. Sobre o(s) tema(s) do curta-metragem:

1. Como é a rotina do casal? Fale sobre as tarefas domésticas. Como elas são divididas? Há uma dupla jornada de trabalho para o homem e para a mulher?
2. Quanto à educação dos filhos, há diferença entre a criação do menino e da menina? Fale sobre o que você observou? Qual a consequência disso no futuro?
3. O título do curta-metragem é um questionamento “*O sonho impossível?*”. Qual seria esse sonho? O que você pensa, ele pode ser possível ou não? Por quê?

IV. Sobre a relação entre as obras artístico-literárias e a vida:

2. Comparando os poemas, a música e o curta-metragem, o que vocês observaram? Quais as semelhanças e diferenças?
3. Comparando as gerações, começando por seus pais, a sua e a dos seus filhos, como a relação conjugal tem se modificado através do tempo? Fale um pouco sobre a sua experiência, se você se sentir à vontade para falar.

O Sonho Impossível?

Curta-metragem de animação produzido em 1983 pelo Studio J. Trnka Kratky Films – República Tcheca. O roteiro é de Tina Jorgenson e desenho e direção de Dagmar Doubkova. A animação é uma coprodução da ONU. O vídeo retrata a triste realidade da maioria das mulheres, que cumprem dupla jornada de trabalho, recebem menos que o marido, educam os filhos para a manutenção das relações culturais patriarcais, mas sonham com a cooperação da família nas tarefas domésticas.

APÊNDICE C – Roteiro da entrevista final

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA EDUCAÇÃO E LINGUAGEM

TÍTULO: Letramento Literário como experiência sociocultural: memórias e narrativas entre alunas da universidade aberta para a terceira idade

AUTORA: Cleideni Alves do Nascimento Acco

ORIENTADORA: Maria Zélia Versiani Machado

Roteiro-base da entrevista final

Essa terceira etapa da coleta de dados visa verificar como as participantes da pesquisa vivenciaram as experiências socioculturais propostas ao longo dos encontros do grupo focal. Para essa etapa, optamos por delimitar a coleta para as participantes que conseguiram ter maior frequência e que chegaram até o final dos encontros.

- 1) A senhora se recorda dos encontros dos quais participou? Poderia me falar sobre o que se lembra? Por qual razão, a senhora se lembra desse(s) encontro(s) especialmente? Saberá dizer?
- 2) Das obras que compartilhamos, entre livros, textos, vídeos e músicas houve alguma com a qual se identificou mais? A senhora poderia explicar a razão?
- 3) Da mesma forma, houve alguma dessas obras que não gostou ou que não achou interessante? Poderia dizer qual foi e por qual motivo?
- 4) A senhora aprendeu algo novo ao longo dos encontros? Se sim, poderia falar sobre isso?
- 5) Como foi para a senhora a experiência de relembrar eventos passados através de obras artística-literárias e compartilhar essas lembranças com as colegas que tiveram experiências parecidas? Qual ou quais dessas memórias a senhora mais gostou de relembrar e compartilhar? Por qual razão?

APÊNDICE D – Termo de autorização de uso de imagem**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, _____,
Portador (a) do Documento de identidade _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a doutoranda Cleideni Alves do Nascimento Acco, sob orientação da professora Dr^a Maria Zélia Versiani Machado, do projeto de pesquisa intitulado “**Letramento literário como experiência sociocultural: memórias e narrativas entre idosas da universidade aberta para a terceira idade**”, a realizar as fotos e/ou vídeos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, LIBERO a utilização destas fotos e/ou vídeos (seus respectivos negativos ou cópias) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor das pesquisadoras da pesquisa, acima especificadas. Por ser a expressão da minha vontade, assino a presente autorização, cedendo, a título gratuito, todos os direitos autorais decorrentes dos depoimentos, artigos e entrevistas por mim fornecidos, abdicando do direito de reclamar de todo e qualquer direito conexo à minha imagem e/ou som da minha voz, e qualquer outro direito decorrente dos direitos abrangidos pela Lei 9160/98 (Lei dos Direitos Autorais). Estou esclarecido(a) que essas imagens só podem ser utilizadas para fins acadêmicos.

Teixeira de Freitas, ____ de _____ de 2022.

Assinatura do(a) participante

APÊNDICE E – Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA EDUCAÇÃO E LINGUAGEM

TÍTULO: Letramento Literário como experiência sociocultural: memórias e narrativas entre alunas da universidade aberta para a terceira idade

AUTORA: Cleideni Alves do Nascimento Acco

ORIENTADORA: Maria Zélia Versiani Machado

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Participantes do programa Universidade Aberta para a Terceira Idade (UATI)

Prezada senhora,

Você está sendo convidada a participar como voluntária da pesquisa “Letramento literário como experiência sociocultural: memórias e narrativas entre alunas da universidade aberta para a terceira idade”. Neste estudo, desenvolvido dentro do Programa de Pós-graduação em Educação (FaE/ UFMG), pretendemos analisar a relação entre experiência sociocultural simbólica e repertório literário, bem como aspectos subjetivos e intersubjetivos envolvidos na trajetória de letramento literário das idosas participantes do projeto de extensão CEVITI-UATI/ UNEB

A fim de buscar compreender como as participantes da pesquisa enxergam seus próprios percursos de letramento literário ao longo da vida e como se relacionam com novas experiências literárias, nos nortearmos a partir das seguintes questões: (I) – avaliar como as participantes da pesquisa manifestam suas memórias de experiências literárias orais e/ou escritas que tiveram ao longo da vida; (II) identificar os objetos literários que fazem parte do repertório pessoal das participantes; (III) analisar que tipo de associações elas fariam a partir das memórias desses objetos; (IV) observar como novas experiências literárias compartilhadas coletivamente poderiam contribuir no processo de constituição do eu narrativo de cada participante.

Em relação aos benefícios, de acordo com as resoluções 466/2012 e 510/2016, toda pesquisa deve gerar benefícios aos participantes, como também aos pesquisadores. Desse modo, essa pesquisa terá como benefícios: (I) fomentar estudos sobre o letramento literário voltado para pessoas idosas, considerando que há ainda poucas pesquisas nessa área que priorize os mais velhos; (II) valorizar o conhecimento e a bagagem cultural das pessoas idosas; (III) contribuir para melhorar a qualidade de vida das idosas participantes por meio de atividades socioculturais envolvendo a literatura; (IV) possibilitar às participantes momentos de integração e interação social ao fazer escuta das suas memórias das experiências socioculturais vivenciadas; (V) conhecer a realidade de vida dessas pessoas e com base nas informações propor novas atividades ao projeto de extensão UATI/CEVITI; (VI) divulgar e publicizar os resultados da pesquisa a fim de ampliar o seu alcance e promover o diálogo com outros pesquisadores.

Sobre os riscos da pesquisa e com base nas resoluções 466/2012 e 510/2016 que estabelecem diretrizes com relação às pesquisas com seres humanos, é possível identificar, nesta investigação, o risco de constrangimento ou desconforto desencadeado por algum tema ou memória dolorosa do passado que possa ocorrer durante a entrevista ou durante os encontros do grupo focal. Considerando que o público da pesquisa é de pessoas idosas, existe o risco de

alguém se sentir abalado psicologicamente e emocionalmente em relação a alguma experiência vivida anteriormente, assim como sofrer alguma alteração de saúde física. A fim de minimizar tais riscos, a pesquisadora agirá de maneira respeitosa e ética independente das opiniões ou posicionamentos do (a) participante (a) e tomará todos os cuidados para que sua presença interfira o mínimo possível na interação entre as idosas. Além disso, todas as ações da pesquisa serão comunicadas com antecedência para que as participantes autorizem sua realização ou tenham a opção de não autorizar ou interromper sua participação. A entrevista ou encontro poderá ser suspenso a qualquer momento e a pesquisadora terá em mãos o contato de alguém da família, se ocorrer alguma emergência. Ainda assim, caso haja danos decorrentes da pesquisa, a pesquisadora assumirá a responsabilidade pelos mesmos.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: entrevista oral com as participantes do projeto CEVITI/ UATI, seguido de um grupo focal com a finalidade de compartilhar novas experiências literárias. A entrevista será dividida em três blocos, conforme o roteiro da entrevista, nos quais serão tratados os seguintes temas: memórias de suas experiências narrativas de cunho literário, experiências literárias poéticas e experiências socioculturais de letramento literário no CEVITI/UATI. O grupo focal, por sua vez, propõe o compartilhamento de objetos literários diversos, tais como: poesias, canções, narrativas curtas, vídeos, entre outros. A partir desses materiais trabalharemos com temáticas variadas. Os encontros presenciais acontecerão quinzenalmente e terão duração entre 1h e 1h15, perfazendo um período de três meses de pesquisa de campo.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá também retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pela pesquisadora.

Todo o material produzido na pesquisa (arquivos eletrônicos de armazenamento, vídeos e notas de campo) será utilizado exclusivamente para fins de divulgação da pesquisa. Esse material será devidamente arquivado pelo período de cinco anos. Após esse tempo, todo o material será destruído. A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e em hipótese alguma o (a) participante será identificado (a) em qualquer publicação que possa resultar deste estudo. Os resultados da pesquisa serão apresentados às participantes em um encontro especial, anterior à defesa da tese, no qual a pesquisadora além de mostrar os resultados e responder às questões que possam surgir, também reforçará os agradecimentos às participantes e a relevância da colaboração de cada uma delas. Além disso, considerando que a pesquisa será realizada no âmbito de um projeto de extensão inserido no conjunto de atividades acadêmicas da Universidade do Estado da Bahia, os resultados também serão apresentados para toda a comunidade acadêmica da instituição, após a defesa da tese. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos do estudo “Letramento literário como experiência sociocultural: memórias e narrativas entre alunas da universidade aberta para a terceira idade”. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Teixeira de Freitas, _____ de _____ de 2022.

Assinatura do (a) participante

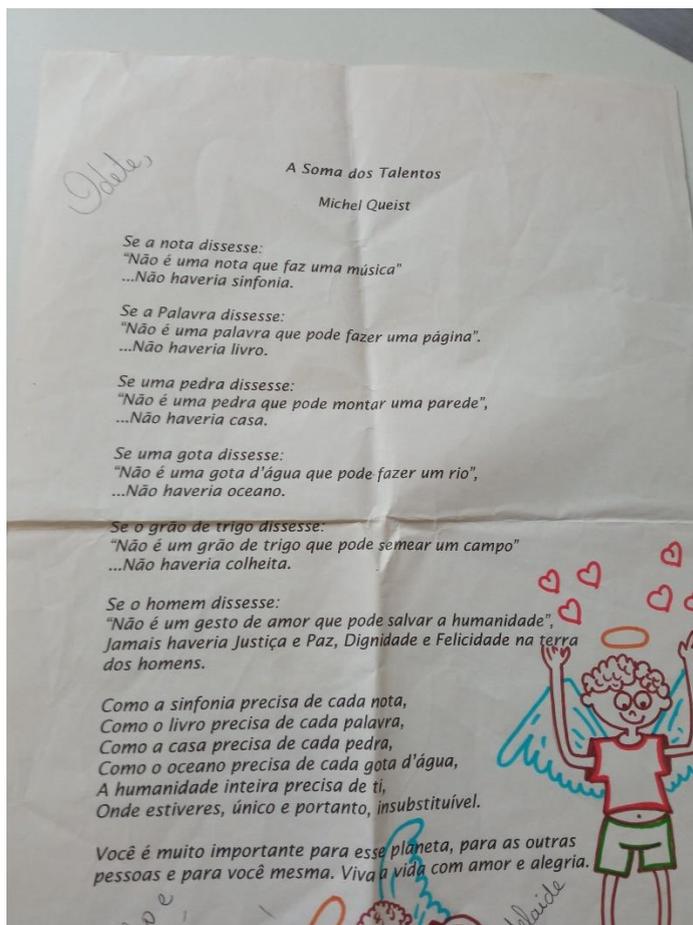
Cleideni A. do Nascimento Acco
(Pesquisadora)

Em caso de dúvidas com relação à pesquisa e/ou aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Cleideni A. do Nascimento Acco (Pesquisadora - doutoranda). Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação - UFMG; Programa de Pós-graduação em Educação; Campus Pampulha; Belo Horizonte, MG – Brasil; CEP: 31270-901; E-mail: cleideni_nascimento@yahoo.com.br; Telefone: (73) 991045739

Maria Zélia Versiani Machado (professora do DMTE/FaE/UFMG). Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação - UFMG; Campus Pampulha; Belo Horizonte, MG – Brasil; CEP.: 31270-901;
E-mail: zelia.versiani@gmail.com; Telefone: (31) 3409-6146.

COEP - Comitê de Ética em Pesquisa. Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005; Campus Pampulha; Belo Horizonte, MG – Brasil; CEP: 31270-901; E-mail: coep@prpq.ufmg.br; Telefone: (31) 3409-4592.

ANEXO A – Imagem da folha de recordação de dona Elisabete

ANEXO B – Acróstico do livro “Trovas e rimas” escrito por dona Clemência

ACRÓSTICO

Preparando uma nova vida
Rompendo as barreiras
Objetivo de aprendizagem
Juntos a semana inteira
Embora a diversão
Traz muitas brincadeiras
Onde alegria é verdadeira

Caçando o que aprender
Encaixando a inteligência
Vivendo momento inesquecível
Impondo paciência
Trabalhar com a terceira idade
Incentivando com paciência

Ofício para a terceira idade
Fazer flores, pintura em tela
Interagindo com as colegas
Cantar no coral é a vida delas
Intentando e fazendo poesia
Naquelas tardes sombrias
Alegando as salas de aula
Sempre com muita alegria

Momentos divertidos
A gente passa no CEVITI
Cantando e dançando forró
Rindo e divertindo a tarde inteira
Adelaide animando as tardes
Marinez entra nas brincadeiras
Esquecendo-nos das tarefas rotineiras.